A large, reddish-brown terracotta vase with a handle and Linear B inscriptions. The vase has a bulbous body and a narrow neck. The handle is attached to the upper part of the body. The vase is decorated with several horizontal bands and a central panel of Linear B inscriptions. The background is a plain, light color.

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL**

JULIANA CALDEIRA MONZANI

**A administração micênica em Creta.
Um estudo dos vasos com inscrição em Linear B.
Volume I: Texto
Versão corrigida**

São Paulo

2019

JULIANA CALDEIRA MONZANI

A administração micênica em Creta.
Um estudo dos vasos com inscrição em Linear B.
Volume I: Texto

Versão Corrigida

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em História.

Orientador: Prof. Dr. Norberto Luiz Guarinello

Coorientador: Prof. Dr. Álvaro Hashizume Allegrette

São Paulo

2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

MM816a Monzani, Juliana Caldeira
a A administração micênica em Creta. Um estudo dos vasos com inscrição em Linear B. / Juliana Caldeira Monzani ; orientador Norberto Luiz Guarinello. - São Paulo, 2019.
384 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
Departamento de História. Área de concentração: História Social.

1. Idade do Bronze na Grécia. 2. Creta micênica. 3. Linear B. 4. Vasos com alça em estribo. I. Guarinello, Norberto Luiz, orient. II. Título.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): Juliana Caldeira Monzani

Data da defesa: 04/12/2019

Nome do Prof. (a) orientador (a): Norberto Luiz Guarinello

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 27/01/2020



Norberto Luiz Guarinello

MONZANI, J. C. **A administração micênica em Creta.** Um estudo dos vasos com inscrições em Linear B. Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do Título de Doutor em História Social.

Aprovado em: 04/12/2019

Banca Examinadora

Prof. Dr. Gilberto da Silva Francisco

Instituição: UNIFESP

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. Carlos Henrique B. Gonçalves

Instituição: EACH -USP

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Profa. Dra. Haiganuch Sarian

Instituição: MAE -USP

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Para a minha mãe, Yara, que sempre me incentivou e apoiou, mas que não pode presenciar a conclusão desse trabalho.

Para a minha filha, Isadora, que chegou no meio deste processo para continuar de onde a avó parou. Que te sirva de exemplo e inspiração.

AGRADECIMENTOS

Estudar Linear B no Brasil é, em grande parte, uma jornada que se faz sozinho consultando fontes publicadas e catálogos de museus. Há poucos interlocutores, mas entre eles há o Prof. Dr. Álvaro H. Allegrette, a quem devo gratidão pelo incentivo, pelas trocas e pela amizade desde do mestrado. Espero que eu também tenha de alguma forma contribuído para manter vivo em você e no Brasil os estudos da Idade do Bronze no Egeu.

Essa jornada não foi, no entanto, solitária, ela foi construída, incentivada e apoiada por muitos, direta ou indiretamente. Espero ser justa e mencionar todos. Devo começar agradecendo o meu orientador, Prof. Dr. Norberto L. Guarinello, não somente por ser fonte de inspiração, modelo de pessoa e pesquisador, mas também por ter fundado o Laboratório de Estudos sobre Império Romano (LEIR), local tão frutífero em pesquisas e pessoas. Gostaria de poder mencionar todos os membros do LEIR individualmente, mas não haveria espaço e memória suficientes. Todos colaboraram de formas diversas para que de alguma forma eu voltasse ao mundo acadêmico desde que eu integrei o Laboratório em 2011, quase dez anos após ter defendido meu mestrado. Não poderia deixar de agradecer, no entanto alguns membros em especial. Uiran Gebara da Silva por suas análises aguçadas e por ter respondido e aceitado a minha participação no grupo. Camila A. Zanon que de maneira tão generosa cedeu muitas manhãs para nos ensinar grego antigo. Gilberto da Silva Francisco que “colocou” o MA (Mediterrâneo Antigo) no LEIR, ampliando as possibilidades de diálogos do Laboratório. Gustavo Junqueira D. Oliveira pelos comentários bem-humorados e por proporcionar o “LEIR lúdico”. Fábio Augusto Morales pelas ideias e projetos ambiciosos. Bruno dos Santos Silva e Pedro Luís de Toledo Piza pelos debates, leituras e discussões. Sarah F. L. de Azevedo pelas histórias mineiras e “arborescências” tão necessárias e salutares. Gabriel Cabral Bernardo sempre solícito e presente. E finalmente, Fabrício Sparvoli Godoy que, na reta final de redação da tese, por inúmeras vezes abriu o Laboratório para mim quando eu esquecia as chaves.

Não poderia deixar de lado Davi Amaro, meu companheiro de anos, que durante este processo muitas vezes foi mãe nos momentos em que eu não pude, preenchendo minha ausência quando eu tive que me dedicar à pesquisa. A querida amiga Jany E. Pereira, que além de me oferecer a casinha para eu poder estudar em São Paulo sempre me ofereceu apoio e abraço. A Profa. Dra. Elaine Farias V. Hirata, que me orientou na Iniciação Científica e no Mestrado, a quem devo meu primeiro contato com o mundo micênico, o passo inicial dessa jornada.

RESUMO

MONZANI, J. C. **A administração micênica em Creta. Um estudo dos vasos com inscrição em Linear B.** Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2019.

A presente pesquisa tem como objeto de estudo a ocupação micênica na ilha de Creta no final da Idade do Bronze. Por meio da análise dos vasos com alça em estribo que portam inscrições pintadas em Linear B, procurou-se reconhecer padrões que apontassem para um controle continental da produção de óleo em Creta. Tem-se como pressuposto que as inscrições nos vasos pertencem à esfera administrativa micênica. Para tanto a metodologia utilizada foi a seriação dos vasos tendo como critérios primeiramente a inscrição em si, em segundo lugar o contexto de achado, depois o local de produção e, por fim, os motivos decorativos. Os grupos estabelecidos apontaram para um fluxo do oeste de Creta, local de produção de grande parte dos vasos, para sítios específicos no continente, a saber, Tebas na Beócia e Tirinto na Argólida. Este quadro nos permite pensar que a ocupação micênica da ilha se insere em um contexto de gradual integração de redes produtivas e comerciais do Mediterrâneo. Neste processo redes locais seriam impulsionadas por grandes centros e se tornariam, por sua vez, centros que estimulariam redes mais periféricas. Dentro desse contexto a presença micênica em Creta relaciona-se não apenas a controle das rotas comerciais, mas aos centros produtivos de bens para as indústrias e mercadorias para a exportação.

Palavras-chave: Idade do Bronze. Creta micênica. Linear B. Vasos com alça em estribo.

ABSTRACT

MONZANI, J. C. **Mycenaean Administration in Crete. A Study of Linear B inscribed vases.** Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2019.

This research has as object of study the Mycenaean occupation in the island of Crete during the Late Bronze Age. By analysing the stirrup jars with painted Linear B inscriptions, it sought to recognize patterns that pointed to a continental control of oil production in Crete. It is assumed that the inscriptions on the vessels belong to the Mycenaean administrative sphere. Therefore, the methodology used was the serialization of the vessels, having as criteria the inscription itself, secondly the context of finding, then the place of production and, finally, the decorative motifs. The established groups pointed to a stream from the west of Crete, where most vessels were produced, to specific sites on the continent, namely Thebes in Boeotia and Tiryns in Argolis. This picture allows us to think that the Mycenaean occupation on the island fits into a context of gradual integration of Mediterranean productive and commercial networks. In this process, local networks would be driven by large centres and would in turn become centres that would stimulate networks that are more peripheral. Within this context, the Mycenaean presence in Crete aimed to not only the control of trade routes, but also the productive centres of goods for industries and for export.

Keywords: Bronze Age. Mycenaean Crete. Linear B. Stirrup jars.

RESUMÉ

MONZANI, J. C. **L'Administration mycénienne à Crète. Une étude des vases à étrier inscrits en Linéaire B.** Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2019.

Cette recherche a pour objet d'étudier l'occupation mycénienne dans l'île de Crète à la fin de l'Âge du Bronze. En analysant les vases à étrier portant des inscriptions peintes en linéaire B, nous avons cherché à reconnaître des schémas indiquant un contrôle continental de la production d'huile en Crète. Il est supposé que les inscriptions sur les vases appartiennent à la sphère administrative mycénienne. Par conséquent, la méthodologie adoptée a été la sérialisation des récipients, ayant pour critère l'inscription elle-même, ensuite le contexte de recherche, puis le lieu de production et, enfin, les motifs décoratifs. Les groupes établis ont indiqué une liaison de l'ouest de la Crète, où la plupart des vases étaient produits, vers des sites spécifiques du continent, à savoir Thèbes en Béotie et Tirinte en Argolide. Celui-là nous permet de penser que l'occupation mycénienne de l'île s'inscrit dans un contexte d'intégration progressive des réseaux productifs et commerciaux méditerranéens. Dans ce processus, les réseaux locaux seraient stimulés par de grands centres et deviendraient à leur tour des centres stimulant davantage de réseaux périphériques. Dans ce contexte, la présence mycénienne en Crète concerne non seulement le contrôle des routes commerciales, mais également les centres de production de biens destinés à l'industrie et de biens destinés à l'exportation.

Mots-clés: L'Âge du Bronze. La Crète mycénienne. Linéaire B. Vases à étrier.

SUMÁRIO

Volume I

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 1 |
| CAPÍTULO I: O mundo micênico | 8 |
| 1. Pesquisas | 9 |
| 1.1. Escavações..... | 9 |
| 1.2. Datações | 17 |
| 2. A civilização micênica | 20 |
| 2.1. A chegada dos gregos? O Heládico Antigo | 20 |
| 2.2. “Tornando-se” micênios: o Heládico Médio | 22 |
| 2.3. Mundo micênico: a cultura material no Heládico Recente | 29 |
| 2.3.1. Creta | 33 |
| 2.4. Epílogo? As destruições | 35 |
| CAPÍTULO II: A administração micênica a partir dos tabletas e o lugar dos vasos com inscrição | 38 |
| 1. Principais sistemas administrativos: <i>tarasija</i> e <i>ono</i>. | 39 |
| 1.1. Sistema <i>tarasija</i> : coletores | 39 |
| 1.2. Sistema <i>tarasija</i> : quem era os coletores? | 42 |
| 1.2.1. John Bennet: coletores enquanto proprietários locais e possíveis escribas | 42 |
| 1.2.2. Pierre Carlier: coletores como funcionários de alto escalão | 45 |
| 1.2.3. Louis Godart e os “príncipes-coletores” | 47 |
| 1.2.4. Jan Driessen e os diferentes momentos da administração | 48 |
| 1.2.3. John Killen: coletores como membros da elite governante..... | 51 |
| 1.3. Síntese | 54 |
| 2. Os vasos inscritos | 55 |

| | |
|--|----|
| 2.1. Possíveis funções das inscrições nos vasos | 58 |
| 2.1.1. A função administrativa | 58 |
| 2.1.2. Vasos como pagamentos de tributos | 62 |
| 2.1.3. Os vasos com inscrição como bens de prestígio | 63 |
| 2.2. Síntese | 68 |

CAPÍTULO III: Documentos epigráficos em Linear B, uma introdução

| | |
|---|-----------|
| 1. As pesquisas | 72 |
| 1.1. Os achados | 72 |
| 1.2. Contextos e datação | 72 |
| 1.2.1. Cnossos | 73 |
| 1.2.2. Pilos | 75 |
| 1.2.3. Micenas | 75 |
| 1.2.4. Tebas | 76 |
| 1.2.5. Tirinto | 76 |
| 1.2.6. Midea | 77 |
| 1.2.7. Cidônia | 77 |
| 1.2.8. Demais sítios | 77 |
| 1.3. Decifração | 79 |
| 2. O sistema de escrita | 82 |
| 2.1. Criação | 82 |
| 2.2. A escrita | 85 |
| 2.2.1. Os silabogramas | 85 |
| 2.2.2. Os logogramas e pictogramas | 88 |
| 3. Os documentos | 92 |
| 3.1. Suportes | 92 |
| 3.1.1. Tabletes de argila | 92 |
| 3.1.2. Documentos com impressão de selo: nódulos e discos | 93 |
| 3.1.3. Vasos | 94 |

| | |
|--|------------|
| 4. Síntese | 95 |
| CAPÍTULO IV: Os vasos com alça em estribo | 96 |
| 1. O vaso | 96 |
| 1.1. Nomenclatura | 96 |
| 1.2. Aspectos tipológicos | 97 |
| 1.3. Técnica de fabricação | 98 |
| 2. Desenvolvimento da forma | 99 |
| 3. Usos, funções e apontamentos sobre sua relevância arqueológica | 106 |
| 4. A forma FS 164 | 108 |
| 4.1. Principais estudos e debates | 109 |
| 4.2. Os vasos de Micenas | 112 |
| 4.3. Breve apresentação dos contextos de achado dos vasos com inscrição | 115 |
| 4.3.1. Tebas | 115 |
| 4.3.2. Tirinto | 116 |
| 4.3.3. Cidônia | 116 |
| 4.3.4. Micenas | 117 |
| 4.3.5. Cnossos | 117 |
| 4.3.6. Mália | 118 |
| 5. Síntese | 118 |
| CAPÍTULO V: Análise do corpus documental | 120 |
| 1. Grupo A: inscrições com três palavras | 122 |
| 1.1. Grupo wa-to | 123 |
| 1.2. Grupo wa-na-ka-te-ro/wa | 125 |
| 1.2.1 Síntese | 129 |
| 2. Grupo B: inscrições com apenas uma palavra em mais de um vaso | 129 |
| 2.1. Grupo B1: antropônimo | 129 |
| 2.2. Grupo B2: topônimo | 136 |

| | |
|---|-----|
| 3. Vasos com um signo | 138 |
| 3.1. ka | 148 |
| 3.2. Sinal não identificado | 140 |
| 3.3. Síntese | 140 |
| 4. Inscrições que ocorrem apenas em um vaso, parciais, com mais de uma possibilidade de leitura ou ilegíveis | 141 |
| 4.1. Inscrições parciais..... | 141 |
| 4.2. Mesma ornamentação: pintura clara sobre fundo escuro..... | 142 |
| 4.3. Grupo de vasos achados no mesmo sítio | 143 |
| 4.3.1. Tebas | 143 |
| 4.3.2. Tirinto | 144 |
| 4.3.3. Cidônia | 145 |
| 4.3.4. Micenas | 146 |
| 4.3.5. Mália | 149 |
| 4.4. Vasos isolados | 150 |
| 5. Inscrições no disco | 151 |
| 6. Inscrições em outros tipos de vasos | 153 |
| 7. Síntese geral | 153 |
| | |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 158 |
| | |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 163 |
| | |
| | |
| Volume II | |
| | |
| CORPUS DOCUMENTAL | 173 |
| | |
| CATÁLOGO | 184 |

MAPAS

| | |
|---|------------|
| Mapa I. Principais regiões e ilhas mencionadas no trabalho | 290 |
| Mapa II. Principais sítios mencionados no trabalho: continente, ilhas e Ásia menor | 291 |
| Mapa III. Principais sítios mencionados no trabalho: Creta | 292 |
| Mapa IV. Sítios com vasos com inscrição | 293 |

FIGURAS

| | |
|--------------------------|------------|
| Capítulo I | 294 |
| Capítulo II | 309 |
| Capítulo III..... | 310 |
| Capítulo IV | 318 |

| | |
|---|------------|
| ANEXO I Tabela cronológica | 332 |
|---|------------|

| | |
|------------------------------------|------------|
| ANEXO II Silabogramas | 333 |
|------------------------------------|------------|

| | |
|---|------------|
| ANEXO III Pictogramas e logogramas | 334 |
|---|------------|

ANEXO IV Análises

| | |
|------------------------------------|------------|
| 1. Mesma inscrição | 338 |
| 2. Local da inscrição | 346 |
| 3. Proveniência | 356 |
| 4. Decoração | 371 |
| 5. Mesmo contexto | 382 |

INTRODUÇÃO

Oficialmente esta pesquisa está circunscrita a um período de pouco mais de cinco anos, de julho de 2014 a agosto de 2019. Poderia parecer pouco tempo tendo em vista que o tempo de estudo foi dividido entre o trabalho de lecionar História para estudantes de graduação em uma universidade particular e a, inesperada, mas bem-vinda, maternidade. Tais fatores sem dúvida influenciaram em certas decisões e recortes. Mas é fato que esse trabalho é fruto de um processo mais amplo e anterior, iniciado na Iniciação Científica no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP) no período de 1995 a 1996, quando estudei as estatuetas de terracota micênicas, e que continuou no Mestrado realizado na mesma instituição entre 1997 e 2001, pesquisando sobre o uso das fontes arqueológicas, em particular a arquitetura, para o estudo de períodos que carecem de outros tipos de fontes, sobretudo a escrita, como é o caso da Idade do Ferro Inicial no mundo grego. Esse processo foi temporariamente interrompido para que pudesse me dedicar à docência, atividade que propiciou importantes reflexões a respeito da função do ensino de História para a sociedade e da contribuição da Arqueologia para a produção de conhecimento Histórico. Por mais frutífero que tenha sido – e ainda seja – a interlocução com os alunos de graduação, ela é um tanto empobrecida nos debates mais específicos da História Antiga e da Arqueologia. Durante algum tempo continuei de forma diletante a estudar os temas do Mestrado, pesquisando, participando de eventos científicos e publicando, o que me levou a aprofundar os debates da Arqueologia Espacial. A princípio analisei o sítio de Nichoria (Messênia), estudo de caso da Dissertação, mas a pesquisa acabou me levando para o sítio de Hagia Tríada em Creta, onde importantes intervenções arquitetônicas foram realizadas no final da Idade do Bronze. Neste momento deparei com um tema bastante interessante: a ocupação micênica em Creta.

Dentro desse tema a preocupação inicial era tentar entender a extensão dessa ocupação, tendo em vista que as intervenções no sítio de Hagia Tríada e o aparecimento das chamadas sepulturas de guerreiros na região de Cnossos estariam ligadas a uma presença micênica na ilha. Em que medida os vestígios arquitetônicos e as análises propostas pela Arqueologia Espacial poderiam contribuir para essa questão? Ao mesmo tempo desenvolvi outra preocupação: como integrar as fontes arqueológicas ao discurso histórico? Passei então a buscar, além da arquitetura, outras fontes que pudessem ser objeto de estudo sobre o tema, e encontrei os documentos micênicos em Linear B. Neste

momento o objetivo principal da pesquisa era entender a natureza da administração micênica em Creta. A partir dos documentos em Linear B seria possível caracterizar tal administração, a organização de serviços de controle, a circulação de informação, a hierarquia dos funcionários administrativos e a organização econômica. Por outro lado, as fontes materiais possibilitariam entender a extensão dessa administração e controle micênico, seja de forma direta através da ocupação territorial, seja de forma indireta através de uma reorganização dos espaços administrativos. Desta maneira, um dos objetivos da pesquisa era a articulação de fontes arqueológicas e históricas.

Por volta dessa época, em 2011, passei a frequentar o Laboratório de Estudos sobre Império Romano e Mediterrâneo Antigo na Universidade de São Paulo (LEIR-MA/USP), quando voltei a ler, estudar e debater temas sobre História Antiga, em especial sobre o processo de integração no Mediterrâneo. A partir daí um esboço de pesquisa para a tese começou a ser elaborado: poderia a ocupação micênica em Creta ser parte de um processo lento, mas progressivo, de integração do Egeu ao mundo mediterrânico? Se sim, de que forma poderíamos estudá-lo?

O arcabouço teórico para tal estudo, além do conceito de integração, veio a partir da obra de Susan e Andrew Sherratt (1991) que, baseados em Werner Sombart (1967), propuseram uma abordagem qualitativa sobre a integração de redes locais às economias do Mediterrâneo. Seria um processo no qual grandes unidades econômicas estimulariam redes periféricas e estas se desenvolveriam enquanto centros locais, podendo, desta forma, participar do comércio com tais unidades. A formação e desenvolvimento desses novos centros estimularia, por sua vez, as redes periféricas locais, que, a longo prazo também acabariam por desenvolver seus próprios centros.

A partir de então, a pesquisa se inseriu em questões mais amplas com relação à integração do Mediterrâneo durante a Idade do Bronze. Neste sentido, a pergunta mais importante a ser feita era: por que os micênios se instalaram em Cnossos? Neste momento minha hipótese de estudo se formou. Seja de forma planejada ou por que a oportunidade se apresentou (distúrbios internos em Creta), a ocupação de Cnossos deve ter uma explicação histórica. Ela deve ser entendida como uma iniciativa para controlar as rotas comerciais marítimas que pertenciam a Creta, bem como as oficinas minoicas que se especializaram em uma produção de bens de luxo com vistas à participação neste comércio de longa distância que envolvia várias culturas e sociedades do Mediterrâneo oriental. O estudo de como essa ocupação se consolidou e se organizou (isto é, o que e

como era controlado, até onde, que esferas e de que formas é possível detectar tal domínio), e não tanto de como os micênios chegaram ao poder em Cnossos (invasão e conquista, acordos políticos, militares ou comerciais, ou casamento e sucessão), poderia revelar as pistas sobre os motivos e vantagens desta ocupação bem como das dinâmicas internas dos processos que tornaram o Mediterrâneo mais integrado no final do segundo milênio antes de Cristo.

No início de 2014 decidi fazer o doutorado e continuar, de forma oficial e sistemática, algo que eu nunca havia abandonado: o estudo da Idade do Bronze da Grécia. Para a redação do projeto, que inicialmente – e muito ambiciosamente – ainda pretendia conjugar fontes arqueológicas e históricas, comecei a realizar um levantamento de todas essas fontes. Iniciando com os documentos em Linear B, elaborei um primeiro inventário começando pelos tabletas. Como os corpora de tabletas de Cnossos e Pilos eram bastante intimidadores, com cerca de 3500 e 1200 tabletas respectivamente, elegi o sítio de Cidônia para iniciar o levantamento, não apenas pelo reconfortante número de tabletas (apenas seis), mas pela relevância deste sítio recentemente estudado e no qual importantes vestígios arqueológicos estavam sendo revelados. Do corpus de Cidônia, no entanto, logo ficou claro que os documentos mais numerosos eram os vasos que tinham inscrições. Foi então que encontrei o objeto de estudo. Ao buscar tais vasos em outros sítios recenseei, na época, cerca de 180 vasos. Considerado esse um corpus razoável de fontes deixei de lado os demais documentos em Linear B e os arquitetônicos. Afinal, os vasos conjugavam em si todas as questões que eu queria trabalhar. Eram recipientes de cerâmica, portanto fonte material, e tinham inscrições em Linear B pintadas antes da queima. A maioria tinha sido produzida em Creta, mas encontrados em sítios continentais.

A partir dessa documentação refinei a hipótese inicial e parti da ideia de que determinados centros do continente, como Tebas e talvez Tirinto, controlavam a produção de óleo em Creta ocidental, dentro da perspectiva de uma produção especializada que se aproveitou de uma estrutura pré-existente em Creta, mas agora direcionada para o continente. Embora tais documentos talvez não sejam capazes de responder um outro questionamento meu, parto do pressuposto da existência de várias unidades econômicas – mas não necessariamente políticas – micênicas que se especializaram em determinados produtos e controlavam regiões específicas no continente, em Creta e nas Cíclades, integrando-se desta forma ao comércio do Mediterrâneo oriental como centros e não como regiões periféricas. Nesse processo os micênios teriam não apenas integrado

também o Mediterrâneo ocidental, como é sabido pela dispersão de sua cerâmica nessa região, mas teriam também integrado de forma mais profunda o próprio Egeu.

Tendo estabelecido nossa documentação cabia agora refletir que tipo de abordagem metodológica deveria utilizar. Levando em consideração que as inscrições eram o elemento fundamental dentro da administração micênica, considerou-se que era pertinente tentar identificar padrões através da seriação das inscrições. Não se podia esquecer, no entanto, que os vasos eram artefatos móveis, tendo sido fabricados em uma região, mas encontrados em outra. Desta maneira, era igualmente relevante considerar o local de produção e o local de achado e, com relação a este último, o contexto arqueológico. Finalmente, mas não menos importante, os motivos decorativos poderiam contribuir para se estabelecer os grupos e reconhecer os padrões de produção. Para tanto optou-se por realizar um exercício de seriação dos vasos a partir dos critérios elencados acima.

O presente trabalho é fruto de todas essas elaborações, redimensionamentos e ponderações. Pretende-se, a partir do estudo das inscrições nos vasos estabelecer, através da análise serial, grupos que evidenciem relações específicas entre locais de produção e centros consumidores, de forma a entender de maneira mais aprofundada as relações dos centros micênicos com regiões específicas de Creta.

O trabalho foi estruturado partindo-se de questões mais gerais e caminhando para o mais específico. O primeiro capítulo traz uma abordagem das principais pesquisas e do desenvolvimento da Arqueologia da Idade do Bronze no Egeu e em seguida faz um panorama do mundo micênico no geral e da Creta micênica em particular. O segundo capítulo apresenta o principal sistema econômico micênico evidenciado nos documentos administrativos em Linear B, trazendo a discussão a respeito da figura dos chamados coletores que atuavam dentro dessa esfera econômica e que também estariam também relacionados às inscrições dos vasos. Nesse capítulo também são explanadas as principais teorias a respeito da função dos vasos com inscrição. O terceiro capítulo explica o sistema de escrita em Linear B em suas linhas gerais, seus documentos e suportes bem como os contextos de achado, tendo como principal objetivo capacitar o leitor a acompanhar a análise das inscrições. O quarto capítulo apresenta o vaso com alça em estribo, suas principais características, forma e funções bem como o seu desenvolvimento, visando enfatizar a importância desse recipiente que é considerado a marca registrada da cerâmica do Egeu na Idade do Bronze e, em particular, da cerâmica micênica de exportação.

Antes de prosseguir, faz-se necessário alguns esclarecimentos. A cronologia adotada na pesquisa é a Baixa Cronologia, como será explicado no primeiro capítulo. Utilizamos MR (Minoico Recente) quando nos referimos a Creta, HR (Heládico Recente) quanto tratamos do continente e BR (Bronze Recente) de forma mais geral, abrangendo tanto Creta quanto o continente e o Egeu. Quanto aos nomes dos sítios, eles são apresentados em português quando existe essa tradução, seja na literatura especializada ou nos sites da internet. Mantive os nomes em inglês apenas quando não havia tradução disponível. O corpus documental foi organizado por sítio, mantendo-se a ordem numérica dos vasos. Já o catálogo segue a ordem da análise do capítulo 5, tendo os vasos agrupados de acordo com a inscrição. Com relação à escrita Linear B, todos os documentos possuem uma padronização de nomenclatura de acordo com o sítio em que foram encontrados. Estão também divididos em séries que dizem respeito ao conteúdo do texto, ou a categoria do artefato. As séries foram estabelecidas por E. Bennett antes da decifração com base nos ideogramas e no pressuposto que os mesmos indicariam o principal tema do tablete. As séries W e Z dizem respeito a outros suportes que não os tabletas. Desta maneira um documento em Linear B é nomeado e identificado pela sigla do sítio em que foi encontrado (Tabela 1) seguida pela sigla da série a que pertence (Tabela 2) e a numeração que diz respeito à documentação de cada sítio.

Tabela 1

| Abreviação | Sítio | Tipo de documento |
|-------------------|------------------|--|
| ARM | Arméni | Vaso (1) |
| DI | Iolkos/Dimini | Vaso (1) Tablete |
| EL | Elêusis | Vaso (1) |
| GL | Gla | Vaso (1) |
| HV | Hagios Basileios | Fragmentos de tabletas (2) |
| IK | Ikláina | Fragmento de tablete |
| KH | Cidônia | Vasos (42) Tabletes (6) |
| KR | Krêusis | Vaso (1) |
| KN | Cnossos | Vasos (3) Tabletes (c. 3.500), selos e nódulos |
| MA | Mália | Vasos (4) |

| | | |
|------------|------------------|---|
| | | Tabletes |
| MAM | Caverna mameluco | Vaso (1) |
| MI | Midea | Vasos (2) Nódulos |
| MY | Micenas | Vasos (16) Tabletes (c. 70), e selos |
| OR | Orcômenos | Vaso (1) |
| PRI | Prínias | Vaso (1) |
| PY | Pilos | Tabletes (c. 1200), selos e nódulos |
| TH | Tebas | Vasos (68) Tabletes (c. 270), nódulos |
| TI | Tirinto | Vasos (45) Tabletes (27) |

Tabela 2

| Série | Conteúdo |
|--------------|---|
| A | Lista de mulheres e homens |
| B | Lista de homens |
| C | Rebanhos |
| D | Rebanhos de ovelhas |
| E | Lista de cereais |
| F | Azeite e perfumes |
| J | Estoque de metais |
| K | Vasos |
| G | Condimentos (peso) |
| L | Tecidos |
| M | Impostos/remessas |
| N | Quantidades pesadas / açafião |
| O | Lã |
| P | Ideograma *168, mercadoria não identificada |
| Q | Ideograma *189, mercadoria não identificada |
| R | Armamentos |
| S | Carros / armas |
| T | Móveis |
| U | Ideogramas obscuros |
| V | Miscelâneas |

| | |
|--------------|------------------------------------|
| X | fragmentos não inseridos em séries |
| Série | Suporte |
| Wa-We | etiquetas, selos |
| Wm-Wu | Nódulos |
| Z | Vasos |
| Zh | Inscrições em pedra |
| Zg | Inscrições em outros suportes |

Abaixo seguem as abreviações utilizadas internacionalmente para a transliteração dos textos em Linear B.

| | | |
|---------------------------|-----------------------|--|
| inf. mut. | <i>infra mutila</i> | parte inferior do tablete quebrado |
| sup. mut. | <i>supra mutila</i> | parte superior do tablete quebrado |
| lat. sup. | <i>latus superius</i> | inscrição na borda superior |
| lat. Inf. | <i>latus inferius</i> | inscrição na borda inferior |
| lat. dex | <i>latus dextrum</i> | inscrição na borda lateral |
| sup. sig | <i>supra sigillum</i> | inscrito sobre selo |
| vacat | - | linhas vazias |
| vest | <i>vestigia</i> | vestígios de sinais que não podem ser identificados |
| .A, .B, .C | - | linha(s) que divide(m) o texto em duas (ou mais) linhas |
| .a, .b, .c | - | ausência de linhas divisórias |
| .α, .β, .γ | - | faces de selo |
|] | - | texto faltando à esquerda |
| [| - | texto faltando à direita |
| Ḃ | - | sinal não assegurado |
| 'anotação acima da linha' | - | inscrição realizada após o texto principal e acima deste |
| , | - | divisores de palavras |
| / | - | MAIÚSCULA/minúscula |
| // | - | minúscula/MAIÚSCULA |

CAPÍTULO I

O mundo micênico

A Idade do Bronze no Egeu compreende a história do sul da Península Balcânica (continente), de Creta e das Cíclades (ilhas) no período que marca a introdução do bronze na produção de utensílios e armas até a difusão do uso do ferro, situado em linhas gerais entre 3000 e 1000 a.C. Corresponde, grosso modo, ao desenvolvimento de três civilizações, a saber: Cicládica; Minoica ou cretense; e Micênica ou grega. Neste capítulo pretende-se apresentar uma síntese a respeito das pesquisas com relação ao tema bem como uma apresentação das características fundamentais da civilização micênica em seus aspectos gerais e, especificamente, da sua presença na ilha de Creta¹.

Há um consenso em se caracterizar o período micênico como tendo o território estruturado em reinos cujo foco era um grande edifício denominado palácio: Pilos na Messênia, Micenas e Tirinto na Argólida, Tebas na Beócia, Atenas na Ática e Cnossos em Creta. Especula-se a existência de outros centros como, por exemplo, na Lacônia, cuja inexistência de um palácio propriamente dito deixaria um grande vácuo territorial. Aqui gostaríamos de fazer duas ressalvas. A primeira diz respeito ao uso da palavra palácio, a segunda sobre o conceito de reino. Nesta pesquisa não adotamos estas denominações por entender que explicitam uma estrutura política específica, a monarquia, e uma separação muito demarcada entre as unidades políticas territoriais.

O dicionário (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 1413) apresenta a primeira acepção da palavra palácio (datada do século XVI) como sendo a moradia de rei ou de família nobre, ou seja, cuja função primeira é a de residência. Tal definição aproxima-se muito tanto do sentido etimológico – do latim *palatium*, em referência a Colina Palatina de Roma que abrigava a moradia imperial –, quanto do contexto histórico do século XVII, quando o poder político se confundia com a figura do próprio governante nas monarquias absolutistas. A segunda definição é a de mansão suntuosa, geralmente residência de família nobre ou importante. Somente a terceira definição palácio é relacionada como

¹ Não pretendemos apresentar a Idade do Bronze de forma exaustiva, para os que se interessam pelo tema a obra fundamental ainda é aquela organizada por René Treuil, Pascal Darcque, Jean-Claude Poursat e Gilles Touchais em 1989 e que teve uma segunda edição revista publicada em 2008. TREUIL, et al. *Les Civilisations égéennes du Néolithique et de l'Âge du Bronze*. (2a ed.) Paris : Presses Universitaires de France, 2008.

um prédio onde funciona a sede de um governo. Por fim, a quarta e última acepção da palavra é a de prédio grande e imponente. Desta maneira, adotamos aqui o termo edifício, centro ou complexo administrativo, visando enfatizar a principal função de tais edificações, mesmo que possuam áreas residenciais e culturais reconhecíveis. E, embora nos textos micênicos seja possível identificar o *wanax* como o indivíduo no topo da hierarquia, pouco sabemos da natureza política de seu poder para caracterizá-lo com um rei.

Com relação a uma divisão política em reinos, ainda que se possa delimitar com relativa precisão a extensão territorial controlada por tais edifícios, é importante colocar a questão a respeito de quais seriam as fronteiras políticas de um mundo em que se observa uma grande unidade cultural em diversas esferas tais como a arquitetura, sepultamento, cerâmica, mas também e, sobretudo, nas práticas administrativas. Qual o grau de autonomia política que podemos estabelecer? A relação entre eles seria de competição, cooperação ou algo intermediário? Apesar dos distúrbios atestados no final do período, e que tiveram por resultado a destruição dos complexos administrativos, arqueologicamente pode-se observar um considerável período de estabilidade quando estas unidades políticas conviveram e atingiram um ápice econômico e cultural. Nossa abordagem se dá a partir de uma ideia de integração mais do que de separação, e que a existência de vários centros se explique mais pela eficiência do controle administrativo e por uma especialização econômica, do que pela constituição de verdadeiros reinos independentes e autônomos.

1. Pesquisas

1.1. Escavações

A história das pesquisas arqueológicas da Idade do Bronze no Egeu tem seu início no século XIX. As pesquisas arqueológicas propriamente ditas começaram com as escavações de Heinrich Schliemann² em Troia, Tirinto e Micenas a partir da década de

² A primeira pesquisa científica na região, entretanto, foi conduzida pela Expedição Francesa na Moreia (nome medieval da península do Peloponeso) entre 1828 e 1833. Tratou-se de uma expedição militar para apoiar a guerra de independência da Grécia nos moldes da Campanha de Napoleão no Egito (1798) quando a Comissão de Ciências e Artes acompanhou os soldados. A exploração artística se desenvolveu da maneira como as pesquisas arqueológicas eram então conduzidas. Conhecida por arqueologia filológica, ou baseada em textos, tinha como objetivo comprovar a existência dos sítios citados nos textos antigos de autores como Estrabão e Pausânias, através de uma pesquisa baseada nas descrições e referências geográficas, não muito

1870³. Não tendo a formação acadêmica apropriada, Schliemann contou com a colaboração de especialistas visando corroborar as suas descobertas, e dessa forma ele organizou a primeira escavação interdisciplinar na Grécia⁴, prática que só recentemente tornou-se comum (MCDONALD; THOMAS, 1990, p. 12). Voltando para Troia em sua segunda campanha, Schliemann, mais experiente após a campanha em Micenas e impulsionado pela descoberta dos círculos funerários e pela expectativa de encontrar algo semelhante em Troia, tinha objetivos mais claros: escavar com mais precisão o que acreditava ser a cidade de Príamo. O material encontrado semelhante ao de Micenas, no entanto, pertencia a Troia VI, que Schliemann considerava ser uma ocupação lídia. A pouca importância dada por Schliemann aos vestígios do nível VI deve-se ao pressuposto inicial que a Troia de Homero deveria corresponder a primeira ocupação, o que também o levou a destruir, na primeira campanha, alguns estratos superiores para alcançar mais rapidamente os níveis inferiores. Schliemann havia planejado uma nova escavação em 1891 para investigar com mais detalhes o nível VI, mas morreu em dezembro de 1890. Atualmente os pesquisadores acreditam que a Troia VIIa seria a cidade homérica, de acordo com a pesquisas de Blegen, como veremos adiante.

A publicação em 1890⁵ da última campanha de escavação de Schliemann em Troia ficou ao encargo de Carl Schuchhardt. Nela é possível notar algumas mudanças nas teorias de Schliemann. Os “tesouros” – como ficaram conhecidas as *thóloi*⁶ de Micenas – foram reconhecidos como sepulturas, e Schuchhardt enfatizou a extraordinária característica de tais sepultamentos se situarem fora das muralhas da cidadela. Desta maneira, as *thóloi* se tornam uma marca registrada desta civilização. Ele denominou *Shaft*

diferente da abordagem inicial de Schliemann. A expedição tinha, no entanto, um caráter militar muito proeminente e os mapas produzidos pelos pesquisadores encontram-se entre os melhores exemplares de cartografia do Peloponeso até hoje.

³ Schliemann realizou quatro grandes campanhas em Troia, a primeira entre 1870 e 1873, novamente entre 1878 e 1879, a terceira em 1882, e a última em 1890. Duas campanhas em Tirinto, uma em 1884 e a segunda em 1885. Uma em Micenas em 1876. Schliemann também fez prospecções na Beócia e nas ilhas de Ítaca e Citera.

⁴ Nas escavações em Troia sua equipe contou com um prospector e um fotógrafo profissional. Engenheiros e arquitetos realizaram planos elaborados e precisos das estruturas e sítios, dentre os quais cabe destacar Wilhelm Dörpfeld que se tornaria uma autoridade reconhecida em arquitetura grega. Em Micenas ele percebeu a importância dos vestígios de estradas pré-históricas na região e contratou os serviços do major Bernhard Steffen, um engenheiro militar, para medir e registrar tais evidências. O relatório de Steffen é, até hoje, a única prospecção profissional publicada sobre a comunicações por terra na Idade do Bronze do Egeu.

⁵ Edição inglesa de 1891.

⁶ Transliterações de acordo com Prado (2006).

Graves as sepulturas encontradas dentro do círculo funerário, também em Micenas, nome que se mantém até hoje (MCDONALD; THOMAS, 1990, p. 68).

Em Tirinto, como em Troia, não houve a descoberta de nenhuma sepultura “real”, mas o primeiro edifício bem preservado do continente foi evidenciado pelas escavações de Schliemann na primeira campanha e por Dörpfeld na segunda. Fragmentos de afresco também foram encontrados. A escavação do Círculo Funerário A em Micenas foi a mais espetacular descoberta da Arqueologia no continente grego e a mais importante por suas implicações históricas. As descobertas de Schliemann em Micenas, cuja escavação data de 1876, foram tão surpreendentes que pareceu natural atribuir a nomenclatura micênica a todo material semelhante encontrado em vários sítios no Egeu desde a publicação de Schuchhardt e na primeira síntese, publicada por Christos Tsountas e James Irving Manatt em 1897, intitulada *The Mycenaean Age*⁷. Diferentemente de Schliemann, no entanto, Tsountas não partiu de um pressuposto que visava comprovar a literatura, mas baseou-se na investigação das evidências materiais em uma abordagem essencialmente arqueológica que incluía o estudo de sítios pré-micênicos e neolíticos (DICKINSON, 1994, p. 2). Ele também foi o responsável pelas escavações de Micenas após Schliemann e pela descoberta do edifício administrativo na acrópole. A Tsountas podemos atribuir a primeira tentativa de uma cronologia científica ao correlacionar achados egípcios na Grécia e os achados de objetos micênicos encontrados por Flinders Petrie no Egito. Ele demonstrou que a área cultural micênica estendia-se para além da Argólida, na Tessália e nas Cíclades.

A primeira escavação estratigráfica em grande escala no Egeu foi realizada pela Escola Britânica de Atenas no sítio de Filácopi, na ilha de Melos, entre 1896 e 1899. Tal pesquisa, no entanto, foi eclipsada pela grandiosa escavação em Cnossos conduzida por Arthur Evans desde 1900 (DICKINSON, op. cit., p. 2). Em suas prospecções em Creta, que antecederam a escavação em Cnossos, Evans ficou convencido de que a cultura desenvolvida na ilha não era grega e que era anterior àquela do continente, a qual teria dominado, resultando na semelhança observada superficialmente. Tal abordagem inicia uma das primeiras e mais profundas controvérsias da pré-história egeia uma vez que tal concepção se opunha às ideias da primeira geração de pesquisadores, a geração de Schliemann, que baseou suas pesquisas nas obras de Homero e supunha que os micênios

⁷ TSOUNTAS, C; MANNAT, J. I. **The Mycenaean Age**. A Study of the Monuments and Culture of pre-Hellenic Greece. London: Macmillan, 1897.

fossem gregos. A civilização de Creta foi nomeada segundo o lendário rei de Creta, Minos⁸. Evans contou com a colaboração do arqueólogo Duncan Mackenzie, um dos responsáveis pelas escavações em Filácopi. O que poderia ter levado décadas de escavação foi reduzido para seis grandes campanhas e a primeira escavação de Cnossos, em 1900, revelou não apenas uma arquitetura complexa, mas vários exemplares de fragmentos de afrescos, vasos de pedra e cerâmicos mais sofisticados que os do continente, selos, relevos e cerca de 900 tabletes com inscrições. Dando atenção especial aos tabletes, que parece ter sido sua motivação inicial de pesquisa, Evans foi muito perspicaz ao identificar um sistema numérico decimal e dois tipos de inscrição, um pictográfico que denominou hieróglifos e outro silábico que chamou linear. Mais tarde, na campanha de 1903, Evans ainda foi capaz de distinguir dois tipos de escrita lineares, que chamou de Linear A e B, bem como a sua natureza econômica.

Tanto o termo minoico, para designar a civilização de Creta como diferente daquela do continente, quanto a cronologia foram amplamente aceitos na época. A comparação da civilização minoica com as grandes civilizações do Oriente Próximo, já presente desde os primeiros artigos de Evans publicados a partir de 1901, teve, no entanto, dois efeitos problemáticos. Em primeiro lugar concentrou o foco de atenção das pesquisas nos períodos palacianos e no material ligado a tais sítios. A arqueóloga americana responsável pelas pesquisas do sítio de Gurniá, Harriet Boyd Hawes, foi uma das poucas vozes a se pronunciar contra tal abordagem, declarando, já em 1908, ser necessário estudar também o material e os períodos considerados menos sofisticados. Sua posição não foi bem aceita, fato comprovado não apenas pela descrição de John Pendlebury (1939) de Gurniá como uma “aldeia de fazendeiros”, como também pelo foco da sua obra, *The Archaeology of Crete*⁹ (baseada em sua prospecção dos sítios de Creta), na discussão dos chamados palácios, sua arquitetura e seus objetos sofisticados (DICKINSON, 1994, p. 2). A segunda consequência foi a postura assumida de que não apenas a sociedade minoica era semelhante às do Oriente Próximo, mas como também tinha se originado nesta região, seja pela difusão ou pela migração de populações, em especial do Egito.

⁸ O primeiro a utilizar este termo, no entanto foi o alemão Karl Hoeck a partir de 1823 em uma série de publicações sobre Creta: **Kreta ein Versuch zur Aufhellung der Mythologie und Geschichte der Religion und Verfassung dieser Insel, von den ältesten Zeiten bis auf die Römer Herrschaft**. Göttingen: C. E. Rosenbush. Volume I, 1823, volume II, 1828 e volume III, 1829.

⁹ PENDLEBURY, J. **The Archaeology of Crete**. An Introduction. London: Methuen, 1939.

Deste modo, termos como palácio, rei e cidade passaram a ser utilizados sem nenhuma crítica ou comprovação arqueológica.

É preciso se ter em mente que diferentes tipos de sítios fornecem diferentes tipos de materiais. Artefatos sofisticados e materiais preciosos são geralmente encontrados nos sepultamentos. Sepulturas também fornecem uma cronologia mais bem estruturada dos artefatos por serem o que se denomina de contextos fechados, ou seja, não perturbados e, em teoria, os objetos ali depositados seriam coetâneos. Tais sítios sempre foram mais atrativos aos arqueólogos e seus financiadores, o que faz com que estas estruturas sejam privilegiadas pelas pesquisas, assim como os chamados sítios palacianos. Há, portanto, um desequilíbrio com relação ao conhecimento de outros tipos de sítios, como aldeias ou assentamentos rurais, em relação às necrópoles, sepulturas e centros administrativos. Dessa forma, enquanto os trabalhos em Creta se concentram em sítios considerados palacianos, a partir da década de 1920 no continente grego as pesquisas se concentram nas necrópoles, em especial no nordeste do Peloponeso, nas vizinhanças de Micenas. Assim sendo, grande parte do material conhecido vem majoritariamente desses tipos de sítios. Carl Blegen foi pioneiro ao escavar os assentamentos não palacianos na Coríntia¹⁰ (SHELMERDINE, 2008, p. 8). Recentemente sítios não palacianos como Tsoungiza na Coríntia, Hagios Stéfanos na Lacônia e Nichoria na Messênia foram alvos de escavação, mas ainda se constituem como exceções na arqueologia da Idade do Bronze no Egeu. Diferentemente de Schliemann e Evans, Carl Blegen, além de formação acadêmica, teve treinamento em escavações com Alan Wace. Foi também professor na Universidade de Cincinnati a partir de 1927, posição que lhe permitiu continuar escavando e lhe garantiu as condições para publicar. Com Blegen as preocupações da disciplina passam a ser o estudo estratigráfico e dos fragmentos cerâmicos mais comuns, algo que foi possibilitado pelo seu trabalho em sítios menos conhecidos e, portanto, com os níveis arqueológicos mais bem preservados. Assim, os estudos caminharam para sua cientificidade após terem tido como objetivos encontrar cidades famosas e seus tesouros de metal (Schliemann) e evidenciar magníficas estruturas arquitetônicas, artefatos sofisticados e inscrições (Evans). Juntamente com Wace, Blegen reconstruiu a sequência cerâmica, suas decorações e formas em um estudo estilístico e cronológico é ainda o padrão básico para a cerâmica da Grécia central e do sul durante a Idade do Bronze, e que enfatizava a

¹⁰ BLEGEN, C. **Korakou: A Prehistoric Settlement near Corinth**. Boston: American School of Classical Studies, 1921. BLEGEN, C. **Zygouries: A Prehistoric Settlement in the Valley of Cleone**. Boston e New York: American School of Classical Studies, 1928.

necessidade de se estudar o continente grego e seus desenvolvimentos próprios antes da influência minoica (MCDONALD; THOMAS, 1990, p. 200).

Em 1932 Blegen conduziu a Expedição da Universidade de Cincinnati em Troia onde sete campanhas de escavações foram conduzidas com o objetivo de reconstruir a pré-história do que, até então, era o único sítio na Anatólia com claras conexões com o Egeu. Usando os métodos modernos de estratigrafia Blegen reconheceu a complexidade da história da ocupação na colina de Hisarlik, e adotou os nove níveis de Dörpfeld, mas percebeu que cada um deles possuía subdivisões que iam de duas até oito. Os detalhados estudos cerâmicos dos estratos I ao V mostram uma cronologia de 1000 anos correspondendo à Idade do Bronze Antiga. Dentre os novos traços detectáveis em Troia VI estava o aparecimento da cerâmica miniana (Figura I.1) e a introdução da criação de cavalos, como demonstrou o estudo dos ossos de animais. Blegen também identificou que a destruição de Troia VI se deveu a um terremoto e não guerra, e que a breve ocupação subsequente a partir da reconstrução da cidade terminou de forma violenta como mostra a evidência dos esqueletos encontrados no estrato VIIa (MCDONALD; THOMAS, op. cit., p. 207).

Na década de 1930 a descoberta mais interessante foi o edifício de Pilos por Blegen na colina de Epano Englianos na Messênia, baseada em dados geográficos, mas, sobretudo, num refinado conhecimento da cerâmica micênica. No início da escavação em 1939 a primeira trincheira encontrou a sala dos arquivos (Figura I.2) e cerca de 700 tabletas contendo a escrita Linear B nos níveis de destruição datados do século XIII a.C. Para muitos essa era a prova que Evans estava correto e que a civilização do Bronze Recente no continente era minoica, uma vez que tabletas com Linear B escavadas em Cnossos foram datados do século XIV a.C. Foi apenas com a decifração do Linear B por Michael Ventris em 1952, comprovando que a língua registrada em Linear B era uma forma arcaica do grego, que tal debate se encerrou favoravelmente para os arqueólogos que defenderam o desenvolvimento próprio da civilização micênica: Wace e Blegen. Tal decifração foi também um dos mais significativos desenvolvimentos da pré-história egeia, tornando possível a leitura dos documentos micênicos.

Em Tebas as escavações têm sido muito limitadas, pois a cidade moderna homônima está assentada sobre os vestígios arqueológicos. No entanto, há evidência de um grande complexo edificado que Antonios Keramopoullos, o primeiro arqueólogo a escavar Tebas entre 1906 e 1929, datou como tendo sido destruído no século XIV a.C. O

achado mais significativo de Tebas, no entanto, foram 120 vasos com alça em estribo de transporte, cerca de 70 deles com inscrições em Linear B. Na época, Evans creditou como sendo mais uma prova do domínio político de Creta sobre os micênios. Após a guerra houve a oportunidade de se escavar uma pequena área de um edifício fora do complexo onde foram encontrados alguns tabletas que foram datados por Nikolaos Platon de 1300 a.C. Tal datação os situam como os exemplares mais antigos de Linear B no continente grego. Outro achado importante em Tebas foi uma série de selos mesopotâmicos datados da metade do século XIV a.C. (MCDONALD; THOMAS, 1990, p. 345).

A retomada das escavações no pós-guerra se deu de maneira mais intensiva. A prospecção arqueológica não era algo novo na arqueologia. Schliemann, Evans e Pendlebury já haviam feito pesquisas de superfície, mas o método de pesquisa era a escavação. Somente com a quarta geração de arqueólogos a prospecção tornou-se um método em si mesmo. O primeiro grande projeto de prospecção arqueológica foi a *Minnesota Messenia Expedition* (MME) de 1969 a 1973. Tratou-se de uma prospecção extensiva, abrangendo uma grande área e concentrando-se nos locais geograficamente mais propícios para o estabelecimento de sítios. A ênfase foi a Idade do Bronze Recente, mas a pesquisa abordou do Neolítico ao período Bizantino. O trabalho foi essencialmente multidisciplinar, dada a natureza dos objetivos do projeto, e além de arqueólogos a equipe contava com geólogos, botânicos, zoólogos, geofísicos, epigrafistas, historiadores, etnólogos, engenheiros e especialistas em cerâmica e em metais. No total foram pesquisados 3.800 quilômetros quadrados, com resultados dramáticos: 168 sítios forneceram cerâmica associada ao Heládico Recente III B, enquanto apenas 13 possuíam cerâmica do período seguinte, o III C. Os arqueólogos selecionaram a Messênia enquanto uma região durante muito tempo marginalizada nas escavações da Grécia, situação essa devido em grande parte à sujeição dessa região a Esparta nos períodos Arcaico e Clássico. A Messênia, no entanto, tornou-se uma área de grande interesse arqueológico, em especial para a Idade do Bronze, após a escavação de Pilos por Blegen. O levantamento de sítios na Messênia apontou Nichoria como o mais promissor quanto à continuidade de ocupação, principalmente na Idade do Ferro. O projeto, então, desenvolveu a escavação intensiva do sítio. As pesquisas iniciaram-se considerando a hipótese, proposta por John Chadwick, de que o sítio seria a capital da Província Distante, **re-u-to-ko-ro** (*Leúktron* em grego, o sítio de Leuctra em português), mencionada nos tabletas de Pilos (MCDONALD, 1972, p. 25). A escavação na elevação onde se encontra a área

habitacional ocorreu durante 1969 e 1973, enquanto arqueólogos gregos escavaram as sepulturas situadas no entorno. A escavação do sítio e o levantamento de superfície na Messênia permitiram a elaboração de uma cronologia específica para Nichoria (MONZANI, 2011 p. 64). Os resultados das escavações mostraram que o sítio não corresponde geográfica e materialmente a *Leûktron*, Nichoria era, provavelmente, **ti-mi-to-a-ko**, mencionada em diversos tabletes de Pilos como uma das sete principais cidades da Província Distante, próxima à costa e situada em uma elevação que lhe conferia um controle da área ao seu redor. A localização estratégica de Nichoria, na intersecção de duas rotas, confere-lhe atributos de comunicação e defesa, também atribuídos a *Timitoakee*. Como outros centros importantes na administração de Pilos, *Timitoakee* possuía uma indústria de bronze que é atestada em Nichoria (SHELMERDINE, 1981, p. 323). Nichoria e Malthi¹¹ são os únicos sítios da Messênia intensivamente escavados com material publicado, mas apenas Nichoria possui uma sequência cerâmica do Heládico Antigo até o Geométrico, com especial destaque para uma cerâmica da Idade do Ferro que possui características locais. Além disso, seus vestígios arquitetônicos abrangem a transição entre o final do período micênico e a Idade do Ferro (MONZANI, 2001, p. 81). Por suas dimensões, objetivos, novas metodologias e pela escavação do sítio de Nichoria, que contribuiu significativamente para a compreensão das características de uma cidade da Idade do Bronze, bem como para a continuidade e mudanças durante a Idade do Ferro Antiga, a MME é considerada um divisor de águas na arqueologia do Egeu.

As prospecções desenvolvidas em geral, no entanto, são intensivas, centrando em regiões menores, mas pesquisando-se toda a área. A título de exemplo podemos destacar o *Pylos Regional Archaeological Project* (PRAP) cuja prospecção arqueológica foi realizada entre 1991 e 1995. Estudando uma pequena área dentro da região original do projeto da MME, aumentou em cinquenta por cento o número de sítios micênicos porque foi capaz de detectar sítios com menos de um hectare (SHELMERDINE, 2008, p. 9). Apesar das prospecções terem identificado inúmeras fazendas e pequenas aldeias, um número muito reduzido desse tipo de sítio tem sido escavado. Prospecções intensivas são muito caras e por esse motivo foram realizadas em pequena escala. Há também o debate sobre a validade das conclusões baseadas apenas nas amostras recolhidas em superfície. No entanto, a contribuição científica das prospecções dá-se pela interdisciplinaridade com

¹¹ A primeira verdadeira exploração sistemática e intensiva na região foi executada por Nathan Valmin, a partir de 1926, e culminou com a escavação total do sítio de Malthi, em 1933.

outras áreas, em especial a geologia, a física, a botânica e a zoologia. As análises físicas e químicas têm contribuído para determinar a fonte das matérias-primas bem como para a datação científica dos artefatos. Levantamentos intensivos foram capazes de evidenciar um assentamento micênico em Atenas e uma grande densidade populacional na Ática durante a Idade do Bronze Recente. Outros locais relevantes que foram alvos de prospecções são ilha de Ceos, o sudoeste de Creta com a posterior escavação do porto em Commos, e a Argólida (*Nemea Valley Archaeological Project*¹²).

Nos últimos 20 anos o oeste de Creta passou a fornecer evidências importantes das relações entre a ilha e a Grécia continental. Tal região havia sido negligenciada até então por ter sido considerada fora da área de ocupação durante a Idade do Bronze. No entanto, sítios como Cidônia (*Khánia*) começaram a ser escavados e possuem evidências desde o Neolítico. Cidônia passou a ser pesquisada em 1970 por uma equipe de gregos e suecos e revelou arquivos em Linear A, selos, tabletes e vasos em Linear B (MCDONALD; THOMAS, 1990, p. 389). Prospecções realizadas identificaram inúmeros sítios e cemitérios, o que tornou necessário revisar a conclusão de Pendlebury sobre a parte ocidental da ilha como sendo uma área abandonada e pouco ocupada. Outro sítio em Creta que possui indícios da natureza das relações entre minoicos e micênios é o porto de Festos em Commos, escavado desde 1976 por Joseph Shaw. Os trabalhos nas Cíclades também acrescentaram novos dados, revelando que a forte influência minoica em alguns sítios no Bronze Médio foi gradualmente substituída pela presença micênica no Bronze Recente, situação que pode ser observada em Melos, Paros, Ceos, Tinos, Lesbos, Sifnos, Naxos, Delos e Chipre

1.2. Datações

Aqui apresentaremos as linhas gerais com relação à cronologia do Egeu durante a Idade do Bronze¹³, as tabelas cronológicas apresentadas nesse capítulo dirão respeito somente ao Bronze Recente, tendo em vista que este é o período relacionado à ocupação

¹² Site: <https://www.ascsa.edu.gr/publications/books/browse-by-series/nemea-valley-archaeological-project>

¹³ A datação em Arqueologia possui vários métodos, relativos e absolutos, nem todos concordantes entre si. Para uma discussão aprofundada sobre cronologia do Egeu para o período em questão sugerimos a obra WARREN, P. M.; HANKEY, V. **Aegean Bronze Age Chronology**. Bristol: Bristol Classical Press, 1989.

micênica em Creta. Para tabela cronológica da Idade do Bronze no Egeu com correlações com as datações do Egito ver Anexo I.

Desde Evans (1921) convencionou-se a dividir a Idade do Bronze no Egeu em séries tripartites. A partir da comparação com o Egito e o conceito de desenvolvimento, apogeu e declínio, Evans dividiu a história de Creta em Antiga, Média e Recente¹⁴ tendo por base, sobretudo, as fases da cerâmica, que é o vestígio arqueológico mais abundante. Tal sistema se desdobrou tanto no sentido espacial (Minoico para Creta, Cicládico para as ilhas e Heládico para o continente), quanto no que diz respeito ao refinamento das fases cerâmicas (as subdivisões da cronologia em I, II e III e, em alguns casos, em A, B e C). Este sistema se mostrou pouco adequado quando os estudos cerâmicos desenvolveram tal aprofundamento que houve a necessidade de denominar determinadas fases de forma muito específica, gerando uma nomenclatura como, por exemplo, Minoico Recente IIIA2 inicial (SHELMERDINE, 2008, p. 3). No entanto, esta cronologia é o parâmetro para os pesquisadores do Egeu. Por sua natureza, a cronologia estabelecida com base nos desenvolvimentos cerâmicos e na estratigrafia associada é relativa, ou seja, estabelece o que vem antes e depois (Tabela 1).

Tabela 1 – Cronologia Relativa baseada na sequência cerâmica.

| Creta Minoico | Continente Heládico |
|-------------------------|-------------------------------|
| MR I A | HR I |
| MR I B | HR II A |
| MR II | HR II B |
| MR III A1 | HR III A1 |
| MR III A2 | HR III A2 |
| MR III B | HR III B |
| MR III C | HR III C |

Fonte: SHELMERDINE, 2008, p. 4

¹⁴ Respectivamente *Ancient*, *Middle* e *Late*. Alguns autores adotam o termo Tardio para este último, mais próximo do sentido original de declínio. Desde a Iniciação Científica traduzimos *Late* por Recente tendo em vista que o chamado período micênico se insere nesta fase e nós não o entendemos como uma fase de declínio.

A cronologia absoluta pode ser obtida, principalmente, a partir de dois métodos. O primeiro e mais antigo é o estabelecimento de sincronismos através da cultura material, principalmente cerâmica, com outras regiões cuja datação é mais bem estabelecida, sobretudo, o Egito. A segunda são as datações científicas, tais como a dendrocronologia¹⁵ ou a termoluminescência¹⁶. A mais utilizada, no entanto, é a datação por carbono 14 (C^{14})¹⁷.

No caso do Egeu tais métodos nos dão datações diferentes e, ao que parecem, irreconciliáveis, chamadas de Baixa Cronologia (sincronismos) e Alta Cronologia (C^{14}).

Tabela 2 – Alta Cronologia e Baixa Cronologia

| | Creta Minoico | Continente Heládico | | Creta Minoico | Continente Heládico | |
|------|-------------------------|-------------------------------|-----------|-------------------------|-------------------------------|---------------------------------------|
| 1700 | | | 1600 | | | |
| | MR I A | HR I | | MR I A | HR I | |
| 1600 | | | 1500 | | | |
| | MR I B | HR II A | | MR I B | HR II A | |
| 1490 | | | 1430 | | | Hatshepsut Tutmés III 1479-1425 |
| | MR II | HR II B | | MR II | HR II B | |
| 1430 | | | 1390 | | | |
| | MR III A1 | HR III A1 | | MR III A1 | HR III A1 | Amenotep III 1391-1353 |
| 1390 | | | 1370/1360 | | | |
| | MR III A2 | HR III A2 | | MR III A2 | HR III A2 | |
| 1300 | | | 1300 | | | |
| | MR III B | HR III B | | MR III B | HR III B | |
| 1200 | | | 1200 | | | |
| | MR III C | HR III C | | MR III C | HR III C | |
| 1100 | | | 1100 | | | |

Fonte: SHELMERDINE, 2008, p. 5.

As datas mais conflitantes situam-se no início do Bronze Recente, entre as fases cerâmicas IA e IIIA1, como pode ser observado na Tabela 2. A esse respeito há um importante debate com relação a data da erupção do vulcão em Tera (atual Santorini). Arqueologicamente comprova-se uma camada de cinza e púmice no final do MR IA. As

¹⁵ Estudo dos anéis de crescimento de determinadas árvores.

¹⁶ Medição da energia térmica armazenada em um artefato exposto ao calor através da emissão de energia luminosa liberada pela ativação nuclear.

¹⁷ Método desenvolvido por Willard Libby em 1952. O C^{14} é isótopo radioativo estável nos organismos vivos, mas volátil quando estes morrem, possuindo uma meia vida em torno de 5730 anos. Sua quantidade se torna insignificante para medição após 50 mil anos.

pesquisas científicas de radiocarbono datam o evento do final do século XVII a.C., entre 1660 e 1613 a.C.¹⁸ (MANNING et al., 2006). De acordo com tal método, a fase MR IA, que tem a duração de um século, começaria por volta de 1700 a.C. e terminaria em 1600 a.C. A cronologia tradicional situa o fim deste período um século mais tarde, em 1500 a.C., com base nos sincronismos da fase seguinte (MR IB) com os reinados de Hatshepsut e Tutmés III (1479 a 1425 a.C.). De acordo com as datações científicas, no entanto, o reinado de tais faraós se situaria no MR II. Segundo Shelmerdine (2008, p. 5), o peso da evidência arqueológica e os problemas de calibração das curvas de radiocarbono favorecem as datas da Baixa Cronologia. Tendo em vista que os dois métodos apresentam datações coincidentes ou muito próximas – com uma discordância de no máximo 40 anos – a partir do período IIIA1, e que o recorte temporal da nossa pesquisa se situa no IIIB, as divergências acima apontadas entre a Alta e a Baixa Cronologia não afetam diretamente a nossa discussão. Para as demais datas adotamos a Baixa Cronologia.

2. A civilização micênica

2.1. A chegada dos gregos? O Heládico Antigo.

Há duas abordagens principais a respeito da origem dos gregos na Península Balcânica. A visão tradicional é baseada em um trabalho “Introdução à História da Língua Grega” do final do século XIX do linguista austríaco Paul Kretschmer (1896)¹⁹, e a partir dele desenvolveu-se a ideia de ondas sucessivas de invasores – ou imigrantes – vindos da Anatólia, sendo a primeira delas os jônios no início do século XX a.C., seguida pelos aqueus por volta do século XVI a.C., finalizando com os dórios no século XII a.C. (CHADWICK, 1976, p. 2).

As pesquisas arqueológicas procuraram indícios de traços materiais de tais movimentos, seja através de horizontes de destruição ou do aparecimento de uma cultura material específica, sobretudo relacionada a cavalos e carros de guerra, elementos associados aos povos indo-europeus (PULLEN, 2008, p. 38). A teoria mais difundida foi apresentada pelo arqueólogo norte-americano Carl Blegen no artigo *The Coming of the*

¹⁸ A data científica mais aceita seria 1628 a.C.

¹⁹ KRETSCHMER, P. *Einleitung in Geschichte der griechischen Sprachen*. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1896.

Greeks (1928)²⁰. Esta publicação se insere no contexto do debate entre Evans contra Wace e Blegen a respeito das origens da civilização micênica. Enquanto Evans afirmava que esta seria o resultado da colonização ou difusão da cultura minoica do continente, Wace e Blegen defendiam seu desenvolvimento autônomo, e entre seus argumentos estava a chegada de novas populações no início do Heládico Médio, detectável pela destruição de alguns sítios, mas, sobretudo, pela introdução de um novo tipo de cerâmica denominada miniana²¹, que representaria a introdução de um novo traço cultural. As pesquisas mais recentes têm apontando, no entanto, que a despeito da destruição e abandono de alguns sítios na passagem do Heládico Antigo (HA) II para o III, a marca deste período é a continuidade, em especial nas tradições cerâmica e lítica. Da mesma forma acreditou-se que o período das *Shaft Graves* dos círculos funerários de Micenas, pela demonstração de riqueza e bens importados, anunciava uma transformação dramática no início do Heládico Recente (HR) I, embora atualmente não seja essa a abordagem mais difundida. Não há uma clara distinção entre os traços culturais do Heládico Médio (HM) III e o HR I, mas o que se observa é um aprofundamento do processo de estruturação do que é comumente referido como civilização micênica, e que possuiria suas raízes culturais do HM. De acordo com James Wright (2008, p. 230), no HR IIIA este período inicial do desenvolvimento da cultura micênica se encerraria, fato marcado pela emergência dos grandes complexos administrativos no continente.

A segunda abordagem, no âmbito da linguística, é defendida por John Chadwick (1976., p. 2) a partir da glotocronologia²², propôs que a língua grega não existiria antes do século XX a.C., mas teria se formado na Península Balcânica pela mistura de uma população nativa e os invasores que falavam outra língua. De acordo com o autor, houve o empréstimo de palavras que não faziam parte do vocabulário dos recém-chegados, tais como “cipreste” e “terebinto”, plantas que não se desenvolvem em locais propensos a geadas e são encontrados nos Bálcãs ao norte do Egeu apenas em locais abrigados, sendo

²⁰ Há outras abordagens, mas nenhuma delas destituiu a tese de Blegen como sendo a mais aceita. Dentre as arqueológicas podemos destacar as escavações de John Caskey (*The Early Helladic Period in the Argolid*, *Hesperia* 29, 1960, p. 285-303.) no sítio de Lerna no sul da Argólida. Suas pesquisas dataram a principal destruição do assentamento no final do Heládico Antigo II, isto é, de 2200 a.C., e não do final do Heládico Antigo III e início do Médio (que seria por volta de 2000. a.C.)

²¹ Nome atribuído por Schliemann quando encontrou pela primeira vez esse tipo de cerâmica em suas explorações na Beócia. A descoberta de uma *thólos* na área o levou a acreditar na existência de um poderoso reino na região que identificou como sendo Orcômenos (*Orchomenos*), local onde Pausânias teria admirado o tesouro do rei Míniás.

²² Método de investigação que consiste em calcular a data de separação de duas línguas aparentadas por meio de um exame do vocabulário usando um critério estatístico.

improvável que povos vivendo fora destas áreas tivessem conhecimento desse tipo de vocabulário. Uma vez que a palavra para cipreste possui uma divergência marcante nos dialetos gregos tardios, o mais provável que a separação, ao menos nesse aspecto, tenha ocorrido já em território balcânico (CHADWICK, op. cit., p. 3). O autor afirma ainda que as alterações na cultura material evidenciadas a partir do século XVI a.C. (HR I) com os círculos funerários em Micenas, não estariam necessariamente ligadas à chegada de novas populações, mas sim à intensificação da influência de Creta, quando, segundo o autor, “*Cretan art and craftsmanship, and hence no doubt artists and craftsmen are now found freely on the mainland*”²³ (op. cit., p. 6). Fruto desse mesmo processo seria a adoção, por parte dos micênios, da escrita como um meio de manter registros.

2.2. “Tornando-se” micênios: o Heládico Médio.

Os artefatos diagnósticos do HM são as cerâmicas *miniana* e *matt-painted* (Figura I.3). A primeira é definida por ser feita no torno, polida, mas parcialmente cozida, variando entre tons de preto, cinza e vermelho. As formas mais características são o cântaro com duas alças e o cálice (*globet*) em pedestal. A cerâmica *matt-painted* é reconhecível por uma pintura negra em bandas ou geométrica aplicada em tigelas, cântaros, jarros e pitos.

Após o abandono de muitos sítios no final do HA, em especial os do interior, o padrão de desenvolvimento durante o HM é o agrupamento dos assentamentos em torno de locais específicos cujo foco era dentro e no entorno de cidadelas que posteriormente se tornariam os centros do mundo micênico (WRIGHT, 2008, p. 234). De início as áreas habitacionais se organizavam em unidades independentes, geralmente de plano absidal²⁴, que se sobrepunham no mesmo espaço ao longo do tempo, tratando-se provavelmente de unidade familiares (Figura I.4). Não havia delimitação das áreas de sepultamento, e os enterramentos consistiam em cistas ou fossos escavados na área habitacional.

²³ “A arte o artesanato cretense, e sem dúvida artistas e artesãos, eram agora encontrados livremente no continente.”

²⁴ A título de nota, é interessante apontar que edifícios absidais são comuns neste período, como os do sítio de Lerna, mas não o são durante o HR. Tais formas arquitetônicas, no entanto, voltam a reaparecer durante a Idade do Ferro Inicial, após o colapso da civilização micênica, tornando-se o principal tipo de arquitetura do período, como visto em Nichoria e, principalmente, em Lefcandi (MONZANI, 2001, 102).

No final do período, as áreas habitacionais demonstram uma maior organização em complexidade, com edifícios apresentando mais de um cômodo (Figura I.5) e áreas de necrópole delimitadas localizando-se próximas, mas fora, das áreas residenciais. Esse processo de complexificação dos assentamentos é acompanhado por um lado de obras de caráter defensivo e, de outro, do estabelecimento de novos assentamentos no interior do continente. O aumento no número de assentamentos será contínuo a partir do HM III e atingirá seu auge na fase HR IIIA (Figura I.6).

Algumas necrópoles podem apresentar uma área reservada para enterramentos específicos como os *tumuli*²⁵ (Figura I.7), *Shaft Graves*²⁶ (Figura I.8) na Argólida e *thóloi*²⁷ (Figuras I.10 e I.11) na Messênia. (WRIGHT, 2008, p. 238). Todos esses tipos foram projetados para poderem ser reabertos para sepultamentos posteriores e, por isso, são associados à enterramentos familiares. De acordo com William Cavanagh (2008, p. 336), a existência de sepulturas familiares utilizadas por várias gerações atestaria a estabilidade no período micênico (HR IIIA-C). É no âmbito dos sepultamentos que se pode observar uma crescente diferenciação social, marcada não apenas pela construção de certos tipos de sepultura, em especial as *thóloi* e as *Chamber Tombs*²⁸ (Figura I.9) – que Cavanagh (op. cit., p. 328) considera arquétipos das sepulturas micênicas –, mas também no mobiliário funerário, notadamente os bens de prestígio e importados²⁹. A interpretação para este fenômeno é o surgimento de uma elite que competia entre si e do desenvolvimento da figura de líderes locais, provavelmente chefes das comunidades. Tais lideranças são descritas pelo termo antropológico *Big Men*, uma forma de poder político instável porque repousaria nas qualidades pessoais de determinados indivíduos dentro de suas comunidades. Segundo Wright (op. cit., p. 239): “*In MH Greece their reputation*

²⁵ Montes funerários dentro dos quais as sepulturas podem variar na forma, desde fossos simples a estruturas elaboradas. São anteriores ao período micênico em 500 anos. Testemunha-se uma grande difusão deste tipo de sepultura no HM.

²⁶ As *Shaft Graves* (sepulturas em fosso) compartilham com as *Chamber Tombs* e as *thóloi* a característica de ser projetada para ser reaberta e reutilizada. A parte inferior que contém os ossos dos sepultamentos anteriores pode ser construída ou simplesmente escavada na rocha, mas a parte superior, que recebe a inumação do cadáver, possui uma estrutura em madeira que sustenta uma cobertura que é lacrada com argila impermeável.

²⁷ Sepulturas abobadas construídas apresentando traços semelhantes aos das *Chamber Tombs*, tais como um *drómos* (corredor), um *stomíon* (entrada ou pórtico) e câmara funerária principal. Em alguns casos pode haver câmaras secundárias.

²⁸ São sepulturas escavadas na rocha, cujo *drómos* leva a um *stomíon* e à câmara funerária subterrâneos.

²⁹ Dentre tais artefatos podemos destacar presas de javali, pontas de obsidiana, cerâmica importada, sobretudo de Creta e das Cíclades, juntamente com joias, armas e vasos de ouro, prata ou bronze.

may have been based on their prowess as hunters and as leaders of hunting parties, or on their ability to participate in maritime trading or perhaps raiding expeditions.”³⁰

Ao que tudo indica a economia era baseada na agricultura, especialmente no cultivo de grãos, olivas, uvas, complementado pela criação e caça de animais (criação de ovelhas, cabras, porcos, bois e a caça de cervos e javalis). Arqueologicamente não há nada que indique uma produção de excedentes devido à ausência de locais e recipientes destinados ao armazenamento (WHRIGHT, loc. cit.). Embora se possa considerar que a base da subsistência seja agropastoril, desde muito cedo, e estimulado por Creta, o continente se integra a redes comerciais do Mediterrâneo oriental, e posteriormente será o centro de expansão de tais redes para o Mediterrâneo ocidental, estabelecendo contatos com a Península Itálica e sul da costa europeia.

A abordagem apresentada aqui é baseada na teoria de Andrew e Susan Sherratt (1991) que propõe a combinação das teorias de sistema mundo de Rowlands, Larsen e Kristiansen (1987)³¹ e do modelo de consumo ostentatório (*conspicuous consumption*) de Werner Sombart (1967)³² para uma abordagem mais específica para o desenvolvimento do comércio no Egeu na Idade do Bronze, saindo assim do eixo de debate entre a Escola Formalista e a Escola Substantivista a respeito da natureza das estruturas econômicas das sociedades antigas³³. As teorias de Werner Sombart se oporiam às de Max Weber no

³⁰ “Na Grécia durante o Heládico Médio a sua reputação deve ter se baseado nas suas habilidades como caçadores e como líderes de expedições de caça, ou em sua capacidade de participar do comércio marítimo ou talvez em expedições de pirataria.”

³¹ ROWLANDS, M. J.; LARSEN, M.; KRISTIANSSEN, K. **Centre and Periphery in the Ancient World**. (New Directions in Archaeology). Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

³² SOMBART, W. **Luxury and Capitalism**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1967.

³³ De um lado, o grupo dos modernistas, ou a Escola Formalista, no início do século XX, projetou para o mundo antigo as experiências imperialistas do século XIX e defendeu ideias como as de um império marítimo ateniense no século V a.C. ou da talassocracia minoica no segundo milênio a.C., na qual Cnossos seria o centro de um importante império marítimo baseado na colonização de ilhas do Egeu e dos sítios costeiros no continente bem como do controle comercial na região. Aqui se inserem as teses de Evans e seus seguidores.

De outro lado, os primitivistas, ou seja, historiadores como Jones, Finley e Keith Hopkins, influenciados por Max Weber, conceberam o mundo antigo como essencialmente agrário e negaram a importância das atividades comerciais. Tal corrente foi também influenciada pela Escola Substantivista de antropologia econômica associada a Karl Polanyi. A crescente conscientização de que as economias estudadas pelos etnógrafos não poderiam ser interpretadas dentro do modelo de pensamento econômico desenvolvido pelas sociedades capitalistas levou a uma ênfase no contexto social das transações materiais. Tal modelo postulava que em sociedades consideradas “simples” os bens eram trocados como presentes, seja reciprocamente ou como um meio de redistribuição por parte do líder. Polanyi acreditava que o mercado era uma característica posterior, dependente do uso do dinheiro, enquanto que a reciprocidade e redistribuição foram, durante muito tempo, os mecanismos de movimentação de bens. A antropologia neoevolucionista entendeu tais ideias como os estágios fundamentais de desenvolvimento das sociedades tribais baseadas nas trocas recíprocas, das sociedades de chefia baseadas na redistribuição e, por fim, dos Estados primitivos comerciantes. Dentro deste modelo, os “palácios” minoicos seriam exemplos de

sentido em que, para este último, seriam os avanços na produção agrícola e as relações estruturais que resultam e permitem o comércio. Para Sombart, o incentivo ao comércio residiria no desejo da uma minoria em adquirir bens que tenham significado social, o que intensificaria as oficinas locais especializadas em produzir artigos para a troca (SHERRATT; SHERRATT, 1991, p. 354). Este processo dinâmico não é quantitativo, mas qualitativo, e resultaria na proliferação de centros locais que estimulariam e conectariam redes comerciais regionais e a concorrência entre tais centros³⁴, que, por sua vez, resultaria na criação de novos centros onde antes eram áreas periféricas de tais redes, e assim por diante.

De acordo com tal modelo, a Grécia na Idade do Bronze não estava apenas ligada ao Oriente pelas trocas de bens, mas estava também sendo influenciada por esse contato e absorvendo a linguagem da ostentação na arquitetura, comida, bebida, roupas e adornos para o corpo (SHERRATT; SHERRATT, 1991, p. 354). Neste sentido a economia urbana é um processo no qual o desejo por objetos de luxo precede a produção de commodities. Não se trata, no entanto, de uma difusão passiva, pois tal processo gerou iniciativas de colonização³⁵ de territórios. Tais comunidades são geralmente iniciativas de pequenas unidades políticas ou étnicas nas fronteiras de áreas mais integradas comercialmente e fornecem a articulação entre as grandes economias e as redes de trocas locais, operando através de portos de comércio. O surgimento desses centros secundários criaria novas periferias que seriam estimuladas à integração e que, em alguns casos, posteriormente se desenvolveriam em novos centros. Assim, as economias da Idade do Bronze seriam, ao mesmo tempo, redistributivas e comerciantes que responderiam às dinâmicas do mercado. Desta maneira, a economia no Egeu neste período pode ser entendida como um sistema dinâmico que passou por mudanças na escala e no caráter em um processo contínuo de transformação e no desenvolvimento de novos centros na longa duração, em um processo que se estende de 2500 a 1100 a.C.

Na fase inicial (2500 a 2000 a.C.), as civilizações como o Egito e a Mesopotâmia

sistemas de redistribuição

³⁴ A ideia de concorrência entre grupos através de símbolos de status sociais e que estimularia as mudanças sociais e econômicas é conhecido como *Peer Polity* e é apresentada e discutida por Renfrew e Cherry. RENFREW, C.; CHERRY, J. F. **Peer Polity Interaction and Socio-political Change**. (New Directions in Archaeology). Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

³⁵ O que os autores chamam de colônia, no entanto, talvez devesse receber uma nomenclatura mais neutra, a de missões comerciais (comunidades comerciais em território estrangeiro), processo discutido por Philip Curtin em CURTIN, P. D. **Cross-cultural Trade in World History**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984, mas que não será abordado em nossa discussão.

teriam estimulado o aparecimento de Estados secundários, como Biblos e Ebla, intermediários entre estas civilizações e pequenos sistemas periféricos como o do Egeu. Ali as ilhas Cíclades controlariam uma rede local de rotas de curta distância que as ligavam a Creta, ao continente grego e à costa da Anatólia como o uso de canoas a remo aproveitando as correntes marítimas. Tal fato pode ser atestado arqueologicamente desde o Paleolítico através da distribuição da obsidiana de Melos no Egeu, e durante a Idade do Bronze pela difusão da cerâmica cicládica conhecida como *asco* ou *duck vase* (Figura I.12) nas ilhas e regiões costeiras do Egeu e em Creta. A organização dessa rede local teria estimulado o aparecimento de novas unidades políticas em Creta, que se materializariam em centros administrativos (SHERRATT; SHERRATT, op. cit., p. 368).

Em uma segunda fase (2000 a 1700 a.C.), os primeiros centros administrativos de Creta no período Protopalaciano parecem ter dominado tais rotas no Egeu principalmente por causa da introdução de embarcações à vela capazes não apenas de transportar uma quantidade maior de bens, mas também de navegar mais rápido e contra as correntes naturais do Mediterrâneo. O desenvolvimento desses primeiros centros baseava-se na organização de locais de armazenamento e de manufatura de produtos de exportação para o leste: objetos de prata, vasos em pedra, a fina cerâmica Camares (Figura I.13) e tecidos. Arqueologicamente, além da estruturação dessas primeiras unidades administrativas em Creta, observa-se também a substituição dos vasos cicládicos pela cerâmica minoica como, por exemplo, a cerâmica Camares, e a difusão dessa cerâmica para o Egeu e para o Oriente Próximo (SHERRATT; SHERRATT, 1991, p. 369).

Na fase seguinte (1700 a 1400 a.C.), ou período Neopalaciano em Creta, os segundos centros promoveram a integração da produção agrícola à manufatura e às atividades de exportação. Tal intensificação integrou mais as Cíclades e o continente grego. Observa-se, nesse momento, o surgimento de novos centros, em especial na península grega, em duas áreas que eram nódulos importantes das rotas comerciantes de Creta. Um primeiro na Messênia, no sudoeste do Peloponeso, como ligação das rotas oeste para o sul da Itália. O segundo na Argólida, na integração das rotas norte do Egeu até a costa noroeste da Anatólia (Troia) e o mar Negro.³⁶ Tal fase é coetânea ao período

³⁶ Faz necessário apontar a importância das missões comerciais como intermediários. Egina como o mais importante nóculo no comércio com a Cíclades. Citera era um assentamento minoico desde o MM I em contato com Hagios Stéfanos desde a sua fundação no HM II. Citera deve também ter influenciado os assentamentos na Messênia. Hagia Irini na ilha de Ceos fazia a conexão com a Ática e a Beócia. Todos

das *Shaft Graves* em Micenas na Argólida e das primeiras *thóloi* na Messênia, ou seja, ao momento de enriquecimento e demonstração de prosperidade nessas regiões (SHERRATT; SHERRATT, op. cit., p. 370). O HM é marcado por uma profunda influência minoica no continente. Nas *Shaft Graves* encontram-se joias, selos e cerâmica de origem cicládica, mas, sobretudo minoica. Outros itens dessas sepulturas denotam os símbolos da centralização política tais como cetros, pesos e balanças (WRIGHT, 2008 p. 251). Não é apenas nos sepultamentos que se observa este fenômeno: os artefatos do santuário micênico de Maleatas em Epidauro refletem empréstimos das práticas religiosas minoicas (LAMBRINOUDAKIS, 1981). Estes novos centros teriam competido com Creta e as Cíclades até dominarem Creta na metade do século XV a.C. e passarem a controlar as indústrias de lã e óleo de Cnossos e a produção em grande escala para exportação, iniciando, assim a quarta fase.

O auge desse processo se deu entre 1400 e 1200 a.C. quando as unidades administrativas na Grécia continental passam a ser o centro das redes comerciais no Egeu. Ao que tudo indica, Creta parece ter perdido sua autonomia comercial. A cerâmica micênica, em especial os vasos com alça em estribo, recipientes de transporte por excelência (Figura I.14), foi encontrada em várias regiões do Mediterrâneo, do Oriente à Península Itálica. Além da dispersão da cerâmica nota-se a presença micênica em alguns sítios do Egeu, tanto nas ilhas quanto em regiões costeiras da Anatólia. Tal ocupação é evidenciada pelo estabelecimento de portos, entrepostos e assentamentos. Nessa diáspora micênica o evento mais importante seria, sem dúvida, a ocupação e controle de Cnossos em Creta, bem como um controle administrativo de outras regiões, como parecem comprovar os tabletas em Linear B encontrados em Cidônia no oeste da ilha, e as reestruturações arquitetônicas observadas em Hagia Tríada no sul de Creta. A influência micênica na ilha é observável, por exemplo, nas chamadas sepulturas de guerreiro do MR II-III A1 em Cnossos, Archanes, Festos e Cidônia.

Os desenvolvimentos observados no continente na passagem do HM III e HR I corresponderiam ao desenvolvimento de um poder político baseado na chefia, uma forma de poder mais estável e centralizadora que as lideranças de *Big Men*. Wright acredita que

esses nódulos estão a um dia de navegação de Creta e a mais um dia de navegação dos destinos no continente ou nas Cíclades.

este processo se desenvolveu pela criação de uma oligarquia através da união de líderes locais cujo resultado teria sido a fundação de um Estado primitivo.

It is probable that in some instances several Big Men who led factions within a community or region could have come together in an oligarchy and founded early states at some of the citadel centers. In general, the leaders of these emerging communities would have to face several problems in extending and consolidating their positions. Insofar as they were successful in establishing their status and reputation as warriors or through other roles, they would have had to acquire political prowess and translate this into social and economic power.³⁷ (WRIGHT, 2008, p. 244)

Não seria apenas o controle da produção, mas também o acesso aos recursos, que levaria a uma delimitação mais clara dos territórios pela incorporação de outras comunidades através de conquistas ou alianças. Se por um lado as evidências desse desenvolvimento são, num primeiro momento, o crescimento urbano, as construções defensivas e a exibição hierárquica dos sepultamentos, a consolidação desse processo se daria com a construção dos grandes edifícios administrativos. Esse fenômeno não é homogêneo, como é atestado pela ausência desse tipo de edificação em um vasto território como a Lacônia³⁸, de um lado, e pela presença de mais de um complexo administrativo em territórios menores como a Argólida. (WRIGHT, 2008, p. 246). Desta maneira, as unidades políticas que foram bem sucedidas se tornaram instituições sociopolíticas estratificadas caracterizadas pelo desenvolvimento de uma estrutura de especialistas que gerenciavam as atividades administrativas, econômicas e religiosas da comunidade, refletidas na construção de grandes complexos que atendiam a necessidade da autoridade centralizada em controlar a economia e a administração, realizarem rituais religiosos, produzir e estocar bens e produtos.

De acordo com Wright (op. cit., p. 252), tais interações foram fundamentais para a formação do sistema administrativo micênico, pois possibilitaram aos líderes locais não

³⁷ “É provável que em certas circunstâncias muitos *Big Men* que lideravam facções dentro de comunidade ou região devam ter se unido em uma oligarquia e fundado Estados primitivos em alguns centros. Em geral, os líderes dessas comunidades emergentes devem ter enfrentado muitos problemas para alargar e consolidar suas posições. À medida que eram bem sucedidos em estabelecer suas posições e reputação como guerreiros ou através de outros fatores, eles tiveram que adquirir habilidades políticas e transformá-las em poder social e econômico.”

³⁸ Embora possamos observar a existência de centros em Hagios Stéfanos, bem como o Menelaion estabelecido no HM II na planície do Eurotas, o cemitério de *chamber tombs* em Pelene a nordeste – provavelmente associado a um assentamento significativo – e a *thólos* em Váfio, símbolo de uma autoridade central possivelmente estabelecida no sítio de Palaiopyrgos,

apenas acesso a riquezas, como também a costumes e tecnologias. Um exemplo disso seria o desenvolvimento do sistema de escrita Linear B a partir da escrita minoica Linear A.

2.3. Mundo micênico: a cultura material no Heládico Recente.

Gradually a Mycenaean style did emerge as the Mycenaean changed the Minoan trappings to suit their own tastes better and, finally, introduced new iconography. They specialized in the abstraction of floral and marine forms to create a new decorative style, elegant in its simplicity. They raised the animal study and animal attack to a new level of realism. They transformed the griffin and the lion into grand symbols of their own aggressive power. They chose human activities as a central subject for art rather than the world of nature. Their battle scenes, horses, and chariots reveal their desire to be part of the international warfare scene of the Late Bronze Age.

[...] Mycenaean art and architecture at their best show an economy of design to match the need, whether building dams or making pottery, and the best is very fine indeed. Interest in innovation comes late but with telling effect. Bold, colorful, and on a grand scale, Mycenaean art and architecture truly reflect the spirit of the age.³⁹ (CROWLEY, 2008, p. 281-2)

Pode-se dizer que este é o período em que se estabelece, ou se consolida, uma coíné no mundo micênico observável nas sepulturas e sepultamentos, sobretudo as *thóloi*, na arquitetura das cidadelas e dos seus edifícios, sejam os grandes complexos administrativos ou os edifícios secundários, nas obras de engenharia como as estradas, na arte decorativa, e nas formas e motivos decorativos da cerâmica.

³⁹ “Gradualmente um estilo micênico emergiu à medida que os micênios alteraram os modelos minoicos para servir melhor ao seu gosto e, finalmente introduziram uma nova iconografia. Eles se especializaram na abstração dos motivos florais e marítimos, criando um novo estilo decorativo, elegante em sua simplicidade. Eles elevaram o estudo e a abordagem dos animais a um novo nível de realismo. Transformaram o grifo e o leão nos grandes símbolos do seu próprio poder agressivo. Elegeram as atividades humanas como o tema central da arte no lugar do mundo natural. Suas cenas de batalha, cavalos e carros de guerra revelam o seu desejo de participar o contexto internacional da guerra na Idade do Bronze. (...) No seu auge, a arte e a arquitetura micênicas demonstram uma economia de design que atendiam às suas necessidades, seja construindo barragens ou fabricando cerâmica, e o seu auge é realmente sofisticado. O interesse pela inovação vem mais tarde, mas com um grande efeito. Ousado, colorido e em grande escala. A arte e a arquitetura micênicas realmente refletem o espírito da época.”

O Círculo Funerário A localizado dentro das muralhas de Micenas é datado do HR I e era constituído de ricos bens funerários, tais como as famosas máscaras de ouro (Figura I.15), uma coleção de joias e aparatos forjados no mesmo metal, espadas e adagas de refinada confecção, portanto elaboradas cenas em ouro e prata sobre um fundo negro de nigelo⁴⁰ (Figura I.16), selos em metal ou em pedras semipreciosas, grandes vasos em metal, cerâmica importada, e vasos em ouro e prata. O mesmo tipo de material é encontrado em sepulturas em outros locais da Argólida, nas *thóloi* na Messênia e na Lacônia (CROWLEY, 2008, p. 260), mas não na mesma concentração em que foram encontrados no Círculo Funerário de Micenas.

Segundo Janice Crowley (2008, p. 261), embora dificilmente seja possível estabelecer que tais objetos fossem importações minoicas, o produto de artesãos minoicos trabalhando no continente, ou a arte de micênios treinados por minoicos, e ainda que grande parte dos motivos decorativos seja associada a um repertório dito micênico – caça e guerra –, parece não haver dúvida de que o nível de refinamento e de desenvolvimento técnico que subitamente é demonstrado pelo mobiliário funerário micênico derivaria, direta ou indiretamente, de Creta.

A construção de grandes edifícios também data do início do período micênico, isto é, do HR I, mas eles foram reconstruídos e aumentados no HR IIIA, quando ganharam seus contornos definitivos com alguns poucos acréscimos ao longo do HR IIIB⁴¹. Tais estruturas foram identificadas em Micenas, Tirinto e Midea na Argólida, Atenas e Elêusis na Ática, Tebas e Gla na Beócia e Pilos na Messênia. A maioria dos edifícios em questão foi cercada com grandes muralhas e possui no seu centro uma construção denominada *mégaron* (Figuras I.17, I.18 e I.19), uma estrutura de três salas com eixo axial sendo, uma sala principal com uma lareira circular central e o “trono” em uma das paredes laterais, uma antessala ou vestíbulo, e um pórtico⁴².

Embora nem sempre seja uma tarefa simples determinar a função de um cômodo, alguns indícios podem ser identificados com relação aos edifícios micênicos baseado na decoração e acabamento de algumas salas, artefatos e estruturas específicas (tais como

⁴⁰ Nigelo é uma liga metálica de cor negra composta por enxofre, cobre, prata e por vezes chumbo. É usada como preenchimento de linhas de contorno em peças de ourivesaria. Na superfície de metal são gravadas incisões com recurso a um buril, que são depois preenchidas com o nigelo.

⁴¹ A título de exemplo, no HR IIIB os senhores de Micenas concluíram o projeto de construção do edifício administrativo com a reconstrução deste, a construção da nova entrada da cidadela (a Porta dos Leões) após as muralhas terem incluído o Círculo Funerário A, e a construção das maiores *thóloi*: o Tesouro de Atreu, a Tumba de Clitemnestra e a Tumba de Genii.

⁴² A fortaleza de Gla, por não possuir um *mégaron*, não é considerada entre os especialistas um palácio.

bancos e canaletas) e a disposição de tais salas no edifício. Há uma área residencial identificável e áreas especializadas como centros culturais, oficinas, depósitos (CROWLEY, 2008, p. 264) e, em alguns casos, salas de arquivos.

Em Micenas, o estudo dos pequenos edifícios dentro e fora da cidadela, tais como a Casa do Mercador de Óleo (*House of the Oil Merchant*), a Casa Oeste (*West House*), a Casa das Esfinges (*House of The Sphinxes*), a Casa dos Escudos (*House of the Shields*) e a Casa do Mercador de Vinho (*House of the Wine Merchant*), evidenciou que as técnicas elaboradas de construção e o refinamento do acabamento não se restringiam aos grandes edifícios. As paredes, construídas sobre uma base de pedras com uma estrutura de tijolos reforçada por uma armação de madeira, possuíam acabamento de gesso branco decorado com afrescos, tanto nos cômodos de habitação quanto nas áreas de trabalho e oficinas. O chão recebia um acabamento em gesso vermelho. Não apenas as técnicas construtivas e decorativas, mas também os artefatos associados a tais edifícios atestam a riqueza em Micenas. Como exemplo podemos citar que o marfim encontrado em apenas quatro dessas construções – a Casa Oeste, a Casa do Mercador de Óleo, a Casa das Esfinges e a Casa dos Escudos (Figura III.2) – foi de 18.700 peças, – e por este motivo são conhecidas como as Casas de Marfim (*The Ivory Houses*), – além de mais de 50 tabletes de Linear B (CROWLEY, 2008, p. 266).

Dentre tais edifícios, apenas Pilos parece ser desprovido de muralhas. As muralhas micênicas foram denominadas ciclópicas, pois se tratam de enormes estruturas feitas de grandes blocos, intercalados com pedras e terra (Figura I.20). Por serem cercados de muralhas, tais sítios micênicos são denominados cidadelas. Em Gla (Figura I.21) o circuito de muralhas possui entre 5,4 e 5,8 metros de espessura, e 3 quilômetros de extensão, circundando uma área de aproximadamente 200 mil metros quadrados (CROWLEY, p. cit., p. 262).

Segundo Crowley (op. cit., p. 266) a cidadela micênica sintetizaria o poder dos seus governantes: “*There can be no doubt that in a Mycenaean state, the great citadel epitomized the power of the ruler. Visitors from one state to another would recognize both the same grand architecture and its meaning.*”⁴³

É no HR que as *thóloi* atingem o ápice em termos construtivos e de mobiliário funerário, como é o caso das *thóloi* de Micenas. A título de exemplo, o Tesouro de Atreu (Figuras I.10 e I.11) – também chamado de a Tumba de Agamêmnon –, um longo *drómos*

⁴³ “Não há dúvida de que em um Estado micênico a grande cidadela sintetiza o poder do governante. Os visitantes de um Estado para outro reconheceriam a grandiosidade arquitetônica e o seu significado”.

conduz até o grande *stomíon* construído com a mesma técnica da Porta dos Leões: três monólitos estruturam os pilares e o lintel, este último com o peso estimado em 100 toneladas. A abertura em triângulo desvia o peso da estrutura do lintel para os pilares verticais. A câmara principal possui 14,6 metros de diâmetro e uma altura de 13,4 metros na parte mais alta da abóbada. Há também uma pequena câmara retangular (CROWLEY, op. cit., p. 268).

Os motivos decorativos estão representados pelas gravuras em pedras, mas, sobretudo, pelos afrescos e decorações dos *lárnakes*⁴⁴ (Figura I.22), e a iconografia dos selos. Uma área, no entanto, que representa muito bem a *coiné micênica* são as estatuetas em terracota. Embora considerada uma arte menor, elas estão intrinsecamente associadas ao mundo micênico sendo consideradas um artefato chave para identificar a presença micênica em outras regiões. As estátuas em terracota podem ser excepcionalmente decoradas, com detalhamento de penteados, roupas, joias e traços do rosto. Possuem geralmente em torno de trinta centímetros. Já as estatuetas são menores – cerca de dez centímetros – e mais estilizadas. São conhecidas pelas letras gregas *Phi*, *Psi* e *Tau* em referência ao seu formato (Figura I.23). Embora sejam em sua maioria representações femininas, há também a categoria de animais, em especial, touros. Tanto na escultura em marfim quanto no trabalho em metal os artesãos micênicos demonstram excelência. O primeiro é atestado em estatuetas, relevos, incrustações em móveis de madeira e objetos, como píxides (Figura I.24) e cabos de espelho. No segundo caso pode-se observar refinadas técnicas como o repoussé em vasos e o *nigelo*, já apresentado anteriormente, para espadas e adagas.

A maior parte da cerâmica encontrada nas escavações pertence à categoria utilitária de uso cotidiano, representando uma produção mais rústica e poucas vezes recebendo qualquer elemento decorativo. Os micênios, porém, são notáveis pela produção de vasos sofisticados, dos quais nos ocuparemos aqui. A cerâmica do HR IIIA/B é reconhecida por suas paredes finas e resistentes, formas habilmente modeladas e uma decoração de elegante abstração (CROWLEY, 2008, p. 273). Para além da estilização dos motivos florais e marítimos (Figura I.25) que repercutem o outrora mais naturalístico estilo minoico, a decoração dos vasos micênicos apresenta também a arte figurativa – marca do desenvolvimento no HR III B – e narrativa (Figura I.26). As formas dos vasos denotam uma elaboração dos formatos de origem cretense, em especial a taça com duas

⁴⁴ Sarcófagos.

alças, cálices (Figura I.25) e o vaso com alça em estribo (Figura I.14). O mais notável na produção cerâmica micênica é a padronização das formas e da decoração.

2.3.1 Creta

Após as destruições observáveis em Creta e que encerram o período denominado Neopalaciano na ilha, a partir de 1450 a.C., a ilha de Creta está integrada ao mundo micênico, embora estabelecer com precisão a natureza dessa integração ainda é motivo de debate. É seguro afirmar uma presença micênica em Cnossos, sobretudo baseando-se na existência de uma organização administrativa que utiliza o sistema de escrita em Linear B, ainda que alguns estudiosos possam discordar, como será apresentado e discutido no próximo capítulo que versa sobre a administração micênica. De acordo com Laura Preston (2008, p. 311), observa-se uma nítida alteração na cultura material com a difusão de materiais e símbolos de origem continental, tais como práticas funerárias, estilos cerâmicos e iconografia dos afrescos. Pode-se inferir a presença micênica em outros locais tais como Cidônia, que também possui tabletes em Linear B, ou Hagia Tríada, cujo programa de reestruturação arquitetônica evidencia características micênicas.

As reconstruções e novas construções atestadas em Hagia Tríada incluiriam: a construção de um *mégaron* sobre o precedente “pequeno palácio” e em frente a um pátio superior na parte sul da cidade; o grande complexo da *stoá*⁴⁵; os edifícios Noroeste e P; e um espaço público aberto (Figura I.27). A partir da análise semi-micro⁴⁶, ou seja, das estruturas do sítio e da relação entre elas, o arqueólogo responsável pelas escavações de tais estruturas, Vincenzo La Rosa (1992, p. 617) sugere que o caráter público e oficial da arquitetura de H. Tríada no MR IIIA2/B1 deve-se ao fato de estar inserido no controle micênico estabelecido em Cnossos. Tal interpretação baseia-se nas características de tais edifícios e nas relações espaciais proporcionadas pelas novas construções. O *mégaron* seria uma das características da arquitetura micênica. Os edifícios Noroeste e P apresentariam simetria no plano e acesso axial (entradas alinhadas com o eixo das salas). Da mesma forma a construção de um edifício que se assemelha a uma *stoá* e a relação

⁴⁵ Construção fechada na parte posterior por um muro e aberta na fachada por uma série de colunas.

⁴⁶ Na obra *Spacial Archeology* (1977), David Clarke estabelece três níveis da análise espacial. O primeiro é o nível micro, ou seja, dentro das estruturas. Neste caso as relações espaciais poderiam ser estudadas entre os artefatos, artefatos e traços, artefatos e locais de atividade, artefato, traços e locais de atividade. O segundo nível, ou semi-micro, refere-se ao sítio em si e a análise é baseada nas relações espaciais dentro do sítio entre os artefatos, artefatos e estruturas, entre as estruturas, estruturas e locais de atividade, e os entre os locais de atividade. Finalmente, o nível macro refere-se às relações entre sítios na escala regional, isto é, entre os artefatos no meio-ambiente, artefatos e sítios, artefatos e locais de atividades, sítios numa região, sítios e locais de captação de recursos e locais de atividade.

entre as novas construções na área norte estabeleceria um espaço público no sítio característico da civilização micênica na qual a arquitetura apresenta uma estruturação centrípeta, ou seja, os blocos edificados organizam-se em torno de um espaço público (no caso dos grandes centros o *mégaron*) onde se desenrolariam as principais atividades políticas e religiosas. Estas novas características espaciais não seriam minoicas, uma vez que a arquitetura cretense seria caracterizada pelo acesso oblíquo, não havendo entradas alinhadas com o eixo das salas, mas junto às extremidades, e por uma estrutura centrífuga na qual a partir do pátio central organizam-se blocos arquitetônicos funcionais sem uma preocupação com a simetria dos edifícios (MONZANI, 2009, p. 145).

Há um consenso⁴⁷ em atribuir ao centro administrativo de Cnossos o controle da ilha – ou ao menos de grande parte dela – durante o MR II e o início do MR IIIA2, embora não seja claro se tal fenômeno seria algo novo ou refletiria uma continuidade com o período precedente. Embora os documentos em Linear B de Cnossos nos deem pistas da extensão territorial controlada, direta ou indiretamente, pelo centro, é preciso ter cautela uma vez que o fragmentário corpus de documentos cnosianos pertencem a períodos diferentes⁴⁸. Em linhas gerais podemos observar um interesse de Cnossos nas regiões central, oeste e centro-leste até a fronteira da planície de Lasíti, situada no extremo leste da ilha que parece ter sido independente tendo um centro provavelmente em Palaicastro (PRESTON, 2008, p. 313). O que é mais notável é a ausência de evidências de prosperidade nos demais sítios, inclusive locais que outrora foram centros importantes, como Festos, e a abundância da demonstração de riqueza em e no entorno de Cnossos. O edifício principal teve partes reconstruídas e os afrescos, que datam deste período, apresentam uma interessante mistura de elementos cretenses, como o simbolismo do touro, com elementos de origem continental, tais como os escudos em formato de oito do Afresco dos Escudos. O mais notável, no entanto, observa-se nas práticas funerárias. Em contraste com a virtual não existência de enterramentos de elite em outros sítios, os sepultamentos em Cnossos e no seu porto em Poros destacam-se pelas riquezas de suas tumbas. Além da influência micênica nos tipos de sepultura: *Thóloi* e *Chamber Tombs*, o mobiliário é ostensivamente relacionado ao simbolismo guerreiro – carruagens, armamentos, armaduras –, no que ficou conhecido como sepulturas de guerreiros, datadas

⁴⁷ Tal debate está exposto na publicação D'AGATA, A. L.; MOODY, J. A. (Eds.) **Ariadne's Threads. Connections between Crete and the Greek Mainland in the Postpalatial Period (LM IIIA2 to LM IIIC)**. Athens: Scuola Archeologica Italiana di Atene, 2005.

⁴⁸ Tais questões serão apresentadas no Capítulo III a respeito do Linear B.

do MR IIIA1. Em síntese, a prosperidade atestada na área de Cnossos combinaria ideias continentais com símbolos tradicionais das elites cretenses. Segundo Preston (op. cit., p. 316), o desenvolvimento de um novo sistema ideológico seria o reflexo da tentativa de uma elite em consolidar sua autoridade após eventos políticos de desestabilização provocados pelas destruições do MR IB.

No MR IIIA2 há um reaparecimento de indícios de prosperidade em outros centros, dentre os quais, Hagia Tríada, Mália e Cidônia, observável na construção de edifícios e tumbas monumentais, em especial as *thóloi*. Preston (2008, p. 316.) considera que tal dado, somado ao aparecimento de estilos cerâmicos locais, denotaria o fim do controle de Cnossos sobre tais regiões. O quadro arqueológico é de uma prosperidade generalizada em Creta coetânea ao apogeu atestado pelos centros continentais. É deste período que se data o programa arquitetônico de construções em Hagia Tríada, discutido acima, que é um bom exemplo deste processo. Às construções deste sítio deve-se somar o grande desenvolvimento do porto de Commos na mesma região. Em Hagia Tríada, as novas estruturas em grande escala foram erguidas diretamente sobre as ruínas dos principais edifícios do período anterior, o Neopalaciano, e embora a função específica de tais edifícios não seja conhecida, pelo seu tamanho e pela presença de afrescos, há forte sugestão de demonstração de status e da existência de uma autoridade centralizada (PRESTON, 2008, p. 317).

Arqueologicamente o quadro se altera novamente no MR IIIB, com um notável declínio na prosperidade dos sítios e da riqueza associadas às práticas funerárias, algo que contrasta com o progresso dos centros micênicos no continente. Cidônia, no entanto, é uma exceção, tendo prosperado no período, sendo o único centro em Creta com um controle administrativo atestado pela existência de tabletes em Linear B. Tal fato é notadamente significativo para nossa pesquisa uma vez que os vasos com alça em estribo de transporte com inscrições provêm do oeste de Creta e são atribuídos a este período.

2.4. Epílogo? As destruições.

Data-se o final da civilização micênica do HR IIIB2 por volta de 1190 a.C., com a destruição dos principais centros. Tal data é, no entanto, o final de um processo já detectável a partir do HR IIIB1 com as primeiras destruições em edifícios importantes em Micenas e Tirinto. É a partir deste período que se observa um grande programa de reforço das muralhas, de construção de estruturas para o fornecimento interno de água, ou da

realocação de áreas de armazenamento e de oficinas para a parte interna das muralhas, em especial em Micenas – com a extensão das muralhas e a construção da Porta dos Leões – Tirinto, Midea, Atenas e Pilos. Alguns pesquisadores, sobretudo Spyridon Iakovides (1999), afirmam que tais programas construtivos seriam a demonstração de poder dos governantes micênicos. Sigrid Deger-Jalkotzy (2008, p. 388), no entanto, aponta que a ênfase no abastecimento de água e a restrição do acesso aos armazéns, edifícios administrativos e oficinas caracterizariam um caráter essencialmente defensivo. O perigo real nos é desconhecido, mas é consenso que muralhas são defesas contra seres humanos. Um grupo de textos de Pilos faz referência a uma urgente necessidade de se vigiar o litoral, medida deixada ao encargo dos **e-qe-ta** (*hequetai*, os seguidores, um grupo da alta hierarquia em Pilos). Outra evidência fornecida pelos textos é que todas as instituições funcionavam normalmente até o momento da destruição dos grandes edifícios administrativos. Desta maneira, o que quer que tenha atingido tais centros veio de maneira repentina, e ao longo do século XII a.C. os grandes centros foram, total ou parcialmente, destruídos e abandonados.

Até o presente momento não há nenhuma explicação que dê conta de explicar o colapso da civilização micênica. As principais teorias foram apresentadas de maneira detalhada na nossa Dissertação de Mestrado (MONZANI, 2001, p. 33-38). Aqui gostaríamos de retomar brevemente as principais hipóteses e atualizar a discussão. As teorias mais difundidas são aquelas que atribuem as destruições à invasão ou imigração de novas populações na Península Balcânica, em especial os dórios vindos do norte ou os chamados Povos do Mar. No entanto não há nenhuma evidência arqueológica que suporte tais hipóteses que possuem sua base em outros tipos de fontes. A primeira vem da tradição escrita posterior, sobretudo Tucídides. A segunda é baseada nos relatos coetâneos do Egito e do Oriente Próximo. Outra categoria de teoria muito difundida é aquela que pensa que catástrofes naturais, tais como mudanças climáticas ou terremotos, seriam capazes de desestruturar os “frágeis” sistemas econômicos da Idade do Bronze. No entanto, este tipo de teoria também não encontra respaldo nos indícios arqueológicos para o mundo grego no século XII a.C. Por fim, os conflitos internos, seja de uma população local subjugada, seja entre os ditos “reinos” micênicos, também já foram considerados o fator decisivo para explicar o fim do mundo micênico, mas muitos pesquisadores consideram que tais conflitos não explicariam porque todo o território, e não apenas os centros administrativos, sofreu devastações. Atualmente a teoria sobre o colapso de sistemas tem sido utilizada para se pensar as fraquezas internas das estruturas políticas, sociais e

econômicas micênicas, que repousariam na centralização econômica, em instituições artificiais, no controle burocrático e na exploração irracional dos recursos humanos e naturais, o que tornariam tais centros incapazes de reagir de maneira eficiente à pressão econômica ou a situações críticas. De acordo com Dieger-Jalkotzy (2008, p. 391), este tipo de teoria explica bem o colapso dos sistemas palacianos, mas não daria conta de explicar a destruição generalizada por toda Grécia, incluindo a unidades políticas não-palacianas.

De modo geral, entendemos que no caso micênico, a teoria sobre o colapso de sistemas, ou qualquer hipótese que queira se debruçar sobre as razões do fim dessa civilização, deve levar em consideração um quadro mais abrangente de distúrbios generalizados no período em todo o Mediterrâneo oriental que resultaram na queda de grandes unidades políticas como o Império Hitita e de centros importantes como Ugarit, e que também abalaram e enfraqueceram outros, como o Egito. É importante pensar em termos de redes locais integradas, sobretudo, mas não apenas, pelo comércio, e na fragilidade e dependência de alguns centros, uns mais do que outros – ao que indica o colapso dos centros micênicos. Em síntese, a conclusão que mais satisfaz os estudiosos é aquela que combina mais de um fator para explicar o fim da civilização micênica.

O colapso dos centros administrativos causou, sem dúvida, perdas irreparáveis, tal como a escrita⁴⁹, a arte sofisticada, a arquitetura monumental e a capacidade de organizar recursos e mão de obra em grande escala. Tal colapso, no entanto, não significou o fim da civilização micênica, e o chamado período pós-palaciano, conhecido em termos de nomenclatura cerâmica como HR IIIC, apresenta inúmeras características micênicas reduzidas, qualitativa e quantitativamente, a uma escala regional. Este regionalismo, em contraposição a unidade cultural do período micênico, é a característica que marca profundamente os períodos e desenvolvimentos posteriores do mundo grego.

⁴⁹ Faz-se necessário notar aqui a continuidade de tal escrita em Chipre no primeiro milênio a.C. e a contribuição da mesma para a adaptação do alfabeto fenício com a incorporação das cinco vogais presentes na língua grega. Ver SARIAN, H. A escrita alfabética grega: uma invenção da pólis? A contribuição da arqueologia. *Clássica* 11/12, 1998/1999, p. 159-177.

CAPÍTULO II

A administração micênica a partir dos tabletas e o lugar dos vasos com inscrições.

Neste capítulo apresentaremos os estudos e debates a respeito do sistema administrativo e econômico micênico inferido a partir dos tabletas em Linear B, para em seguida tratar especificamente dos vasos com inscrição. Não cabe aqui esgotar a discussão da economia micênica como um todo, de outros suportes como selos e nódulos, ou de outras esferas que podem ser tratadas a partir da documentação epigráfica, ainda que de forma indireta, tais como a estrutura social ou os aspectos religiosos. O recorte feito é baseado, primeiramente, pela relevância dos tabletas em relação aos demais suportes, tanto numericamente quanto ao seu conteúdo, mas, sobretudo, porque as inscrições nos vasos parecem pertencer ao mesmo âmbito administrativo daquele presente nos tabletas¹.

O emprego do Linear B se dá de forma telegráfica e padronizada, trata-se, portanto, de documentos epigráficos. O objetivo principal parece ser o de transmitir informações precisas, de forma objetiva e sistemática. O padrão básico, a partir do qual pode haver uma variação muito restrita, é o emprego de uma ou mais palavras em silabário linear – geralmente um antropônimo ou um topônimo –, seguido da inserção de um ideograma que especifica uma mercadoria ou matéria-prima e, por fim, a determinação da quantidade a partir do uso dos numerais ou, em casos específicos, sinais para pesos e medidas. Ao estudar os tabletas, a primeira percepção que se desenvolveu nesta pesquisa é a de que as inscrições dos vasos parecem reproduzir esse padrão de forma adaptada, apresentando, em sua maioria, apenas um antropônimo e, em um caso atestado, um topônimo. A ausência dos demais elementos se explicaria pela redundância do uso dos mesmos. Assume-se que a mercadoria era conhecida, assim os vasos em si já explicitariam de qual produto se tratava. Mesmo pode ser dito com relação à quantidade, seria desnecessário indicá-la uma vez que os vasos possuem sua capacidade volumétrica pré-determinada graças à padronização da sua manufatura, como será apresentado no Capítulo IV a respeito dos vasos com alça em estribo.

¹ Como será apresentado no próximo capítulo, o corpus documental mais importante com relação aos tabletas são os de Cnossos e Pilos.

1. Principais sistemas administrativos: *tarasija* e *ono*.

Com base nas inscrições dos tabletas as atividades econômicas relacionadas aos centros administrativos podem ser caracterizadas pela palavra micênica **ta-ra-si-ja** que significa quantidade pesada e preparada para processamento. O sistema *tarasija* fundamentava-se na coleta de matérias-primas pela autoridade central através de um sistema de impostos e na sua distribuição para trabalhadores dependentes ou semidependentes que eram pagos em espécie (SHELMERDINE, 2008, p. 80). Os centros administrativos controlavam desta maneira a produção de algumas mercadorias específicas cujo destino era para uso do próprio centro, como é o caso dos armamentos e carros de guerra e que teriam um valor ligado ao *status* social, ou para exportação, como é o caso dos óleos perfumados dado o seu valor comercial (KILLEN, 2011, p. 163).

A título de nota, outro sistema que pode ser identificado nos tabletas é relacionado à palavra **o-no**, entendida pela maioria dos estudiosos como benefício, uma forma de pagamento dada a trabalhadores independentes pelo fornecimento de certos itens cuja produção não era controlada diretamente pelos centros, muito provavelmente pela falta de interesse comercial ou social dos mesmos. Killen (1995, p. 219) sugere que **o-no** tem a mesma raiz de *oininēmi* (micênico **o-na-to**, **o-na-te-re**) e que o sentido básico é benefício, incluindo benefícios dado aos denominados coletores e aqueles pagos em retribuição a mercadorias e serviços. Seria o caso dos fabricantes de redes (**de-ku-tu-wo-ko**) que aparecem nos tabletas *ono*, mas não nos tabletas que pertencem ao sistema *tarasija*. É interessante notar que os registros de transações associadas a benefícios constituem uma pequena parcela dos arquivos. Estes são em grande parte dedicados ao sistema *tarasija*, e isso se deve muito provavelmente porque o sistema *ono* não pertencia à principal esfera de atuação dos centros administrativos e o seu registro não apresentava a importância do controle que se fazia necessário no sistema *tarasija*.

1.1. Sistema *tarasija*: coletores

Com relação ao sistema *tarasija*, um dos principais debates² entre os pesquisadores é com relação à natureza dos chamados coletores. Tal figura aparece em

² Os tabletas propiciam uma gama de pesquisas de natureza filológica que não diz respeito a nossa pesquisa. Dentre eles, no entanto, gostaríamos de mencionar o interessante estudo sobre as mãos dos escribas realizado, sobretudo, nos tabletas de Pilos e de Cnossos. OLIVIER, J-P. **Les scribes de Cnossos**.

fórmulas nos registros de rebanhos de ovelhas da série Cn de Pilos e Da-Dg de Cnossos, mas também nos vasos com inscrição, como será exposto adiante.

A análise textual requer um tablete com um tamanho mínimo que comporte um texto longo ou uma série de tabletas com registros semelhantes, nos quais se pode perceber se um determinado grupo de sinais ocorre frequentemente em determinada posição. Foi desta maneira que se observou um agente da administração que foi definido com o termo coletor. A hipótese nasceu da análise, por Ventris e Chadwick na primeira edição de *Documents in Mycenaean Greek* de 1953, do tablete de Pilos **Cn 655**³. Em Pilos tal fórmula pode ser registrada de duas maneiras: um topônimo seguido de um antropônimo e a informação sobre rebanho; ou um topônimo seguido de um antropônimo, mais um segundo antropônimo no genitivo, a palavra **a-ko-ra** e a informação sobre rebanho. Segundo os autores, o segundo antropônimo estaria no genitivo porque ele seria um complemento determinativo do termo **a-ko-ra** – do grego *agorá* –, cujo sentido foi, grosso modo, entendido como assembleia, reunião, coleção, rebanho. No tablete **PY Cc 660**⁴ aparece o termo **a-ke-re** que seria a terceira pessoa do singular do verbo *ageípo* (coletar), ou seja, *ageírei*, coleta. Daí a designação de coletores a tais personagens.

(Incunabula Graeca 17), Roma: Ediz. Dell'Ateneo, 1967; PALAIMA, TH. G. **The Scribes of Pilos**. (Incunabula Graeca, 87), 1988.

- ³ **ma-ro-pi , qe-re-wa-o pa-ra-jo OVISM 136**
ma-ro-pi , to-ro-wi-ko , pa-ra-jo OVISM 133[
ma-ro-pi , ke-ro-wo-jo OVISM 85
ma-ro-pi[ra-pa-sa-ka-jo OVISM 69
ma-ro-pi , pu-wi-no , a-pi-me-de-o , a-ko-ra OVISM 190
ma-ro-pi , i-wa-so , we-da-ne-wo , a-ko-ra OVISM 70
ma-ro-pi , ti-(ke)-wo , pa-ra-jo OVISM 70
ma-ro-pi , o-ka-ri-jo , pa-ra-jo OVISM 95
ma-ro-pi , e-ti-ra-wo , pa-ra-jo OVISM 70
ma-ro-pi , a-ta-ma-ne-u , pa-ra-jo OVISM 60
ma-ro-pi , qi-ri-ta-ko , a-ke-o-jo , a-ko-ra OVISM 90[
ma-ro-pi , a-ri-wo , a-ke-o-jo , a-ko-ra [](1)4
ma-ro-pi , (ro)-(ko)-(jo) , we-(da)-ne-wo , a-ko-ra []80
ma-ro-pi , o-pe-re-(ta) , we-da-ne-wo OVISf 86
ma-ro-pi , po-ro-qa-ta-jo , we-da-ne-wo OVISf 63
ma-ro-pi , to-ru-ko-ro , we-da-ne-wo OVISf 88
ma-ro-pi , ma-ma-ro , we-da-ne-wo OVISM 90
](ro)-pi , ma-du-ro[we-da-ne-wo OVISM 100
]pi , se-no , we-da-(ne)-wo OVISf 40
](pi) , ta-ta-ke-u , [](da)-ne-wo OVISf 30

Fonte: Minoan Linear A & Mycenaean Linear B

Disponível em: <<http://minoan.deaditerranean.com/linear-b-transliterations/pylos/py-c/py-cn/#toc-28>>

Acesso em: 14.mar.19.

⁴ **.a a-ke-o , a-ke-re**

.b me-ta-pa , pa-ro ka-ra-su-no CAPm 30

Fonte: Minoan Linear A & Mycenaean Linear B

Disponível em: <<http://minoan.deaditerranean.com/linear-b-transliterations/pylos/py-c/py-cc/#toc-0>>

Acesso em: 14.mar.19.

Segundo os autores, onde a palavra **a-ko-ra** não estivesse registrada ela deveria ser subentendida (VENTRIS; CHADWICK, 1973, p. 201).

Em Cnossos há um sistema semelhante, mas sem o uso explícito do vocabulário **a-ko-ra, a-ke-re**. A fórmula encontrada em Cnossos é um antropônimo em maiúscula seguido ou por um topônimo, ou por um topônimo e um segundo antropônimo às vezes no genitivo. O coletor está normalmente no genitivo, o que indicaria propriedade, e onde não há coletor assume-se que o proprietário seria o *wanax* ou o centro.

Há quatro coletores identificados em Pilos: **a-ke-o, a-ko-so-ta, we-da-ne-u e a-pi-me-de**, mas há pelo menos 15 coletores identificados nas séries Da-Dg em Cnossos. O total de ovelhas em Cnossos é muito maior, cerca de 19.000, contra 4.000 em Pilos. Em Pilos os coletores são associados não somente a ovelhas, mas também a bodes. A semelhança mais importante entre Pilos e Cnossos é que um coletor pode ter rebanhos em vários lugares. Faz-se necessário apontar a ausência da menção nos tabletes aos coletores em atividades que não seja na gerência de rebanhos ou na coleta, distribuição e modificação dos produtos associados. No entanto, entendemos que os coletores também participavam das atividades relacionadas à produção e distribuição de óleo, evidenciada pelas inscrições nos vasos. De qualquer modo, é importante notar que os coletores não parecem pertencer a um setor separado da economia, pois aparecem nos registros da administração central.

É sempre salutar lembrar das diferenças das evidências dos sítios de Pilos e de Cnossos. Em Pilos foram encontrados arquivos centrais e o edifício possui uma única destruição estabelecida em 1200 a.C. Pode-se, portanto, falar em unidade dos arquivos e é provavelmente por esse motivo que não há os registros individuais em tabletes em forma de folha de palmeira (Figura III.13), considerados registros preliminares, mas sim recenseamentos de informação em tabletes maiores em formato de página (Figura III.12). Em Cnossos, por outro lado, não temos este tipo de evidência que é característica de arquivos centrais que não foram encontrados nesse centro. Há pelo menos duas grandes destruições em Cnossos, e os incêndios decorrentes preservaram tabletes de épocas distintas, mas principalmente aqueles com informações parciais, quando os registros individuais foram sintetizados em totais de ovelhas em tabletes alongados em forma de folha de palmeira.

1.2. Sistema *tarasija*: quem eram os coletores?

Como indicado acima, para a nossa pesquisa o debate mais relevante é aquele que se debruça sobre a figura dos chamados coletores e, em particular qual seria sua função econômica mais do que a posição social dentro da administração micênica. Há aqueles que defendem que seriam funcionários, enquanto outros autores defendem que seriam proprietários, locais ou centrais e, nesse último caso, membros da elite política. Há também a questão se os coletores seriam também aqueles que registram as informações nos tabletes e, neste caso, seriam também escribas.

Tal debate foi o tema do IX Colóquio Internacional sobre os textos micênicos e egeanos, realizado entre 2 e 6 de outubro de 1990 e organizado pelo Centro de Antiguidades Grega e Romana da Fundação Helênica de Pesquisas Científicas da Escola Francesa de Atenas. Esse colóquio gerou a publicação conhecida como *Mykenaiika* (1992). A seguir faremos uma apresentação das principais ideias e autores a esse respeito, não porque nos cabe aqui analisar em profundidade a função dos coletores, mas porque esta figura do sistema administrativo também estaria relacionada às inscrições dos vasos.

1.2.1. John Bennet: coletores enquanto proprietários locais e possíveis escribas

Segundo os dados da série Da-Dg contabilizados por Bennet (1992), cerca de 30% da capacidade produtiva de Cnossos estava nas mãos de coletores. O autor observou também que as regiões com o maior número de coletores localizam-se longe de Cnossos e tais agentes se tornam mais frequentes conforme nos afastamos do centro. Nas imediações de Cnossos rebanhos de coletores são raros, provavelmente porque nesta região os rebanhos eram controlados pelo próprio centro (BENNET, 1992, p 89). Os dados mostram que **pa-i-to** (Festos) congrega o maior número de coletores. O autor considera que deve se tratar de um centro de segunda ordem que funcionaria como um nódulo de distribuição dos produtos dos coletores para o centro. Bennet acredita que este também deve ser o caso de **se-to-i-ja** (sítio ainda não identificado) no leste, e **ku-do-ni-ja** (Cidônia) no oeste (op. cit., p. 91). A tese do autor é de que em Creta os coletores seriam proprietários e não funcionários do centro administrativo. Seus argumentos centram-se nos dados que não há associações textuais inequívocas entre os coletores de Cnossos que pudessem sugerir a existência de vínculos entre os coletores e a elite

governante, mas ao contrário, a maior parte das associações é com regiões distantes do centro. Desta maneira seria difícil reconhecer os coletores como funcionários de Cnossos, como seria o caso em Pilos. As atividades atribuídas aos coletores em Creta – organizar a gerência dos rebanhos por pastores, a tosquia, a produção de tecidos e a administração da força de trabalho relacionada à indústria têxtil – sugerem que eles possuíam um nível considerável de responsabilidades, formavam pequenas unidades econômicas próprias cuja explicação residiria no fato de que os coletores fossem os proprietários dos rebanhos e dos trabalhadores como fora sugerido por Leonard Robert Palmer em 1957⁵ (apud Bennet, op. cit., p. 96).

A hipótese de Bennet, no entanto, é interessante porque considera uma distinção fundamental entre o sistema em Pilos e Cnossos baseada em diferenças históricas das duas regiões. Em Cnossos a consolidação da área de atuação em Creta durante o MR II se deu a partir do domínio de unidades políticas que já existiam, provavelmente os centros do MR I, que passaram a funcionar como centros de segundo escalão. Desta maneira os coletores seriam membros das elites locais subordinados à elite de Cnossos. A situação em Pilos é um pouco distinta já que há um número menor de coletores que parecem ser funcionários administrativos responsáveis pela gerência de cerca de 40% da produção da Província Próxima. O quadro histórico de Pilos parece apontar para uma gradual expansão territorial e o estabelecimento de uma administração a partir do centro, ao contrário de Creta onde as redes locais já existiam e Cnossos provavelmente apenas monitorava e recebia os produtos finais (BENNET, op. cit., p. 97).

O fato de que os chamados escribas terem elaborado poucos documentos faz Bennet (2001, p. 30) defender que seriam administradores de alto escalão, dispensando muito tempo supervisionando as atividades. Seriam, assim, membros da elite local e não subordinados, administradores e não escribas no sentido estrito. Outro dado que parece corroborar tal ideia é o costume no Egeu de não se aplicar o selo diretamente no tablete para autenticar a informação registrada. A explicação para isso residiria no fato de que o próprio administrador responsável teria redigido o documento.

O autor faz, então, um exercício na tentativa de nomear os escribas. Em **PY Ta**

⁵ PALMER, L. R. Review: Documents in Mycenaean Greek by Michael Ventris, John Chadwick, **Gnomon** 29, 1957, p. 561-581.

711⁶ – o tablete introdutório da série Ta encontrado na sala dos arquivos – **pu2-ke-qi-ri**⁷ faz a inspeção dos equipamentos para um festival. Seria esse o nome não só do oficial que supervisionava tal atividade, mas também do escriba que escreveu tais notas como série Ta? Isso nos daria no nome do terceiro escriba mais produtivo de Pilos, o escriba 2 (BENNETT; OLIVIER, 1976), cujos registros incluem as taxações, débitos e pagamentos da série Ma, quase todas as distribuições de bronze da série Jn. Por associação poderíamos identificar seu selo, se o nódulo **PY Wr 1475**⁸, aparentemente registrando um pagamento (**a-pu-do-si**) da *commoditie* *152 (uma das mercadorias da série Ma), foi selado por ele.

É interessante pensar como tal informação era recolhida. Presumivelmente os dados vinham diretamente do próprio coletor para o escriba. O que é mais difícil de precisar é se os grupos de trabalho reportariam o seu trabalho coletivo diretamente ao centro, ou se um oficial recolheria tais informações. Neste último caso, o oficial teria certo status hierárquico e teria uma função semelhante ao dos coletores com relação ao levantamento de informações. No entanto, ele não é mencionado nos textos, e a hipótese de Bennet (1992, p. 82) é que ele fosse o próprio escriba, o que explicaria a estrutura paralela das fórmulas quando aparece um segundo antropônimo, o coletor, e quando não há o segundo antropônimo nos tabletes. Uma evidência de que os escribas recolhiam dados em campo seriam os tabletes do escriba 107 de Cnossos como, por exemplo, em C

⁶ **o-wi-de , pu2-ke-qi-ri , o-te , wa-na-ka , te-ke , au-ke-wa , da-mo-ko-ro**
qe-ra-na , wa-na-se-wi-ja , qo-u-ka-ra , ko-ki-re-ja *204^{VAS 1} **qe-ra-na , a-mo-te-wi-ja , ko-ro-no-**
we-sa

qe-ra-na , wa-na-se-wi-ja , ku-na-ja , qo-u-ka-ra , to-qi-de-we-sa *204^{VAS 1}

Fonte: Minoan Linear A & Mycenaean Linear B

Disponível em: <<http://minoan.deaditerranean.com/linear-b-transliterations/pylos/py-t/py-ta/#toc-6>>

Acesso em: 14.mar.19

⁷ Trata-se de um hápax embora tenhamos **pu2-ke-qi-ri-ne-ja** em **TH Of 27**, provavelmente um adjetivo feminino.

.1[.]ri-ta-de ku LANA 1

.2 a-ka-i-je-ja , du-qo-te-ja LANA 2

.3 (a)-ka-i-je-ja , pu2-ke-qi-ri-ne-ja LANA 2

Fonte: Minoan Linear A & Mycenaean Linear B

Disponível em: <<http://minoan.deaditerranean.com/linear-b-transliterations/thebes/th-of/>>

Acesso em: 14.mar.19.

⁸ **.a *152**

.β a-pu-do-si

.γ vacat

Fonte: Minoan Linear A & Mycenaean Linear B

<http://minoan.deaditerranean.com/linear-b-transliterations/pylos/py-w/py-wr/#toc-20>

5135+⁹, que contém a palavra **ko-no-so-de** (alativo¹⁰ de Cnossos).

1.2.2. Pierre Carlier: coletores como funcionários de alto escalão

Por outro lado, Carlier (1992. p. 160) ressalta que não há nenhuma diferença entre os rebanhos, trabalhadores e tecidos associados ao centro e aos coletores: nos dois casos o controle do centro seria estrito e a produção exigida possuiria as mesmas metas. O autor considera estranho que uma propriedade “privada” estivesse submetida às mesmas regras das propriedades dos centros administrativos, opondo-se, assim, à tese proposta por Palmer (1957) e defendida por Bennet (1992), que Killen (1995) retoma mais tarde, segundo a qual ao invés de serem funcionários, os coletores seriam proprietários de rebanhos, de trabalhadores e de mercadorias, enquanto que os rebanhos, trabalhadores e mercadorias sem coletores seriam propriedade do centro administrativo.

É evidente, porém, que a presença ou não de coletores é de uma importância fundamental para os escribas micênicos. Jean-Pierre Olivier (1972) já havia demonstrado que na série recapitulativa da série Dn de Cnossos o escriba 117 separa claramente os totais de rebanhos sem coletores, registrados por local, e os rebanhos totais de coletores – registrados por coletor –, e apenas o total global é apresentado em **Dn 1088**¹¹. A comparação sugerida pelo autor poderia ser feita com outros sistemas palacianos como o Egito ptolomaico onde agricultores contratados garantiam ao tesouro real a entrada das rendas previstas, ou na época de Hamurabi quando uma parte importante da renda provinha de um sistema complexo de contratação, de modo que, na Babilônia durante o segundo milênio havia uma imbricação entre a economia palaciana e propriedades privadas (CARLIER, 1992, p 161-2).

Em Pilos os quatro coletores conhecidos possuiriam funções ligadas ao centro administrativo e é importante notar que nenhum desses coletores possui qualquer controle

⁹ **ko-no-so-de BOSf 5 BOSm 8**

Fonte: Minoan Linear a & Mycenaean Linear B Disponível em: <<http://minoan.deaditerranean.com/linear-b-transliterations/knossos/kn-c-3/kn-c-2/#toc-31>> Acesso em: 14.mar.19.

¹⁰ Caso gramatical presente em línguas fino-úgricas e bálticas, que exprime a noção de direção voltada para o exterior.

¹¹ **](OVISm) 19200[**

Fonte: Minoan Linear A & Mycenaean Linear B

Disponível em: <<http://minoan.deaditerranean.com/linear-b-transliterations/knossos/kn-d-2/kn-dn/#toc-0>> Acesso em: 15.mar.19.

sobre os trabalhadores das séries Aa, Ab e Ad. **a-ko-so-to** é mencionado como inspetor e como responsável por diversas transações em vários setores da economia. **we-da-ne-u** é associado a Poseidon na série Es e recebe um **da-mo-so** de cada um dos detentores da terra sagrada – ele seria, talvez, um dignitário sacerdotal ou, mais plausivelmente, um dignitário do centro instalado no santuário de Poseidon. **a-pi-me-de** é um companheiro do *wanax* (**e-qe-ta**) e possui uma propriedade privilegiada (**e-to-ni-jo**) de grande tamanho no santuário de **po-ti-ni-ja** localizado em **pa-ki-ja-ne**. Por fim, **a-ke-o** é raramente mencionado fora da série Cn, mas a ele é atribuído muitos rebanhos e pode também ser considerado um personagem importante do reino (CARLIER, op. cit., p 163).

Em Cnossos os coletores são mais numerosos. Segundo Carlier (loc. cit.), somente nos inventários do escriba 117 contamos 14. No restante do conjunto de tabletas de Cnossos podemos identificar mais 29 associados aos rebanhos, trabalhadores e tecidos. Se considerarmos que muitos tabletas são fragmentários ou incompletos poderíamos especular cerca de 40 coletores. Os coletores em Cnossos parecem ocupar posições sociais diversas: alguns são associados a um número pequeno de rebanhos na mesma localidade, outros a um número significativo, como **u-ta-jo** que possui 49 rebanhos (num total de 6.000 ovinos) em 14 locais, e **we-we-si-jo** possui pelo menos 33 rebanhos. Muitos coletores também estão relacionados a lã, tecidos e trabalhadores, implicando uma intervenção em várias etapas da produção têxtil. É possível que alguns controlassem toda cadeia produtiva. Tais coletores, pequenos ou grandes, aparecem muito raramente fora dos registros a respeito da indústria têxtil. Bennet (1992, p. 89) já havia observado que a proporção dos rebanhos com coletores aumenta conforme nos afastamos de Cnossos, o que poderia indicar regiões totalmente submetidas ao controle do centro e outras, mais distantes, submetidas à administração indireta dos coletores, um tipo de propriedade plausível dentro de uma economia pré-monetária. Os principais perdedores seriam os pastores e trabalhadores, submetidos à dupla exploração dos coletores e do centro administrativo. Carlier (1992, p. 166) conclui que, a despeito da situação diferente entre Pilos e Cnossos, é certo afirmar que os coletores não são em nenhuma parte funcionários ordinários ou proprietários autônomos.

1.2.3. Louis Godart e os “príncipes-coletores”

Godart (1992, p. 283) defende que os chamados coletores são membros da família governante, a quem chama de príncipes. Seus argumentos se baseiam em dois dados. Primeiro, o fato de tais personagens atuarem em mais de uma região seria evidência de que não possuem residência em nenhum destes locais, mas habitariam no centro administrativo (GODART op. cit., p. 276). Segundo, tais indivíduos têm acesso aos armazéns palacianos, de onde recebem as rações alimentares que seriam distribuídas entre os trabalhadores sob sua responsabilidade e, ao que tudo indica, controlavam uma parte substancial da economia (GODART op. cit., p. 278). A conclusão do autor é que estavam estreitamente ligados ao poder central que no mundo egeano seria uma classe dirigente identificando seus interesses aos do Estado. Para isso defende certa similaridade com a prática administrativa atestada no Protopalaciano quando um número reduzido de selos é atestado, o que comprovaria a existência de uma elite administrativa associada ao governante (GODART. op. cit., p. 283). O problema que se coloca aqui, no nosso entender, é comparar uma prática minoica pouco conhecida ou compreendida com o sistema de administração micênico estudado a partir dos tabletes.

Deste modo, para o autor (loc. cit.), tais indivíduos não seriam coletores no sentido que Ventris e Chadwick propuseram porque sua relação com a palavra **a-ko-ra** é ilusória. Segundo Godart **a-ko-ra** (op. cit., p. 262) teria um sentido específico e não pode ser subentendido quando não escrito, e os antropônimos no genitivo não seriam coletores ou funcionários locais como aqueles inferido por títulos tais como **ko-re-te**, **du-ma** e **da-mo-ko-ro**, mas seriam pessoas suficientemente próximas do chefe do Estado para que esse possa lhes confiar parte da gestão das atividades econômicas e ter acesso às reservas do centro administrativo. O autor diferencia assim os coletores que habitavam no centro, e seriam membros da corte, de uma elite administrativa que habitava o campo onde exercia suas atividades.

Godart (1992, p. 277). parte do pressuposto de que todos os rebanhos pertenceriam ao centro, opondo-se também à tese de Palmer (1957), e isso seria comprovado pelo fato de tais rebanhos constarem dos registros administrativos. Isso também explicaria a diferença entre a quantidade de coletores em Pilos e Cnossos, pois o autor considera que se trata do mesmo sistema e que, conforme o reino se expandia, aumentava o número de atividades controladas pelo centro e maior seria o número de

indivíduos enviados pela administração para gerenciar tais atividades em nome do soberano (GODART, op. cit., p. 279). Este seria o motivo porque o número de coletores é bem maior em Cnossos que em Pilos, uma vez que o território controlado por Cnossos equivale ao triplo do território administrado pelo centro continental. Aqui é possível perceber que o autor não considera a possibilidade de que a administração de Cnossos ter se baseado em uma estrutura pré-existente de redes locais como é defendido por Bennet.

1.2.4. Jan Driessen e os diferentes momentos da administração

Para este autor, a não existência de uma unidade de arquivos em Cnossos é fundamental para sua abordagem sobre o tema. Em sua discussão sobre os coletores Driessen (1992) distingue três tipos de elites no mundo micênico. A primeira é denominada elite de nomenclatura e é composta por indivíduos identificados por títulos cuja relação é título-função-prestígio. A ausência de um antropônimo associados a tais títulos sugerem que tais indivíduos eram conhecidos pela administração em todas as suas esferas: **wa-na-ka** e **ra-wa-ke-ta** nos centros, **e-qe-ta**, **qa-si-re-we** e **ko-re-te** na esfera regional e **we-re-we**, **a-wo-qe-ne** na esfera local. Um segundo grupo seria uma elite militar na qual os indivíduos são associados a um equipamento militar sofisticado – couraças e carros, e não espadas e arcos –, mas também os indivíduos responsáveis por grupos numerosos de homens. Por fim haveria uma elite econômica de indivíduos que possuem terras e são associados a rebanhos e pastores, e gerenciariam oficinas (DRIESSEN, op. cit., p. 199).

Segundo o autor (op. cit., p. 200), não haveria uma elite administrativa propriamente dita. O que se observa são indivíduos relacionados à organização e redação dos registros e arquivos, na sistematização dos dados, na organização do sistema fiscal e redistributivo, ou seja, os escribas. Driessen se apoia em Olivier e Palaima¹² que defendem que tais homens (escribas) se ocupavam do registro dos rebanhos na Creta central e seriam os mesmos indivíduos (funcionários) responsáveis por esta parte da economia, sendo conhecidos por um título ou designação em outros contextos. Isso significa que o número de escribas em Cnossos era próximo ao número de funcionários, cerca de 80, não sendo implausível que no período minoico outra organização

¹² CF. nota 2.

administrativa existisse, relacionada, em parte, à existência de uma elite local perceptível pelo fenômeno de monumentalização arquitetônica. Tal fenômeno teria desaparecido após as destruições do MR II B, o que poderia indicar que a elite local fora submetida ou eliminada. De qualquer forma, os nomes e títulos seriam indícios que sugerem que certos indivíduos pertenciam simultaneamente a mais de uma das categorias apresentadas (DRIESSEN, 1992, p. 200.).

O autor passa então a analisar os tabletas da Sala dos Tablettes de Carruagem, considerados os mais antigos registros em Linear B, datados da destruição do MR II B. Os documentos desta sala são um conjunto de cerca de 180 tablettes nos quais os ideogramas do cavalo, do carro e da couraça são associados a antropônimos masculinos. Os tablettes dessa série Sc parecem registrar a alocação de urgência, enquanto que os registros da série Vc contabilizam os indivíduos que já possuíam um equipamento, provavelmente fruto de alocações anteriores, ou possuíam equipamentos próprios graças à riqueza pessoal. Como uma boa parte dos indivíduos nos documentos da série Sc não recebe um equipamento completo, parece correto assumir que tais homens desempenhassem regularmente atividades militares e possuíam parte do equipamento necessário. Pode-se concluir, de acordo com Driessen (op. cit., 203), que havia uma classe militar em Cnossos composta essencialmente por pessoas com nomes gregos.

Há poucos registros de coletores nos textos da Sala dos Tablettes de Carruagem. Tal ausência poderia ser consequência da inexistência desse personagem na organização administrativa do MR II B, ou uma questão da preservação dos arquivos em Cnossos, cujo conjunto de documentos é bastante fragmentário. O autor considera que seja o primeiro caso, o que implica em considerar que no MR II B a figura do coletor não existia. A elite militar, tão proeminente nesses arquivos, parece exercer funções políticas e econômicas dada a ausência de menção a elites de nomenclatura e econômica. Desta maneira, tais arquivos representariam o momento de chegada da nova elite – cnossiana segundo o autor –, e ao estabelecimento de uma nova administração que se desenvolveria no período seguinte (DRIESSEN, 1992, p. 205).

Na segunda fase dos arquivos de Cnossos, observa-se um grande número de títulos relacionados a locais específicos, o que sugere que estes eram, de fato, designações locais ou regionais, como é o caso de **we-re-we** em **wa-to** ou o **du-ma** nas localidades de ***56-ko-we** e de **e-ko-so**. A categoria da elite econômica incluiria os “coletores”, termo

genérico utilizado para designar indivíduos que, juntamente com o centro administrativo, possuíam rebanhos por intermédio de pastores, ou oficinas de produção diversa (tecidos ou carruagens, por exemplo), ou ainda seriam responsáveis por grupos de trabalhadores e possuiriam terras, assumindo-se que os mesmos nomes designam as mesmas pessoas. Driessen (op. cit., p. 208) adota o termo beneficiário sugerido por Olivier (1967). Os tabletes de Cnossos possuem alguns indícios de que os membros da elite eram considerados como iguais aos membros de nomenclatura, quando o nome dos beneficiários é enumerado juntamente com alguns títulos.

Como apresentado acima, Bennet (1992) – e Killen (1995) – entendem os coletores como uma classe semi-independente da burocracia utilizados pelo centro para a administração das regiões mais distantes. Driessen, no entanto, tem algumas objeções com relação a tal interpretação, apontando que no caso de Cnossos seria preciso estabelecer se tais indivíduos eram como em Pilos, funcionários, de acordo com Margareta Lindgren¹³, ou membros de uma aristocracia independente. Defende que os documentos que tem **a-ko-ra** ou seus derivados demonstram a administração direta do centro e que para tais funcionários se aplicaria o termo coletor, em oposição à classe de beneficiários, indivíduos ricos tendo papéis semi-independentes com relação ao centro e pertencentes a uma elite econômica (DRIESSEN, op. cit., p. 210).

A sugestão de Driessen (op. cit., p. 212) é que a administração dos grandes sítios no oeste (**ku-do-ni-ja** e **si-ra-ro**) estava confiada aos funcionários de nomenclatura, ou seja, aos **we-re-we** e aos **u-wo-qe-we**, e que tais funções seriam desempenhadas por cnossianos ou por membros da elite local. Assim, no período do maior número de tabletes, atesta-se uma divisão clara entre uma elite de nomenclatura, que se ocupava da administração do território, mas também aos assuntos militares, e uma elite econômica formada por beneficiários (coletores).

Segundo Driessen (1992, p. 212-3), a grande proporção de nomes gregos entre os beneficiários e a dispersão geográfica dos interesses dos beneficiários parece indicar que se trata de membros da elite de Cnossos, com alguns representantes em Cidônia. Nas regiões mais distantes seriam membros das elites cnossianas instalados localmente, defendendo, assim, um controle centralizado em Cnossos de algumas regiões da ilha, e

¹³ LINDGREN, M. **The People of Pylos**. Prosopographical and methodological studies in the Pylos archives. II: The use of personal designations and their interpretation. Stockholm: Almqvist et Wiksell, 1973.

contrapondo-se aos autores que veem os coletores como membros da elite local, como, por exemplo, Bennet (1992).

Nesse caso, entende que a mudança da língua minoica para a micênica demanda uma explicação histórica. Dos modelos propostos por Renfrew¹⁴, Driessen defende que a mudança de uma língua pode ser associada à chegada de um grupo pequeno de indivíduos, mas que formam a elite dominante, constituindo-se em uma classe particular, uma elite econômica. Os membros da elite militar do que o autor considera um primeiro período de ocupação micênica teriam sido recompensados com terras e benefícios econômicos. O aumento da independência regional, num segundo estágio, estaria ligado à administração das regiões distantes por uma elite local provavelmente de origem cnosiana, e é provavelmente a causa da fragmentação territorial cretense que se seguiu à destruição de Cnossos e ao estabelecimento de pequenos reinos em locais como Cidônia no oeste e Hagia Tríada no sul (DRIESSEN, op. cit., p. 214).

1.2.5. John Killen: coletores como membros da elite governante

Killen (1995, p. 213) aponta que alguns coletores da série Da-Dg de Cnossos aparecem também como proprietários de mulheres (série A) e tecidos (série L). Este é o caso, por exemplo, de **e-me-si-jo**, um coletor nos registros de ovelhas e proprietário nos registros de mulheres e tecidos, mas que aparece como dono de parcelas consideráveis de terra (ou grandes quantidades de trigo ou cevada) tanto no tablete **E 7338**¹⁵ quanto em **KN E 843**¹⁶ Assumindo que se trata do mesmo indivíduo e não de um homônimo,

¹⁴ RENFREW, C. **Archaeology and Language**. The Puzzle of Indo-European Origins. London: J. Cape, 1987.

¹⁵ **]me-si-jo-jo , / pa-(na)[] GRA 100[
vacat [**

Fonte: Minoan Linear A & Mycenaean Linear B

Disponível em: <<http://minoan.deaditerranean.com/linear-b-transliterations/knossos/kn-e/#toc-11>>

Acesso em: 14.mar.19.

¹⁶ **e-me-si-jo-jo[
pa-na-so GRA 100[
ta-ra-qa GRA [
ta-u-pa-du-we (GRA)[
a-(ro)-ja[
pu-na-so[
inf. mut.**

Fonte: Minoan Linear A & Mycenaean Linear B

Disponível em: <<http://minoan.deaditerranean.com/linear-b-transliterations/knossos/kn-e/#toc-11>>

Acesso em: 14.mar.19

segundo o autor a única explicação é que tais coletores fossem membros proeminentes da elite governante (membros da família governante, funcionários de alto escalão ou algo parecido) a quem foi designada parte da capacidade produtiva dos territórios para o seu próprio usufruto. A partir daí o autor acrescenta a evidência examinada por Ruth Palmer (1989)¹⁷ sobre os tabletas da série U: em **PY Un 433**¹⁸ registrou-se as mercadorias dadas em troca de alumínio: lã, trigo e a mercadoria *146 (não identificada). A natureza de tais produtos sugere que o indivíduo fornecendo o alumínio para o centro tinha procedência local, pois embora os produtos recebidos em troca fossem passíveis de serem armazenados, são volumosos para transporte. O trigo em especial não teria um valor que compensaria os custos de transporte. De acordo com Killen (1995, p. 220) os tabletas **PY An 35**¹⁹ e **Un 443**²⁰ registrariam pagamentos (note-se que ambos pertencem ao sistema *ono*), presumivelmente por parte dos centros, não a um fornecedor de alumínio ultramarino, mas alguém dentro do reino que tinha acesso a tal matéria-prima, seja através de comércio estabelecido por ele próprio, seja por meio de um intermediário que controlava este comércio. A hipótese do autor implicaria que os coletores organizavam o comércio externo. Tendo já sugerido que os coletores eram membros da elite e/ou altos funcionários, não seria surpreendente que controlassem também essa esfera da economia. O autor considera, por fim, que os dois indivíduos denominados pelo termo **ku-pi-ri-jo**

¹⁷ PALMER, R. *Wine in the Mycenaean Palace Economy*. (Diss.), 1989.

¹⁸ **ku-pi-ri-jo , tu-ru-pte-ri-ja , o-no LANA 10 *146 10**
po-re-no-zo-te-ri-ja LANA 3
](do)-ke , ka-pa-ti-ja , HORD 2 te-ri-ja GRA (1) LANA 5
reliqua pars sine regulis

Fonte: Minoan Linear A & Mycenaean Linear B

Disponível em: <<http://minoan.deaditerranean.com/linear-b-transliterations/pylos/py-u/py-un/#toc-8>>

Acesso em: 14.mar.19

¹⁹ **to-ko-do-mo , de-me-o-te**
pu-ro VIR 2 me-te-to-de VIR 3
sa-ma-ra-de VIR 3 re-u-ko-to-ro VIR 4
vacat

a-ta-ro , tu-ru-pte-ri-ja , o-no
LANA 2 CAP^f 4 *146 3 VIN 10 NI 4

Fonte: Minoan Linear A & Mycenaean Linear B

Disponível em: <<http://minoan.deaditerranean.com/linear-b-transliterations/pylos/py-a/py-an/#toc-4>>

Acesso em: 14.mar.19

²⁰ .1 **ku-pi-ri-jo , tu-ru-pte-ri-ja , o-no LANA 10 *146 10**

.2 **po-re-no-zo-te-ri-ja LANA 3**

.3 **][d̥o-ke , ka-pa-ti-ja , HORD 2 te-ri-ja GRA 1 LANA 5**
reliqua pars sine regulis

Fonte: Damos. Disponível em <<https://www2.hf.uio.no/damos/#5008>>. Acesso 29. ago. 19.

(traduzido por cipriota) em Pilos e em Cnossos²¹ seriam o equivalente micênico de um *tamkarum*²² do Oriente Próximo. Não seria acaso que o mesmo nome estaria associado em Cnossos a um indivíduo com grande envolvimento na indústria de perfumes, um dos commodities micênicos de exportação por excelência. Chipre é um dos lugares no Mediterrâneo reconhecido por ser uma fonte de alumínio, e é um dos locais para onde Creta exportava perfume. Ambos **ku-ru-pi-jo** teriam recebido este nome pela mesma razão: eram membros da elite administrativa, um em Cnossos e outro em Pilos, que teriam algum grau de envolvimento no comércio com Chipre. Não é sem paralelo no Linear B que pessoas sejam nomeadas pela profissão: pastor – **po-me** em **KN Dd 1376**²³; ferreiro – **ka-ke-u** em **PY Jn 750**²⁴. Deste modo, não seria coincidência que um dos mais

²¹ Embora Killen não indique em quais seriam os documentos de Cnossos, achamos por bem indicá-los aqui. É digno de nota que tais tabletas estão relacionados ao pagamento de óleo dentro do sistema *ono*.

KN Fh 347

ma-ro-ne / ku-pi-ri-jo OLE 6 S 2 MU 5

we-we-(ro) , / o-no OLE 1 a-ri-to-[.](jo) OLE V 2

KN Fh 361+

.a OLE 21 S 2 [] vacat

.b ku-pi-ri-jo / o-no zo-a OLE (3) (V) (3)

KN Fh 371+

]o-se-ko-do / ku-pi-ri-jo OLE 13 S 1 MU 10

KN Fh 372+

ku-pi-ri-jo / o-no OLE 150

KN Fh 5426+

ku-pi-ri-jo / ma-ro-ne OLE 100 [

KN Fh 5446

ku-pi-ri-jo / u-ne[

to-ro-qa / a-nu-[

KN Fh 5447+

]ki-ro / ku-pi-ri-jo[]o-no OLE (9) S[] MU 7

E possivelmente em:

KN Fh 5432+

]pte-si / [.]-u-pi-ri-[.]-(i) (OLE) S 1

side 2 (verso)

]de-ma-si OLE 2

KN Fh 5490

sup. mut.

]ku-pi-(ri)[

inf. mut.

Fonte: Minoan Linear A & Mycenaean Linear B

Disponível em: <<http://minoan.deaditerranean.com/linear-b-transliterations/knossos/kn-f/kn-fh/#toc-26>>

Acesso em: 20.mar.19

²² Do sumeriano *dam.gar*, comerciante.

²³ **.A OVISm 70 OVISf 51[**

.B po-me , / pu-na-so pa OVISm 21[

Fonte: Minoan Linear A & Mycenaean Linear B

Disponível em: <<http://minoan.deaditerranean.com/linear-b-transliterations/knossos/kn-d-2/kn-dd/#toc-24>>

Acesso em: 14.mar.19.

²⁴ **pa-ra-ke-te-e-we ,**

po-so-ro AES M 1 N 2 ro-wo AES M 1 N 2

a-ti-pa-mo AES M 1 N 2 e-u-ka-ro AES M 1 N 2

ma-ra-ta AES M 1 N 2 a-no-ta AES M 1 N 2

importantes coletores de ovelha e tecidos de Cnossos, e outro indivíduo associado à indústria têxtil de Pilos, sejam chamados de **we-we-si-jo**, isto é, um nome que estaria relacionado a palavra lã (KILLEN, 1995, p. 221).

1.3. Síntese

Os autores apresentados acima parecem concordar que em Pilos os chamados coletores seriam funcionários administrativos do centro responsáveis pela gerência de determinadas atividades, ainda que se discuta – tanto para Pilos quanto para Cnossos – se realizariam os registros sendo também os escribas. O contexto mais claro em Pilos pode ser explicado pela unidade dos arquivos, bem como o seu bom estado de conservação, à existência de um arquivo central, a uma menor extensão territorial e, conseqüentemente, a um número menor de coletores identificados, mas, sobretudo, pela história da ocupação e controle da região.

A grande questão é quem seriam os coletores em Cnossos, problema dificultado pela falta de unidade dos arquivos, seu estado fragmentário e parcial, inexistência de um arquivo central, grande extensão territorial que o centro parece controlar – direta ou indiretamente – e o grande número de coletores (c. de 40).

Bennet acredita que se tratam de proprietários locais e que a administração micênica teria sido construída aproveitando-se da pré-existência de unidades econômicas regionais. Sua abordagem nos pareceu bastante interessante por considerar a história prévia da administração e da organização econômica de Creta, e por se aproximar da teoria de Mario Liverani sobre o modo de produção palaciano²⁵. Por outro lado, Carlier

na-e-si-jo AES M 1 N 2 **si-ra-ta** AES M 1 N 2
ka-ra-u-ro AES M 1 N 2 **ra-wo-qo-ta** AES M 1 N 2
pa-ku-ro² AES M 1 N 2 **ka-ke-u** AES M 1 N 2
ko-ma-we AES M 1 N 2 **e-u-we-to** AES M 1 N 2
e-ke-i-ja-ta AES M 1 N 2 **mo-re-u** [
wo-wa-ro AES M 1 N 2 [
to-so-de , **a-ta-ra-si-jo** (,) **du-wo-jo** 1 **di-ra-wo-no**[
e-u-we-to-ro , **do-e-ro** 1 e[

Fonte: Minoan Linear A & Mycenaean Linear B

Disponível em: <<http://minoan.deaditerranean.com/linear-b-transliterations/pylos/py-j/py-jn/#toc-15>>

Acesso em: 14.mar.19.

²⁵ De acordo com Liverani (2016, p. 64), as economias do antigo Oriente se estruturariam a partir de dois níveis. O primeiro denominou modo de produção doméstico, resultante da Revolução Neolítica, no qual haveria uma coincidência entre as forças produtivas e os proprietários dos meios de produção. Nessa esfera as redes de troca seriam multidirecionais e recíprocas. O segundo nível, ou modo de produção palaciano,

pensa que seriam funcionários, pois não identifica diferença no tratamento dos registros de rebanhos associados diretamente ao centro administrativo e aqueles associados aos coletores. Godart atribui aos coletores uma proximidade muito maior com o poder, associando-os à família governante, e um controle direto de Cnossos sobre os territórios, uma vez que acredita que todas as propriedades e os rebanhos pertenciam ao centro. Driessen é o único autor a considerar que existem duas fases dos arquivos, a primeira data de 1450 a.C., e uma segunda da segunda destruição em 1370 a.C. Desta maneira aponta para a inexistência da figura do coletor na primeira fase, quando é possível identificar nos registros da Sala dos Tabletes de Carruagem apenas uma elite militar. Já na segunda fase distingue-se uma elite de nomenclatura, que também teria características militares, e uma elite econômica, que seriam os coletores. Por fim, Killen afirma que seriam a elite governante pois alguns nomes de coletores aparecem em outros registros como proprietários de mão de obra, produtos e terra, e associados ao comércio externo.

2. Os vasos inscritos

Tendo apresentando as principais abordagens a respeito dos coletores dentro do sistema *tarasija* dos tabletes de Pilos e Cnossos, cabe-nos agora pensar como as inscrições nos vasos podem contribuir para esse debate, mas, sobretudo, qual seria o papel dos coletores em relação às inscrições dos vasos. É preciso cautela, no entanto, pois os vasos com alça em estribo com inscrições em Linear B não estão associados nem a Cnossos, nem a Pilos, mas a sítios como Tebas, Cidônia e Tirinto. Com relação à datação, se aproximam dos tabletes pilianos, uma vez que pertencem ao HR IIIB. Considerando-se que a maioria foi produzida no oeste de Creta, tais artefatos são fundamentais na discussão sobre a continuidade de um controle de Cnossos em grande parte da ilha ou no desenvolvimento de centros regionais, em especial em Cidônia. A discussão que nos interessa, no entanto, diz respeito às relações entre o continente e Creta, em especial a natureza do controle econômico dos sítios continentais sobre a produção da ilha detectável através da administração registrada em Linear B.

seria resultante da Revolução Urbana e sua principal característica é a centralização dos meios de produção, a especialização do trabalho, um fluxo centrípeto e redistributivo dos bens, a hierarquização dos setores produtivos em uma economia baseada na redistribuição. O modo de produção palaciano teria se estruturado a partir do controle dos modos de produção domésticos regionais.

Até o presente momento são conhecidos 197 vasos com inscrição em Linear B, a maior parte publicada.²⁶ Apenas doze não são vasos de transporte com alça em estribo.

As inscrições podem ser divididas em 5 categorias:

1. Inscrições com apenas uma palavra, geralmente um antropônimo, com exceção de **TI Z 27** e possivelmente um vaso de Cnossos, cuja inscrição é um topônimo.
2. Inscrições com três palavras: antropônimo no nominativo, topônimo e antropônimo no genitivo, encontradas, sobretudo, nos vasos de Tebas. Tal esquema possui um paralelo com a fórmula encontrada na série D dos tabletes de Cnossos a respeito de rebanho de ovelhas. Assume-se que o primeiro antropônimo refira-se ao produtor, o topônimo ao local de produção e ao segundo antropônimo o destinatário, chamado de coletor. Nesta categoria existe um subgrupo no qual o destinatário é o *wanax*, pois tais vasos que portam a terceira palavra não é um nome próprio, mas o adjetivo **wa-na-ka-te-ro** (relativo ao **wa-na-ka**) ou a sua abreviação, **wa**. Assim sendo, os vasos com inscrição parecem possuir a mesma distinção dos tabletes entre uma produção controlada diretamente pelos centros e outra controlada por um intermediário.
3. A terceira categoria é constituída de apenas um signo. Em alguns casos o que poderia ser um **ka**, e é considerado marca de ceramista tendo em vista que, ao contrário do **wa**, **ka** não é uma abreviação atestada nos tabletes.
4. Inscrições parciais ou fragmentárias.
5. Inscrições ininteligíveis ainda que completas.

A primeira questão que se coloca é a da literacia dos pintores. Há exemplo de vasos muito próximos da tradição dos tabletes, como é o caso de **EL Z 1**, que usa uma linha para dividir o texto e os silabogramas são muito bem traçados, demonstrando que o autor era familiarizado com tais signos a ponto de saber como os traços eram feitos nos tabletes. No entanto, há também a exemplo de vasos ilegíveis como é o caso de **OR Z 1**, em que há os signos que não são silabogramas reconhecíveis do Linear B. No geral as inscrições são legíveis e com as variações nos silabogramas e equívocos que ocorrem

²⁶ Para o principal *corpus* de vasos com inscrições ver RAISON, J. 1968 e SACCONI, A. 1974.

também nos tabletes, como a inversão do sentido do silabograma. Há diferenças evidentes na grafia de tais silabogramas devido ao tipo de superfície e de instrumento utilizado na escrita. Nos vasos os silabogramas tendem a ser maiores (em média 5 centímetros comparados aos dos tabletes que são menores do que 1 centímetro) e mais alongados. Os traços mais lineares dos tabletes, feitos pelo cálamo, são substituídos por linhas curvas mais adaptadas ao pincel e à superfície curva dos vasos. Em geral acredita-se que um pintor poderia facilmente copiar um modelo e não necessitaria saber ler e escrever em Linear B. A questão da literacia dos pintores só é relevante dentro do debate que se estabelece para determinar se o primeiro nome das inscrições se refere ao ceramista e produtor do vaso, ou ao produtor, referindo-se ao conteúdo.

A hipótese trabalhada por Anna Judson (2013, p. 98) é de que se o mesmo antropônimo no nominativo fora pintado pelo mesmo pintor e não outro, e os pintores não escreveram mais de um nome, tais antropônimos representariam o seu próprio nome indicando assim a procedência do vaso e não do conteúdo. Se considerarmos o controle econômico exercido pelos centros administrativos, ainda que não fosse total e monolítico, era bem estruturado, não é difícil supor que pudessem também controlar a produção de vasos e suas inscrições. As questões a serem feitas é não apenas sobre a capacidade de ler e escrever de um pintor, mas da atuação dos escribas junto aos pintores. Segundo Judson (2013, p. 81), entre 7 e 12 vasos apresentam problemas de legibilidade, o que pode significar que o pintor tinha dificuldades em produzir inscrições legíveis ou que produzir inscrições legíveis não fosse o objetivo. Esse número é maior do que os vasos em que se acredita que o pintor teria um profundo conhecimento da escrita (**EL Z 1** e, talvez, **TH Z 30**), mas representa menos de um décimo do total de 187 vasos com inscrição. Desta maneira, mais de 94% são legíveis, o que comprova que a principal função das inscrições seria a comunicação. Independente se o pintor pudesse entendê-las, o destinatário poderia. Soma-se a isso a proeminência posição dos signos no vaso, geralmente no ombro, e o tamanho dos signos. Judson acredita que **TH Z 847** e **OR Z 1** seriam as únicas com inscrições como elementos puramente decorativos (op. cit., p. 86), mas Van Alfen (1997, p. 259) afirma que todas as inscrições seriam comunicativas, podendo ser ilegíveis para outros, mas completamente compreensíveis para quem está dentro do sistema. O autor demonstrou que o local da inscrição no ombro permitiria ler-se a informação em pé com os vasos enfileirados no chão (VAN ALFEN, op. cit., p. 255). O fato de as inscrições terem sido pintadas antes da queima faz com que Judson (loc. cit.) proponha que as

inscrições, e não o conteúdo, seriam o motivo para a produção do vaso, hipótese com qual a qual nós não concordamos, como será discutido mais adiante.

2.1. Possíveis funções das inscrições nos vasos

As principais hipóteses sobre a função das inscrições nos vasos de transporte são:

1. Função administrativa de controle da produção e comércio de óleo (Van Alfen, 1997). Zurbach (2006) e Judson (2013) acreditam que a função primária seria administrativa dentro de Creta e os achados no continente representariam um uso secundário no comércio de azeite entre Creta e o continente ou da reutilização dos recipientes.
2. Pagamento de tributos de comunidades cretenses vassalas dos palácios continentais (Maran, 2005).
3. Símbolos de prestígio (Pluta, 2011); como parte de um sistema de troca de presentes entre as elites de Creta e do continente Duhoux (2011) e Driessen et al (2015).

2.1.1. A função administrativa

Os pesquisadores que defendem que a função das inscrições é a comunicação se dividem em: 1. Aqueles que afirmam que o destinatário seria o consumidor final e as inscrições atuariam como rótulos que garantiriam a qualidade (CHADWICK, 1976); e 2. Seriam lidas durante o processo de produção e distribuição, sem muita explicação de como tal sistema funcionaria (CATLING et al, 1980; BENNET, 1992).

O primeiro autor a analisar como funcionaria a função administrativa das inscrições nos vasos com alça em estribo de transporte foi Peter van Alfen (1997). O autor propõe que as inscrições tinham uma função principal de monitorar a produção, especificamente como um instrumento administrativo utilizado para registrar o cumprimento por parte do indivíduo com sua obrigação de fornecer o conteúdo dos vasos a uma autoridade superior. A analogia mais próxima desta função são os nódulos selados (op. cit., p. 254).

O principal pressuposto do autor é de que todas as inscrições seriam para ser lidas, fato comprovado pelo arranjo das inscrições no vaso. Dois terços das inscrições é composta de uma palavra cuidadosamente colocada no ombro entre as alças e atrás do falso pescoço, com signos grandes. Podem ser lidos entre um ângulo de 0° (horizontal), a 90° vertical com os vasos colocados no chão. O tamanho dos signos possibilita a leitura mesmo à distância. Segundo Van Alfen (op. cit., p. 255), um escriba poderia lê-los caminhando em frente aos vasos enfileirados, sem precisar levantá-los, curvar-se ou chegar muito perto. Com exceção de **EL Z 1**, todas as inscrições maiores do que uma palavra foram alocadas no bojo, geralmente inscrito em signos grandes que circundam o vaso. Tal arranjo torna a leitura mais difícil, pois o leitor precisa girar ao redor do vaso isolado no sentido anti-horário ou erguê-lo e rotacioná-lo. Algo improvável se consideramos o peso do vaso quando cheio. Uma estimativa baseada na capacidade líquida dos vasos entre 12 e 14 litros considera que cheios de óleo pesariam mais de 20 quilos (SHELMERDINE, 1985, p. 146).

Aquelas inscrições consideradas algaravia pertenceriam, segundo o autor, a um sistema fechado no qual os traços poderiam representar apenas um número limitado de signos, e tais palavras seriam de conhecimento do escritor e do(s) leitor(es). Haveria, assim, um nível tolerável de ambiguidade para cada signo. Em tal sistema fechado, o número reduzido de mensagens potenciais tornaria até mesmo a pior caligrafia inteligível (VAN ALFEN, op. cit., p. 259). É preciso lembrar que, diferentemente das inscrições nos tabletas de argila úmida, nas inscrições pintadas os erros e signos mal traçados não poderiam ser apagados ou corrigidos.

Uma vez estabelecida que a principal função das inscrições era a leitura, o autor analisa a hipótese de que os destinatários da inscrição seriam os receptores. A explicação até então mais aceita é que o nome indicaria o produtor, o que garantiria a qualidade do produto e serviriam, assim, como rótulos de comércio para o mercado consumidor do continente (CHADWICK, 1976, p. 18; HASKELL, 1983, p. 125). Van Alfen considera tal ideia anacrônica, pois a noção de vários produtores independentes competindo pelo mercado contradiz a ideia de uma produção de controle e distribuição centralizados (op. cit., p. 261). De nossa parte consideramos implausível pois se baseia no pressuposto de uma ampla literacia no mundo micênico.

O autor defende que as inscrições eram para serem lidas no contexto do processo de produção. A prática de registro em Linear B é famosa pelas repetições de fórmulas de forma tão tediosa até mesmo para os escribas (em **PY Cn 328**²⁷ o escriba principal de Pilos, conhecido como a mão 1, parece ter cansado de repetir o mesmo topônimo – ou termo descritivo – **a-ka-na-jo**, que omite a palavra das linhas 6 a 15). Desta maneira, os produtores teriam conhecimento que a única informação necessária no para o registro seria o seu nome, pois o escriba saberia o local e o coletor. Assim, de cada lote de vasos de um determinado produtor o escriba faria um tablete com o nome no vaso e completaria com o topônimo e o nome do coletor, bem como um ideograma se referindo ao produto e o número de vasos. A maiúscula usada na grafia dos primeiros nomes, e que dá ênfase a essa informação, seguido do topônimo e do segundo nome em minúscula na série D de Cnossos, seria representativo desse caso. Dentro desse sistema a informação mais importante dos vasos seria a do produtor – ou gerente – do óleo, que seria o indivíduo que tem uma obrigação contratual em entregar determinada quantia do produto ao coletor. O adjetivo **wa-na-ka-te-ro** e a sua abreviação **wa** no lugar do nome do coletor seria um indício da produção de óleo sob o controle direto do centro administrativo. Nos raros casos em que a única palavra é um topônimo, assume-se que os dois antropônimos eram conhecidos (VAN ALFEN, 1997, p. 263-4). Segundo o autor, parece improvável que a produção de tais vasos e de seus conteúdos poderiam ser exportados em massa para o continente, principalmente a partir de Cidônia, sem alguma forma de controle burocrático, o que implica em uma autoridade central envolvida na produção e em seus conteúdos (op. cit., p. 265).

²⁷ **ro-u-so , we-re-ke ,**
a-ka-na-jo , ma-ro OVISm 200 X
a-ka-na-jo , ko-wa-to CAPm 50 X
a-ka-na-jo , ra-mi-ni-jo CAPf 40 X
a ma-ra-te-u OVISf 10 X
da-to-re-u CAPm 30
wo-ki-ro CAPf 20
ma-ra OVISf 50 X
ma-ra CAP (4)0
ke-zo OVISm 40 X
po-ri-ko OVISm 170
wi-sa[]OVISf 60 X
(a)[]to OVISm 40 X
pu-za-ko CAPm (X) 40
a3-ta-ro-we OVISf 70 X

vacat

Fonte: Minoan Linear A & Mycenaean Linear B

Disponível em: <<http://minoan.deaditerranean.com/linear-b-transliterations/pylos/py-c/py-cn/#toc-13>>

Acesso em 20.mar.19.

Para explicar a discrepância entre o número de vasos inscritos e não inscritos, o autor afirma que apenas um vaso por lote receberia inscrição, o que explicaria a semelhanças estilísticas entre os vasos com ou sem inscrição. O fato de muitos vasos possuírem a mesma inscrição pode ser o resultado de uma concentração resultante do seu contexto de distribuição (VAN ALFEN, op. cit., p. 272).

Julien Zurbach (2006) e Anna Judson (2013) apresentaram artigos sobre os vasos com inscrição analisando as peculiaridades de alguns exemplares. Zurbach dedicou especial atenção aos contextos de achado, enquanto que Judson analisou as inscrições propriamente ditas. Neste capítulo, no entanto, nos interessa as conclusões dos autores a respeito da função dos vasos. É interessante notar que ambos assumem que Creta, ou mais especificamente Cidônia no oeste de Creta, teria uma administração autônoma em relação ao continente.

Segundo Zurbach, a função principal das inscrições seria dentro da administração central de Creta. Neste contexto, Cidônia seria o principal centro produtor de tais vasos, mas não o único. Haveria também Cnossos, como demonstram os vasos locais e um vaso de Mália (op. cit., p. 69). De acordo com o autor, seria apenas após terem servido como documentos administrativos internos que os vasos poderiam sair do território em que foram produzidos e serem reutilizados. Considera que tais vasos seriam itens de prestígio no continente, fato que seria comprovado pelo que considera ser imitações das inscrições, como o vaso de Orcômenos e o vaso de Tebas **TH Z 847** (op. cit., p. 70).

Judson divide as inscrições em duas categorias. A primeira é a das verdadeiras inscrições e julga, como van Alfen, que tais inscrições teriam uma função primária de comunicação. Dentro de sua discussão aventa a hipótese de que alguns pintores não saberiam escrever e copiariam modelos pré-estabelecidos. Mas para a autora, independentemente se o pintor pudesse entendê-las, o destinatário poderia. O segundo grupo seria o que chama de pseudo-inscrições, imitações que seriam objetos de prestígio ou de culto (2013., p. 83).

Tendo estabelecido que a principal função das inscrições nos vasos com alça em estribo era a comunicação, a questão seguinte colocada pela autora é pensar quem lia tais inscrições. Aponta as duas principais hipóteses já apresentadas: 1. Os oficiais de Creta dentro do sistema administrativo (OLIVIER, 1996-7; VAN ALFEN, 1997); 2. As elites palacianas continentais dentro de um sistema de troca de presentes com as elites de Creta

(DUHOUX, 2011; DRIESSEN et al., 2015). Nesse caso as inscrições teriam uma função decorativa adicional.

As inscrições foram pintadas antes da queima, o que, segundo Judson (2013, p. 86), sugeriria que as inscrições, e não o conteúdo, seria o motivo para a produção do vaso. No entanto, para a autora a teoria da troca de presentes não se aplica nem às inscrições, nem à distribuição dos vasos, pois não oferece uma boa explicação com relação ao conteúdo das inscrições que portam o nome de produtores, que ela considera pertencer a um status social baixo, associado ao nome do provável recipiente, provavelmente um membro de elite, na terceira posição, salvo que seja admitido que o óleo de determinados produtores e/ou regiões tenham mais prestígio. Ressalva ainda que é preciso ter em mente que se trata de uma sociedade com literacia restrita e que se os vasos inscritos fossem parte de um sistema de troca de presentes, por que tão poucas – menos de um terço das longas inscrições – são explicitamente associadas ao *wanax*, que seria a principal pessoa a participar de tal sistema? (op. cit., p. 89) Por fim, aponta que parece estranho também enviar tais presentes aos coletores (assumindo que o receptor é a terceira pessoa na inscrição) e também não há nenhum vaso com alça em estribo refinado com inscrição, são todos de transporte. Judson conclui, então, que explicação mais plausível é que os vasos inscritos faziam parte do sistema administrativo de Creta e a melhor explicação para sua ocorrência no continente é sua participação no comércio de óleo da mesma forma que os vasos com alça em estribo sem inscrição. Mas, segundo a autora, o grande número de vasos no Cadmeion de Tebas sugere um contexto secundário de reuso no comércio, e a evidência de que os jarros foram reusados vem de dois vasos com alça em estribo encontrados em Micenas, um da Creta central e outro do continente, cujas rolhas possuem a mesma impressão de selo (op. cit., p. 90-91). Desta maneira, uma vez que, ao que parece, os vasos continentais não seriam inscritos, as inscrições poderiam servir como marcas da origem cretense para os continentais, bem como certas características decorativas tipicamente cretenses de certos vasos com alça em estribo como a pintura clara sobre fundo escuro ou as linhas curvas imitando o polvo.

2.1.2. Vasos como pagamento de tributos

Em seu capítulo na obra *Ariadne's Threads – Connections between Crete and the Greek Mainland in Late Minoan III*, Joseph Maran (2005) apresenta a possibilidade da

existência de vasos com alça em estribo no continente durante o HR III C, uma vez que há evidências de tais vasos em Creta e em Chipre no período. Seus dados vêm basicamente da Cidade Baixa de Tirinto, onde há uma camada de separação entre os níveis III B e C. Há vasos encontrados no estrato superior, e análise do autor da pasta, tipologia e decoração aponta para uma proveniência de Creta e uma datação do século XII a.C. Ao analisar o contexto de uso e deposição, Maran acredita que não são vasos reutilizados, mas produzidos no HR III C (op. cit., p. 425). A posição do autor se coloca no sentido de reanalisar as teses de um súbito e bruto desaparecimento da civilização micênica após os distúrbios do III C e considerar os novos dados que apontam para a continuidade em escala reduzida de certos traços micênicos no final da Idade do Bronze e início da Idade do Ferro.

Sua análise passa então a tentar compreender a existência de tais vasos no continente nesse período, e se teriam chegado a Tirinto diretamente de Creta ou através de Chipre. Em Tirinto há sinais de ocupação após as destruições do final do III B, e o material importado encontrado apresenta uma origem cretense, como dois anéis de ouro encontrados em sepulturas do contexto III C. O autor considera que usar o termo comércio para as relações entre o continente grego e Creta seria um equívoco pois pressupõe uma equivalência entre as partes e, embora não se saiba a extensão e característica do domínio micênico na ilha, para Maran este não seria o caso (op. cit., p. 427). O autor considera que a concentração de vasos com alça em estribo em sítios da Beócia e da Argólida sugeriria um fluxo específico que considera próximo a um sistema “feudal” (aspas do autor) em que os vassalos cretenses deveriam enviar uma determinada quantidade da produção agrícola aos centros do continente como pagamento de tributo. Neste caso as inscrições não diriam respeito da origem e qualidade do produto, mas qual vassalo teria enviado o seu tributo (op. cit., p. 428). A comparação oferecida de um sistema dessa natureza é o Império Hitita onde as regiões conquistadas não foram integradas politicamente ao império mas tornaram-se vassalos que eram obrigados a pagar tributos ao rei.

2.1.3. Os vasos com inscrição como bens de prestígio.

Os autores que defendem a tese dos vasos com inscrição como bens de prestígio usualmente atribuem a Kevin Pluta (2011) a primazia dessa abordagem. Em sua tese sobre

literacia na Idade do Bronze, no entanto, o autor foca mais nos vasos com inscrições incisas para estudar outras áreas de atuação da escrita que não a esfera administrativa.

Com relação aos vasos com alça em estribo e inscrições pintadas, Pluta conclui apenas que a sua presença não nos diz nada a respeito da extensão da literacia nos sítios em que foram encontrados e que poderíamos apenas inferir que aqueles que entraram em contato com tais vasos tinha consciência da existência da escrita e poderiam ter conferido um alto status à escrita dado a sua raridade e a sua conexão com os chamados palácios e com os itens de prestígio (op. cit., p. 93).

Analisa, então, apenas o caso de Tebas, onde 120 vasos com alça em estribo foram encontrados no Corredor Delta do Cadmeion, dos quais um terço tem inscrição²⁸, o que considera uma proporção notável, esse opondo à tese de van Alfen (1997) de que eram rótulos de lotes. Segundo Pluta, se tivermos uma amostra acurada em Tebas teremos um vaso inscrito para cada três (loc. cit.). Neste sentido, especula que é possível que tenham sido preservados pelo seu valor intrínseco atribuído pela inscrição, já que o conteúdo deveria ser o mesmo dos vasos sem inscrição. Afirma que mesmo aqueles que não pudessem ler a inscrição poderiam atribuir valor ao conteúdo pela simples existência da mesma. O autor, no entanto, faz uma ressalva, apontando que o local de achado, em um corredor junto com vasos sem inscrição, poderia ser um argumento contra seu status de prestígio (op. cit., p. 94).

A análise de Pluta não avança mais, e temos que levar em consideração que a sua abordagem sobre os vasos com inscrição é uma pequena parte dentro de um capítulo sobre os usos da escrita, apenas 20 páginas em uma tese com 300 páginas, ou seja, menos de um décimo da obra.

Yves Duhoux (2011, p. 51) considera que o número de vasos com inscrição é muito pequeno para suportar as hipóteses de atividades comerciais ou administrativas, também não acredita que possam funcionar como rótulos de lotes, e não acha que as inscrições sejam decorativas. De um universo selecionado pelo autor de cerca de 150 vasos com inscrição, o autor descarta os que são tidos como marca de ceramistas, e analisa apenas 64, cujo estado de preservação considera satisfatório, dentre quais aponta somente 16 exemplos seguros de escritura razoavelmente legível. Um aspecto interessante da sua

²⁸ O autor se refere aqui aos vasos inteiros ou em grande parte preservados. Em nosso levantamento estimamos cerca de 68 vasos inscritos, considerando os fragmentos.

abordagem é que ele considera os vasos do continente como contexto primário, enquanto que muitos autores que defendem a ideia que sejam bens de prestígio cuja circulação primária era Creta, e que os vasos que foram para o continente representariam um uso secundário.

O ponto de partida é entender por que apenas uma pequena parcela dos vasos recebeu algum tipo de inscrição. Baseia-se nos tabletes que mencionam grandes quantidades de vaso com alça em estribo. O tablete **KN K 700**²⁹ (Figura II.1) menciona pelo menos 1800 desses vasos, **KN K 778**³⁰ (Figura II.2) traz o número 180 após o ideograma de vaso *210. Em Pilos os tabletes **PY Fr 1184**³¹ relaciona 38 desses recipientes entregues por um perfumista (DUHOUX, op. cit., p. 52). Como apontado anteriormente, gostaríamos de ressaltar que Pilos e Cnossos são sítios que não fariam parte do universo dos vasos com inscrição. Nenhum foi encontrado em Pilos e apenas três são provenientes das escavações em Cnossos, dentre os quais um é um esquifo. Desta maneira, faz-se necessário enfatizar que por mais interessante que seja utilizar as informações apresentadas pelos tabletes, e os maiores arquivos são os de Cnossos e Pilos, é preciso ter cuidado em relacionar diretamente tais informações com os dados materiais de outros sítios.

Como os vasos com inscrições de três palavras se assemelha a fórmula dos tabletes de ovelhas, Duhoux afirma que se trata de vasos associados a importantes indivíduos ligados aos centros administrativos, os coletores. A outra categoria de vasos é aquela com o adjetivo **wa-na-ka-te-ro** – entendido como “do *wanax*” –, outro exemplo de que os vasos estariam relacionados a personagens de alto status social, neste caso o *wanax*, considerado pelos estudos o mais alto nível hierárquico registrado nos documentos. Nos dois casos o autor enumera duas características que considera específicas destes vasos.

²⁹] 300 *210^{VAS}+KA (9)00[

] 300 *210^{VAS}+KA 900 da-mi[

Fonte: Minoan Linear A & Mycenaean Linear B

Disponível em: <<http://minoan.deaditerranean.com/linear-b-transliterations/knossos/kn-k/#toc-2>>

Acesso em: 19.mar.19.

³⁰] ka-ra-re-we, *210^{VAS} 180

Disponível em: <<http://minoan.deaditerranean.com/linear-b-transliterations/knossos/>>

Acesso em: 19.mar.19.

³¹ ko-ka-ro, a-pe-do-ke, e-ra3-wo, to-so

e-u-me-de-jo OLE+WE 18

pa-ro, -i-pe-se-wa, ka-ra-re-we 38

vacant

Disponível em: <<http://minoan.deaditerranean.com/linear-b-transliterations/>>. Acesso em: 19.mar.19.

Em primeiro lugar considera que seriam despachos sem características comerciais em virtude do pequeno número de exemplares. Em segundo aponta para o fato de que foram escritos de maneira cuidadosa e registrando indivíduos importantes, sejam os coletores ou produtores ligados ao *wanax*. (DUHOUX, 2011, p. 62). Sua argumentação continua com a comparação com o sistema de dons e contra-dons presente em Homero e nos textos diplomáticos das sociedades contemporâneas do Oriente Próximo. Aponta que nos tablets **PY Fr 1231**³² e **1255**³³ os óleos são caracterizados como **ke-se-ni-wi-jo**, ou seja, *xénios*, aqueles que são ofertados às divindades, mas interpreta que o sentido seria o de presente de hospitalidade (op. cit., p. 63).

O autor conclui que tais vasos seriam destinados aos dignitários micênicos e as inscrições teriam uma função social uma vez que embelezam, identificam e certificam o alto valor simbólico dos presentes trocados entre os micênios da alta hierarquia administrativa (op. cit., p. 64). Neste sentido o valor da escrita seria mais simbólico que comunicativa. Com relação aos vasos que trazem apenas uma palavra inscrita, embora Duhoux acredite que tais produtores não reportassem a um coletor, eles teriam um status social inferior pois estariam diretamente controlados pela administração central, não sendo independentes. Considera que os vasos dessa categoria também seriam bens de prestígio visto de **TI Z 9** foi encontrado em uma sepultura (DUHOUX, 2011, p. 71).

No final do seu artigo Duhoux retoma a sua conclusão inicial acrescentando um elemento que não discute no texto. Segundo o autor os vasos inscritos são uma herança do Linear A. Sendo assim, os vasos com inscrição em Linear B teriam sido escritos por minoicos após a conquista micênica (op. cit., p. 81). O autor não deixa claro se os vasos inscritos em Linear A eram parte da administração minoica, mas ao que nos parece várias categorias de materiais inscritos em Linear A pertencem a outros contextos, dentre eles as esferas doméstica e religiosa. Desta maneira, não nos ficou claro se tratam de micênios em Creta ou de minoicos enviando presentes para micênios no continente.

³² **ke-se-ni-wi-jo**]OLE S 1[
] *vacat* [] *vacat* [

Fonte: Minoan Linear A & Mycenaean Linear B

Disponível em: <<http://minoan.deaditerranean.com/linear-b-transliterations/pylos/py-f/py-fr/#toc-32>>

Acesso em: 20.mar.19.

³³ **.a**]-z̄a-to

.b]nu-wi-jo V 1

Fonte: Minoan Linear A & Mycenaean Linear B

Disponível em: <<http://minoan.deaditerranean.com/linear-b-transliterations/pylos/py-f/py-fr/#toc-32>>

Acesso em: 20.mar.19.

Em um artigo de 2015, Jan Driessen, Alexandre Farnoux e Charlotte Langohr apresentaram os vasos **MA Z 3 e 4** descobertos em Mália nas escavações de 1991. Em seguida discutem brevemente a possível função dos vasos com alça em estribo que portam inscrições.

Com relação a tese de que os vasos representariam um número de rastreo defendida por van Alfen (1997) e Zurbach (2006), na qual ambos autores concordam com a ideia de que, tendo a maior parte dos vasos sido produzidos no oeste de Creta, a implicação é a existência de uma autoridade no oeste da ilha, o que é corroborado pela existência de tabletes em Linear B em Cidônia. No entanto, Driessen, Farnoux e Langohr acreditam que a principal falha de tal ideia seria que os vasos não foram encontrados em Creta, mas no continente, o que implicaria no reuso dos vasos, algo para os autores difícil de conceber dado o caráter permanente das inscrições (2015, p. 31).

Consideram, como Duhoux (2011), a raridade das inscrições, afirmando que dos 40 vasos com alça em estribo encontrados na Quadra Nu em Mália, apenas quatro possuem inscrições. Apontam que, em geral, o cuidado na ênfase visual, perceptível pelo tamanho ampliado de algumas inscrições, sugere claramente que foram produzidas para ser vistas com um sentido de oposição à leitura (no texto utilizam o termo *seem* e não *read*). O efeito visual seria também acentuado pela cor da pintura: escura sobre fundo claro ou clara sobre escuro. Os signos nos tabletes nunca ultrapassam um centímetro, sendo, em geral, menores, e os signos nos vasos tem em média cinco centímetros, e alguns até 15 centímetros. Para os autores, o fato de que as inscrições terem sido pintadas antes da queima significa que foram feitas para serem permanentemente associadas ao recipiente o que seria um indício que eram a razão da produção do vaso e não de seu conteúdo (2015, p. 32), e nesse sentido concordam com Duhoux que as inscrições foram feitas para aumentar o prestígio das pessoas que mencionam e representariam presentes para dignitários micênicos servindo como um “cartão de visitas” monumental. Para tanto utilizam também o exemplo dos tabletes de Pílos onde o óleo é qualificado como *xénios*, presente de visitante. Concluem que presentes seriam trocados em banquetes e práticas cerimoniais relacionadas. Tais práticas são muito proeminentes nos épicos homéricos, considerados uma forma mais importante de troca que o comércio. O objeto seria um uma lembrança da pessoa que o deu como um presente (loc. cit.).

Os estudos petrográficos realizados nos vasos de Mália sugerem duas origens: o centro-sul ou centro de Creta (**MA Z 2 e 4**). Os residentes da Quadra Nu em Mália teriam recebido tais presentes de **ma-re-wa**, **ko-no** e **sa-qe** em suas viagens por essas regiões. No caso de Tebas, sugerem que um ou mais senhores importantes viajaram para o oeste de Creta onde receberam presentes de indivíduos específicos. Desta maneira, uma ligação específica teria sido estabelecida entre Tebas e Cidônia. Por fim, os vasos encontrados em Cidônia podem representar uma rede local de elites e/ou presentes que seriam dados aos oficiais ou senhores do continente. Em suma, os vasos com inscrição refletiriam o costume grego de dar presentes aos visitantes, prática atestada nos períodos Clássico e Helenístico, bem como em Homero. Segundo os autores (op. cit., p. 33), se os vasos com inscrição eram presentes, eles podem ter contido vários produtos, mas vinho parece ser a melhor escolha dado o contexto de banquete em que tais presentes eram entregues.

2.2. Síntese

Nossa pesquisa não compartilha de nenhuma dessas hipóteses, em especial com a ideia de bens de prestígio, tributos ou função meramente decorativa. Partimos da hipótese de que os vasos com inscrição possuíam uma função dentro da administração micênica e que os vasos encontrados no continente, principalmente em Tebas e Tirinto, apresentam seu contexto primário e não secundário. O intuito deste capítulo foi apresentar os principais debates bem como os méritos e ressalvas de cada abordagem.

Na abordagem de van Alfen (1997) consideramos interessante pensar que os vasos com inscrição serviam como etiquetas de lotes e tinham como função monitorar o cumprimento da obrigação da produção, sendo que os destinatários das inscrições eram os receptores, embora o autor não especifique quem seriam. Tal hipótese explicaria o número pequeno de vasos com inscrição, bem como a sua inserção no sistema administrativo micênico.

Maran (2005) é o primeiro a considerar o contexto de achado no continente como contexto primário, ressaltando a concentração de tais vasos em Tebas e Tirinto, o que apontaria para um fluxo específico do oeste de Creta para a Beócia e a Argólida. O autor, no entanto, não considera que se trate de comércio entre a ilha e o continente, entendendo que Creta não tinha autonomia política, mas estaria submetida aos centros continentais

em um sistema de vassalagem, dentro do qual os vasos representariam o pagamento de tributos. O interessante de sua abordagem é identificar e ressaltar a ligação entre o oeste de Creta e sítios específicos no continente.

Zurbach (2006), assim como van Alfen, enfatizou o papel das inscrições no contexto de controle interno da administração. Zurbach, no entanto, pensa em uma administração centrada em Creta, considerado pelo autor como o contexto primário de circulação e utilização dos vasos, enquanto que sua presença no continente se explicaria por serem bens de prestígio.

Embora não fosse o objeto de estudo de Pluta (2011), o autor aponta que as inscrições no vaso atribuiriam certo prestígio ao seu conteúdo, e não ao recipiente, levando em consideração os contextos de achado no continente (em porões ou armazéns).

Esta é a mesma abordagem de Duhoux (2011), mas o autor se debruça em sua análise em uma amostragem pequena (só os vasos inteiros e com inscrições com leitura assegurada), embora tenha o mérito de reconhecer o continente como o contexto primário de utilização dos vasos, e associá-los aos tabletes que possuem a figura dos coletores. Considera que o pequeno número de vasos com inscrição aponta para um sistema de troca de presentes – existente nas sociedades coetâneas do Oriente Próximo e também em Homero – e não de comércio. As inscrições, destruídas de qualquer função administrativa, teriam um valor simbólico na medida em que embelezam e atribuem prestígio ao vaso. Aqui consideramos salutar contrapor a visão de outro autor. Shelmerdine (1985, p. 143), aponta que tais vasos são rusticamente produzidos e decorados, elaborados não pela beleza, mas para o transporte de óleo em grandes quantidades, e que a aquisição de um valor de prestígio seria posterior. Ora, no universo reduzido de 64 vasos analisados pelo autor, 47 pertencem à categoria de inscrições com apenas um antropônimo ou topônimo e apenas um foi encontrado em uma sepultura. A objeção à sua conclusão nos parece clara. Além de não analisar os fragmentos por não poder atribuir a inscrições de três palavras ou de uma palavra, desconsiderado assim cerca de 97 inscrições e as análises quantitativas a eles relacionadas, o autor utiliza o que poderíamos considerar uma exceção no contexto de achado dos vasos e não leva em consideração o que poderia ser um contexto secundário de uso e deposição, nesse caso a sepultura.

Judson (2013) diferencia o que considera pseudo-inscrições, que teriam a função de atribuir prestígio ao vaso, uma vez que não poderiam ser lidas, das verdadeiras

inscrições. Estas últimas estariam relacionadas à administração de Creta, aqui considerando, como muitos autores, o continente como contexto secundário. Para a autora, assim com os elementos estilísticos do vaso, as inscrições indicariam, para os micênios no continente, a origem cretense do conteúdo. Cabe-nos aqui perguntar, de que forma uma inscrição em Linear B, portanto em grego, é associada por uma elite micênica a uma origem cretense.

Por fim, Driessen, Farnoux e Langohr (2015) afirmam que as inscrições foram realizadas como elementos visuais, e, contrário às teses de van Alfen e Duhoux, não teriam uma função de leitura, estando associados ao recipiente e não ao seu conteúdo. Os vasos com inscrições seriam, desta forma, presentes que mencionavam o doador, uma prática atestada em Homero, mas também nos períodos Clássico e Helenístico. Tanto com relação a esta hipótese, como com relação à abordagem de Duhoux, gostaria de fazer duas objeções. A primeira é considerar **ke-se-ni-wi-jo** (xénios) como algo que se dá a estrangeiros sem considerar que possam significar “do estrangeiro”, no sentido de importado. Mas minha principal objeção é a utilização de documentos de épocas posteriores ou de outras sociedades para inferir comportamentos sociais no mundo micênico. Em ambos os casos é preciso proceder com cautela e não transpor automaticamente práticas de uma época para, outra ou de uma sociedade para outra

Tanto as abordagens de van Alfen, Duhoux e Driessen, Farnoux e Langohr parecem considerar Creta e o continente como duas áreas administrativas e econômicas distintas, e a elite cretense como sendo não micênica (nenhum autor aventa qualquer hipótese sobre a natureza da elite administrativa em Creta a partir dos vasos com inscrição, mas parece-nos implícito). Pensamos em uma terceira hipótese que tem um pouco de ambas: a existência de funcionários ou elites continentais micênicos atuando direta e indiretamente em Creta, controlando uma produção de óleo que tinha como meta o envio de produtos para o continente. Nossa pesquisa tem por objetivo identificar tal sistema através do estudo dos vasos, por meio da análise das inscrições e da sua relação com o contexto de achado e local de fabricação dos mesmos.

CAPÍTULO III

Documentos epigráficos em Linear B, uma introdução.

O período micênico possui dois tipos de fontes de natureza fundamentalmente diferente: os vestígios arqueológicos estudados desde o final do século XIX e os documentos epigráficos em Linear B decifrados em 1952. Não cabe ao escopo dessa pesquisa abordar os documentos literários, i.e., as epopeias atribuídas a Homero, pois datam de um período posterior e, ainda que possam fazer referência à época micênica, não foram compostas neste período. Nosso objeto é a análise das duas outras fontes, de natureza arqueológica e epigráfica, a saber, os vasos e suas inscrições, tendo em vista que são produtos da época micênica.

Neste capítulo, a título de introdução ao tema, apresentamos brevemente algumas características básicas do sistema de escrita em Linear B. São três os tipos de suporte que chegaram até nós: os tabletas em argila, os vasos com inscrições geralmente pintadas¹ e os nódulos de argila. Nos referimos ao Linear B no masculino por se tratar de um sistema de escrita e não de uma língua.

O que o contexto arqueológico indica, a escrita não era muito difundida no mundo micênico. Nenhum tablete foi encontrado em sítios menores, estando sempre associados aos centros administrativos. Desta maneira, Chadwick se sente seguro ao afirmar que a escrita teria sido apenas uma ferramenta administrativa (1987, p. 11). Tal ideia é corroborada pelo seu total desaparecimento após o colapso dos centros administrativos micênicos. Embora seja possível estabelecer algumas continuidades culturais micênicas no início da Idade do Ferro, tais como as formas e a decoração cerâmica, não há quaisquer evidências da continuidade do uso do sistema de escrita Linear B².

¹ Há alguns poucos vasos com inscrições incisas.

² Ver nota 49 do capítulo I.

1. As pesquisas

1.1. Os achados

Os primeiros achados datam das escavações de Arthur Evans em Cnossos a partir de 1900. O arqueólogo amador identificou duas formas distintas de escritas, uma pictográfica que denominou Hieróglifos, e outra com sinais em forma de traços que chamou Linear, diferenciando duas variações desta última que chamou de Linear A e Linear B (EVANS, 1899-1900, pp. 55-60). Até 1939 Cnossos foi o único centro a produzir tabletes da escrita, além de um punhado de vasos encontrados no continente. Neste ano a primeira trincheira de Carl Blegen no sítio de Pilos descobriu a sala de arquivos (Figura I.2) e centenas de tabletes foram achados (KOURIUNIOTIS; BLEGEN, 1939). A Segunda Guerra Mundial interrompeu os trabalhos arqueológicos que foram retomados em 1952, quando mais tabletes foram encontrados. Blegen confiou a Emmett L. Bennett Jr. a edição das inscrições. A primeira edição saiu em 1951 e uma segunda edição com correções em 1955. No ano 1952 os primeiros tabletes de Micenas foram encontrados por Alan Wace, em edifícios fora das muralhas da cidadela (WACE, 1952, p. 252). Mais achados em 1954 aumentaram o número de tabletes de Micenas para 50³. Com relação ao *corpus* de Cnossos, Evans e Myers, com auxílio de Alice Kober e John Bennet, publicaram *Scripta Minoa II* em 1952.

1.2. Contextos e datação

Aqui faremos uma breve apresentação dos contextos de achado e das datações atribuídas aos documentos em Linear B baseando-se e ampliando a síntese apresentada em 2008 por Jan Driessen no seu capítulo na obra *A Companion to Linear B*. O contexto dos vasos, no entanto, será discutido de forma mais aprofundada no capítulo sobre os vasos.

Dos conjuntos de documentos o que apresenta maior problema de datação é o *corpus* de Cnossos. Já com relação aos vasos, o contexto dos achados de Tirinto não é bem conhecido.

³ Hoje são em torno de 70.

1.2.1. Cnossos

Cnossos possui um corpus documental de 3500 tabletes que foram escavados por Evans a partir de 1900, encontrados em várias salas do edifício e em diferentes andares (Figura III.1). Após a primeira campanha de escavação, Evans datou a destruição do edifício no MR II baseado nos fragmentos cerâmicos do estilo palaciano (*Palace Style*) nos níveis de destruição (EVANS, 1899-1900, p. 66). À reocupação do edifício no MR III (século XIII a.C.) Evans atribuiu uma função estritamente religiosa – desprovida, portanto, da produção de documentos escritos – com ocupação parcial do edifício (DRIESSEN, J. 2008, p. 70). No entanto, a decifração do Linear B por Ventris em 1952, e a constatação de que a língua utilizada era a grega, fez com que muitos pesquisadores questionassem as conclusões de Evans. Carl Blegen, o arqueólogo de Pilos, desde 1958 propôs que não havendo diferenças significativas entre os tabletes de Pilos e Cnossos, estes seriam contemporâneos, pertencendo ao MR/HR IIIB. John Boardman, um especialista em cerâmica, ao analisar os fragmentos das escavações de Evans, notou que a cerâmica da principal destruição de Cnossos pertencia ao MR IIIA2, e juntamente com Palmer (PALMER; BOARDMAN, 1963, pp. 167-177) defenderam as conclusões de Evans. Na mesma época Jean-Pierre Olivier, estudando as mãos dos escribas, estabeleceu que tabletes escritos pelo mesmo escriba foram encontrados em diferentes áreas do edifício, e uma vez que os tabletes precisam ser cozidos para serem preservados, estabeleceu a ideia de um único horizonte de destruição que teria estabelecido o que ficou conhecido com a “unidade dos arquivos”. Aceitar tal hipótese implica que a datação de um dos tabletes de Cnossos dataria todo o conjunto. Apesar das objeções do filólogo Leonard Palmer, com relação à unidade dos arquivos, a datação aceita pela maioria dos pesquisadores para todo o conjunto foi o MR IIIA2 (DRIESSEN, op. cit., p. 71).

A partir do final da década de 1970 e nas décadas seguintes, novos achados favoreceram a data do MR IIIB para os tabletes de Cnossos. Em 1977 Erik Hallager estudando os níveis de reocupação do edifício estabeleceu a destruição por fogo no início do MR IIIB. O estudo dos vasos com alça em estribo com inscrições demonstrou que o Linear B estava em uso em Creta no MR IIIB (Catling et al., 1980), mesmo que estivesse claro que alguns vasos foram pintados por pintores iletrados (BENNETT,

1986; PALAIMA, 1984). Em 1989 um tablete sobre rodas de carruagens (**KH Sq 1**⁴) foi escavado em Cidônia, e mais três foram descobertos no ano seguinte, todos associados ao estrato de destruição datado do MR IIIB1. (HALLAGER; VLASSAKIS; HALLAGER, 1990, 1992). Por fim, estudos paleográficos demonstraram uma grande similaridade entre pelo menos um dos tabletas de Cidônia e a mão 115 do escriba de Cnossos (OLIVIER, 1993) e ainda que não se possa estabelecer com certeza que se trata do mesmo escriba, ao menos aproxima as datas dos tabletas de Cidônia e alguns tabletas de Cnossos.

Em 1990 Jan Driessen foi o primeiro a questionar a suposta unidade dos arquivos ao estabelecer que os tabletas da Sala dos Tabletats de Carruagem na ala oeste não tinham relações com os demais tabletas. Tal hipótese baseia-se no fato de que os selos encontrados no cômodo são do tipo de selar pergaminhos, prática corrente na administração minoica, mas desconhecida da burocracia micênica. A paleografia dos tabletas também é diferente e alguns sinais assemelham-se a sinais do Linear A, assim como algumas palavras apontam para uma influência minoica. Nenhum dos escribas dos tabletas da Sala dos Tabletats de Carruagem trabalhou em tabletas de outras áreas do edifício, e nenhum antropônimo pode ser relacionado com homônimos em outros registros (DRIESSEN, op. cit., p. 72). Alguns textos são tão estranhos que John Chadwick propôs que fossem exercícios de escribas (1967, p. 104), mas Driessen acredita que as anomalias podem ser explicadas pela antiguidade dos arquivos. O autor estabeleceu a data dos arquivos no início do MR IIIA1. O mesmo tipo de estudo interdisciplinar estabeleceu o isolamento do conjunto de tabletas encontrados na Passagem da Entrada Norte (DRIESSEN, 1997). Evans já havia notado que alguns tabletas estavam dentro de paredes e solos, o que implica que seriam anteriores a (re)construção de certas salas. Juntamente com a observação que alguns tabletas estão próximos aos tabletas de Cidônia datados do MR IIIB1, abre-se a possibilidade de que o *corpus* de tabletas de Cnossos preservou documentos de épocas diferentes, em um leque temporal que vai do MR IIIA1 ao MR IIIB.

⁴]ROTA ZE 10[

Fonte: Damos. Disponível em < <https://www2.hf.uio.no/damos/#5666>>. Acesso: 19.ago.19.

1.2.2. Pilos

Em Pilos o corpus é composto de cerca de 1200 tabletas e fragmentos, 147 selos, um nódulo (DRIESSEN, 1996 apud DRIESSEN, 2008, p. 73). A destruição do edifício foi datada do HR IIIB 2/início do IIIC, mas há a possibilidade de que alguns tabletas, a saber **PY La 994**⁵, **Ae 995**⁶, **Xa 1419**⁷-**1420**⁸ e **Xn 1469**⁹, tenham vindo de uma destruição anterior datada do HR IIIA, fato corroborado pelos estudos paleográficos de tais tabletas que demonstram influências de Creta (DRIESSEN, 2008, p. 73).

1.2.3. Micenas

Em Micenas os cerca de 70 tabletas, selos inscritos e vasos vieram de diferentes locais, tanto dentro como fora da cidadela.

Na cidadela um fragmento de tableta e um vaso vieram da Casa das Colunas (*House of the Columns*). Da Casa da Cidadela (*Citadel House*) pertencem sete tabletas e um selo inscrito (**MY Wt 700**¹⁰), esse edifício tem sua destruição datada do HR IIIB/C (IAKOVIDIS, 1996 apud DRIESSEN, 2008, p. 74).

Fora da Cidadela uma coleção de tabletas e selos veio das Casas de Marfim (Figura III.2): 1 fragmento de tableta da Casa dos Escudos, 38 fragmentos de tabletas e um vaso da Casa do Mercador de Óleo, 9 tabletas e 7 selos inscritos da Casa das Esfinges e 11 tabletas e um vaso da Casa Oeste. A destruição de todos esses edifícios é

⁵ **sup. mut.**

ΙΛΑΝΑ [

Fonte: DAMOS < <https://www2.hf.uio.no/damos/#4718>>. Acesso: 25.ago.19.

⁶ **ko-to-ne-we VIR**[

Fonte: DAMOS < <https://www2.hf.uio.no/damos/#4321>>. Acesso: 25.ago.19.

⁷ .1 **di-wo-nu-so**[

.2 **tu-ni-jo**[

v.

.1 **i-pe-ne-o**[

.2 **wo-no-wa-ti-si**[

Fonte: DAMOS < <https://www2.hf.uio.no/damos/#5116>>. Acesso: 25.ago.19.

⁸ .1 **ra-ja-mo** , [

.2 **vac.** [

Fonte: DAMOS < <https://www2.hf.uio.no/damos/#5117>>. Acesso: 25.ago.19.

⁹ .1 **ljφ**[

inf. mut.

Fonte: DAMOS < <https://www2.hf.uio.no/damos/#5179>>. Acesso: 25.ago.19.

¹⁰ α

***190 supra sigillum CMS V 594**

β

vac.

γ

vac.

Fonte: DAMOS < <https://www2.hf.uio.no/damos/#5632>>. Acesso: 25.ago.19.

datada do HR IIIB1. Ainda fora da Cidadela na Casa Petsas¹¹ (Figura IV.25), cujo contexto é datado do HR IIIA2, foram encontrados dois fragmentos de tabletes, o que faz desses tabletes os documentos atestadamente mais antigos do continente grego (DRIESSEN, 2008, p. 74).

1.2.4. Tebas

No sítio de Tebas (Figura III.3) 74 vasos e fragmentos com inscrições do Cadmeion foram datados recentemente do HR IIIB1 (CATLING et al., 1980). 27 tabletes foram encontrados em um edifício próximo denominado Arsenal, também datado do HR IIIB1. A 150 metros a oeste do Arsenal mais 17 tabletes foram escavados na sala dos Arquivos que continha cerâmica transicional do IIIB/início do C. A 70 metros a sudeste do Arsenal, próximo ao portão Homoloïdes (*Homoloïdes Gate*) um depósito de 56 nódulos, inscritos em Linear B foram encontrados em um contexto datado do HR IIIB1 (PITEROS; OLIVIER; MELENA, 1990, p. 105).

Recentemente, 250 tabletes e fragmentos foram escavados na Rua Pelopidou na área do Arsenal e datados no HR IIIB2, e alguns selos e um tablete foram encontrados na área do Tesouro datados do HR IIIB1 (DRIESSEN, loc. cit.).

1.2.5. Tirinto

Em Tirinto (Figura III.4) todos os 25 tabletes e fragmentos, bem como as inscrições em vasos, foram encontrados na Cidade Baixa ou fora da Cidadela. Um fosso na Casa IV da Cidade Baixa continha 18 fragmentos de tabletes datados do HR IIIB2 (GODART; KILLEN; OLIVIER, 1983 apud DRIESSEN, loc. cit.). Fora da Cidadela na Cidade Oeste um tablete sobre armas foi encontrado e mais três tabletes vieram da Casa O no sudeste, em um estrato do HR IIIB.

O contexto de achado dos vasos com inscrição é desconhecido e muitos vasos se perderam após as escavações, mas alguns parecem ter vindo do edifício principal propriamente dito (área 52, Escadaria Oeste). Um vaso completo (**TI Z 9**) veio da Sepultura XV (DRIESSEN, loc. cit.).

¹¹ Petsas, juntamente com Papadimitriou, foram os primeiros a escavar a área entre 1950 e 1951.

1.2.6. Midea

No sítio de Midea (Figura III.5) três nódulos inscritos vieram da Cidadela em níveis HR IIIB2. Um nódulo veio do Portão Oeste, e mais dois vieram próximos do mégaron em um dos terraços baixos. Recentemente um vaso com alça em estribo e decoração de polvo com uma inscrição em Linear B foi encontrado na cidadela (**MI Z 4**) datado do período transicional do IIIB/início do C (DRIESSEN, 2008, p. 74). O fragmento de ombro **MI Z 2** foi encontrado próximo ao Portão Oeste em um contexto de destruição do HR IIIB2 (ZURBACH, 2006, p. 41).

1.2.7. Cidônia

Em Cidônia (*Khania*) os tabletes vieram de um contexto bem documentado do MR IIIB1 (Figura III.7), mas dois vasos, a saber **KH Z 27** e **28**, parecem pertencer a contextos do MR IIIA2, enquanto os demais vasos ou são do MR IIIB1 ou não puderam ser datados. Apenas dois deles vieram do solo de uma casa (**KH Z 19** e **22**), os outros provêm de depósitos e fossos (ZURBACH, op. cit., p. 46).

1.2.8. Demais sítios

No sítio de Armêni um vaso completo foi encontrado na sepultura 146 datada do MR IIIB. Em Mália (Figura III.6) o MR IIIB também é a data dos vasos da quadra Nu, a maioria proveniente do solo de grandes edifícios domésticos (DRIESSEN, op. cit., p. 73). A mesma datação se aplica ao contexto doméstico de armazenamento do fragmento de vaso com alça em estribo com inscrição encontrado na caverna Mameluco (ZURBACH, op. cit., p. 46).

Vasos com inscrição também foram encontrados em Orcômenos, Crêusis, Dimini, Gla e Elêusis. Em Orcômenos tanto o contexto de achado quanto a datação são desconhecidos, no entanto Haskell apontou que há semelhanças tipológicas entre este vaso e os vasos da Casa do Mercador de Vinho em Micenas, o que dataria o vaso de Orcômenos do HR IIIA2/B (HASKELL et al., 2011, p. 113). O vaso de Elêusis foi encontrado em um edifício micênico de função desconhecida sob o Pequeno Propileu cujo contexto é datado do HR IIIC. Dado suas características tipológicas e epigráficas, que discutiremos no capítulo a respeito da análise dos vasos, os autores consideram que pertença ao HR IIIB. O fragmento de Crêusis foi descoberto em uma prospecção de superfície em uma colina a nordeste da baía de Livadostra e foi datado do HR IIIA2/B.

O fragmento de cálice inciso na parte interna de Dimini (**DI Z 2**) foi encontrado na Sala 3 (Figura III.8) mas até o momento não possui datação. Em Gla um fragmento de bojo do cômodo H4 (Figura III.9) é datado do final do HR IIB 1/ início do IIB 2 (HASKELL et al., 2011, p. 112). Recentemente um vaso do sítio de Prínias foi publicado. Ele pertence à uma sepultura da necrópole juntamente com cerâmica do HR IIB2 e C (GODART; SACCONI, 2017, p. 15)

Em seu capítulo sobre a datação dos documentos em Linear B, Driessen conclui que o século XIII a.C. (MR/HR IIB) representa o auge do uso do Linear B em tabletes e vasos, mas a descoberta de material mais antigo em Micenas, Pilos e Cidônia atesta o uso desse sistema de escrita na segunda metade do século XIV a.C. A maior parte dos tabletes de Cnossos é provavelmente deste período, i.e., MR/HR IIIA. Assim sendo, de acordo com Jan Driessen (2008, p. 74), parece seguro afirmar que o Linear B foi usado por pelo menos 200 anos.

A tabela a seguir é uma tradução daquela apresentada pelo autor em seu capítulo, atualizada pelo acréscimo das datações dos vasos de Elêusis, Orcômenos, caverna Mameluco, Gla e o segundo vaso de Midea.

Tabela III.1 - Datações dos documentos em Linear B

| | | MR III A 1 | MR IIIA2 início | MR/HR IIIA2 final | MR/HR IIB 1 | HR IIB/C transição | HR III C |
|-----------------------------|-----------------------------|--------------------------------------|------------------------------------|-------------------------|-------------------------------|--------------------------|-------------|
| Creta | Arméni | | | | vaso | | |
| | Cidônia | | | dois vasos | tabletes e demais vasos | | |
| | Cnossos | Sala dos Tabletes de Carruagem | Passagem da Entrada Norte | demais tabletes | ? | | |
| | Caverna Mameluco | | | | vaso | | |
| | Mália | | | | vasos | | |
| Continente grego | Elêusis | | | | vaso | | |
| | Gla | | | | vaso | | |
| | Crêusis | | | vaso | | | |

| | | | | | | | |
|--|------------------|--|--|------------|--------|---|-----------------------|
| | Micenas | | | | Petsas | casas fora da Cidadela | Cidadela |
| | Mídea | | | | | vasos | |
| | Orcômenos | | | vaso | | | |
| | Pilos | | | fragmentos | | arquivos | |
| | Tebas | | | | | Cadmeion (vasos) Arsenal Tesouro | Arquivos Pelopidou |
| | Tirinto | | | | | vasos | House IV |

Fonte: DRIESSEN, J. 2008, p. 76.

1.3. Decifração

Os estudos para a decifração do Linear B se iniciaram com a premissa, baseada nas ideias de Evans, de que se tratava de uma escrita minoica. A correlação imediata foi com a escrita de Chipre, encontrada em Enkomi também da Idade do Bronze, que foi chamada Cipro-minoica. O esboço mais antigo é do início do século XV a.C., o que torna tal escrita mais antiga que o Linear B. Os sinais são diferentes de qualquer escrita minoica, mas sugerem afinidades com o Linear A. (CHADWICK, 1958, p. 20). Outra escrita de Chipre que ajudou na decifração é a clássica, usada para escrever grego desde, pelo menos, o século VI a.C. até o século III/II a.C. É relacionada ao Linear B uma vez que 7 sinais são iguais e outros possuem semelhanças. Muitos que tentaram decifrar o Linear B começaram atribuindo os valores da escrita cipriota aos sinais, ainda que os estudos mais básicos sobre sistemas de escrita demonstrem que ao mesmo sinal podem ser atribuídos valores diferentes em sistemas relacionados. A escrita cipriota possui uma marca que é a frequência a sílaba final *-se* (para o final *-s* do grego), mas tal sílaba não aparece como sílaba final com a mesma frequência no Linear B. Tal demonstração reforçou a ideia defendida por Evans e seus seguidores de que a língua não poderia ser a grega. Até então a teoria mais aceita é a que saqueadores micênicos teriam sequestrado escribas de Creta, o que justificaria que os “reis” micênicos mantivessem registros em escrita minoica (em um paralelo com os reis da Idade Média mantendo documentos em latim). Uma teoria menos aceita era que a escrita seria micênica, mas os micênios não seriam gregos (CHADWICK, op. cit., p. 38).

Entretanto estes e outros estudos não produziram nenhum resultado na decifração da língua. Esta se fez sem nenhum auxílio de documentos bilíngues ou de outros sistemas de escrita, e só foi bem sucedida quando se parou de tentar equacionar o Linear B com outros sistemas de escrita de outras línguas, como o etrusco, e se passou a analisar a escrita em si mesma, observando atentamente suas estruturas internas.

Os estudos que caminharam neste sentido e foram a base da decifração foram as pesquisas de Alice Kober e Emmett Bennett. Kober em dois artigos publicados em 1945 e 1946, isolou os sufixos das palavras e construiu uma tabela com os chamados tripés (Figura III.10): três variações finais para um mesmo radical. A partir dos cinco grupos de tripés identificou que se tratava de uma língua declinada que utilizava diferentes terminações para expressar formas gramaticais, que havia uma marcação para o plural e havia distinção de gênero. Na década de 1950 Bennett estudou o sistema numérico do Linear A e B, que Evans já havia identificado como decimal, e reconheceu que embora fossem muito semelhantes, não havia frações no sistema do Linear B que registra quantidades fracionadas em termos de unidades menores. O autor sugeriu que a divergência era resultante de uma diferença no sistema de medidas, o que implicaria numa diferença na língua utilizada. Na época da publicação do seu artigo, Bennett e Michael Ventris já estavam se correspondendo (CHADWICK, 1958, p. 44).

Coube ao jovem arquiteto a façanha de decifrar o Linear B. Era fácil a identificação de que sinais isolados eram ideogramas, e de que os demais sinais, que somavam 89, um número muito grande para ser um alfabeto, indicando assim, uma escrita silábica. Os numerais, por sua vez, tinham sido tabulados por Evans e baseiam-se em um sistema decimal. A estrutura do sistema métrico fora demonstrada por Bennett nos anos 1950. A base dessa escrita telegráfica era que os sinais nos tabletes podem ser divididos em dois grupos: ideogramas, associados aos sinais numéricos e métricos, e os sinais silábicos. É preciso ressaltar que, como veremos adiante, alguns sinais silábicos podem ser utilizados como ideogramas.

A partir daí Ventris identificou três sinais que predominam no começo das palavras e também podem ser encontrados no meio das palavras: eram os sinais 08, 61 e 38. Tais sinais seriam, provavelmente, vogais (CHADWICK, *op. cit.*, p. 52). O sinal 78 era uma sílaba frequente no final das palavras, e Ventris deduziu que seria uma conjunção. A maior variação estava no final das palavras e Kober já havia deduzido que seriam declinações. Felizmente no caso dos tabletes, a maior parte das palavras eram nomes, ou seja, substantivos. Sendo assim, as diferentes terminações se referem

às declinações dos substantivos e em alguns casos a variação parece se relacionar com diferenciação de gênero. Com a ajuda da correlação dessas palavras com ideogramas para mulher e homem, foi possível identificar terminações que compartilhavam a mesma vogal, mas variavam a consoante. Ventris, então, construiu uma primeira tabela em janeiro de 1951. Inicialmente ele atribuiu letras aos sinais, o que posteriormente mostrou-se confuso e foi substituído por números.

O arquiteto deduziu que a terceira categoria dos tripés de Kober se referiam a topônimos, e assumindo que topônimos são conservadores nas línguas, inferiu que um nome iniciado por vogal que ocorreria com frequência nos tabletes de Cnossos se referia ao seu porto, Amnisos. Deste modo Ventris começou a decifração pela palavra: 08-73-30-12. Uma vez que 73 e 30 possuem a mesma vogal – coluna I da segunda tabela, datada de fevereiro de 1952 (Figura III.11) –, confirmou a hipótese que a mesma vogal da sílaba posterior seria usada para a sílaba anterior no caso em que a palavra contivesse uma consoante sem vogal. Tal hipótese gerou os seguintes valores: 08 = **a**; 73 = **mi**; 30 = **ni** e 12 = **so**, o que confirmou que a vogal da coluna II era **o**. O outro nome muito comum nos tabletes era 70-52-12, que agora poderia ser decodificado como **.o-no-so**, o que definiu o valor **ko** ao sinal 70. Uma terceira palavra dos tabletes era 69-53-23: **.-.i-so**, que Ventris decifrou como sendo Tulissos¹². O sinal 69 era pouco frequente, por isso não estava colocada na tabela. Depois desses topônimos, o arquiteto voltou-se para as palavras para ‘meninos’ e ‘meninas’ (70-42 e 70-54): **ko-wo** e **ko-wa**, e a palavra para total, já identificada por Bennett, 05-12 e 05-31: **to-so** e **to-sa**.

Continuando neste trabalho ele ficou admirado ao perceber que era indiscutível que se tratava de uma forma arcaica da língua grega. Lenta e gradualmente o Linear B começou a falar, e a língua que ele falava era o grego¹³.

¹² É interessante notar como os topônimos cretenses foram fundamentais para a decifração do Linear B.

¹³ Ao que tudo indica o grego notado nos documentos em Linear B pertencia ao proto-aqueu por conta da proximidade com os dialetos aqueus – acádio e cipriota – do primeiro milênio a.C., e parece atestar a formação de uma língua grega nos Bálcãs a partir de um substrato indo-europeu ao qual foi acrescido vocabulários de línguas egeanas e semitas.

2. O sistema de escrita

2.1. Criação

A despeito das afirmações de Evans de que os sistemas de escritas encontrados em Creta teriam uma origem egípcia, atualmente aceita-se um desenvolvimento autônomo das mesmas (MELENA, 2014, p. 5). A maneira mais fácil de abordar a questão é assumir que o Linear B foi criado a partir de uma adaptação dos signos do Linear A para acomodar a língua grega. A relação entre os dois sistemas de escritas, no entanto, não é tão simples. Há muita variação nos silabogramas, o sistema de pesos e medidas é fundamentalmente diferente, assim como os logogramas e pictogramas. Outro ponto problemático é estabelecer o local e data de criação do Linear B.

Dos 78 silabogramas do Linear B, 64 são derivados do Linear A, o sistema de escrita minoica, e 23 seriam criações originais, dentre os quais 14 são pouco frequentes. Entretanto, Bennet (2008, p. 15) considera que não há consenso quanto ao número de signos do Linear A que foram adaptados para o Linear B, mas por volta de 75% seria uma estimativa plausível. É interessante notar que os novos sinais não apresentam um padrão aleatório, mas são usados com as vogais **o** e **e**, sugerindo uma diferença entre a língua do Linear A com três vogais e a língua grega que possui cinco. O Linear B parece ter mantido alguns signos cujo valor fonético não existe em grego, como *22 e *56. Como tais sinais aparecem comumente em antropônimos e topônimos eles representariam a apropriação de nomes na língua do Linear A. Cerca de 80% dos 180 logogramas do Linear A não continuam no Linear B, que possui um novo esquema de 140 logogramas e suas variações. Embora o sistema numérico seja o mesmo do Linear A, ambos sendo decimais, o sistema de pesos e medidas é diferente. Linear A possui 17 signos simples e 30 compostos indicando frações, enquanto que no Linear B desenvolveu-se um complexo sistema de pesos e medidas. No Linear B as medidas de líquidos e sólidos são escritas em três séries usando um sistema de hierarquia: a maior unidade, depois quatro unidades menores para pesos; e três unidades para volumes líquidos e sólidos. Segundo Bennet (2008, p. 16), tal modificação parece ter sido feita para acomodar um sistema sexagesimal de medidas.

Para a data de criação a premissa é estabelecer uma data anterior aos documentos mais antigos uma vez que tais tabletas apresentam um sistema já formado da escrita. Até o presente momento não foram encontradas evidências de documentos

que atestem fases de desenvolvimento do Linear B. A hipótese mais aceita até recentemente era a de Bennet. Segundo o autor (2008, p. 22), não haveria evidências do Linear B antes do MR IIIA2 e o Linear B teria sido criado em Cnossos entre 1450 e 1400 a.C. como parte de uma reestruturação cultural de uma elite bilíngue para se distinguir através de uma gama de objetos e práticas culturais, dentre elas a adoção de uma nova língua e de práticas funerárias micênicas, retiradas tanto da tradição local quanto continental. Desta maneira o autor afirma que o Linear A não teria desaparecido mas teria sido substituído pelo Linear B pelos administradores minoicos. Para Bennet, os conceitos de identidade do século XX, em especial que relacionam a língua com um grupo étnico, não poderiam ser utilizados para a Idade do Bronze. Desta maneira, o autor defende que, a despeito de grafar o grego, o Linear B teria sido desenvolvido por uma elite cretense. A analogia que ele usa é o uso do latim na Idade Média. Nossa posição a respeito é acreditar que o local provável de desenvolvimento do sistema de escrita em Linear B tenha sido Cnossos, mas ainda que não seja do nosso escopo avaliar questões linguísticas, a hipótese de Bennet nos parece frágil com relação aos autores dessa invenção. O latim continuou sendo utilizado como língua administrativa na Idade Média porque possuía uma longa tradição vinda do mundo romano, sobretudo do Império. A continuidade do seu uso foi utilizada em grande parte para legitimar os novos governantes estabelecidos após a desintegração do Império na sua porção ocidental. Usar tal analogia para o final da Idade do Bronze no Egeu carece de sustentação pois a língua adotada no Linear B seria uma língua estrangeira, de povos que não tinha tradição cultural ou política em Creta. Se fossemos adotar tal tipo de suposição, parecer-nos-ia mais provável as elites micênicas adotarem a língua minoica para legitimar seu poder. Ademais, devemos considerar que os documentos mais antigos datam do MR IIIA1¹⁴ segundo a reavaliação do contexto dos tabletes da Sala dos Tabletes de Carruagem em Cnossos por Driessen. Tais tabletes apresentam um sistema já estabelecido tanto do ponto de vista paleográfico quanto linguístico, o que significa que a sua elaboração é anterior. Melena (2014, p. 6) aponta que o surgimento do Linear B está intrinsecamente relacionado aos contatos culturais entre minoicos e micênios, em um processo que os autores denominam “minoização” atestado no período das câmaras funerárias no MR I. Desta maneira, acreditamos, que o período de criação do Linear B deve ser localizado após o MR I, mas antes dos documentos mais

¹⁴ A partir da correlação com a cerâmica do MR III1.

antigos datados do MR IIIA1.

O local de criação também nos coloca problemas dado que não há diferenças fundamentais nos silabogramas encontrados nos documentos do continente grego e os de Creta. As duas hipóteses possíveis, de que tenha sido criado no continente ou em Creta, são plausíveis. O que é mais certo seria a existência de uma única fonte de desenvolvimento a partir do qual o sistema se difundiu, devido a unidade paleográfica dos documentos, principalmente no continente (MELENA, 2014, p. 7). Embora possa parecer que Cnossos seria o local mais provável uma vez que os documentos mais antigos foram encontrados ali, é preciso tomar cuidado para não subestimar o que em arqueologia se chama de evidência negativa, isto é, que a inexistência de um documento seria prova da inexistência do dado. É importante se ter em mente, especialmente no caso dos tabletas, que tais documento só são preservados devido aos incêndios que destroem os edifícios onde estão armazenados. A inexistência de documentos anteriores ao MR IIIA2 no continente pode ser resultante da ausência de níveis de destruição nos centros administrativos continentais antes de tal data. Ora, os períodos entre o MR I e MR III apontam o desenvolvimento e auge de tais centros, sendo o seu apogeu a partir do MR IIIA. É este mesmo apogeu que possivelmente levou os micênios a ocuparem Cnossos neste período, podendo mesmo ser a causa dos incêndios que destruíram partes do edifício em pelo menos duas ocasiões antes do MR IIIB, e que teria preservado os tabletas mais antigos de Cnossos. Segundo Melena, as adaptações e mudanças observadas no Linear B não poderiam ser facilmente explicadas se este tivesse sido criado em um ambiente cretense onde o sistema de escrita eram o Linear A e as práticas administrativas eram minoicas, o que poderia apoiar a hipótese do continente como local de criação do Linear B (MELENA, *op. cit.*, p. 7).

Por mais interessante que seja esse debate, ele não tem fundamental importância para a nossa pesquisa, uma vez que nosso corpus documental, ou seja, os vasos com alça em estribo com inscrições em Linear B pintadas, pertencem ao MR IIIB, período em que o Linear B já estava estabelecido e difundido entre os centros administrativos.

2.2. A escrita

Trata-se de um sistema de escrita silábico utilizado para registrar uma forma arcaica do grego durante o final da Idade do Bronze. Os números *1 a *89 são reservados para os silabogramas e os número de *100 a *258 representam ideogramas e/ou logogramas¹⁵, e os pesos e medidas. Além desses sinais o Linear B também possui numerais e marcadores de texto como os divisores de palavras. Além dos divisores de palavras, uma outra característica própria do Linear B que não é encontrado nos documentos em Linear A são as linhas que criam verdadeiras pautas nos tabletes em forma de página.

Em Linear B a sintaxe básica estrutura-se em silabogramas separados por marcadores, seguidos de logogramas geralmente isolados que são associados a numerais ou sinais de medidas. Em um estudo sobre a ordem das palavras no Linear B, Duhoux (1975, p. 130) demonstrou que em geral a anteposição de uma palavra na sentença dá ênfase ao termo, efeito por vezes reforçado pela sua escrita em maiúsculas pelos escribas. Marcadores que separam as palavras e linhas divisórias são características do Linear B, estando ausente nos documentos em Linear A.

2.2.1. Os silabogramas

Os silabogramas, em número de 89, podem ser divididos em básicos e secundários. Os 60 básicos são sílabas simples compostas de vogais isoladas ou da combinação de consoante e vogal e são os sinais padrão da escrita. Em Linear B não são notadas as vogais longas, e uma vogal pode ser muda quando apenas a consoante é feita para ser lida, este é o caso de Amnisos, apresentada anteriormente, e de palavras como **ti-ri-po-de** que deve ser lido trípode. A regra aqui é repetir a vogal do silabograma posterior. O silabário básico do Linear B é composto de cinco vogais e 12 consoantes cujas combinações e valores fonéticos são os seguintes:

¹⁵ Adotamos a distinção entre ideograma que significa a representação de um objeto e logogramas que representa também uma sequência fônica. O Linear B possui ambos.

Tabela III.2 - Principais sílabas do Linear B

| | a | e | i | o | u |
|--|----------|----------|----------|----------|----------|
| d- | da | de | di | do | du |
| j- | ja | je | - | jo | - |
| k- (/g/ /k ^h /) | ka | ke | ki | ko | ku |
| m- | ma | me | mi | mo | mu |
| n- | na | ne | ni | no | nu |
| p- (/b/ /p ^h /) | pa | pe | pi | po | pu |
| q- (/g ^w /k ^{wh} /) | qa | qe | qi | qo | - |
| r- (/r/ /l/) | ra | re | ri | ro | ru |
| s- | sa | se | si | so | su |
| t- (/t ^h /) | ta | te | ti | to | tu |
| w- | wa | we | wi | wo | wu |
| z- | za | ze | - | zo | - |

Fonte: MELENA, J. L., 2014, p. 15.

Os 29 silabogramas secundários são mais específicos e complexos, utilizados para substituir os sinais básicos em alguns casos, mas seu uso não é compulsório. Pode-se dividir os silabogramas secundários em três categorias: 1. Os sinais duplos como **a₂** e **a₃**. Sua principal característica é ter um valor fonético mais preciso e são usados para substituir apenas um silabograma básico. Enquanto o silabograma **a** pode ser lido como [a], [ai], [au] e [ha], **a₂** equivale apenas a [ha], e **a₃** a [ai]; 2. Os silabogramas complexos são utilizados para substituir dois silabogramas básicos e são compostos por duas consoantes e uma vogal. Desta maneira **dwe** pode substituir **de-we**, e **pte** pode ser escrito no lugar de **pe-te** e assim por diante; 3. Os silabogramas como **ra₂**, **ra₃** e **ta₂** que são considerados complexos mas podem substituir um ou dois silabogramas básicos. Neste caso **ra₂** pode vir no lugar de **ri-ja** ou de **ra**. Duhoux (2008, p. 247) denomina tais silabogramas de pseudo-complexos. Acredita-se que grande parte dos sinais ainda não decifrados pertencem à categoria de silabogramas duplos, complexos ou pseudo-complexos.

Tabela III.3 – Sinais complexos

| | a | e | i | o | u | |
|------------------|--|--------------|-----------------------|--------------------------|-----------------|--------------------------|
| | a ₃ (/ai/) a ₄ (/au/) | - | - | - | - | |
| dw- | *86 dwa ? | dwe | - | dwo | du* ? | |
| h- | a ₂ (/ha/) | - | - | - | - | |
| h- ? | *34 a ₅ ? | - | - | - | - | |
| nw- | nwa | *83 nwe ? | - | - | nu* ? | |
| p ₂ - | *56 pa ₂ ? | - | *22 pi ₂ ? | - | pu ₂ | |
| pt- | - | pte | - | - | - | |
| r ₂ - | ra ₂ | - | - | ro ₂ | - | |
| r ₃ - | ra ₃ (/rai/ /lai/) | - | - | - | - | |
| sj- | *92 sja? | - | - | - | - | |
| tw- | *82 twa ? | twe | *64 twi ? | two | tu* ? | |
| t ₂ - | ta ₂ | - | - | - | - | |
| w ₂ | - | - | - | *79 wo ₂ ? | - | |
| ? | | | | | | *18 *19 *47 *49 |

* Embora estejam representados nesta tabela, tais silabogramas não são considerados silabogramas complexos.

Fonte: MELENA, J. L., 2014, p. 16-17.

Como a tabela acima demonstra, nota-se que os silabogramas secundários não foram uma série completa, mas parecem ser criações para atender a necessidade de alguns fonemas específicos que não são contemplados pelos silabogramas básicos, embora possam ser escritos com o uso de dois ou mais silabogramas básicos. Um grande número de sinais permanece sem decifração. A relutância dos estudiosos em atribuir um valor definitivo a tais silabogramas deve-se ao fato de tais sinais serem



pouco representados e muitos deles são utilizados principalmente em antropônimos e topônimos não gregos.

Embora não seja o foco da nossa pesquisa, gostaríamos de apontar um interessante desenvolvimento nos estudos no Linear B a partir dos silabogramas secundários. Tais sinais podem indicar o desenvolvimento local de algumas características do sistema de escrita uma vez que os sinais *33 **ra3**, *91 **two** e *92 **sja** (?), encontrados apenas nos documentos de Pilos, aparentemente são inovações sem um contraparte em Linear B. Por outro lado, com relação aos sinais *18, *47, *49 e *87 **twe**, os três primeiros ainda sem qualquer hipótese de tradução, são encontrados exclusivamente em Cnossos e todos possuem um potencial sinal em Linear A do qual poderiam ter derivado (MELENA, 2014, p. 84). Apesar das peculiaridades desses sinais, que pertencem a categoria de silabogramas raros, a uniformidade do Linear B de Cnossos a Pilos, e de Cidônia a Tebas é a marca registrada desse sistema de escrita. Para uma tabela completa de todos os silabogramas do Linear B ver Anexo II.

2.2.2. Os logogramas e pictogramas

Em Linear B o registro de artefatos e mercadorias raramente é expressa em palavras escritas com silabogramas. Para tanto os escribas têm a sua disposição uma longa lista de símbolos, os ideogramas e logogramas (Anexo III). A convenção moderna para os ideogramas e logogramas do Linear B é indicá-los em maiúscula pelas três primeiras letras da palavra em latim que eles representam como, por exemplo, VIR para homem. O latim foi escolhido porque o uso do grego poderia levar à confusão ao entender um ideograma como uma palavra micênica expressa em silabogramas (Melena, 2014, p. 20). Os sinais numéricos e de medidas são logogramas.


Como foi dito anteriormente, esses ideogramas e logogramas são criações do Linear B. Uma das formas de criar um desses símbolos é associar silabogramas referentes a uma mercadoria, como é o caso de **me-ri** (μελι, mel).

| Silabograma | Logograma |
|---|---|
|  |  |

O logograma *135 MERI é a associação dos silabogramas **me-ri**.

Tais logogramas são chamados de monogramas. Em Linear B foram identificados seis monogramas: *127 KAPO; *128 KANAPO; *133 AREPA; *135 MERI; *156 TURO₂; e *247 DIPTE.






Às vezes uma mercadoria é expressa foneticamente através de uma abreviação utilizando-se o silabograma inicial, como é o caso de NI para figos, a abreviação para *nikileón*, um termo pré-grego para figos (MELENA, 2014, p. 129).

Outro tipo são os adjetivos. Trata-se de silabogramas associados a ideogramas ou logogramas de mercadorias que qualificas estes últimos. Um exemplo é , o ideograma *136 OVIS com o silabograma **ta**, representados na transliteração como OVIS + TA, cujo significado é ovelha no cercado (**ta-to-mo**, *stamós*). Neste caso o silabograma **ta** se converte um logograma de abreviação.

Algumas mercadorias e animais são entendidos em pares, como os cavalos e as rodas das carruagens. Para tanto aos seus respectivos ideogramas é associado ao logograma *74 ZE, a sílaba inicial de **ze-u-ko** (par) ou *15 MO, a sílaba inicia de **mo-no**, para os casos excepcionais de rodas e animais sem seus pares. Segundo Melena (op. cit., 153), isto seria uma inovação do Linear B uma vez que a língua grega expressa o dual.

Outro tipo de logograma são os numerais (Tabela III.4). Embora o sistema numérico seja decimal, as subdivisões, ou frações, dos pesos e medidas demonstrou que este possui uma base sexagesimal.






Tabela III.4 - Numerais

| | |
|---|--------|
|  | 1 |
|  | 10 |
|  | 100 |
|  | 1 000 |
|  | 10 000 |

Fonte: Melena, 2014, p. 154.

Os logogramas de medidas são chamados metrogramas (Tabela III.5).

Tabela III.5 - Metrogramas

| | | | | | |
|------------------------------|---|---|---|---|---|
| Número do logograma | *118 | *117 | *116 | *115 | *114 ¹⁶ |
| Logograma |  |  |  |  |  |
| Fração | – | $\frac{1}{30}$ de L | $\frac{1}{4}$ de M | $\frac{1}{12}$ de N | $\frac{1}{2}$ de P |
| Fração em relação a L | 1 | $\frac{1}{30}$ | $\frac{1}{120}$ | $\frac{1}{1440}$ | $\frac{1}{2880}$ |
| Transliteração | L | M | N | P | Q |

Fonte: Melena, 2014, p. 154.

O sinal * 118 (L) é um ideograma que claramente representa uma balança e é a maior unidade de medida em Linear B. No entanto, não foi possível até o presente momento, atribuir valores absolutos das unidades de medidas micênicas, mas alguns estudos sobre os lingotes de metal estabeleceu o valor aproximado de 30 quilos (Melena, 2014, p. 155). Desta maneira os valores relativos seriam os seguintes:

$$L = 30 \text{ quilos}$$

$$M = 1 \text{ quilo}$$

$$N = 250 \text{ gramas}$$

$$P = 20 \text{ gramas}$$

$$Q = 10 \text{ gramas}$$

Em Cnossos há, ainda, duas subdivisões associadas a mensuração de açafrão, RO e QI, equivalendo $\frac{1}{4}$ e $\frac{1}{72}$ de N aproximadamente, ou seja, 60 gramas e 3,5 gramas.

As medidas de capacidade volumétrica dividem-se entre sólidos e líquidos. No caso das medidas de capacidade, não há símbolo estabelecido para a maior unidade, sendo este o ideograma ou logograma da própria mercadoria em questão.

¹⁶ Esta unidade de medida só foi atestada nos tabletes de Cnossos.

Tabela III.6 - Volumes para sólidos e líquidos

| | Sólidos | | | Líquidos | | | | |
|--|---------|----------------|--------------------|--------------------|---|---------------|--------------------|--------------------|
| Número do logograma | | *112 | *111 | *110 | | *113 | *111 | *110 |
| Logograma | - | ┌ | ┐ | ∪ | - | ↶ | ┐ | ∪ |
| Fração | - | $\frac{1}{10}$ | $\frac{1}{6}$ de T | $\frac{1}{4}$ de V | - | $\frac{1}{3}$ | $\frac{1}{6}$ de S | $\frac{1}{4}$ de V |
| Fração em relação à maior unidade | 1 | $\frac{1}{10}$ | $\frac{1}{60}$ | $\frac{1}{240}$ | 1 | $\frac{1}{3}$ | $\frac{1}{18}$ | $\frac{1}{72}$ |
| Transliteração | | T | V | Z | | S | V | Z |

Fonte: Fonte: MELENA, J. L., 2014, p. 157.

O cálculo para os valores absolutos aproximados veio do tablete **PY Fr 1184**¹⁷ em que 18 unidades de azeite estão associadas a 38 vasos com alça em estribo. Considerado que a capacidade de tais vasos é de 13,6 litros, o resultado é que a menor unidade equivaleria a 0,4 litros (Tabela III.7).

Tabela III.7 – Valores das medidas para sólidos e líquidos

| | | | | |
|-----------------|------------------------|------------|------------|------------|
| Sólidos | unidade 96 litros | T | V | Z |
| | | 9,6 litros | 1,6 litros | 0,4 litros |
| Líquidos | unidade 28,8 litros | S | V | Z |

Fonte: MELENA, J. L., 2014, p. 158.

Não há logogramas para medidas espaciais. O que os tabletes apontam é que a área era medida pela capacidade de produção, algo difícil de traduzir em valores absolutos uma vez há variações na qualidade do solo e do relevo, bem como do que é efetivamente produzido, grãos ou figos, por exemplo.

¹⁷ Cf. nota 31 Capítulo II.

3. Os documentos

Dentre os 5.500 documentos em Linear B a maioria são tabletes. O que não é claro é se existia um nível superior de documentos (papiros e/ou pergaminhos) como havia no sistema utilizado o Linear A, embora muitos pesquisadores assumam que sim (PALAIMA, 2003 e DRIESSEN, 1997 contra BENNET, 2001).

Há apenas 7 nódulos de base achatadas, todos da Sala dos Tabletes de Carruagem em Cnossos onde foram encontrados os tabletes com datação mais antiga. Todas as formas de nódulos e medalhões que existiam no sistema do Linear A desaparecem, com exceção dos *noduli* (dois orifícios) que se apresentam em duas categorias: regulares e irregulares.

3.1. Suportes

3.1.1. Tabletes de argila

Os tabletes de argila apresentam duas formas básicas: página, sendo a altura maior o comprimento (Figura III.12); e folha de palmeira, em que as proporções se invertem e o comprimento é maior que a altura (Figura III.13). Esta última comporta de uma a três linhas de escritura, enquanto que a primeira pode ter até 25 linhas. Cnossos possui o maior acervo de tabletes, mas seu estado é mais fragmentário. São cerca de 4.300 peças das quais 75% são incompletas e 56% possuem menos de cinco sinais ou símbolos. O sítio de Pilos aparece em segundo lugar em número de tabletes, possuindo cerca de 1300, mas o estado geral de conservação é melhor - 50% estão completos - e o contexto de achado também é bem estabelecido, uma vez que grande parte pertence à sala dos arquivos, ou seja, os tabletes foram encontrados em seu contexto de armazenagem, enquanto que os de Cnossos estavam dispersos em várias áreas do edifício principal e em algumas áreas de descarte, ou seja, em contexto secundário¹⁸. Ademais, os documentos de Pilos, constituem um arquivo homogêneo que pertencem ao mesmo período. O mesmo não pode ser afirmado a respeito do corpus de Cnossos, cujos tabletes parecem pertencer a momentos distintos.

¹⁸ Em arqueologia denomina-se contexto primário o contexto de produção e utilização primeira de determinado artefato e contexto secundário os usos posteriores e locais de deposição. Desta maneira, para fins da presente pesquisa, o que nos interessa é o contexto primário, sobretudo no que diz respeito aos vasos com inscrições. Isso concerne sobretudo aos vasos encontrados em Tebas, mas cuja origem de produção era Creta.

Os tabletos eram inscritos em argila crua e úmida, secos ao sol e armazenados, o que indica que eram arquivos temporários cuja a vida útil seria, no máximo, de um ano. Uma vez que os tabletos secos ao sol são frágeis, é improvável que eles tenham sido produzidos em locais diferentes de seu contexto de achado. Isso pode sugerir também a existência de arquivos permanentes em matérias perecíveis que não chegaram até os dias atuais. Tal postulado nos remete à característica fundamental da documentação: eles foram preservados porque foram cozidos em incêndios que destruíram os edifícios em que estavam armazenados. Representam, portanto, informações circunscritas ao período de distúrbios do mundo micênico – exceção feita aos fragmentos descartados em Cnossos que podem pertencer a períodos anteriores. Sendo assim, é preciso ter em mente que os tabletos têm datas diferentes, sendo que os de mais antigos seriam um grupo de Cnossos associados à destruição do edifício em torno de 1450/1430 a.C. e os mais recentes os de Pilos datados de 1200 a.C. Qualquer estudo sincrônico seria, portanto, ilusório e enganador.

3.1.2. Documentos com impressão de selo: nódulos e discos

Os selos (Figura III.14) provavelmente serviam como etiquetas em caixas com tabletos ou lacres em portas de depósito. Neste último caso funcionavam para o controle da retirada de bens em quantidades padronizadas. A cada retirada de uma quantidade pré-estabelecida o selo seria retirado e guardado e, após o final de um determinado período, os selos eram contados, contabilizando o total de mercadorias retiradas e, por fim, descartados¹⁹.

Os nódulos (Figura III.15) são pequenos pedaços de argila que possuem três faces, duas eventualmente escritas e uma com impressão de selo. Nos nódulos, diferentemente dos tabletos, os logogramas aparecem isolados, sem indicação numérica ou de medidas, uma vez que se assume que representem uma quantidade pré-estabelecida da mercadoria especificada. Da mesma forma que os selos, os nódulos possuem regras padronizadas para o seu uso e a sua função principal era transmitir certa quantidade de informações básicas a respeito do item que eles acompanhavam. Os

¹⁹ Para um estudo mais aprofundado a respeito do uso dos selos na administração micênica sugere-se a leitura de AVARANTINOS, V. L. The Use of Sealings in the Administration of Mycenaean Palaces. In: SHELMEARDINE, C. W.; PALAIMA, T. G. (Eds) *Pylos Comes Alive*. Industry and Administration in a Mycenaean Palace. New York, 1984, p. 41-48, e PALAIMA, T. G. Mycenaean Seals and Sealings in Their Economic and Administration Contexts. In: ILIEVSKI, P.; CREPAJAC, L. (Eds.) *Tractata Mycenaea*. Proceedings of the Eight International Colloquium of Mycenaean Studies. Skopje, 1987, p. 249-266.

nódulos podem conter um antropônimo, um topônimo, um ideograma representando um tipo de mercadoria, às vezes um adjetivo para descrever o estado da mercadoria, e um termo econômico representando o tipo de transação ou obrigação cumprida (**a-pu-do-si, o-pe-ro**²⁰). Em alguns casos apenas a impressão do selo, sem qualquer inscrição, para ser o suficiente para transmitir a informação necessária (van Alfen, 1997, p. 267).

3.1.3. Vasos

Quanto aos vasos são, em sua maioria, vasos com alça em estribo para transporte com inscrições pintadas no ombro ou bojo antes da queima. Tais inscrições podem ser constituídas de três palavras (antropônimo, topônimo, antropônimo) ou o que se acredita ser a versão simplificada com apenas um antropônimo. Por vezes restringem-se a apenas um símbolo, geralmente **ka**. Quanto ao contexto de uso de tais documentos é preciso ter em considerações algumas questões. Diferentemente dos tabletes que eram provavelmente arquivos temporários e pertencentes a períodos distintos, os vasos, ao contrário, foram cozidos no momento de sua fabricação e possuem um contexto cronológico restrito ao HR IIIB. No entanto, nem o local de achado nem a data atribuída obtida no nível arqueológico da descoberta podem ser considerados *a priori* como contexto primário. Os vasos com alça em estribo são os documentos em Linear B que mais viajaram, a maioria tendo sido produzida em Creta e encontrada no continente grego, especialmente na Argólida e na Beócia. Há em torno de 186²¹ vasos desta categoria, dentre eles 74 foram encontrados em Tebas e 46 em Tirinto, e compõem os maiores conjuntos juntamente com os 44 vasos de Cidônia. As análises da composição química da pasta cerâmica demonstraram que eles foram produzidos no oeste de Creta, na região de Cidônia. Mesmo antes de tais análises os especialistas já haviam apontado que grande parte dos topônimos se referiam à porção ocidental da ilha. A segunda categoria de documentos que teriam circulado são os nódulos, mas seu deslocamento é mais restrito, indo provavelmente do campo para os centros administrativos de uma mesma região. Por fim, muitos autores consideram que os tabletes não se deslocavam, sendo produzidos, utilizados e armazenados nos centros.

²⁰ **a-pu-do-si**: pagamento; **o-pe-ro**: deve.

²¹ Excluímos aqui **KH Z 16** que teve a inscrição incisa após a queima.

4. Síntese

O sistema de escrita denominado Linear B apresenta um considerável nível de padronização que parece responder a um uso restrito na esfera da administração ligada ao controle de uma produção, que como foi apresentado no capítulo anterior a respeito da administração no mundo micênico, estava relacionada a setores específicos da economia micênica. Ao que tudo indica ela não era muito difundida tendo em vista que os documentos escritos estão circunscritos aos centros administrativos e, ao menos no que se refere aos vestígios que chegaram até nós – em suportes de argila que foram preservados em incêndios –, não versam sobre outras esferas que não a econômica, embora possam oferecer vislumbres sobre temas religiosos e políticos inferidos de forma indireta nos tabletes, quando, por exemplo, uma lista de bens é alocada ao que se acredita ser uma divindade.

O que se pretendeu neste capítulo foi realizar uma apresentação introdutória dessa escrita tendo em vista que não é um tema muito conhecido no Brasil, a fim de que os leitores desta pesquisa possam acompanhar as discussões que serão feitas a respeito das inscrições em Linear B nos vasos com alça em estribo de transporte.

CAPÍTULO IV

Os vasos com alça em estribo

Nesse capítulo faremos uma apresentação do vaso com alça em estribo tendo em consideração os estudos mais relevantes a seu respeito, suas características tipológicas, datações e suas possíveis funções. Em seguida apresentaremos com mais detalhe a forma *Furumark Shape* (FS) 164 – os vasos com alça em estribo de transporte – que são aqueles que podem portar inscrições em Linear B. Nossa intenção não é a análise aprofundada de tal recipiente, uma vez que nosso objeto de estudo não são os vasos em si, mas as inscrições. Faz-se necessário, no entanto, a compreensão da natureza dos usos e funções possíveis dos vasos, bem como o entendimento das razões de sua popularidade entre os micênios e das implicações do fato de alguns dentre eles que possuem inscrições.

1. O vaso

O vaso com alça em estribo é uma forma característica da Idade do Bronze, mas que não teve continuidade nos períodos posteriores. Tornou-se a marca registrada da cerâmica micênica de uso doméstico e de exportação durante o HR IIIA ao C, atingindo o seu auge de produção e circulação no HR IIIB, embora tenha sido provavelmente desenvolvido em Creta no MM III. Trata-se de uma forma especializada para o armazenamento, transporte e vertedura de líquidos.

1.1. Nomenclatura

Nas publicações o vaso é comumente conhecido como *stirrup jar*, termo empregado por Evans, entre aspas, no relatório de escavação de 1902 apresentado no *Annual of the British School at Athens* volume 8 (p. 66). No entanto, dois anos antes, na publicação do volume 6, ele se referiu ao ideograma do vaso com alça em estribo pelo

nome em alemão *Bügelkanne*¹ (p. 57), provavelmente seguindo a tradição de Schliemann que teria utilizado o termo para se referir aos vasos encontrados em Troia². O nome que se adota em português, “vaso com alça em estribo”, nada mais é do que a tradução do termo em inglês mais utilizado pelos pesquisadores.³

Em Linear B encontramos **ka-ra-re-we** no tablete **PY Fr 1184**⁴ e no tablete **KN K 778**⁵, neste último associado ao pictograma de vaso número *210. Segundo Ventris e Chadwick (1973, p. 328), esse seria o plural de **ka-ra-re-u**, cujo significado é desconhecido.

1.2. Aspectos tipológicos

De acordo com Halford Haskell (1985, p. 221) o vaso pode ser descrito como uma forma fechada com um pescoço falso central cilíndrico e estreito, permanentemente fechado por um disco de argila. Duas alças em forma de estribo saem do ombro até as bordas do disco. Colocado no ombro, próximo ao pescoço falso, está a verdadeira abertura. Seus elementos definidores estão, portanto, concentrados na parte superior do vaso (Figura IV.1): o pescoço falso fechado por um disco, a abertura verdadeira deslocada e as alças na forma de estribo (que dá nome ao vaso).

Arne Furumark (1941, p. 610) classificou os vasos com alça em estribo na forma 46 e depois os subdividiu em 22 tipos específicos (FS 164 a 185)⁶, pois variam muito em tamanho e com relação ao tratamento da pasta cerâmica (Figuras IV.2 a 16, FS 166 Figura I.14). Tradicionalmente tais recipientes foram divididos em versões pequenas de cerâmica refinada tanto no tratamento da pasta quanto na decoração, e as versões maiores de cerâmica rústica (*coarse ware*). A versão mais refinada – FS 169 –, no entanto, só foi

¹ *Bügel*: estribo, cabide; *Kanne*: pote, lata.

² *Bügelkanne* foi como Schliemann denominou tais recipientes após tê-los escavados nos nível VI de Troia, in: SCHLIEMANN, Sophie (ed.) *Heinrich Schliemann's Selbstautobiographie*. Leipzig: F.A. Brockhaus, 1892, p. 97.

³ Outras nomenclaturas encontradas na literatura especializada: *False-neck amphora*, *false-necked jar*, *vase à étrier* e *pseudo-stomos amphore*.

⁴ Cf. nota 31 Capítulo II.

⁵ Cf. nota 30 Capítulo II.

⁶ FS 164 sendo o tipo de transporte, FS 165-175 em suas variações de tamanho da forma piriforme e FS 176-185 o tipo globular (ovoide) também nos mais variados tamanhos.

desenvolvida no HR IB, talvez em conexão com a especialização do uso, pois como são geralmente encontradas em sepulturas, tanto Frank Stubbings (1947, p. 24) quanto Penelope Mountjoy (1986, p. 30-31) consideram que seriam o equivalente na Idade do Bronze dos léцитos do período Clássico.

1.3. Técnica de fabricação

Dos métodos científicos utilizados para estudar tais vasos, a xerorradiografia é a que se mostrou mais útil na identificação das técnicas de fabricação (LEONARD et al., 1993, p. 111). Nessa técnica ao invés de um filme, usa-se uma placa de alumínio com selênio. Antes da exposição uma carga eletrostática é aplicada à placa. Com a exposição aos raios-X tal carga vaza de maneira diferente de acordo com a quantidade dos raios. A imagem residual enfatiza as bordas, demonstrando pequenas descontinuidades na densidade do objeto. Tal recurso, utilizado na medicina para a exploração de tecidos moles como tendões, se mostrou útil na análise cerâmica pois ajuda no reconhecimento de vazios e inclusões na pasta cerâmica. É utilizada tanto na análise do processamento da argila quanto para as técnicas de fabricação, identificando os métodos de construção do vaso.

As análises dos autores mostraram que a principal variação na fabricação do vaso com alça em estribo está na maneira como o pescoço falso é produzido. Ele pode ser oco ou semi-oco construído a partir do ombro do vaso (Figura IV.17), ou ele pode ser sólido, feito separadamente e aplicado posteriormente ao vaso. A xerorradiografia também detecta quando a abertura verdadeira é feita posteriormente com perfuração de um orifício no ombro do vaso e a posterior inserção do gargalo. Em geral o resultado de tal técnica é um desalinhamento entre o orifício na parede do vaso e a abertura do gargalo. Os autores do estudo acreditam que a diferença na técnica pode ser associada a uma tradição ceramista diferente: todos os vasos locais de Tell es-Saídiyeh estudados no artigo foram fabricados com pescoços falsos ocos enquanto que sete dos nove exemplares micênicos foram fabricados com pescoços falsos sólidos (LEONARD et al, op. cit., p. 120).

Em geral, considera-se que o vaso possui uma construção mais complexa em relação a outras formas, em especial a ânfora (HASKELL, 1981, p. 236; PRATT, 2016, p.

56), o que implica em uma especialização por parte do ceramista, mas também em questões de reutilização e descarte – uma vez que é um vaso com uma técnica elaborada –, e de sua ulterior substituição por formas mais simples no que diz respeito à fabricação.

2. Desenvolvimento da forma

Tanto Evans (1902-3) quanto Furumark (1941) dataram o desenvolvimento da forma em Creta entre 1720 e 1650 a.C., o que, em termos cerâmicos seria o equivalente ao Minoico Médio III.

Furumark, no entanto, baseou-se em um contexto que hoje se sabe estar associado à destruição do novo palácio de Festos, ou seja, 1200 a. C., o equivalente a fase final do MR IIIB (HASKELL, 1985, p. 221). São os vasos do nível de destruição na Casa 103. Trata-se de uma cerâmica com decoração clara sobre escuro que Furumark, na publicação acreditava ter saído de circulação antes do MR IB.

Outros autores propuseram várias datas que vão do MM II ao MR IB⁷. Escavações recentes produziram dados que apoiam a data de Evans. Em Commos vasos com alça em estribo foram encontrados em um contexto pós-Camares (SHAW, 1981, p. 215). Esse é o

⁷ Tal discussão, no entanto, não tem espaço aqui. Não é escopo da nossa pesquisa estabelecer a data precisa de criação dos vasos com alça em estribo uma vez que os exemplares estudados pertencem ao período micênico, em particular ao HR IIIB. Para tal debate seguem as indicações bibliográficas: DUSSANT, R. **Les civilisations préhelléniques dans le basin de la mer Egée**, Paris, 1910, p. 39 (MR I); REISINGER, E. **Kretische Vasenmalerei vom Kamares-bis zum Palst-Stil**, Berlim, 1912, p. 24 (MR I); HALL, H. **Aegean Archaeology**, Londres, 1915, p. 94 (MR); RENAUDIN, L. *BCH* 46, 1922, p. 144 (final do MM III ou início do MR I); FORSDYKE, E. **Catalogue of Greek and Etruscan Vases in the British Museum** 1.1, Londres, 1925 xxxvii, p. 160 (final do MM ou MR I); ABERG, N. **Bronzezeitliche und früheisenzeitliche Chronologie** 4. Griechenland, Estocolmo, 1933, p. 94 e 215 (transição MM III/MR I); PENDLEBURY, J. **The Archaeology of Crete**, Londres, 1939, p. 202-203 (MR I A); STUBBINGS, F. **Mycenaean Pottery from the Levant**, Cambridge, 1951, p. 16 (MR I); MARINATOS, S. **Praktika** 1952, p. 97 (final do MM III); POPHAM, M. **Annual of The British School at Athens** 62, 1967, p. 341 (MR I B, mas em uma comunicação oral argumentou em favor de uma data mais antiga); RAISON, P. **VIP** 1968, p. 16 (MR I A); EFFENTERRE, H. & M. **Crétoises** 17, Paris, 1969, p. 108, n. 2 (MR I ou possivelmente MR III); PLATON, N. **Zakros**, New York, 1971, p. 244 (Neopalaciano); CADOGAN, G. in **Acts of the International Archaeological Symposium "The Mycenaean in the Eastern Mediterranean"**, Nicosia, 1973, p. 171 (pré-MR I).

exemplar mais antigo de vasos com alça em estribo em contextos estratificados datados do MM III.

Evans datou-os da fase mais antiga do novo palácio em Cnossos e chegou a aventar a hipótese de um protótipo.

“On the other hand we know from specimens found at Gournià and Hagia Triada that the form of the vessel itself goes back to the age corresponding with the earliest period of the later Palace. Moreover, a rough spouted vase with two handles on each side of an *open* mouth found in the Palace of Knossos in 1901, and which seems to belong to the Middle Minoan Period, affords an indication that the typical Stirrup-Vase itself, with its closed mouth, sprang from an early Cretan prototype.”⁸ (1902-3, p.138)

Há duas hipóteses principais a respeito do desenvolvimento da forma. A primeira, sugerida por F. Dümmler em uma publicação de 1886 (apud HASKELL, 1985, p. 222), sugere que o asco cicládico (Figura I.12) que possui a abertura deslocada do eixo vertical, seria o precursor do vaso com alça em estribo cretense. A principal objeção feita a tal ideia é a de que embora tenha sido muito comum nos períodos Cicládico Antigo ao Cicládico Médio I, o asco saiu de circulação séculos antes do aparecimento do vaso com alça em estribo. A segunda hipótese, proposta por Reisinger em 1912 (apud HASKELL, op. cit., p. 222), provavelmente baseado na sugestão de Evans, aponta a ânfora cretense de abertura oval (Figura IV.18) como precursora do vaso com alça em estribo pois, assim como esse, a ânfora também possui duas alças na forma de estribo saindo do ombro em direção à abertura. Haskell (loc. cit.), por sua vez, acredita que a ideia de um protótipo tem sido supervalorizada e que a inspiração para a criação da forma não teria derivado de um único tipo de vaso, mas da combinação de diversas características cerâmicas que faziam parte de um repertório do ceramista do Egeu na Idade do Bronze, tais como a abertura

⁸ “Por outro lado, nós sabemos por exemplares de Gurniá e Hagia Tríada que a forma do vaso em si remonta à época correspondente ao período mais antigo do segundo palácio. Além disso, um vaso rústico com duas alças de cada lado com o gargalo aberto encontrado no palácio de Cnossos em 1901, e que parece pertencer ao período Minoico Médio, fornece uma indicação de que o vaso com alça em estribo típico, com o gargalo fechado, proveio de um protótipo cretense anterior.”

descentralizada do asco, conveniente para despejar líquidos, e a as alças da ânfora, práticas para erguer e carregar.

Logo após a sua invenção em Creta tais vasos foram adotados nas Cíclades, o que demonstra o intenso contato e trocas entre as duas regiões pois, como em Creta, possuem nas ilhas um uso prioritariamente doméstico. O vaso com alça em estribo é bem atestado em Creta e nas Cíclades a partir do MR IA, mas os primeiros exemplares só aparecem no continente grego em pequenos números por volta do MR II. Tendo sido encontrado desde o início em contextos fora de Creta, como Hagia Irini, pode implicar que esse recipiente tenha sido criado especificamente para circulação de produtos (PRATT, 2016, p. 37).

Pode-se supor que o vaso com alça em estribo foi originalmente concebido para servir ao mesmo propósito da ânfora, com quem tem afinidades na forma e funções. O vaso com alça em estribo, no entanto, possuiria uma vantagem com relação à ânfora: sua abertura deslocada, muito mais conveniente para a vertedura de líquidos. Talvez isso explique o sucesso deste vaso, mas muitos autores afirmam que é preciso ter precaução uma vez que muita atenção é dada ao vaso com alça em estribo nas pesquisas da Idade do Bronze em detrimento da ânfora, grande parte devido ao fato de que as características do vaso com alça em estribo são facilmente identificadas a partir de fragmentos, mas em parte também pela peculiaridade de ser a forma que se tornou a representante da cerâmica do Egeu na Idade do Bronze.

O principal vaso de transporte em Creta, deste o Minoico Antigo, é a ânfora de abertura oval. Tal vaso era o recipiente de transporte inter-regional mais comum na ilha durante o MM IB e MM II, período em que são encontrados em quantidades significativas por toda parte (PRATT, op. cit., p. 31). A forma tinha uma base achatada e um corpo ovoide que variava entre ovoide-cônico e ovoide-piriforme. O ombro se curvava para dentro em direção a um pescoço estreito, e alças em rolo verticais conectavam o ombro à borda. Esta, por sua vez, era pinçada em direção das duas alças opostas, produzindo, desta forma, uma abertura oval, por vezes bilobada. A maioria das ânforas varia entre 30 e 45 centímetros de altura com uma capacidade entre 10 e 13 litros. Segundo Catherine Pratt (op. cit., p. 30), eram produzidas localmente em várias regiões de Creta com notável uniformidade em decoração, forma e tamanho. O estudo das ânforas de Mália demonstrou uma circulação

intensa desse recipiente: das 71 ânforas encontradas nos armazéns da Quadra Mu, as análises petrográficas demonstraram que 26 foram produzidas localmente, 17 foram fabricadas na região da Baía de Mirabello, 11 em Mesara e 12 na costa sul de Creta (PRATT, 2016, p. 30).

A despeito da invenção do vaso com alça em estribo, o padrão de produção e distribuição das ânforas durante o MM III e o MR IB permaneceu o mesmo. A história dos dois vasos é o de contínuo e lento crescimento da difusão e uso dos vasos com alça em estribo em detrimento das ânforas. O MR IIIA2 e B é o período de domínio dos vasos com alça em estribo de transporte – FS 164 – (Figura IV.2). Estes alcançam um grande grau de padronização, apresentando entre 38 e 48 centímetros de altura, diâmetro máximo entre 27,5 e 35 centímetros e com uma capacidade entre 12 a 14 litros. Diferentemente dos vasos com alça em estribo menores, que possuem uma abertura mais estreita, provavelmente mais adequados ao uso de mercadorias valiosas como óleos perfumados, os da categoria de transporte apresentam aberturas maiores, variando entre 5 e 7 centímetros de diâmetro, mais apropriadas para despejar o conteúdo rapidamente (BEN-SHLOMO et al, 2011, p. 335). Foram produzidos principalmente em duas regiões: no oeste de Creta de onde vêm os exemplares com inscrição em Linear B e com pintura clara sobre fundo escuro; e no centro, onde se produziu também decoração escura sobre fundo claro.

Se comparado com as ânforas, os locais de produção e utilização dos vasos com alça em estribo são muito restritos. No continente são encontrados principalmente nos centros administrativos como Tirinto, Micenas, Midea, Tebas, armazenado em porões. A despeito desse fato, os vasos com alça em estribo circulavam em Creta em quantidades crescentes no período, enquanto que a quantidade de ânforas declinava (PRATT, op. cit., p. 44). O BR IIIB é o período em que os vasos com alça em estribo aumentam de popularidade e se tornam o principal vaso de exportação para o Mediterrâneo. Além dos achados no Levante, Egito, Chipre e Itália. No BR IIIC tais vasos entram em declínio e no final deste período os vasos com alça em estribo foram substituídos pelas ânforas de alça na borda (*rim-handled amphora*) e com alça no pescoço (*neck-handled amphora*). A ânfora de abertura oval (*oval-mouthed amphora*) vinha rareando até desaparecer neste período,

enquanto que a ânfora de abertura circular vinha crescendo, e aparece com alças no pescoço e na borda.

Outra questão a ser levada em consideração é que os recipientes mais estudados são as versões micênicas tardias, tanto a cerâmica refinada encontrada em todo o leste do Mediterrâneo, quanto a mais rústica, do tipo FS 164, muitas destas últimas, portando inscrições em Linear B. As formas mais antigas, no entanto, são pouco estudadas no que diz respeito à sua origem, evolução e distribuição. Como tais exemplares mais antigos são de tipo mais rústico e poucos apresentam decoração, a datação dos mesmos repousa sobre elementos tipológicos: existência de três alças, orifício no disco, apêndices na abertura (*spout horns*), e a forma do pescoço falso e do orifício.

Alguns exemplares mais antigos possuem apêndices na forma de chifres na abertura, em geral dois ou três. Podem ser retos ou apresentar uma curvatura pronunciada. Tal apêndice torna-se raro depois do MR II. Os pesquisadores acreditam que sua função seria para prender um tipo de rolha (*stopper*).

Podem também apresentar buracos na borda do disco que não funcionariam como respiradores, mas provavelmente para colocar uma etiqueta ou, no caso em que há dois orifícios, para prender a rolha a um cordão. Tal característica, rara após o MR IIIA1, desaparece completamente a partir de MR IIIA2. Se sua função era para pendurar etiquetas, as inscrições em Linear B teriam tornado obsoleto o uso das mesmas, bem como os orifícios a elas associados. Excepcional no início são os discos com orifícios centrais nos vasos de Cnossos datados do MR IB. Tais respiradores são muito mais comuns nos vasos a partir do MR IIIC (HASKELL, 1985, p. 223).

Ocasionalmente, em especial nos exemplares mais antigos, uma terceira alça existe no lado oposto ao da verdadeira abertura, tanto na forma de uma alça ligando o ombro ao disco quanto como um anel vertical colocado no ombro do vaso. Ela é muito estreita para ser usada para erguer o vaso, e neste caso poderia ser usada para prender uma etiqueta. Embora pareça duplicar a função do orifício no disco, não há correlação entre ambos. A existência desta terceira alça pode ou não estar associada a existência dos orifícios.

A existência de um ou mais desses elementos, não obstante, parece indicar que em alguns casos o conteúdo de tais vasos deveria ter sido objeto de algum tipo de controle. A presença de rolhas e etiquetas pode significar que os vasos com alça em estribo continham mercadorias valiosas cuja integridade e propriedade precisavam ser atestadas. A esses primeiros exemplares atribuía-se uma função utilitária em virtude da pasta mais rústica e da ausência de decoração. A variação apresentada desses elementos (número de alças e de apêndices da abertura, existência ou não de orifícios no disco), tanto em Creta quanto nas Cíclades, demonstra que não havia uma forma padronizada do vaso com alça em estribo nos períodos iniciais.

Como dito anteriormente, no MR IB uma nova versão foi introduzida, com argila mais refinada e pintura (FS 169), muitos exemplares decorados com o Estilo Marinho. São os primeiros vasos com alça em estribo a serem encontrados em sepulturas. Eles apresentam uma uniformidade na forma e tamanho e é somente a partir da introdução desta forma que a distinção entre vasos refinados e rústicos se torna válida.

Como poucos exemplares mais antigos possuem algum tipo de elemento pictórico que permita a datação baseada na decoração, são os detalhes tipológicos que funcionariam como elementos diagnósticos para datar os vasos independentemente do contexto. Em geral as formas ovoides, tanto altas quando achatadas, são mais comuns no início, enquanto que as formas cônicas e cônicas-ovoides estão presentes a partir do MR IB. O pescoço falso é geralmente baixo e largo, com um perfil reto ou côncavo até por volta de 1470 a.C. MR II, e os exemplares micênicos a partir do HR IIIA1 apresentam pescoço falso alto e estreito. Nos vasos mais antigos o disco não se projeta muito a partir do pescoço falso e na parte superior podem ser retos, convexos ou côncavos. (HASKELL, 1985, p. 224-5). Em geral, as alças dos primeiros vasos sobem em um ângulo oblíquo e tendem a serem ovais ou irregulares, contrastando com as alças verticais e mais arredondadas dos vasos mais recentes. Como já foi exposto, apresentar três alças é uma característica dos exemplares mais antigos, assim como os apêndices no formato de chifres colocados na abertura. As primeiras aberturas geralmente estão em ângulo enquanto que as aberturas dos vasos mais recentes são praticamente verticais. Enquanto os mais antigos têm uma abertura baixa e larga, e muitas delas têm perfil cilíndricos ou côncavos, as aberturas mais recentes são mais

altas e cilíndricas. No MR IIIC os vasos de transporte passam por algumas alterações e a base aumenta, diminuindo a proporção entre a base e o bojo. Os autores acreditam que se trata de uma ênfase na função de armazenamento e não de transporte. A forma cônica, tão popular no MR IIIB desaparece e é substituída pelas formas ovoides e globulares. O tamanho diminui para entre 25 e 30 centímetros, menor do que a média de 40 centímetros dos períodos precedentes. A abertura tende a ser maior e mais vertical, tocando por vezes as bordas do pescoço falso. Por fim, há o (re)aparecimento de orifícios de respiração no pescoço falso (PRATT, 2016, p. 50).

Os únicos contextos estratificados datados do MM III para vasos com alça em estribo são os de Comos e Ceos. Os vasos de Ceos são de fabricação minoica, demonstrando que o tipo também era utilizado na exportação. Por volta do MR IA, este recipiente se tornou popular, o que poderia sugerir que teria se especializado em um tipo de mercadoria que seria identificável pelo vaso. Os exemplares mais refinados (FS 169) são por vezes encontrados em sepulturas, indicando uma mudança na função em relação aos primeiros exemplares associados aos contextos domésticos. A partir do MR IB, os vasos com alça em estribo aparecem no continente grego em Atenas, Pilos, Tebas e Cálcis (na Eubeia), mas apenas na sua forma FS 169 decorada com o Estilo Marinho (DICKINSON, 1977, p. 100). Os exemplares domésticos maiores (FS 164) só aparecem no continente após o MR IIIA1. O mais antigo exemplar com datação assegurada vem da Casa do Mercador de Vinho em Micenas, onde 50 vasos foram encontrados. Este edifício foi datado entre o final do MR IIIA2 ou início do período seguinte. (HASKELL, 1981, p. 226).

Em síntese, a função do vaso com alça em estribo possui paralelos com a da ânfora de abertura oval, as duas formas sendo encontradas em depósitos juntamente com pitos. Eram provavelmente utilizados para o armazenamento temporário e para o transporte de pequenas quantidades de líquidos provavelmente retirados desses últimos. Os elementos acessórios parecem indicar uma preocupação com o conteúdo dos vasos com alça em estribo: alguns artifícios para segurar a rolha, tanto no orifício quanto mantê-la junto ao vaso para posterior reutilização, podem apontar um esforço para evitar o desperdício e para assegurar um transporte eficiente. Há elementos que sugerem a fixação de etiquetas.

Embora fossem exportados desde o início, em pequenas quantidades, é apenas com o tipo FS 164 no MR IIIB que tais vasos foram amplamente utilizados para exportação, viajando pelo Egeu até Chipre, o Levante e talvez até o sul da Itália (HASKELL, 1985, p. 226). Apesar da dispersão no Mediterrâneo, no que diz respeito à circulação interna no continente grego e em Creta, se comparado à distribuição das ânforas de abertura oval, o padrão dos vasos com alça em estribo durante o MM III e o MR I B é bem mais restrito, tendo sido encontrados nos centros administrativos, assentamentos costeiros importantes e nas villas⁹. Tal distribuição pode sustentar a ideia de que sua circulação e conteúdos eram altamente controlados, possivelmente associados à administração central.

3. Usos, funções e apontamentos sobre sua relevância arqueológica

O vaso é definido pelos especialistas como um recipiente especializado para óleo (BENNETT, 1958, p. 40) e vinho (BLEGEN, 1966, p. 342). No entanto é preciso ter em mente que os contextos de uso estudados são recentes. Grande parte dos vasos analisados datam do MR IIIB. A referência epigráfica que associa os vasos ao óleo é o tablete de Pilos mencionado acima, datado da destruição do edifício no final deste período em 1200 a.C.

Catherine Pratt (2016, p. 53) – talvez em uma análise que diferencia o modo de produção doméstico e palaciano proposto por Liverani –, acredita que os vasos com alça em estribo funcionavam em uma esfera econômica diferente das ânforas. Segundo a autora, as ânforas estariam relacionadas a uma economia comercial que é definida pela produção local de cerâmica cujos recipientes transportavam produtos locais que eram enviados para diversos sítios na ilha em contextos considerados seculares. Os vasos com alça em estribo, por sua vez, pertenceriam à chamada economia política, na qual os bens eram encomendados pelas autoridades políticas como parte do tributo. Foram desenvolvidos provavelmente no MM III, final do período Protopalaciano¹⁰, ou no período seguinte, MR

⁹ Alguns sítios, como Hagia Tríada, foram denominados villas por compartilharem como os sítios chamados palacianos algumas características, tais como áreas de armazenamento e uma arquitetura refinada com o emprego de afrescos

¹⁰ A associação feita aqui com uma cronologia baseada na arquitetura dos edifícios administrativos explica-se pela análise de desenvolvimentos de cunho político.

IA, e são restritos aos contextos de elites, possivelmente funcionado como bens de prestígio, talvez associados às mudanças no poder representadas pelos novos edifícios, uma nova organização dos assentamentos, e uma nova iconografia do período Neopalaciano. Nos períodos seguintes, Monopalaciano e Palaciano Final, respectivamente MR II - IIIA1 e MR IIIA2 - B, ter-se-ia a implementação de uma economia política organizada pelos centros administrativos micênicos no continente, perceptível por um modo de produção centralizado, distribuição em centros, padronização e as inscrições em Linear B. Estando, desta forma, associados à economia e a administração micênicas, o desaparecimento dos vasos com alça em estribo no MR IIIC, embora repentino, não pode ser surpreendente. Segundo a autora, com o colapso da economia micênica e o retorno para um padrão de produção e distribuição mais local, a ânfora foi escolhida, ou melhor, continuou sendo o recipiente para transporte por ter um uso mais flexível (líquidos e sólidos), já fazer parte da esfera comercial da economia e por ser mais fácil de ser fabricado (2016, p. 56). Como já exposto, os autores parecem concordar que a fabricação do vaso com alça em estribo requer um alto nível de competência técnica. Desta maneira, a curta vida dos vasos com alça em estribo seria o resultado direto de intervenções políticas no MR IIIA2-B.

Os vasos com alça em estribo podem ser um dos elementos fundamentais para definir a data da destruição final do edifício de Cnossos. Um desses vasos foi escavado em 1901 por Evans em um depósito na ala leste em um porão ao sul do Salão das Colunas, no espaço abaixo da Escadaria de Madeira (Figura IV.19).

A descrição aparece nos diários de Mackenzie datados de primeiro de maio de 1902. O vaso com alça em estribo foi encontrado juntamente com três ânforas, hoje todos perdidos, segundo Erik Hallager (2010, p. 158). A descrição das ânforas não auxilia a datação do depósito, mas o vaso com alça em estribo, sem inscrição, foi descrito como tendo uma decoração com desenho de polvo, estilo atualmente datado do MR IIIB. Brigitta Hallager (2011, p. 360) demonstrou que tal decoração é rara nos grandes vasos com alça em estribo no MR IIIA e que até o momento nenhum foi documentado em um contexto estratificado do MR IIIA2, enquanto que no período seguinte, MR IIIB, eles são encontrados por toda ilha em contextos habitacionais e funerários. Desta maneira, baseado

na evidência atual, deve-se aceitar o MR IIIB como data final para a ala leste de Cnossos e descartar a datação do MR IIIA2.

4. A forma FS 164

Essa é a forma dos grandes vasos com alça em estribo com cerâmica rústica e de exportação e armazenamento. Tal forma só é atestada a partir do BR e todos os vasos com alça em estribo e inscrições em Linear B pertencem a esta categoria. São encontrados em vários contextos, de habitações a armazéns, e em carregamentos de navios. Não são usualmente encontrados em sepulturas, sendo achados ocasionalmente nas de Creta e raramente em tumbas do continente grego. Os contextos de achado caracterizam tal forma como sendo utilitária, servindo principalmente para o transporte e armazenamento de grandes quantidades de líquidos. O ápice de produção e circulação de tais vasos é do BR IIIA2 ao B, um momento político e arqueológico complexo em Creta, mas que corresponde ao auge da expansão comercial micênica. Sua distribuição nos sítios costeiros do leste do Mediterrâneo é ampla, tendo sido exportados dos centros produtores no Egeu para Anatólia, Chipre, a costa da Palestina e o Egito. Sua presença também é atestada nos carregamentos dos navios naufragados em Uluburun, Quelidônia e Irina. Além de fazer parte do que parece ser uma rede intensiva de comércio com o Oriente Próximo, tais vasos também foram encontrados em menor número no sul da Itália, na Sicília e na Sardenha, atestando os contatos com o oeste do Mediterrâneo. Sendo um importante elemento do comércio nesta área, identificar os locais de produção desse tipo de vaso de transporte pode elucidar os padrões de circulação e de contatos no final da Idade do Bronze.

A altura média de tais vasos é 40 centímetros e sua capacidade líquida varia entre 12 e 14 litros. Os vasos com inscrição encontrados em Tebas, por exemplo, possuem altura entre 40 e 48 centímetros e diâmetro máximo entre 27,5 a 32 centímetros. Sua abertura estreita o torna conveniente para o transporte. Comumente uma rolha de argila é inserida na abertura e uma tampa de argila é colocada na borda e impressa com um selo. A forma do bojo possui o mesmo padrão encontrado na cerâmica mais refinada do período: cônica,

ovoide e piriforme. Os contextos de datação bem estabelecidos de dois edifícios de Micenas, discutidos mais adiante, fornecem algumas pistas da evolução dessas formas.

Os escavadores de Troia usaram o termo "aveia" (*oatmeal*) para descrever a pasta de tais vasos (BLEGEN et al., 1953, p. 305-6). Embora muitos possam ser descritos como resistentes, há exemplos de vasos friáveis e com o centro da pasta escuro resultante de uma queima não uniforme. A decoração dessa forma é simples, geralmente constituída de faixas horizontais ou da estilização do polvo na forma de uma ou mais linhas onduladas com ou sem a representação do corpo. Tanto a pintura clara sobre fundo escuro e a pintura escura sobre fundo claro são utilizadas nestes vasos.

4.1. Principais estudos e debates

No início das escavações no Egeu as pesquisas com relação aos vasos com alça em estribo diziam respeito à sua invenção e desenvolvimento, mas nenhum estudo sistemático dos vasos foi realizado. O primeiro a fazê-lo foi Furumark na sua obra sobre a cerâmica micênica publicada em 1941. O autor analisou em detalhe somente as versões continentais, datadas do HR III A ao C.

Foi apenas a partir da década de 1960 que a questão da origem e circulação de tais vasos foi considerada. Benson (1961-1963) foi o primeiro a questionar o local de produção dos vasos com alça em estribo de transporte no seu contexto de achado por todo leste do Mediterrâneo. Ele atribuiu um grupo de vasos encontrados em Cúrio, Chipre, à manufatura continental citando semelhanças com os vasos de Tebas. Embora suas conclusões sejam hoje contestadas, seu trabalho permanece fundamental na medida em que colocava a questão a respeito da origem desses vasos de transporte (HASKELL et al., 2011, p. 10).

Em 1968 Jacques Raison publicou o primeiro *corpus* dos vasos inscritos com 120 exemplares. O autor estabeleceu grupos tipológicos através de comparações com vasos sem inscrições, sendo um dos primeiros a utilizar critérios tipológicos e epigráficos no estudo dessa categoria específica de vasos com alça em estribo. A conclusão do autor, entretanto, é a de que os vasos não eram comercializados, mas produzidos e utilizados localmente.

Ainda que suas conclusões não sejam mais válidas, o seu estudo tipológico permanece sendo. Em 1974 Anna Sacconi continuou este catálogo, complementando-o com vasos encontrados após a publicação de Raison bem como pela publicação dos vasos da escavação de Tirinto de 1909-1910, aos quais teve acesso através do manuscrito de K. Müller. Ela optou por excluir do catálogo os vasos que considerou não terem inscrições em Linear B, mas marcas de ceramista. Seu estudo concentra-se nas inscrições em si, sem análises sobre a tipologia ou a origem dos vasos.

Nem a forma nem a decoração dos vasos permite atribuir-lhes uma origem. Desta maneira Catling e Millet realizaram em 1965 análises químicas em um grupo de vasos de Tebas para determinar os centros de produção tendo em vista que os vasos com alça em estribo de transporte são elementos importantes para o estudo do comércio do final da Idade do Bronze, e os vasos com inscrição para o estudo da administração micênica. A maioria foi atribuída ao leste de Creta, alguns de manufatura local e dois do Peloponeso. Logo de início foram levantadas questões metodológicas, em especial porque muitos dos vasos de Tebas possuem topônimos atribuídos ao oeste de Creta. Na época iniciavam-se as escavações em Cidônia e vasos com inscrições foram encontrados no sítio. Em 1977 os autores revisaram o estudo e atribuíram a proveniência dos vasos de Tebas ao oeste de Creta (HASKELL, et al., 2011, p. 10). Em 1980 realizam análises intensivas com vários vasos com alça em estribo inscritos, mas também com muitos exemplares sem inscrição. O resultado obtido atribuiu 80% desses vasos ao oeste de Creta, distribuídos em dois grupos distintos: α para aqueles com pouco cálcio na composição, e β para uma argila com mais quantidade de cálcio.

A partir desse estudo o foco da discussão mudou da origem para a função de tais vasos. Tal debate foi apresentado no Capítulo II sobre as principais teorias a respeito dos vasos com inscrições em Linear B.

Mais recentemente, em 2011, Haskell, Day, Jones e Killen publicaram um volume dedicado aos vasos com alça em estribo de transporte. Os autores analisam e cruzaram informações sobre a tipologia, análises químicas e físicas com a distribuição dos vasos no Mediterrâneo. Embora consideraram também os achados do sul da Itália e a Sardenha, o foco foi Chipre e a costa Síria-Palestina. A obra sumariza todas as pesquisas sobre tais

vasos, em especial aqueles sem inscrição, normalmente ignorados nas pesquisas sobre o Egeu.

Na introdução da obra sobre os vasos com alça em estribo do Egeu o do leste do Mediterrâneo, os autores defendem que ainda que os vasos com inscrições possuam implicações administrativas importantes, tanto estes quando seus similares sem inscrição devem ser vistos como uma única categoria de vasos para transporte de líquidos (HASKELL, et al., 2011, p. 2). Até o momento, no entanto, nenhum estudo sistemático do conteúdo de tais vasos através da análise dos resíduos orgânicos foi realizado. A evidência epigráfica dos tabletas **PY Fr 1184**¹¹ e **KN K 778**¹² (Figura II.2) associa os vasos com alça em estribo – não necessariamente a forma FS 164 – a perfumistas, implicando o seu uso para óleos perfumados. O contexto arqueológico de Pilos indica que mais de 80% dos vasos encontrados no sítio vieram do edifício a noroeste do edifício central, identificado por Shelmerdine (1985, p. 58-62) como uma oficina de perfumes e em Micenas há a evidência da Casa do Mercador de Óleo discutida mais adiante. Vinho é outra possibilidade. Em Pilos, dois vasos com alça em estribo, embora não da forma FS 164, foram encontrados no cômodo 105 associados a selos com o ideograma para vinho. No naufrágio de Uluburun um vaso com alça em estribo de transporte (ULB04) continha vários tipos de sementes e contas de faiança e pedras. Seu conteúdo aponta para o reuso do vaso que estaria voltando do Oriente Próximo (HASKELL, et al., op. cit., p. 5).

As análises químicas da argila distinguem elementos dentro de grandes grupos, já a análise petrográfica é capaz de estabelecer variações dentro destes grupos, assinalando quantidades específicas de determinados elementos químicos, pois é um estudo mais específico dos elementos minerais. Para o Egeu o magnésio, cálcio e crômio (ou cromo) são os melhores elementos para distinguir as fontes de argila. Na região de Cnossos, como para grande parte do centro de Creta, a concentração desses elementos é maior do que no oeste de Creta, mas semelhante às fontes da região da Beócia no continente grego (HASKELL et al., 2011, p. 79). O estudo dos vasos com alça em estribo de transporte demonstrou que a maioria pertence aos grupos químicos de Cidônia e o oeste de Creta, e o

¹¹ Cf. nota 31 Capítulo II.

¹² Cf. nota 30 Capítulo II.

restante aos grupos atribuídos ao centro de Creta/Beócia. Segundo os autores (op. cit., p. 90) o critério para diferenciar um vaso produzido no centro de Creta de outro fabricado na Beócia repousa na manufatura do mesmo, uma vez que os vasos do continente têm pasta mais refinada que os de Creta, bem como a decoração, pois o motivo do polvo é comum nos vasos de Creta e os motivos florais nos vasos continentais. O estudo realizado pelos autores aponta para o fato de que a maior parte dos vasos produzidos no continente não se destinavam à exportação, com exceção dos fragmentos com sinais ciprio-minoicos incisos.

4.2. Os vasos de Micenas

As escavações de Micenas forneceram indícios valiosos sobre a evolução e o uso de tal forma. Encontrados em dois edifícios nas escavações supervisionadas por Allan Wace entre 1950 e 1952, a saber, a Casa do Mercador de Vinho (*House of the Wine Merchant*) e a Casa do Mercador de Óleo (*House of the Oil Merchant*). Conjuntamente, os dois edifícios possuem 77 exemplares de vaso com alça em estribo da forma FS 164, considerado o segundo maior depósito após os 120 vasos encontrados no Cadmeion de Tebas. Com uma única possível exceção (**MY Z 300**), nenhum desses vasos de Micenas possui inscrição, mas a evidência aponta, como para o caso de muitos vasos com alça em estribo de fabricação rústica, que eles foram produzidos em Creta.

Nos últimos 50 anos muitos estudos realizados sobre os vasos com alça em estribo de cerâmica rústica, mas em geral com aqueles que possuem inscrições em Linear B. Desta maneira, as evidências dos vasos de Micenas lançam luz sobre o contexto de uso e exportação dos vasos rústico sem inscrição.

A Casa do Mercador de Óleo¹³ foi escavada por J. M. Dow entre 1950 e 1952 sob a coordenação de Wace. Localiza-se ao sul da Tumba da Clitemnestra e faz parte de um complexo de edifícios claramente relacionado a atividades comerciais: a Casa oeste, a casa dos Escudos e a Casa das Esfinges. Apenas o porão do edifício restou. Um longo corredor

¹³ Nomes anteriores: *Blegen's House* (porque foi Blegen quem sugeriu o local da trincheira onde foi encontrado o edifício) e *House of Stirrup-Jars* (nome abandonado depois da descoberta do outro depósito de vasos com alça em estribo na Casa do Mercador de Vinho).

norte-sul corre ao longo do lado oeste do porão, com salas abrindo-se para leste. No extremo norte deste corredor os vasos com alça em estribo foram encontrados amontoados, muitos ainda com as rolhas. Wace supôs que seriam um carregamento pronto para ser despachado, mas é igualmente plausível que seja um carregamento que acabara de chegar. No total são 27 grandes vasos da classificação FS 164 e três pequenos vasos de argila mais refinada. A oleosidade da argila, bem como a descoberta de um tablete relacionado ao pagamento (*disbursement*) de óleo (MY Fo 101¹⁴) atrás de um dos pitos da Sala 1, fez com que Wace acreditasse que se tratava de uma casa que pertenceu a um mercador de óleo (apud HASKELL, 1981, p. 230), propondo que se trata de uma fábrica de perfumes devido à disposição de um mecanismo de aquecimento sob um dos pitos na Sala 1. Mais de 37 tabletes foram encontrados na Sala 2, aparentemente caídos do andar superior. Versam sobre consignação de lã e lista de homens, sugerindo que uma variedade de atividades era conduzida no edifício. A data do depósito é bem assegurada pois o edifício foi saqueado e queimado, e os vasos com alça em estribo quebrados, datam do final do MR III B (FRENCH, 1967, 151).

A Casa do Mercador de Vinho está localizada no sítio do Edifício do Terraço Ciclópico, a 100 metros ao norte do Círculo Funerário B. Foi escavado por S. Hood e E. B. French entre 1951 e 1952 também sob a coordenação de Wace. Consiste em um grande

| | | | | |
|------------------|-----------------|-----------|-------------|----------|
| ¹⁴ .0 | vac. | | | |
| .1 | a-ne-a2 | V 3 | pa-ṇa-ki | V 1 |
| .2 | ma-no | V 1 | a-na-*82 | V 1 |
| .3 | to-ti-ja | V 1 | we-i-we-sa | V 1 |
| .4 | ke-ra-so[] | V 1 | | |
| .5 | pi-we-ri-ṣi | S 1 | tu-mi-[] | Y 1 |
| .6 | ko-ma-ta | V 1 | na-ta-ra-ma | V[1 |
| .7 | pe-ta-[•] | V 1 | pu-ka-ro | Y[1 |
| .8 | o-ta-ki | V 1[] | | vac. [] |
| .9 | e-ro-pa-ke-ja | OLE+WḂE 1 | | |
| .10 | a-ke-ti-ri-ja-i | V 4 | | |
| .11 | vac. | | | |
| .12 | vac. | | | |
| .13 | vac. | | | |
| .14 | vac. | | | |
| .15 | to-so | OLE+WḂE 2 | S 1 | V 1 |
| .16 | vac. | | | |

Fonte: Damos Disponível em: <<https://www2.hf.uio.no/damos/#5570>> Acesso 29.ago.19.

depósito contendo pelos menos 50 vasos com alça em estribo¹⁵ encontrados juntamente com pitos e suportes de argila. Também foi encontrado um ritão, que os escavadores acreditam que era utilizado para encher os vasos com alça em estribo com o conteúdo dos pitos. A atribuição de Wace ao depósito a um mercador de vinhos se deve a relativa condição de limpeza da argila dos vasos com alça em estribo em oposição à argila oleosa daqueles encontrados da Casa do Mercador de Óleo (HASKELL, 1981, p. 226). Como apresentado anteriormente este edifício data entre o final do MR IIIA2 ou do início do MR IIIB, sendo, portanto, anterior ao depósito da casa do Mercador de Óleo.

Os dois edifícios possuem contextos entre 130 e 70 anos de separação, e os vasos da Casa do Mercador de Vinhos seriam os únicos vasos com alça em estribo de fabricação rústica do século XIV a.C. no continente. As formas piriforme e ovoide-piriforme dos vasos da Casa do Mercador de Vinho possuem um paralelo em Creta durante o MM IIIA. A partir do MM IIIB, a forma ovoide tornou-se o padrão para os vasos maiores enquanto que o tipo piriforme restrito aos vasos menores. Os vasos da Casa do Mercador de Óleo se encaixam neste estágio de desenvolvimento das formas sendo seus vasos da forma ovoide e cônica-ovoide. Há uma distinção observável no estilo decorativo também. Na Casa do Mercador de Óleo 21 vasos apresentam pintura clara sobre escuro e apenas 6 escura sobre claro. Já na Casa do Mercador de Vinho 36 possuem pintura escura sobre claro, 21 clara sobre escuro e um vaso não recebeu decoração pintada. Ambos edifícios, bem como o Cadmeion em Tebas, possuem vasos importados, mas também alguns poucos exemplares produzidos localmente. Todos os tipos com pintura clara sobre fundo escuro – com exceção de um, e um vaso com pintura escura sobre claro da Casa do Mercados de Vinho –, são de oeste de Creta grupo α . O mesmo estudo demonstrou que a maioria dos vasos com inscrição provém da mesma região. A ligação com Cnossos não é certa¹⁶, mas os resultados problemáticos de um grupo de vasos da Casa do Mercado de Óleo apontam para uma origem no centro de Creta. A mistura de vasos de várias origens de fabricação dos vasos

¹⁵ O número de vasos é incerto, dado que há um considerável número de fragmentos, mas é seguramente maior que 50.

¹⁶ Considerar a existência de um vaso com alça em estribo com sinais em Linear B na Casa Inexplorada em Cnossos (**KN Z 1716**) é um indício de literacia no sítio durante o MR IIIB.

pode ser um argumento contra a ideia de Wace de que se tratava de um carregamento pronto para ser enviado. Haskell, no entanto, ressalta que é preciso considerar a reutilização de tais recipientes uma vez que tais vasos, segundo o autor, eram difíceis de serem produzidos (1981, p. 236).

4.3. Breve apresentação dos contextos de achado dos vasos com inscrição

Aqui gostaríamos de discutir alguns aspectos com relação aos contextos de achado dos vasos e fragmentos com inscrições dos sítios de Tebas, Tirinto, Cidônia, Micenas e Cnossos. Os demais já foram apresentados no capítulo III.

4.3.1 Tebas

Em Tebas apenas doze exemplares não vieram do Corredor Delta do Cadmeion (Figura IV.20). **TH Z 859, 860, 861 e 862** não possuem o contexto indicado. **TH Z 876** veio do mégaron do Cadmeion, **TH Z 975** foi encontrado a 200 metros do Cadmeion e os fragmentos **TH Z 976 a 981** pertencem ao Cadmeion sem especificação do local.

Assim sendo, a maior parte dos vasos e fragmentos do sítio (83,78 %) vieram de um contexto bem definido de armazenamento onde foram encontrados cerca de 120 vasos com alça em estribo, dos quais 62 possuem inscrições.

A questão em Tebas é com relação à datação do edifício e da sua destruição. A escavação do Cadmeion foi realizada por Antonios Keramopoulos a partir de 1906, quando este edifício do Heládico Recente foi evidenciado no centro antigo da moderna cidade de Tebas. Em 1963 escavações de salvamento em consequência de intervenções urbanísticas na cidade revelaram outro edifício próximo ao Cadmeion (Figura IV.21) com uma orientação diferente e com uma cerâmica da Idade do Bronze datada de períodos mais recentes. Este edifício foi considerado um novo palácio (Novo Cadmeion) e teria substituído o Cadmeion que, então, passou a ser chamado de Antigo Cadmeion. Um debate se seguiu com relação à datação dos dois edifícios e se realmente se tratavam de dois

edifícios (DAKOURI-HILD, 2001, p. 83). Partindo-se do pressuposto que seriam estruturas de épocas diferentes a destruição do Antigo Cadmeion foi datada do HR IIIA1/2 e a do Novo do IIIB. No entanto, Raison (1968) chamou atenção para o fato de que no Antigo Cadmeion no corredor Delta sob a escadaria vários vasos com alça em estribo foram encontrados. A maioria estava provavelmente alojada no primeiro andar do edifício, e o fogo intenso que chegou a derreter as paredes do Antigo Cadmeion parece ter sido alimentado pela estrutura de madeira da escadaria e pelo combustível do conteúdo dos vasos. Estilisticamente tais vasos são datados do HR IIIB, data que mais recentemente também foi atribuída aos vasos com inscrição. Assim, Anastasia Dakouri-Hildd (2001, p. 101) propôs uma data do HR IIIB1 para a destruição do Antigo Cadmeion, e IIIB2 para o Novo.

4.3.2 Tirinto

Dos 47 vasos e fragmentos de Tirinto, apenas sete não vieram do mesmo contexto dentro da Cidadela, o problema é que esse contexto em si não é bem conhecido, tendo sido indicado pelos escavadores do início do século XX que se tratava do setor 42 da Cidadela (Figura IV.22). Acreditamos que se trata de uma área de armazenagem, muito similar ao que há no sítio de Micenas onde muitos edifícios do interior da cidadela funcionam como anexos do edifício principal.

Fora da cidadela foram encontrados **TI Z 28** junto ao muro, mas na parte externa e **TI Z 30+fr, 52 e 53** na Cidade Baixa. **TI Z 9** veio da necrópole de Tirinto, Hagios Ilios. **TI Z 10 e 54** não tiveram o contexto publicado.

4.3.3 Cidônia

O corpus de Cidônia pertence a vários contextos da região de Castelli Hill¹⁷, em especial na área dentro e ao redor dos Edifícios I e II (Figura III.7). O Edifício II é

¹⁷ Para exemplares com o mesmo contexto ver Anexo IV (Análises: Mesmo contexto arqueológico).

conhecido como o Casa do Linear B, pois dele vieram quatro dos seis fragmentos de tabletes em Linear B do sítio. **KH Z 43**, que porta uma inscrição provavelmente associada ao *wanax*, também é deste edifício. Outro fragmento que talvez esteja também associado ao *wanax*, **KH Z 16**, foi encontrado entre os edifícios I e II. Três fragmentos, **KH Z 23, 24 e 25**, foram encontrados junto com material relacionado ao santuário. É interessante notar que estes fragmentos não são vasos com alça em estribo, mas esquifos.

4.3.4. Micenas

Dos 16 vasos e fragmentos de Micenas, sete vieram de contextos no interior da Cidadela. Dentre eles **MY Z 204 e 206** vieram da Casa das Colunas e **MY Z 715 e 717** da Casa Sul (Figura IV.23) e **MY 714** da Casa dos Artistas. **MY Z 713** veio de uma casa da Cidadela no setor Gama 12. **MY 712** foi encontrado na região norte junto à muralha.

Outros seis estavam fora da Cidadela. **MY Z 202 e 203** que foram escavados na região do Muro de Poros (Figura IV.24). **MY Z 300** veio da Casa do Mercador de Vinhos e **MY Z 664** da Casa Oeste que pertence ao grupo das Casa dos Marfins. **MY Z 718** da Casa Petsas (Figura IV.25) e **MY Z 716** de fora das muralhas.

Sem contexto são os exemplares **MY Z 201, 202, 205 e 207**, os dois últimos sendo refugio da escavação de H. Schliemann.

4.3.5. Cnossos

Em Cnossos o único exemplar que veio do palácio, especificamente da Corte das Rocas (Figura IV.26), é **KN Z 1715**, mas trata-se de um esquifo. **KN Z 1716** e o fragmento não publicado que traz a inscrição ***56-ko-we**, vieram de edifícios vizinhos, a casa Inexplorada e o Pequeno Palácio (Figura IV.27), respectivamente.

4.3.6. Mália

Todos os vasos de Mália foram encontrados na quadra Nu, local onde se acredita ter tido uma ocupação micênica. **MA Z 3** e **4** foram encontrados no mesmo edifício, prédio E (leste), em salas contíguas: X 12 e 13, enquanto que **MA Z 1** e **2** pertencem ao Edifício W (oeste), salas IV e II, respectivamente (Figura IV.28).

5. Síntese

Os vasos com alça em estribo são uma categoria cerâmica bem conhecida nas pesquisas do final da Idade do Bronze. Há estudo e debates fundamentais a respeito desta forma em detrimento do estudo de outras formas, tais como a ânfora, pelos motivos elencados ao longo deste capítulo: ser a marca registrada da cerâmica do Egeu para o período, seus elementos tipológicos identificadores facilmente reconhecíveis e, também, pelas inscrições em Linear B presentes em alguns exemplares da forma FS 164. Com relação a esta última característica, é em razão dela que se desenvolveu, para o período, o estudo de vasos elencados como rústicos e de uso doméstico e utilitário, uma abordagem por vezes relegada nas pesquisas arqueológicas em favor dos vasos decorados e considerados de acabamento refinado, geralmente associados a sepultamentos e contextos ritualísticos. Tal dado não impediu, no entanto, que alguns casos houvesse ausência de referências de contexto com relação aos achados, como é o caso dos vasos de Tirinto que foram encontrados no início do século XX.

A disponibilidade desta documentação publicada, definiu, em parte, o objeto de estudo da nossa pesquisa, uma vez que não havia a possibilidade de se estudar os artefatos em si. Com relação aos vasos com inscrição, tem-se um número limitado de exemplares, a maioria publicados de maneira sistemática nos catálogos a respeito, alguns provenientes de escavações mais recentes, como os de Cidônia.

O estabelecimento do desenvolvimento da forma em Creta, seu uso em grande escala nas atividades econômicas micênicas e sua íntima relação com a administração central e, em especial, com o uso da escrita Linear B, tornam o vaso com alça em estribo,

sobretudo a forma FS 164, um artefato arqueológico de relevância múltiplas nos estudos a respeito do final da Idade do Bronze. Para elencar algumas abordagens é possível se debruçar sobre as relações culturais e de aculturação entre micênios e minoicos, no comércio de longa distância e das redes de contatos no Mediterrâneo, nos usos da escrita na administração micênica, ou no controle e esfera de atuação da economia central micênica e sua atuação direta ou indireta em Creta. Este último diz respeito diretamente ao recorte da nossa pesquisa, embora não se possa deixar de lado questões periféricas a respeito do comércio no Mediterrâneo neste período.

CAPÍTULO V

Análise do corpus documental

Até o presente momento são conhecidos 199 vasos com inscrição em Linear B (Tabela IV.1), a maior parte publicada¹. Do número de vasos publicados (197), 124 tiveram as argilas analisadas para determinar a proveniência e os estudos apontaram que 105 (84,67 %) têm sua origem no oeste de Creta. Apenas doze recipientes não são vasos de transporte com alça em estribo – um dos quais com uma inscrição incisa após a queima (**DI Z 1**) –, e apenas um dos vasos com alça em estribo teve a inscrição incisa e não pintada (**KH Z 16**). Desta maneira, nosso catálogo inicial era composto de 184 vasos com alça em estribo, ou fragmentos, que portam inscrições em Linear B pintadas antes da queima. No decorrer das nossas análises e estudos, entretanto, consideramos relevantes incluir na discussão os demais vasos.

Tabela IV.1 – Números totais

| Sítio | Total | Argila analisada |
|-------------------------|--------------|-------------------------|
| Tebas | 74 | 54 (72,97 %) |
| Tirinto | 46 | 20 (43,47 %) |
| Cidônia | 44 | 36 (81,81 %) |
| Micenas | 16 | 7 (43,75 %) |
| Mália | 4 | 2 (50 %) |
| Cnossos | 3 | 2 (66,66 %) |
| Midea | 2 | 1 (50 %) |
| Armêni | 1 | 0 |
| Caverna Mameluco | 1 | 0 |
| Dimini | 1 | 0 |
| Elêusis | 1 | 1 (100 %) |
| Gla | 1 | 0 |
| Crêusis | 1 | 0 |
| Orcômenos | 1 | 1 (100 %) |
| Prínias | 1 | 0 |
| TOTAL | 197 | 124 (62,94 %) |

Fonte: Tabela elaborada por MONZANI, J.

¹ Para o principal corpus de vasos com inscrições ver RAISON, J. 1968 e SACCONI, A. 1974 e 2012. Os vasos ainda não publicados são o de Esparta, **KN Z ?** e **SID Z 1**

É sempre salutar ter-se em mente as questões relacionadas à formação do registro arqueológico, considerando o que não foi preservado e não chegou até nós. No entanto, não podemos trabalhar em cima de evidência negativa, mas apenas da documentação disponível. O que a documentação aponta, no entanto, é bastante relevante. Há uma grande concentração de tais vasos em dois sítios continentais na Beócia e na Argólida e nos sítios próximos nessas duas regiões (Mapa IV). Há, também, a ausência em outros, como é o caso de Pilos. Partimos então do pressuposto que não se trata de obra do acaso, mas de um quadro arqueológico específico no qual os sítios de Tebas e Tirinto estão relacionados com a produção e consumo dos vasos com alça em estribo que portam inscrições. Da mesma forma, as análises químicas e petrográficas da argila dos vasos determinou que a maioria foi produzida no oeste de Creta, o que é sustentado pela existência do terceiro maior conjunto de vasos e fragmentos (44) no sítio de Cidônia. Cerca de 72,5% dos vasos publicados foram encontrados no continente (143) e 27,4% (54) em Creta. Apenas três vasos do continente (**OR Z 1**, **KR Z 1** e **EL Z 1**) e sete de Creta (**ARM Z 1**, **MA Z 1 a 4**, **MAM 1** e **PRI Z 1**) foram encontrados fora de contextos administrativos. Ainda não há nenhum vaso com inscrição encontrado comprovadamente fora do continente grego e de Creta, com apenas uma possibilidade: um vaso encontrado em Sídón (**SID Z 1**), ainda não publicado, proveniente do oeste de Creta (de acordo com as análises da composição da argila) e com um desenho que poderia representar o signo *22 (KARAGEORGHIS, 2008). Já os vasos de transporte com alça em estribo sem inscrição foram encontrados por todo o Mediterrâneo. Os outros documentos em Linear B que parecem ter viajado são os nódulos com impressão de selos que teriam uma área mais restrita de deslocamento, tendo sido transportados unicamente entre o campo e os centros administrativos. O período de circulação dos vasos inscritos é bem estabelecido e circunscrito ao final do século XIV a.C. e início do século XII a.C. (MR/HR IIIB). As inscrições foram pitadas no ombro, bojo ou disco do recipiente antes da queima com exceção de dois vasos que foram incisos depois da queima: **DI Z 1**, **KH Z 16**.

A pesquisa se iniciou com o levantamento de todos os vasos com inscrição em Linear B mencionados pela literatura, publicados ou não. Deste recenseamento elaborou-se um primeiro catálogo que é o corpus de análise. Consideramos ser um vaso quando o mesmo se encontra inteiro, ou incompleto, mas em grande parte reconstituído. O estudo realizado aqui tem por metodologia a seriação baseada nas inscrições, tendo como objetivo procurar padrões que possam ser reconhecíveis e identificar, desta

maneira, algum tipo de relação específica entre Creta e o continente. Para tanto selecionamos os critérios de análise na seguinte ordem de importância para a formação de grupos de vasos: 1. Inscrição; 2. Local de achado; 3. Proveniência; e 4. Motivos decorativos.

Entendemos que as inscrições são o primeiro critério de análise pois defendemos que é a inscrição, e não o vaso, o motivo da produção do recipiente, e que tais inscrições se inseriam dentro do sistema administrativo micênico. Vasos com alça em estribo de transporte existem em grande quantidade, mas aqueles que receberam inscrições estariam inseridos no universo do controle administrativo. Uma vez tendo estabelecido este ponto, o segundo critério de análise é o local de achado, considerando o contexto primário. Partimos do pressuposto que os vasos encontrados em Tebas (74) e Tirinto (46) foram destinados a tais locais, sendo, assim, seu contexto primário de uso. Para confirmar esta hipótese faz-se necessário estabelecer grupos específicos cujo fluxo se destinasse a tais sítios continentais. Assim sendo, o local de produção se torna igualmente importante para estabelecer relações específicas entre produtor e quem comandava e controlava a produção. Por fim, os motivos decorativos podem contribuir para identificar oficinas específicas associadas às inscrições ou aos sítios.

Dentro dos critérios elencados acima, fica evidente que o cerne da nossa análise se centra nos sítios de Tebas, Tirinto e Cidônia, de onde são provenientes 164 vasos e fragmentos. O estudo que se segue estabeleceu a elaboração do catálogo final, no qual preferimos agrupar os vasos que consideramos que pertençam ao mesmo grupo para facilitar a comparação e a análise. Sugerimos a leitura a seguir acompanhada do catálogo.

1. Grupo A: inscrições com três palavras

Este grupo é o que mais se aproxima da fórmula encontrada nos tabletes associados aos coletores de rebanhos, em especial, ovelhas. Tal fórmula é estruturada na combinação de três palavras: antropônimo no nominativo + topônimo + antropônimo no genitivo. Aqui não incluímos o vaso encontrado em Elêusis que discutiremos separadamente. É interesse notar que eles partilham o mesmo topônimo, com exceção da última inscrição cujo o topônimo não foi preservado.

1.1. Grupo wa-to

Topônimo – oeste de Creta (VENTRIS; CHADWICK, 1973, p. 99 e 590)

Vasos: **TH Z 846, 849, 851, 852, 853 e 854**

Tabletes: KN Co 903, 902 (83) Np 7423

a-re-i-me-n wa-to re-u-ko-jo (Catálogo páginas 188 a 190)

Vasos: **TH Z 849, 851 e 852**

Fragmentos: **TH Z 882 e 884γ**

a-re-i-me-ne

Antropônimo masculino (VENTRIS; CHADWICK, 1973, p. 99 e 533)

Variante: *a-re-me-ne*

re-u-ko-jo

Genitivo de re-u-ko – Leukós (VENTRIS; CHADWICK, 1973, p. 99 e 579).

Tabletes: PY Na 615, MY Oi 705

TH Z 884γ originalmente não foi alocado pelos autores neste grupo. Nós o incluímos data a proximidade da inscrição, ainda que seja uma inscrição parcial.

e-u-da-mo, wa-to, ri*82-ta-o (Catálogo página 190)

Vaso: **TH Z 853**

e-u-da-mo

Antropônimo masculino: Eudamos (VENTRIS; CHADWICK, 1973, p. 547).

Tabletes: KN B 799 e X 57

ri*82-ta-o

Hápx

Antropônimo no genitivo (VENTRIS; CHADWICK, 1973, p. 580).

pi-pi wa-to su-ro-no (Catálogo páginas 191 e 192)

Vasos: **TH Z 846 e 854**

Fragmento: **TH Z 878**

pi-pi

Antropônimo masculino (VENTRIS; CHADWICK, 1973, p. 571)

su-ro-no

Antropônimo no genitivo (VENTRIS; CHADWICK, 1973, p. 583)

e-wa-ko[] ka-ma-ti-jo-jo (Catálogo páginas 192 a 194)

Vaso: **TH Z 850**

Fragmentos: **TH Z 883, 884α** e talvez **962 e 963**.

e-wa-ko-ro

Antropônimo masculino (VENTRIS; CHADWICK, 1973, p. 547)

Tablete: KN V 1005

Provável variação de: e-u-wa-ko-ro

Tablete: PY Jn 431

ka-ma-ti-jo-jo

Antropônimo no genitivo (VENTRIS; CHADWICK, 1973, p. 99 e 550)

A inclusão de **TH Z 962 e 963** neste grupo e não no grupo **a-re-me-ne** se deveu ao fato de Raison (1968, p. 76) considerar que se trata do mesmo pintor de **TH Z 850**. Ainda que não se possa ter certeza que a inscrição seja a mesma, é muito provável que pertença ao grupo de inscrições com três palavras por trazer o sinal **jo**, marca do genitivo no segundo antropônimo nas inscrições de três palavras.

Este é o grupo em que encontramos o maior número de padrões reconhecíveis. O primeiro deles é que todos os vasos com este tipo de inscrição, situada no bojo, foram encontrados em Tebas, no Corredor Delta do Cadmeion. Em segundo lugar, todos foram analisados, exceção feita ao fragmento **TH Z 884γ**, e foram atribuídos ao oeste de Creta grupo β . Há uma padronização também com relação à inscrição e os motivos decorativos. Os vasos com **a-re-me-ne**, a inscrição encontra-se entre duas faixas duplas que contornam o vaso. Essa também é a disposição encontra no vaso **e-u-da-mo**, cuja argila e forma do vaso, no entanto, o aproxima do vaso de Elêusis. Já a inscrição dos vasos **pi-pi** encontra-se também compreendida entre faixas lineares, sendo uma faixa na parte inferior e duas na superior. Por fim, nos vasos **e-wa-ko-ro**, a inscrição está entre duas faixas simples. Com relação ao recipiente, também observamos uma padronização com relação à forma, altura, diâmetro e tamanho da inscrição, como demonstrado na Tabela V.2., em especial nos vasos do grupo **a-re-me-ne**.

Tabela V.2. Comparação dos vasos do grupo wa-to.

| Inscrição | Vaso | Altura do vaso | Diâmetro máximo | Tamanho da inscrição |
|-------------------|-----------------|----------------|-----------------|----------------------|
| a-re-me-ne | TH Z 849 | 0,44 m | 0,28 m | 0,125 m |
| | TH Z 851 | 0,445 m | 0,28 m | 0,13 m |
| | TH Z 852 | 0,45 m | 0,285 m | 0,12 m |
| e-u-da-mo | TH Z 853 | 0,44 m | 0,28 m | 0,10 m |
| pi-pi | TH Z 846 | 0,445 m | 0,285 m | 0,15 m |
| | TH Z 854 | 0,48 m | 0,305 m | 0,12m |
| e-wa-ko-ro | TH Z 850 | 0,45 m | 0,305 m | 0,09 m |

1.2 Grupo wa-na-ka-te-ro /wa

Neste grupo estão presentes vasos com a inscrição **wa-na-ka-te-ro**, entendido como do *wanax*, ou o que é reconhecido como a sua abreviação, o sinal **wa**.

Vasos: **EL Z 1** (possíveis paralelos de **KH Z 7 e 41**), **KH Z 43**, **TH Z 839**

Fragmento: **TI Z 29**

A despeito de terem uma inscrição semelhante, este conjunto de vasos é bastante distinto entre si. Desta maneira optamos por analisar cada um separadamente.

EL Z 1 (Catálogo p. 195)

Inscrição:

1. da-*22-to
2. da-pu₂-ra-zo, wa,

da-*22-to

Topônimo (VENTRIS; CHADWICK, 1973, p. 538)

Tabletes: KN Ak 637+7025, As 40, C 59, Da 1127, 1147, 1353+1467, 1401, 7090, Db 1373+1475, Dc 439+5762, 1129+1131, 1130, 1148, Dd 1149, 1150, de 1151, 1152, 1153+7212, Dk 920+7294+7330, Dn 1093, Dv 5730, 7151, Dx 1239, G 464, Uf 839 talvez Dv 44.1, 445, 1086, 1139, 1503+7183, 5715, Dx 741, 8242, Mc 4456+4477, X 131, 7553, 7741, 7786.

da-*22-ti-jo/ja

Étnico (VENTRIS; CHADWICK, 1973, p. 538)

Tabletes: KN F 669, Mc 1508+1528+1564, L 544, 756, 1002+5766+7650

da-pu₂-ra-zo (VENTRIS; CHADWICK, 1973, p. 538)

Variações dos antropônimos da-pu₂-ra (KN V 479.3) ou du-pu₂-ra-zo (KN V 479, Da 1173+7121)?

wa

Abreviação de **wa-na-ka-te-ro** (VENTRIS; CHADWICK, p. 589)

Tablete: KN Le 654

É o único vaso completo com uma inscrição de três palavras alocada no ombro. Para que isso fosse possível uma linha divisória foi traçada criando dois campos para a escrita. **EL Z 1** é o resultado de uma decisão consciente que pressupõe um estudo cuidadoso do espaço disponível para a inscrição. Segundo Bennett (1986, p. 143), o pintor desenhou cuidadosamente os sinais para ocuparem o espaço dentro das linhas. Uma interessante questão que se coloca é por que o pintor decidiu colocar uma inscrição de três palavras no ombro quando a regra parece ser alocá-las no bojo. A resposta mais simples é que o ombro é o melhor lugar para a leitura do texto. Tal explicação, no entanto, não dá conta dos vasos com três palavras inscritas no bojo. No caso atípico de **EL Z 1** talvez tenhamos que considerar que estamos lidando com um vaso pintado por um escriba, familiarizado, portanto, com a tradição dos tabletes. Um elemento que reforça tal ideia é a de que se trata de um vaso atribuído ao *wanax*, pois os autores consideram que **wa** seja a abreviação do adjetivo **wa-na-ka-te-ro**, literalmente, do *wanax*. **EL Z 1** pode ser, talvez, por todos os seus elementos distintivos, o melhor exemplo de um pintor letrado ou de que um escriba da administração central poderia produzir a inscrição de um vaso.

O contexto do vaso também é único. Encontrado no ângulo noroeste do Pequeno Propileu em Elêusis, no edifício da Idade do Bronze de função desconhecida E SU 12, locus 1, este vaso é, até o presente momento, o único documento em Linear B encontrado na Ática. Pertence a um grupo de inscrições em vaso cujo contexto consideramos secundário por não serem centros administrativos, dentre os quais incluímos, além de Elêusis, Orcômenos, Crêusis, a necrópole em Arméni, a Caverna Mameluco e Prínias. O sítio também possui poucos vasos com alça em estribo, apenas três fragmentos desse tipo de vaso foram reportados (PETRAKIS, 2014, p. 209). A datação do contexto também é atípica, **EL Z 1** foi encontrado juntamente com 20 fragmentos de cerâmica do *Granary Style*, datados do HR IIIC. Os vasos com inscrição, no entanto, são todos atribuídos ao HR IIIB. Não há nenhum elemento no vaso que especifique que **EL Z 1** não pertença ao IIIB e seu achado em um contexto do IIIC sugere sua reutilização e/ou manutenção associada a posterior deposição em um contexto secundário. As análises petrográficas atribuíram sua origem ao grupo β do oeste de Creta.

Na nossa análise **EL Z 1** é um exemplo que demonstra as conotações de prestígio que um vaso inscrito importado poderia adquirir, aumentando o ciclo de vida

e a preservação de tais recipientes, incorporando-os a outras esferas de circulação que não somente as associadas à administração central.

KH Z 7 e 41 (Catálogo p. 195 e 196)

Erik Hallager (2011, p. 415, 149, 412-423) considera que os fragmentos de Cidônia **KH Z 7 e 41** também seriam inscrições de duas linhas alocadas no ombro

O caso de **KH Z 41** é mais difícil de analisar pois trata-se de um pequeno fragmento do ombro com alguns traços que o autor considera serem de um sinal pequeno, o que indicaria uma inscrição de duas linhas. O sinal representado seria **zo**. Foi encontrado na área SE 20-fosso B de Cidônia nas campanhas de escavação coordenada por E. Hallager e B. Hallager em 1970-1987 e 2001. No mesmo fosso, datado do MR IIIB2, estavam os fragmentos **KH Z 26, 36 e 39**.

Já **KH Z 7** é um fragmento de ombro e pescoço falso onde se pode ler um **to** muito semelhante em tamanho, grafia e localização encontrada em **EL Z 1**. Este fragmento não tem um contexto muito bem determinado, pertencendo às escavações de Tzedakis em 1966 em Castelli Hill e datado do MR IIIB (HALLAGER, op. cit., p. 415).

Em síntese, **EL Z 1** é definitivamente uma inscrição única. Seu contexto de achado e datação, no entanto, não nos permite relacionar tal vaso com outros no intuito de estabelecer um grupo. Sua associação com **KH Z 41** é muito frágil, mas se aceita pode estipular a data de fabricação do vaso de Elêusis no final do HR IIIB, reforçando a ideia que sua preservação se deu por ter se tornado um objeto de prestígio e que seu contexto de deposição é secundário. Já sua aproximação com **KH Z 7**, ainda que interessante, apenas nos permite afirmar que o vaso teria sido produzido no oeste de Creta, pois além de provavelmente portar a mesma inscrição ambos foram atribuídos ao grupo β nas análises petrográficas.

TH Z 839 (Catálogo p. 196)

Inscrição: **ka-u-no, o-du-ru-wi-jo, wa-na-ka-te-ro**

ka-u-no

Hápax, antropônimo masculino (VENTRIS; CHADWICK, 1973, p. 552)

o-du-ru-wi-jo

Tabletes: KN Ai 982, C 902

Étnico de o-du-ru-we: topônimo (VENTRIS; CHADWICK, 1973, p. 564)

tablete: KN C 902

wa-na-ka-te-ro

Adjetivo: do wanax (VENTRIS; CHADWICK, 1973, p. 589)

Tabletes: KN X 976, PY En 74, 609, Eo 160, 276, Er 312

Se comparado ao vaso de Cidônia **KH Z 43** que analisaremos abaixo, **TH Z 839** possui muitas qualidades superiores: da argila à forma do vaso, passando pela decoração e, sobretudo, na inscrição bem traçada e planejada entorno do vaso. É atribuído ao oeste de Creta grupo α e possui uma pintura clara sobre fundo escuro (como é o caso de todos os vasos com este tipo de decoração).

TH Z 981 (Catálogo p. 197)

Recém-publicado (GODART; SACCONI, 2017), é um fragmento que traz a inscrição parcial]**du-ru**[e, talvez, tenha a mesma inscrição de **TH Z 839**. **TH Z 981**, no entanto, traz a decoração de pintura escura sobre fundo claro.

TI Z 29 (Catálogo p. 197)

Inscrição:]**ri-jo wa-na-ka**[

]ri-jo

Reconstituído **si-ra-ri-jo** étnico

wa-na-ka[

Reconstituído **wa-na-ka-te-ro**

Este fragmento não foi analisado com relação à proveniência da argila e preservou apenas uma parte da decoração: pintura escura sobre fundo claro consistindo

em duas linhas acima da inscrição. Como em **TH Z 839** percebe-se um cuidado no traçado dos sinais da inscrição, feita no bojo.

KH Z 43 (Catálogo p. 198)

Inscrição: **ze-ta-ro, wa**

zetaro

Hápax, antropônimo masculino

Apesar de ser atribuído ao *wanax* por conta da sua inscrição, esse vaso carece de decoração e o traçado dos sinais não possui um padrão regular se comparado a **TH Z 839** ou a **TI Z 29**. Podemos pensar novamente em uma produção local fora da esfera dos escribas e da administração ou, que afinal, **wa** não seria abreviação de **wa-na-ka-te-ro**, mas não se saberia atribuir outro sentido.

1.2.1 Síntese

O grupo **wa-na-ka-te-ro** possui poucos exemplares atribuídos a locais de achados distintos. Podemos concluir que se trata de um tipo raro de inscrição destinado à figura do mais alto grau hierárquico do mundo micênico e da existência dessa figura nos sítios relacionados, ou seja, Cidônia, Tebas, Tirinto e na Ática.

2. Grupo B: inscrições com apenas uma palavra em mais de um vaso

2.1. Grupo B1: antropônimo

Este é o maior grupo identificado. Acreditamos se tratar de uma adaptação da estrutura de três palavras dos tabletes para um novo suporte, o vaso. Tal adaptação seria devido a dois fatores. Primeiramente a possibilidade de dispor a inscrição no ombro do recipiente facilitando assim, de acordo com van Alfen (1996-7), a leitura com o vaso colocado no chão, dispensando, deste modo, a necessidade de erguer-se o mesmo para realizar a leitura. O segundo fator estaria relacionado a simplificação da informação e do número de palavras a serem escritas em uma superfície e com um instrumento diferentes dos tabletes. É preciso considerar, no entanto, que há exemplares que

possuem a inscrição no bojo. Uma das questões a ser feita é se o antropônimo se refere ao produtor ou ao coletor.

Pertencem a este grupo os seguintes antropônimos e vasos:

a-do-we (Catálogo p. 198 a 199)

Vasos: **TH Z 842** e **TI Z 24**

Fragmento: **TI Z 25**

Antropônimo masculino (VENTRIS; CHADWICK, 1973, p. 528)

Embora os dois vasos apresentem uma diferença considerável com relação ao tamanho (0,40 m para o vaso e Tebas contra 0,51 m do vaso de Tirinto), a decoração é semelhante e ambos foram atribuídos ao grupo proveniente do oeste de Creta α . O fragmento **TI Z 25**, no entanto, parece ter sido produzido na Beócia ou no centro de Creta, possuindo uma argila diferente dos dois vasos (HASKELL et al, 2011, p. 95).

a-nu-to (Catálogo p. 200 a 203)

Vasos: **TH Z 863** e **864**

Parte superior de vaso: **TH Z 865**

Fragmentos: **TH Z 961**, **TI Z 8+26** e provavelmente **54**

Antropônimo masculino (VENTRIS; CHADWICK, 1973, p. 99 e 531)

Tabletes: KN As 1516 e KN X 658

a-nu-to-jo

Variante: antropônimo genitivo

Tablete: KN X 697

Neste grupo apenas os exemplares de Tebas foram analisados e sua proveniência recai sobre o oeste de Creta grupo α . Originalmente o fragmento **TI Z 54** não fazia parte deste grupo, mas foi atribuído por nós por conta das semelhanças estilísticas da grafia do **a** com os vasos **TH Z 863** e **864**. Não há uma padronização nem com relação à decoração ou ao tamanho dos vasos e das inscrições, como pode ser constatado na Tabela V.3.

Tabela V.3. Comparação dos vasos e fragmentos com inscrição **a-nu-to**

| Vaso | Decoração | Altura | Diâmetro máximo | Tamanho da inscrição |
|-------------------|--|---------------|------------------------|-----------------------------|
| TH Z 863 | Linear Uma linha no pescoço Duas linhas abaixo da inscrição Uma linha no bojo em posição central. | 0,42 m | 0,30 m | 0,067 m |
| TH Z 864 | Linear Uma linha abaixo da inscrição Uma linha no bojo em posição central. | 0,425 m | 0,30 m | 0,045 m |
| TH Z 865 | Linear Uma linha no pescoço Duas linhas abaixo da inscrição Não há a parte inferior | 0,40 m | - | 0,07 |
| TH Z 961 | Linear Duas linhas abaixo da inscrição fragmento | - | - | 0,06 m |
| TI Z 8 +26 | Linear Duas linhas abaixo da inscrição fragmento | - | - | 0,05 m |

i-ru (Catálogo p. 203 e 204)

Vasos: **TH Z 866** e **867**. Em **868** lê-se **ru-i**

Hápax

Nesse grupo a decoração apresenta linhas sinuosas no bojo entre as faixas lineares. Ao que tudo indica as inscrições foram feitas após os motivos decorativos e tiveram que se adaptar ao espaço disponível no ombro, algo perceptível em **TH Z 867**.

O caso do vaso **TH Z 868** é singular pois não somente a inscrição está em sinistreverse (escrita da direita para a esquerda), como encontra-se no bojo espremida entre as curvas das linhas sinuosas.

No geral esses vasos possuem uma uniformidade na forma e tamanho, e apenas **TH Z 868** possui uma decoração diferente (Tabelas V.4 e V.5).

Tabela V.4. Comparação dos motivos decorativos dos vasos **i-ru**

| Vaso | Decoração |
|-----------------|---|
| TH Z 866 | Ombro: inscrição entre linhas sinuosas Bojo: três linhas lineares linhas sinuosas três linhas lineares |
| TH Z 867 | Ombro: inscrição entre linhas sinuosas Bojo: três linhas lineares linhas sinuosas três linhas lineares |
| TH Z 868 | Ombro: uma linha curva entorno do pescoço Bojo: linhas sinuosas, inscrição entre as curvas três linhas lineares três linhas lineares |

Tabela V.5. Comparação das dimensões dos vasos e das inscrições do grupo **i-ru**

| Vaso | Altura | Diâmetro máximo | Inscrição | |
|-----------------|--------|--------------------|-----------|-------------|
| | | | Tamanho | Comprimento |
| TH Z 866 | 0,42 m | 0,31 m | 0,063 m | 0,075 m |
| TH Z 867 | 0,42 m | 0,32 m | 0,07 m | 0,06 m |
| TH Z 868 | 0,44 m | 0,31 m | 0,067 m | 0,045 m |

A análise da argila indicou uma proveniência dúbia que pode ser tanto Creta central quanto a Beócia. Autores como Haskell (2011, p. 94) optaram por atribuir a produção à área de Cnossos. Dado as especificidades deste grupo, tais como a inscrição ser um hápax, ter sido provavelmente feita depois da pintura e as variações presentes em **TH Z 868**, pensamos que tais vasos possam ser de produção local, isto é, de Tebas.

Originalmente o fragmento **TI Z 39** com a silabograma]ru[fora incluído pelos autores neste grupo, mas nós optamos por excluí-lo pois apresenta uma decoração de pintura clara sobre fundo escuro que não está presente nos vasos de Tebas além da grafia do **ru** consideravelmente diferente.

ku-ja-ni (Catálogo p. 204 a 206)

Vasos: **TH Z 844 e 848**

Fragmento: **TH Z 881** e talvez **971**

Hápx

TH Z 844, 848 e 881 apresentam uma decoração de pintura clara sobre fundo escuro, são atribuídos ao oeste de Creta grupo α e apresentam a peculiaridade do **ni** estar “deitado”.

Já em **TH Z 971** o **ni** encontra-se no bojo e na posição vertical como nos tabletes, a pintura é escura sobre claro e a proveniência é do oeste de Creta grupo β . Este último não permite que se veja traços da decoração, mas nos três primeiros a inscrição alocada no ombro encontra acima de três faixas lineares.

A despeito dessas diferenças consideramos que pertencem ao mesmo grupo em virtude da inscrição. Se assim for, esse grupo pode nos fornecer uma informação importante: os vasos com fundo escuro e pintura clara são atribuídos ao oeste de Creta grupo α (como veremos ao longo deste estudo). Desta maneira é possível se pensar em duas oficinas independentes (grupos α e β) que produziram vasos que portam a mesma inscrição. Assim, a inscrição dificilmente poderia se referir ao produtor, mas o mais provável é que indiquem o destinatário. O que os vasos têm em comum, além da inscrição, é o local de destino: Tebas.

ku-ru-zo (Catálogo p. 206 a 210)

Vasos: **TH Z 841, 843, 845**

Fragmentos: **TH Z 840, 856 e 879**, talvez **959 e 960**

Antropônimo masculino (VENTRIS; CHADWICK, 1973, p. 558)

Este é um grupo bastante homogêneo com relação à inscrição, dimensões e decoração do vaso, de forma que é possível atribuir com relativa segurança os fragmentos **TH Z 959 e 960**, que possuem só um signo, ao grupo. A decoração é feita em pintura clara sobre fundo escuro apresentando duas faixas lineares na parte superior do bojo e duas na parte inferior. As dimensões dos vasos e o tamanho das inscrições também é bastante regular, com pouca variação (Tabela V.6)

Tabela V.6. Comparação das dimensões dos vasos e das inscrições do grupo **ku-ru-zo**.

| Vaso | Altura | Diâmetro máximo | Inscrição | |
|-----------------|---------|-----------------|-----------|-------------|
| | | | Tamanho | Comprimento |
| TH Z 841 | 0,43 m | 0,30 m | 0,08 m | 0,17 m |
| TH Z 843 | 0,43 m | 0,30 m | - | - |
| TH Z 845 | 0,43 m | 0,295 m | 0,09 m | 0,18 m |
| TH Z 840 | 0,445 m | - | 0,08 m | 0,14 m |

no-di-zo (Catálogo p. 210 a 218)

Vaso: **TI Z 15**

Fragmentos: **TI Z 11, 12, 13, 14 e 16**

Talvez **TI Z 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, KH 27 e 32**

Antropônimo masculino? (VENTRIS; CHADWICK, 1973, p. 563)

di-no-zo

Vasos: **TH Z 857, 858**

Antropônimo masculino? (VENTRIS; CHADWICK, 1973, p. 563)

di-zo (antropônimo) em KN As 1520, V 479, 1523; di-mi-zo[em KN X 4485; e]no-di-mi-zo-jo em KN F 841+867.

Este é um grupo bastante curioso. Há vários pontos de aproximação e de distanciamento. Os exemplares de Tirinto e **KH Z 32** portam a inscrição no bojo. Já os vasos de Tebas e o fragmento **KH Z 27** têm a inscrição no ombro. A maior parte foi atribuído ao grupo α do oeste de Creta, com exceção de **TI Z 11 e 21 e KH 32**, que foram identificados como pertencendo ao grupo β . Desta maneira não é possível relacionar o lugar da inscrição, ombro ou bojo, com uma oficina específica.

No início da nossa pesquisa, dada a inversão dos signos nas inscrições, cogitamos a hipótese de imitação, ideia difícil de comprovar em vista das especificidades da documentação. A maior quantidade de exemplares vem de Tirinto, mas tratam-se de fragmentos, havendo um único vaso parcialmente reconstituído. Os vasos completos são os de Tebas. Nenhum foi produzido localmente, todos vieram de Creta, fato corroborado não só pelas análises da argila, mas pelos três fragmentos encontrados em Cidônia. **no-di-zo** não é um antropônimo atestado nos tabletes, mas variações de **di-no-zo** sim. Poder-se-ia, então, pensar que os vasos originais seriam os de Tebas, no entanto a inscrição **TH Z 858** é a que mais se distancia de todas por dois fatores: o **no** invertido e o **zo** mal traçado. Em suma, o que podemos dizer sobre este grupo é que talvez se tratasse de dois indivíduos diferentes: **no-di-zo** em Tirinto e **di-no-zo** em Tebas.

ta-de-so (Catálogo p. 219 a 222)

Vasos: **TH Z 869, 870 e KH Z 5**

Antropônimo masculino (VENTRIS; CHADWICK, 1973, p. 583)

Tabletes: KN As 604, 606, 5863, De 1409, 1617, Df 1285, V 655, X 7758

ta-*22-de-so

Vasos: **TH Z 871, 872, 876 e KH Z 39**

Variante (VENTRIS; CHADWICK, 1973, p. 583)

Grupo bastante homogêneo quanto às dimensões dos vasos, às inscrições e à decoração. Todos os exemplares testados são do oeste de Creta α , com exceção de **TH Z 872** que pertence ao grupo β . A decoração é composta por três pares de faixas lineares: uma na parte superior do bojo, a segunda no meio e a última na parte inferior, e as inscrições foram alocadas no ombro. Na Tabela V.7 é possível observar a regularidades dos vasos.

Tabela V.7. Comparação das dimensões dos vasos e das inscrições do grupo **ta-de-so**.

| Vaso | Altura | Diâmetro máximo | Inscrição | |
|-----------------|---------|-----------------|-----------|-------------|
| | | | Tamanho | Comprimento |
| TH Z 869 | 0,435 m | 0,30 m | 0,07 m | 0,125 m |
| TH Z 870 | 0,425 m | 0,31 m | 0,05 m | - |
| TH Z 871 | 0,435 m | 0,305 m | 0,065 m | 0,18 m |

u-pa-ta-ro (Catálogo p. 222 a 225)

Fragmentos: **TI Z 1, 2, 3, 4, 5**, talvez **35** e **KH Z 9**

Antropônimo masculino (VENTRIS; CHADWICK, 1973, p. 589)

Os fragmentos de Tirinto foram identificados como sendo o grupo β do oeste de Creta, já o exemplar de Cidônia têm proveniência do grupo α . No que se pode observar dos fragmentos há uma regularidade na decoração e traçado dos signos dos vasos de Tirinto. O que esse grupo demonstrou é que, a despeito do fato de que as inscrições com três palavras terem sido feitas no oeste de Creta grupo β , e a maior parte das inscrições de uma palavra serem do grupo α , não há uma exclusividade de produção de vasos com a inscrição de uma palavra neste último grupo.

wi-na-jo (Catálogo p. 226 e 227)

Vasos: **ARM Z 1**, **KN Z 1716** e **MI Z 4**

Antropônimo masculino (VENTRIS; CHADWICK, 1973, p. 591)

Associado a azeite no tablete KN Fh 1059 (escriba 141)

Associado a ovelhas nos tabletes KN Da 1197, Db 1225, 1282

Associado a di-pa a-no-wo-to no tablete KN X 875

Associado ao topônimo e-ra no tablete KN Fh 1059 (escriba 141)

Associado ao topônimo ra-su-to no tablete KN Da 1197

Associado ao topônimo *56-ko-we no tablete KN Db 1225

Associado ao topônimo ru-ki-to no tablete KN Db 1282

Associado a qua-si-re-wi-ja no tablete KN X 875

A característica deste conjunto é ter a inscrição grafada de forma idêntica, inclusive nas variações do **na** (traço vertical tracejado contra uma linha contínua dos tabletes), e o **jo** mais linear que os dos tabletes e de outras inscrições em vasos. O vaso da necrópole de Arméni e o de Cnossos portam a inscrição no ombro, já o exemplar de Midea traz a inscrição alocada no bojo entre a decoração de linhas sinuosas duplas, muito semelhante à decoração do vaso de Cnossos. Todos eles possuem uma argila cuja proveniência é o centro de Creta, e podemos especular que se trate de uma produção local de Cnossos, dado muito importante para comprovar a continuidade de algum tipo de administração e de poder central no sítio datado do MR IIIB. A presença dessa inscrição em uma sepultura em Arméni pode indicar um contexto secundário e também outros usos e funções de vasos com inscrição para além da esfera administrativa. A ocorrência do outro vaso em Midea, na Argólida, fora do eixo Tebas-Tirinto, é extremamente interessante.

2.2. Grupo B2: topônimo (Catálogo p. 227 e 228)

Apenas um topônimo isolado foi identificado nas inscrições, exceção que parece confirmar a regra de que inscrições com uma palavra reduzem às informações necessárias.

*56-ko-we

Fragmentos: **TI Z 27**, **KN Z ?**. Possivelmente **TI Z 41**.

Topônimo (VENTRIS; CHADWICK, p. 594).

Tabletes: KN Ap 618+613, Ce 902, Da 1134, 1135, 1221, 7080, Db 1225+5177+5703, 1227, Dc 1228, 5771, Dd 1218, Df 1219, 1223, 1129+5342, 1230, Dg 1126+1357, Dv 1220, 1222, 5190, Lc 5646+5912+2993.

*56-ko-we-e

Dativo-locativo

Tabletes: KN DI 794+7069+7292, 7141+7264

***56-ko-we-i**

Dativo-locativo (variante)

Tabletes: KN Dm 5181, Dn 1093

***56-ko-we-i-jo/ja**

Étnico

Tabletes: KN Og 424, G 820, L 1649.

Wilson (1977) determinou os topônimos dos tabletes de Cnossos que apareciam sempre relacionados entre si e conclui que isso provavelmente se devia ao fato de que tais localidades terem uma proximidade geográfica. Dos grupos estabelecidos pelo autor nos interessa os seguintes:

Grupo ocidental: **ku-do-ni-ja** (Cidônia), **a-pa-ta-wa**, **o-do-ru-wo** (TH Z 839), ***56-ko-we**, **si-ra-ro** (TI Z 29) e **wa-to** (vários vasos de Tebas como visto acima).

Grupo centro-sudoeste: **da-wo**, **e-ko-so**, **e-ra** (MY Z 202?), **ka-mo** (MY Z 644?), **ku-ta-to** e **pa-i-to** (Festos).

Grupo centro-noroeste: **da-*22-to** (EL Z 1).

O topônimo ***56-ko-we** pertence ao grupo ocidental, relacionando-se com Cidônia e **wa-to**. Nenhum dos fragmentos, no entanto foi analisado para determinar a proveniência. O vaso de Cnossos foi escavado no pequeno palácio, mas ainda não foi publicado. A esses dois exemplares acrescentamos **TI Z 41**, um fragmento que traz apenas o sinal ***56**, mas em posição inicial e com o mesmo tipo de pintura de **TI Z 27**, clara sobre fundo escuro.

3. Vasos com um signo

3.1. ka (Catálogo p. 229 a 235)

Vasos: **TH Z 860**. Também foram considerados **TH Z 859, 861 e 862**

Fragmentos: **TI Z 10**. Possivelmente **TH Z 973, 974, 979, KH Z 6, 14, 28, 37, 42 e 44**. Em **KN K 700²**, adjunto de vaso com alça em estribo ***210**, abreviação de ka-ra-re-u. Em **PY Un 6³** e **853⁴** como ajunto de porco **PIG**, abreviação de *kapros*. (VENTRIS; CHADWICK, 1973, p. 549).

² Cf. nota 29 Capítulo II.

³.1 po-]se-da-ø[
 .2] vacat [
 r.
 .0 mutila
 .1 po-se-ḍa[-o-ne] ḂØŞ:f [qs] OVIS:f [qs]SUS+KA 1 SUS:f 2
 .2 angustum
 .3 pe-re-*82 BOS:f 1 OVIS:f 1 SUS+KA 1 SUS:f 2
 .4 pe-re-*82 BOS:f 1 OVIS:f 1 SUS+KA 1 SUS:f 2
 .5 angustum
 .6 *146 37 *166+WË[qs]LANA 5
 .7 A±RE±PA S 1 V 2[
 .8 BOS:m 2 BOS:f 2 QYIŞ:x[qs
 v.
 .1]i-je-re-ja TELA+TE[qs
 .2 ka-]ra-wi-po-ro TELA+TE[qs
 lat. dex.
] [[WE 30]]
 r.p
 .2 vacat
 .3 vestigia
 .4 po-se-da-o-ne [
 .5 po-de-da-o-ne [•]:f
 .6 vestigia
 v.p
 .1 vestigia
 .2 i-]jē-rē-jā TELA+TE[[
 .3 ka-ra-]wī-pō-rō TELA+TE[[
 Fonte: Damos Disponível em: <<https://www2.hf.uio.no/damos/#5001>> Acesso: 26.ago.19.
⁴.1]-kē-ra2-u-na , e-ṛa[]•
 .2 po-se-da-o-ne]re-kō-no 6 [
 .3 *146 18[] LANA 2 M 2[
 .4 A±RE±PA V 4[]• 1 OVIS:m 1 OVIS:f 1 ÇAP:f[qs
 .5 SUS+KA 2 SUS:f 4[]• 1 FAR T 1 V [qs
 .6 VIN 5 TELA [] 1 TELA+PA 1
 .7 vac.
 .8 vac.
 .9 vac. [
 .10]3[]-we-e-a2[
 inf. mut.

Fonte: Damos Disponível em:< <https://www2.hf.uio.no/damos/#5013>> Acesso: 26.ago.19.

O sinal **ka** está presente isolado apenas em **TH Z 860** e **TI Z 10**. Nos demais vasos e fragmentos temos ou uma variação do sinal ou o sinal **ka** sem que se possa determinar se ele está isolado ou é parte integrante de uma palavra. Podemos dividir esse grupo em dois, de acordo com o local da inscrição e a proveniência do vaso: os vasos de Tebas de um lado, o fragmento de Tirinto e os fragmentos de Cidônia de outro.

Apenas **TH Z 860** e **TH Z 973** traz o sinal **ka** bem legível.

Em **THZ 859** e **861**, ao invés de um X dentro do círculo, tem-se apenas uma linha horizontal.

Já em **TH Z 862**, a linha está no sentido vertical, mas Raison (1958) atribuiu a ambos a leitura do sinal **ka**.

Em **TH Z 974** a leitura **ka** é uma possibilidade sem certeza pois apenas o traço vertical está preservado.

Este é o mesmo caso de **TH Z 979** em que apenas o traço horizontal é visível.

Os vasos **TH Z 860**, **859** e **862** possuem a mesma ornamentação: duas linhas na parte superior do bojo e uma na parte inferior, enquanto que **TH Z 861** possui apenas uma linha na parte superior e uma na parte inferior.

Excetuando-se **TH Z 974**, todos foram analisados e a argila foi atribuída ao centro de Creta ou à Beócia. Desta maneira, optamos por considerar tais exemplares uma produção local de Tebas.

Nos fragmentos de Tirinto e nos de Cidônia o **ka** está alocado no ombro, acima de três faixas decorativas, como é possível detectar em **TI Z 10** que preservou a parte superior do vaso. Nos fragmentos **KH Z 6** e **42** é possível identificar o mesmo tipo de faixa logo abaixo do sinal.

KH Z 6 foi atribuído ao grupo α do oeste de Creta, e **KH Z 14** e **37** ao grupo β . Infelizmente o exemplar de Tirinto não foi analisado, mas dadas as afinidades estilísticas e do local da inscrição julgamos que podemos relacioná-lo com a produção de Cidônia.

KH Z 28, **37**, **42** e **44**, tiveram suas imagens recentemente publicadas (GODART; SACCONI, 2017), mas sem informações da posição da inscrição no vaso. Dentre eles, apenas **KH Z 44** parece não se tratar de uma inscrição, mas de um motivo decorativo.

3.2. Sinal não identificado (Catálogo p. 236 a 238)

Vasos: **TH Z 873, 875**

Fragmentos: **TH Z 874**. Talvez **TH Z 967, KH Z 21 e 31**.

A inscrição se assemelha ao sinal **si** de ponta cabeça, ou parcialmente ao sinal **wa** sem uma das linhas horizontais.

Nos vasos o sinal foi pintado no bojo e a decoração deles é muito semelhante: duas linhas na parte superior do bojo e duas na parte inferior. No fragmento não há traços de decoração.

Apenas **TH Z 873** teve a argila estudada e sua proveniência apontou para o oeste de Creta grupo β .

TH Z 967, KH Z 21 e 31 poderiam pertencer a este grupo, ou terem o sinal **wa** e pertencer ao grupo **wa-na-ka-te-ro**. A dificuldade em avaliar estes fragmentos reside no fato de que as publicações não indicarem o local da inscrição de **TH Z 967 e KH Z 21**, e que **KH Z 31** traz a inscrição no ombro, local incomum para as inscrições **wa-na-ka-te-ro**, com exceção de **EL Z 1**.

3.3 Síntese.

Tanto no caso do grupo **ka** (e suas variações), – que Raison (1968) considera como parte da decoração –, quanto no grupo cujo sinal não foi identificado Hallager (2011, p 421) defende que se trate de marca de ceramista uma vez que nenhum dos dois sinais é uma abreviação reconhecida em Linear B, como é o caso de **wa**. Consideramos que, dada à função administrativa de grande parte das inscrições, os sinais poderiam ser marca de produtor.

4. Inscrições que ocorrem apenas em um vaso, parciais, com mais de uma possibilidade de leitura ou ilegíveis

Os exemplares a seguir foram reunidos em três grupos: inscrições parciais que possivelmente são as mesmas, ornamentação e local de achado.

4.1 Inscrições parciais

e-X-X-ra (Catálogo p. 239 e 240)

Vaso: **TH Z 847**

Fragmentos prováveis: **KH Z 11, 15** e **TH Z 958**.

Essa inscrição, parcialmente legível, mas com dois sinais não identificados, aparece no vaso de Tebas **TH Z 847**. Ela está localizada no ombro e o vaso foi atribuído ao grupo β do oeste de Creta.

O fragmento **KH Z 11** traz um **e** inicial no ombro.

KH Z 15 tem um sinal parcialmente preservado no ombro que pode tanto ser um **e** quanto *56.

Por fim, **TH Z 958** possui um **e** pintado no ombro, mas não é possível precisar se sua posição é inicial na inscrição.

Todos os fragmentos têm a proveniência atribuída ao oeste de Creta grupo β .

Os **e** dos exemplares de Tebas são semelhantes no traço e encontram a decoração abaixo, que é uma faixa. **KH Z 15** tem como vestígio de decoração três linhas, duas mais próximas e uma mais afastada.

Ainda que possamos concluir que se trata de um grupo, a dificuldade em se ler a inscrição completa de **TH Z 847** fornece poucos indícios. Podemos considerar apenas que é mais um grupo de relaciona os vasos de Tebas com uma produção da oficina em Cidônia com argila do grupo β .

]o-na-ta (Catálogo p. 241)

Fragmentos: **TH Z 975, KH Z 19**

TH Z 975 é um dos poucos exemplares que não foram encontrados no Corredor Delta do Cadmeion, mas na parte meridional do sítio a 200 m do Cadmeion. Ambas inscrições foram feitas no ombro, e o fragmento de Cidônia pertence ao grupo β do oeste de Creta.

]pu-ti[(Catálogo p. 242 e 243)
Fragmentos: **KH Z 4, 10 e 18**

Todos os exemplares são do oeste de Creta grupo β , mas **KH Z 4 e 18** têm a inscrição feita no ombro e **KH Z 10** no bojo. Foram encontrados em contextos diferentes no sítio de Cidônia.

]ni-jo-jo[e]jo[(Catálogo p. 244)
Fragmentos: **TH Z 880 e 884δ**

Provavelmente pertencem à categoria de inscrições com três palavras. Raison (1968, p. 75) acredita que se trata do mesmo pintor.

4.2. Ornamentação: pintura clara sobre fundo escuro⁵ (Catálogo p. 245 a 248)

Fragmentos: **KH Z 26** (inscrição **]pu[**), **36** (inscrição provável **]-ko-**), **TI Z 37** (inscrição provável **]no[**), **39** (inscrição provável **]ru[**), **43, 48 e 50** que são possíveis inscrições com sinais não identificados.

KH Z 26, 36, TI Z 37 e 39 foram analisados e a argila provém do oeste de Creta e pertence ao grupo α .

KH Z 26 traz a inscrição no bojo, **KH Z 36** no bojo ou no ombro, **TI Z 37, 39, 43, 48 e 50** no ombro.

Os fragmentos de Cidônia foram encontrados no mesmo local juntamente com **KH Z 41** que é um fragmento com pintura escura sobre fundo claro com um sinal ilegível, cuja argila não foi analisada.

⁵ Até o presente momento (2019), nenhum indício a respeito do fragmento encontrado no Menelaion em Esparta indica que se trata realmente de uma inscrição, por esse motivo ele está no corpus documental, mas não faz parte da nossa análise.

4.3. Grupo de vasos achado no mesmo sítio

4.3.1. Tebas (Catálogo p. 248 a 257)

fragmentos: **TH Z 855** (inscrição provável **wo-X-da**), **877** (inscrição provável **ti-tu**), **884β** (inscrição provável]**ti**), **957** (inscrição provável]**o**), **964** (inscrição provável]**tu**[]**jo**), **965** e **977** (inscrição provável]**a**), **966** (inscrição provável]**wa-wo**), **968** (inscrição provável]**wi-X-wa**), **969** (inscrição provável]**pi**-), **970** (inscrição]-**da**) , **972α-v** (são treze fragmentos com várias possibilidades de leituras ou sinais ilegíveis), **976** (inscrição provável]**ja**), **978** (ilegível), **980** (inscrição provável **ko**)

Deste grupo o melhor fragmento para análise é **TH Z 855** que possui o bojo preservado, mas a parte da inscrição danificada impossibilitando a leitura do signo do meio. O vaso mais fragmentário é **TH Z 972**, ao qual pertencem treze fragmentos que possuem sinais parciais que possibilitam mais de uma interpretação.

As argilas foram analisadas em **TH Z 855**, **877**, **964**, **966**, **967**, **968** e **969**, e todas pertencem ao grupo β do oeste de Creta.

TH Z 855, **877**, **884β**, **957**, **964**, **968** e **969** trazem a inscrição no bojo, podendo pertencer à categoria de inscrições com três palavras, embora também haja inscrições com uma palavra no bojo que, no entanto, não são comuns em Tebas. Na verdade, o caso de inscrições de uma palavra alocada no bojo em Tebas são dois vasos que parecem estar fora do padrão de seus respectivos grupos. **TH Z 868**, cuja inscrição **i-ru**, ao que tudo indica foi escrita da direita para a esquerda, foi alocada entre a decoração de linhas curvas, e **TH Z 971** que traz parte do que provavelmente lê-se]**ku-ja-ni**], mas que difere muito deste grupo por ter decoração escura pintada sobre fundo claro e ter a inscrição no bojo enquanto que os demais exemplares da inscrição **ku-ja-ni** são vasos de pintura clara sobre escuro e inscrição no ombro.

TH Z 966, **967** e **970** têm a inscrição no ombro. Os fragmentos **TH Z 965** e **972** não foi especificado o local da inscrição.

Com relação a **TH Z 877**, **884β** e **964**, poderíamos especular se são a mesma inscrição, mas é algo difícil de avaliar dado o caráter fragmentário dos exemplares. Os vestígios de decoração não parecem ser semelhantes, tão pouco o traçado do **tu** em **TH Z 877** e **964**. Em **TH Z 884β** existem outras possibilidades de leitura uma vez que só a parte superior do signo foi preservado. Além de **ti**, o sinal pode ser também lido como

um possível **zo** ou **pi**. O que se pode afirmar efetivamente é que o **jo** de **TH Z 964** o aproxima das inscrições de três palavras.

Se o sinal parcial de **TH Z 884β** for **pi**, talvez este exemplar juntamente com **TH Z 969** pertençam à inscrição **pi-pi, wa-to, su-ro-no**. Mas o estado fragmentário de ambos não possibilita a certeza absoluta.

Finalmente, neste grupo há quatro fragmentos publicados no decorrer da nossa pesquisa (GODART; SACCONI, 2017), **TH Z 976, 977, 978** e **980**, mas sem informações sobre o local da inscrição, o contexto exato de achado ou qualquer análise com relação à proveniência da argila.

4.3.2. Tirinto (Catálogo p. 257 a 261)

Vaso: **TZ I 9** (inscrição **a-ma-ti**)

Fragmentos: **TI Z 6** (inscrição provável **a3-ta-**), **7** (inscrição provável **a-ta-ma-no-we**), **31** (sinal não legível), **32** (inscrição provável **-no**), **33** (sinal não legível), **34** (inscrição provável **ju-no**), **36** (inscrição provável **ju**) e **TI Z 53** (ilegível).

Apesar da inscrição de **TI Z 9** ser completa e legível, ela foi provavelmente adicionada após a ornamentação do vaso e está acondicionada no ombro entre uma das alças e o gargalo, diferentemente das demais inscrições localizadas no ombro em que a inscrição é pintada atrás do pescoço falso. Soma-se a isso o fato de que, ao contrário dos demais vasos de Tirinto, **TI Z 9** não foi encontrado no setor XLII da Cidade Baixa, mas na sepultura XV da necrópole de Hagios Ilios. É um vaso menor do que o padrão dos vasos com alça em estribo de transporte com inscrições, possuindo uma altura de 0,31 metros e um diâmetro máximo de 0,23 metros. Por todos esses motivos, não consideramos que **TI Z 9** pertença a uma produção padronizada dentro do sistema administrativo micênico. Esse exemplar, assim como o vaso de Elêusis, demonstra que as inscrições nos vasos poderiam atuar em outras esferas da sociedade.

O fragmento **TI Z 36** tem como inscrição um possível **u** em local não determinado, mas não consideramos que possa pertencer ao grupo **u-pa-ta-ro** pois estes vasos tem a proveniência do oeste de Creta grupo β , e **TI Z 36** pertence ao grupo α .

TI Z 43 traz a inscrição parcial **ju-no** e pertence ao grupo β , assim como **TI Z 32**, cujo sinal é possivelmente um **no**. Ambos com a inscrição no ombro poderiam

talvez trazer a mesma palavra, mas o estado dos fragmentos – e a inexistência nas inscrições preservadas de Tirinto de palavras que tenham o sinal **no** – nos permite apenas especular a respeito.

TI Z 6 e 7 trazem uma inscrição no ombro parcialmente preservada sem outros exemplos das mesmas palavras.

Os fragmentos ilegíveis **T Z 31 e 33** se distinguem pelo fato de que o primeiro tem a inscrição no ombro e o segundo no bojo

A inscrição em **TI Z 53** apesar de ser considerada ilegível se aproxima muito de **MI Z 2** que foi lido como um possível **zo**, **ti** ou **pi**, mas que também foi considerado motivo decorativo (ZURBACH, 2006, p. 41).

4.3.3. Cidônia (Catálogo p. 262 a 269)

Fragmentos: **KH Z 1** (inscrição provável]**ka-ru-ka**[), **2** (inscrição provável]**ma-i-jo**[), **8** (inscrição provável]**pa**[, ou]**ro**[), **12** (inscrição provável]**ta**[), **17** (inscrição]**ka-ka**[), **20** (inscrição]**no**[), **21** (inscrição]**wa**[), **22+fr** (inscrição **u-so**), **29** (inscrição provável]**ru**[), **30** (inscrição provável]**o**[), **31** (inscrição provável]**wa**[), **33** (não legível), **34** (não legível), **35** (não legível), **38** (não legível), e **40** (inscrição provável]**ra**[).

O fragmento de ombro **KH Z 1** possui duas peculiaridades. A primeira é que a sua argila foi atribuída à região de Creta central (ou Beócia), e sem segundo lugar sua inscrição, feita no ombro, foi relacionada com uma inscrição parcial de do vaso **MA Z 3** de Mália, cuja argila infelizmente não foi analisada. Dois vasos de Mália, no entanto, provém da mesma região (**MA Z 2 e 4**) e **MA Z 1** foi atribuído ao oeste de Creta.

KH Z 2 tem uma inscrição única, que não se relaciona com mais nenhuma.

Já **KH Z 8** demonstra que a inscrição foi traçada por cima das linhas decorativas. Não pertenceria ao grupo **u-pa-ta-ro** pois o sinal anterior é lido como um provável **zo**.

KH Z 12 pode ter o sinal **ta** no ombro. Tem decoração semelhante a **KH Z 9** do grupo **u-pa-ta-ro** bem como a mesma proveniência, o oeste de Creta grupo α .

KH Z 21 e 31 trazem o sinal **wa**, este último no bojo, podendo pertencer a uma inscrição de três palavras do grupo **wa-na-ka-te-ro**, e o primeiro em local não determinado.

KH Z 22+fr é um fragmento de ombro com a inscrição **u-so** que não tem paralelo.

KH Z 29 é um fragmento atribuído ao grupo α do oeste de Creta com o provável sinal **ru** em local não determinado.

KH Z 30 e 40 são fragmentos de bojo, o primeiro com o provável sinal **o** e o segundo um possível **ra**.

KH Z 17 e 34 são fragmentos de ombro do oeste de Creta grupo β , o primeiro com a inscrição **]ka-ka[** que pode ter um paralelo com outro vaso de Cidônia que não é um vaso com alça em estribo e talvez em ambos não se trate de uma inscrição, mas de motivos decorativos, o segundo tem um sinal não legível.

KH Z 33 e 38 também têm sinais ilegíveis, sendo o primeiro no ombro e o segundo no bojo. Ambos pertencem ao oeste de Creta grupo β .

KH Z 35 é provavelmente parte da decoração, não se tratando de uma inscrição.

Como é possível observar, o grupo de fragmentos de Cidônia é bastante variado, algo que é de se esperar tendo em vista que esse trata do centro produtor dos vasos que foram enviados majoritariamente para Tebas e Tirinto.

4.3.4. Micenas (Catálogo p. 269 a 275)

Vasos: **MY Z 202** (inscrição **]e-ra, ka-ta-ro**) e **300** (sinal não identificado).

Fragmentos: **MY Z 201** (sinal não identificado), **203** (inscrição **]ni-**), **204** (sinal não identificado), **205** (inscrição provável **]ja-no**), **206** (inscrição provável **]ro**), **664** (inscrição **]X-ka-mo**), **713** (inscrição: linha 1 **]ma-pu**[, linha 2 **] ka** []), **714** (inscrição **]pi-ka**), **715** (inscrição **]ra-u-ko**), **717** (inscrição provável **]ka-ra-** **]ko**) e **718** (inscrição provável **pa-ti-me-ro**).

Deste grupo, dentre os vasos cuja argila foi analisada, dois foram atribuídos ao oeste de Creta, sendo que **MY Z 202** especificamente ao grupo β , e quatro a uma produção local.

MY Z 202 traz uma inscrição parcialmente preservada no bojo com duas palavras e provavelmente pertence ao grupo de inscrições com três palavras, mas a inscrição não se relaciona às inscrições de Tebas e a única relação é a proveniência do oeste de Creta grupo β .

MY Z 300 também foi produzido no oeste de Creta e traz um sinal não identificado no ombro. O mesmo sinal, pintado também no ombro, está em **MY Z 204**, cuja argila não foi analisada. O primeiro foi encontrado na casa do Mercador de Óleo, fora da cidadela, e o segundo dentro da cidadela na Casa das Colunas na sala denominada Sala dos Vasos com Alça em Estribo. Ambos trazem os mesmos traços de decoração que constituem em três linhas abaixo da inscrição. Podemos considerar que se trata do caso de marca de produtor. Também da Casa das Colunas, na mesma sala, vem o fragmento **MY Z 206** que traz apenas o sinal **ro** em local não determinado. Podemos, talvez, relacionar com a inscrição **pa-ti-me-ro** pintada no ombro de **MY Z 718** encontrado fora da cidadela na Casa Petsas, juntamente com outros vasos com alça em estribo.

Dos vasos produzidos em Micenas **MY Z 713** traz a inscrição mais curiosa. Foram preservados três sinais em duas linhas. Na primeira linha há a possibilidade de existirem mais sinais, mas o **ka** da segunda linha parece estar isolado. Seria, neste caso, a abreviação de **ka-ra-re-u**, nome em micênico dos vasos com alça em estribo? Não nos parece provável dado a repetição de informações, anunciar o nome do vaso no próprio vaso não condiz com o sistema de sintetização de informações utilizada pela administração micênica. E, no entanto, Micenas não parece pertencer ao sistema de produção em grande escala de vasos com inscrição cujo eixo parece estar relacionado à Cidônia-Tebas/Tirinto.

MY Z 714 foi encontrado a porção noroeste da acrópole da cidadela. Traz a inscrição parcial **pi-ka** em um fragmento, não tendo sido determinado se no ombro ou no bojo. Tal inscrição não se relaciona com mais nenhuma outra conhecida.

MY Z 715 e **717** também foram produzidos em Micenas, encontrados na mesma casa no interior da cidadela no setor Gama 21, e possuem muito provavelmente a mesma inscrição alocada no ombro: **ka-ra-u-ko**. No que foi preservado a decoração de ambos também é a mesma: duas linhas traçadas abaixo da inscrição. A inscrição, que é

considerada por Ventris e Chadwick (1973, p. 551) o antropônimo masculino Glaucos, também está presente nos tabletas de Pilos **PY Cn 285**⁶, e **Jn 706**⁷.

MY Z 664 é um vaso inteiro que traz a inscrição parcial]**X-ka-mo** no bojo e foi encontrado na sala 5 da Casa Ocidental. A inscrição não possui paralelos e a proveniência da argila não foi estudada.

| | | | |
|-----------------|--------------|------------|------------|
| ⁶ .1 | ro-u-so | [| |
| .2 | a3-ta-ṛo-we | [| |
| .3 | re-ta-mo | CAP:m[| |
| .4 | ka-ra-u-ko | ÇAP:m[]30 | |
| .5 | a-we-ke-se-u | OVIS:m | 50 |
| .6 | a-we-ke-se-u | CAP:m | 30[] vac. |
| .7 | wa-da-ko | CAP:m | 86 |
| .8 | si-no-u-ro | CAP:m | 60[|
| .9 | ra-ma-jo | CAP:f | 20[|
| .10 | pa-wa-wo | [*]:f | [|
| .11 | e-ke-da-mo | OVIS:m | 100 |
| .12 | a-si-wi-jo | OVIS:m | 100 |
| .13 | o-ki-ra | OVIS:m | 116 |
| .14 | o-ti-na-wo | OVIS:m | 100 |

Fonte: Damos < <https://www2.hf.uio.no/damos/#4382>> Acesso 28.ago.19.

| | | | |
|-----------------|--|------------|------|
| ⁷ .1 | ka-ke-we , ta-ra-si-ja , e-ko-si , pa-to-wo-te | | |
| .2 | ke-ta | AES M | 5 |
| .3 | pe-ri-no | AES M | 3 |
| .4 | ku-ri-sa-to | AES M[| |
| .5 | a-no-me-de | AES | [|
| .6 | qi-si-ja-ko | AES | [|
| .7 | mu-to-na | AES[| |
| .8 | ka-ra-u-ko | AES[| |
| .9 | ma-ra-si-jo | [AES | |
| .10 | ka-pa-ra2 | AES M | 5 |
| .11 | a3-so-ni-jo | AES M | 5 |
| .12 | | vac. | |
| .13 | to-so-de , ka-ko , e-ko-si | | |
| .14 | AES L | 1 [] | vac. |
| .15 | vac. | [] | vac. |
| .16 | to-so-de , a-ta-ṛa-si-jo , ka-ri-si-jo | 1[| |
| .17 | ko-a2-ta | 1 ko-do-ro | ! [|
| .18 | a-ka-ma-wo | 1 | [|
| v. | | | |
| .1 | to-so-de , do-e-ro | | |
| .2 | |] | 1 |
| .3 | |] | 1 |
| .4 | |] | 1 |
| .5 | |] | 1 |
| .6 | |] | 1 |
| .7 | | vac. | |
| .8 | | vac. | |
| .9 | | vac. | |
| .10 | | vac. | |
| .11 | | vac. | |
| .12 | | vac. | |

Fonte: Damos Disponível em: < <https://www2.hf.uio.no/damos/#4693>> Acesso 28.ago.19.

MY Z 201 é um fragmento de ombro bem preservado que traz um sinal não identificado em pintura clara sobre fundo escuro cujo traçado do sinal passa por cima das duas linhas decorativas abaixo da inscrição.

MY Z 203 é um fragmento de ombro com a inscrição **ni** entre dois outros sinais não legíveis. Foi escavado na região do Muro de Poros e também não tem proveniência analisada.

Este também é o caso de **MY Z 205**, fragmento de bojo com a inscrição parcial **ja-no**, que foi encontrado no meio do material de refugo da escavação de Schliemann.

Os vasos de Micenas são únicos e não se relacionam com inscrições de vasos de outros locais, apenas com os vasos do próprio sítio de Micenas, seja pela inscrição, pelo local de produção ou pelo contexto de achado. De Micenas provém três fragmentos de outros vasos que não vasos com alça em estribo que possuem inscrição e serão analisados posteriormente. Apesar da proximidade geográfica, os vasos de Micenas não se relacionam com os de Tirinto.

4.3.5. Mália (Catálogo p. 276 a 277)

Vasos: **MA Z 2** (inscrição **ko-no**) e **3** (inscrição **]ru-ka**)

Fragmentos: **MA Z 1** (inscrição **ma-re-wa**) e **4** (inscrição **sa-que**)

MA Z 3 é o único que possui a inscrição no bojo que é aproximada da inscrição **ka-ru-ka** de **KH Z 1**, que, como vimos, tem a inscrição no ombro. Embora a proveniência do vaso de Mália não ter sido analisada, o fragmento de Cidônia foi atribuído à região de Cnossos (Centro ou centro-sul de Creta), o que o aproximaria geograficamente do vaso de Mália.

Os demais exemplares de Mália trazem a inscrição no ombro, são três palavras que não possuem paralelos com outras inscrições.

MA Z 2 e **4** foram estudados e tiveram sua argila atribuída o centro de Creta. Desta maneira, os vasos de Mália parecem estar relacionados à região de Cnossos.

4.4. Vasos isolados (Catálogo p. 278 a 280)

Vaso: **OR Z 1** (inscrição provável **ti-sa-ri-X-X**)

Fragmentos: **GLA Z 1** (inscrição provável]wa[), **KR Z 1** (inscrição provável **a3-a3-ta**), **MAM Z 1** (inscrição provável **ta-a-ro**), **MI Z 2** (inscrição provável]zo[,]ti[ou]pi[) e **PRI Z 1**.

Os vasos aqui agrupados são exemplares únicos de sítios não administrativos cujas inscrições não se relacionam com nenhuma outra.

OR Z 1 é a única inscrição no bojo, feita e de forma inclinada de cima para baixo e com dois sinais não identificados que Carrateli (1964) lê Δ 31. Provém de uma escavação de 1903 e não possui contexto. Sua argila foi atribuída ao oeste de Creta, grupo β.

GLA Z 1 foi encontrado no cômodo H4 dentro de um dreno junto com outros vasos com alça em estribo, mas Sacconi (2012, p. 124) não considera que se trate de uma inscrição.

KR Z 1 foi encontrado na superfície durante uma prospecção na colina nordeste no sítio e Crêusis na Beócia, um porto de Tebas no golfo de Corinto.

MAM Z 1 possui um contexto doméstico de armazenamento dentro da caverna Mameluco (ZURBACH, 2006, p. 46).

MI Z 2 foi encontrado em Midea, na Argólida, um sítio situado a 9 quilômetros ao norte de Tirinto e a 15 quilômetros a sudoeste de Micenas, num contexto de destruição próximo ao portão oeste (ZURBACH, 2006, p. 41). Segundo Zurbach (loc. cit.) o sinal parcial aparece duas vezes e seria parte do motivo decorativo.

Finalmente, **PRI Z 1** é um fragmento que veio da necrópole situada no centro de Creta cuja inscrição traz o único exemplo atestado de silabogramas complexo: **pte**.

5. Inscrições no disco (Catálogo p. 281 e 282)

Fragmentos: **KH Z 3** (inscrição provável]**ma-di-jo**[), **13** (inscrição provável **pa**), **KH Z 16** (**]wa**[inciso) e **TI Z 30+fr** (inscrição provável **du-ne-u**)

Embora não seja comum, inscrições no disco, assim como o ombro, apresentam uma das melhores disposições para a leitura, sendo que o aspecto negativo é o espaço restrito disponível no disco se comparado às inscrições no ombro.

KH Z 3 e **TI Z 30+fr** têm a argila atribuída ao grupo α do oeste de Creta, **KH Z 16** ao grupo β , já **KH Z 13** da região entre Cnossos e Cidônia ou, o leste de Creta (o que nos parece muito improvável).

Em **TI Z 30+fr** a leitura **du-ne-u** ou **qi-ne-u**, aponta para um antropônimo masculino terminado em $-eus$ (MELENA, 1982, p. 96). Embora E. Bennett (1986, p. 143) tenha isolado **EL Z 1** e **TI Z 30** como as inscrições que mais se aproximam da tradição dos tabletes (*pinacological tradition*) tendo em mente a existência de linhas traçadas antes da execução dos sinais, isto deve ser mais correto para **EL Z 1** cuja linha divisória é semelhante a linha dos tabletes alongados, enquanto que em **TI Z 30** o que se tem é uma linha de enquadramento que não tem relação com os tabletes.

KH Z 3 possui duas possibilidades de leitura. A primeira seria **ma-di-jo**, considerado a forma no genitivo de **ma-di**, antropônimo nos tabletes **KN As 603**⁸ e **Db 1168**⁹. A outra leitura é **ma-di-qa**, antropônimo dos tabletes **KN B 806**¹⁰ e **DI 930**¹¹.

No caso de **KH Z 16** duas características o diferem do resto no nosso corpus principal que compreende vasos com inscrições pintadas no ombro ou no bojo. Em primeiro lugar a inscrição desse vaso não foi pintada, mas foi incisa depois da queima. Há apenas um outro caso de inscrição incisa, **DI Z 1**. O segundo aspecto diferente de **KH Z 16** reside no fato de que a incisão do sinal **wa** foi feita no disco do pescoço falso. Este fragmento pode pertencer à esfera de vasos **wa-na-ka-te-ro**, reforçando a ideia da existência de um *wanax* no oeste de Creta e que talvez, **KH Z 16**, atribuído ao grupo β, tenha sido produzido para circular localmente e pertença a uma produção local não relacionada aos vasos com inscrição com função administrativa.

- ⁸.1]VIR 1 no-si-ro VIR 1[]a-ta-no VIR 1
 .2 VIR]1 ma-di VIR 1 o-po-ro-u-si-jo[VIR 1
 .3 VIR]1 pe-te-u VIR 1 ku-ro2 VIR[1
 .4] vac. [

Fonte: Damos Disponível em: <<https://www2.hf.uio.no/damos/#551>> Acesso 28. ago 19.

- ⁹.A we-we-si-jo-jo OVIS:m 91 OVIS:f 9 []
 .B ma-di , / e-ko-so []

Fonte: Damos Disponível em: <<https://www2.hf.uio.no/damos/#1074>> Acesso 28. ago 19.

- ¹⁰ sup. mut.
 .1]de-[] YIṚ[
 .2] , VIR , a-ra-ka-jo , VIR ko-[•]-no , VIR
 .3]-wo-ta , VIR po-ki-te , VIR
 .4]se , VIR , ma-di-qa , VIR ,
 .5]VIR , to-wa-no VIR
 .6]VIR , pu-na-si-jo VIR
 .7]e-wi-to-wo , VIR , ru-a2[] YIṚ
 .8] , re-ka-ta , VIR []
 .9]ma-ja-ro , VIR []

v.→

- .0 sup. mut.
 .1]vest.[]e VIR []
 .2 ko-[•]-ka-ra-te-ne VIR 20[]

Fonte: Damos Disponível em: <<https://www2.hf.uio.no/damos/#739>> Acesso 28. ago 19.

- ¹¹.A] po-ti-ni-ja-we-jo OVIS:f 50 LANA 3 M []
 .B]ma-di-qa / si-ja-du-we o ki OVIS:m 50 o LANA 6 M 2[]

Fonte: Damos Disponível em: <<https://www2.hf.uio.no/damos/#859>> Acesso 28. ago 19.

6. Inscrições em outros tipos de vasos (Catálogo p. 283 a 288)

Fragmentos: **DI Z 1** (inscrição parcial]ka-si[), **KH Z 23** (inscrição provável]ti-da-to[), **24** ((inscrição parcial]ka-ka[), **25** (inscrição je), **KN Z 1715** (inscrição parcial]X-*89-a[), **MY Z 207** (inscrição parcial] ti[,] ro[ou] pi[), **712** (inscrição pi-ra-ki), **MY Z 716** (inscrição parcial]-de[), **TI Z 28** (inscrição parcial a-X[), **38** (inscrição parcial]ja-ti-ko[), **49** (inscrição parcial]ja-ti[) e **52** (inscrição parcial]ri).

Por se tratarem de outro tipo de vaso que não vaso com alça em estribo, esses fragmentos não faziam inicialmente parte do nosso estudo, no entanto eles forneceram alguns indícios que consideramos importantes no estudo das inscrições em Linear B

DI Z 1 Trata-se de um cálice cuja incisão foi feita na parte interna. Sua inscrição parcial, **ka-si**, que não se relaciona com nenhuma outra.

KH Z 23 e **24** que são taças e estão relacionado ao material do santuário de Cidônia, juntamente com **KH Z 25**. Há a possibilidade, no entanto, de que os sinais de **KH Z 24** seja, decorativos.

KH Z 25, **KN 1715**, **MY Z 207**, **712** e **TI Z 28** são esquifos, enquanto que **TI Z 52** é uma base de esquifo.

MY Z 716, **TI Z 38** e **49** são fragmentos de vasos indeterminados.

KH Z 25 e **TI Z 28** possuem a mesma proveniência: o oeste de Creta grupo β . Do oeste de Creta grupo α são os vasos de Tirinto **TI Z 38** e **49**, ambos com inscrição semelhantes e com decoração clara sobre fundo escuro. **KN Z 1715** provém do centro de Creta e é provavelmente uma produção local de Cnossos. **MY Z 712** também tem origem local, sendo a argila de Micenas. Os demais fragmentos não foram analisados.

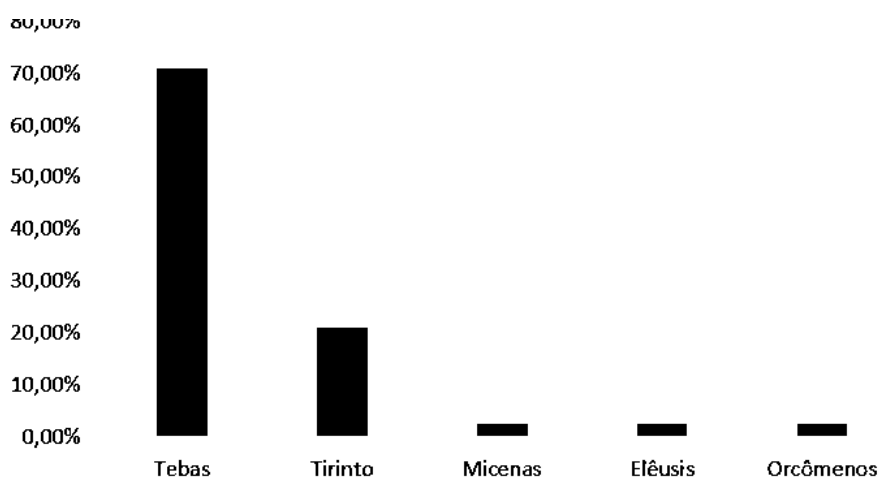
7. Síntese geral

As análises quantitativas (Anexo IV) realizadas paralelamente ao estudo apresentado neste capítulo acima tiveram que considerar que Tebas possui o maior número de exemplares com inscrição e que teve proporcionalmente mais argilas analisadas do que Tirinto. (Tabela IV. 1).

Dentro do grupo de inscrições com três palavras, aquele que mais se aproxima da fórmula dos tabletes e que estaria relacionado à figura dos coletores, temos asseguradamente 16 vasos, todos encontrados em Tebas. Apenas um fragmento não

teve a argila analisada (**TH Z 884γ**), os demais vieram do oeste de Creta grupo β . Desta maneira nos parece possível concluir, com relativa segurança, que Tebas é um centro continental que controla parte da produção de óleo em Creta ocidental, especificamente em uma oficina não tendo, no entanto, a exclusividade de controle, considerando-se que deste sítio vieram vasos cuja argila pertence ao grupo α , mas também a quantidade de vasos presentes em Tirinto que também pertencem ao grupo β . O Gráfico IV.1 deixa claro, no entanto, a proeminência de Tebas no grupo β dentre os vasos e fragmentos que tiveram as argilas analisadas¹².

Gráfico IV. 1 – Distribuição dos vasos cuja proveniência é o oeste de Creta grupo β .



Fonte: Gráfico elaborado por MONZANI, J.

Essa primazia de Tebas é perceptível também no grupo α (Gráfico IV.2), curiosamente nas inscrições com uma palavra. No universo de 25 inscrições com uma palavra de Tebas analisadas, 19 são do grupo α , e apenas três do grupo β e três de proveniência local.

¹² Para a análise detalhada consultar Anexo IV – Análises, 3. Proveniência.

Gráfico IV.2 – Distribuição dos vasos cuja proveniência é o oeste de Creta grupo α .

Fonte: Gráfico elaborado por MONZANI, J.

Do grupo **wa-na-ka-te-ro** pode-se observar a existência de ao menos um *wanax* nos principais sítios relacionados com os vasos: Tebas, Tirinto e Cidônia, além do vaso de Elêusis.

É interessante notar grupos de inscrições exclusivos de um sítio e outros em que a mesma inscrição aparece tanto em Tebas quanto em Tirinto.

Na primeira categoria pertencem ao sítio de Tebas, além das inscrições com três palavras que não sejam do grupo **wa-na-ka-te-ro**, as seguintes inscrições: **i-ru** (provavelmente uma produção local), **ku-ja-ni**, **ku-ru-so**, **di-no-so**, **ta-de-so** e **ta-*22-de-so** (esses dois últimos com exemplares também em Cidônia). Do sítio de Tirinto temos as inscrições **no-di-zo** e **u-pa-ta-ro**, ambas ocorrem também em Cidônia.

Tebas e Tirinto compartilham as inscrições **a-nu-to** e **a-do-we**. Isso levanta a possibilidade de pensar se Tirinto, que poderia ser o porto de Micenas, não teria também algum tipo de relação com Tebas.

wi-na-jo é uma inscrição que aparece em Cnossos, Arméni e Midea. Provavelmente produzido na região de Cnossos, há uma semelhança notável na grafia dos sinais e, a despeito do local onde a inscrição se encontra no vaso de Midea, é provável que tenham sido produzidos na mesma oficina. No entanto, é difícil relacionar tais vasos com administração micênica no continente. O que se pode especular é a continuidade de algum tipo de administração em Cnossos.

Das inscrições onde há topônimos, Tirinto e Tebas estão relacionados aos topônimos ocidentais: Tirinto a ***56-ko-we** (que parece estar também relacionado à

Cnossos) e Tebas a **o-do-ru-wo**, mas principalmente a **wa-to**. Já Micenas pode estar ligado aos topônimos ligado ao sul da ilha, a saber **e-ra** e **ka-mo**. Elêusis traz uma inscrição que possui o topônimo **da-*22-to** do norte de Creta. O caso de Elêusis é difícil de avaliar devido às especificidades desse vaso: sua inscrição única bem como o seu local e contexto de achado. Em Micenas essa relação é apenas uma possibilidade, mas nos faz aventar a hipótese de uma proximidade de Tebas e Tirinto com o oeste de Creta enquanto de Micenas tivesse algum tipo de relação com o sul da ilha, talvez via Cnossos.

No mais podemos perceber que os vasos isolados dos demais sítios não se relacionam com os demais no que diz respeito às inscrições, mas os vasos de Elêusis e Orcômenos, que tiveram a argila analisada, foram produzidos no oeste de Creta e pertencem ao grupo β .

Com relação à proveniência, é fato relevante que todos os vasos com decoração clara sobre fundo escuro analisada pertencem ao grupo α ¹³ (Tabela IV. 7), e uma forte tendência que a decoração escura sobre fundo claro pertencer ao grupo β . Neste sentido pode-se especular existência de duas oficinas no oeste de Creta, que utilizavam fontes de argila distintas e uma delas produzia vasos com pintura clara sobre fundo escuro.

Tabela IV. 7 – Análise da decoração em relação à proveniência da argila.

| Vasos analisados | Total | OC α | OC β |
|------------------|-------|--------------|--------------|
| E/C | 91 | 28 (30,76 %) | 63 (69,23 %) |
| C/E | 15 | 15 (100 %) | 0 |

Fonte: Tabela elaborada por MONZANI, J.

Há uma clara predominância, mas não exclusividade, de que as inscrições com uma palavra sejam alocadas no ombro¹⁴ (Tabela IV.8), dado que corrobora a hipótese de Van Alfen (1997) em relação à função administrativa dos vasos. Já as inscrições com três palavras se localizam no bojo, com uma única exceção, o vaso de Elêusis.

¹³ Para a análise detalhada consultar Anexo IV – Análises, 4. Decoração.

¹⁴ Para a análise detalhada consultar Anexo IV – Análises, 2. Local da inscrição.

Tabela IV. 8 – Análise da decoração em relação à proveniência da argila.

| Inscrição | Total | Ombro | Bojo |
|-------------------|-------|---------|---------|
| 1 palavra | 116 | 69,82 % | 30,17 % |
| 1 sinal | 19 | 57,89 % | 42,10 % |
| 3 palavras | 23 | 4,34 % | 95,65 % |

Fonte: Tabela elaborada por MONZANI, J.

Inicialmente, ao fazer o levantamento de todos os vasos com inscrição, não pretendíamos estudar outros tipos de vaso. A análise das inscrições, no entanto, nos fizeram ponderar a relevância desses outros tipos de documentos que provavelmente não participavam da esfera administrativa. Em especial consideramos relevante o número de esquifos nesta categoria (50 % dos exemplares) e aqueles que, em Cidônia, estão associados ao material do santuário. Em Cnossos, o único vaso com inscrição que veio do edifício central (**KN Z 1715**) é um esquifo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa feita com documentos da Antiguidade, sejam eles escritos ou materiais, é como um grande quebra-cabeças em que está faltando a maior parte das peças e não se sabe qual o seu real tamanho ou design final. Essa metáfora não é nova, mas é bastante pertinente. A pesquisa, no entanto, não é feita de forma aleatória. Para esse quebra-cabeça há inúmeras abordagens teóricas que nos dão, cada uma, um quadro dentro do qual alocar as peças, bem como métodos de análise que nos ajudam a trabalhar com as peças individualmente e em grupos, estabelecendo posições relativas de proximidade e de distanciamento.

Nosso referencial teórico foi pensar processos de integração das economias do Egeu ao mundo mediterrânico, mas dentro de uma abordagem que considerasse as especificidades locais evitando transposições automáticas das estruturas das grandes sociedades coetâneas. Desta maneira elegemos uma combinação da teoria proposta por Susan e Andrew Sherratt (1991) com a interpretação de Mario Liverani (2016) para as economias do antigo Oriente. Os primeiros propuseram uma abordagem específica para as sociedades do Egeu na Idade do Bronze que aponta para uma gradual inserção dessas regiões ao mundo do Mediterrâneo oriental através o controle de rotas marítimas locais e da organização de uma produção especializada voltada para o comércio externo que prescindia de uma agricultura de subsistência em grande escala ou que produza excedentes. Para Liverani pode-se observar duas esferas econômicas nas sociedades antigas. Uma primeira local, fruto da Revolução Neolítica, organizada por clãs e tribos dentro de uma estrutura de propriedade comunitária. Da Revolução Urbana teria se desenvolvido um nível superior da esfera econômica, fortemente centralizado e burocrático, e que teria se aproveitado das redes locais para reorganizar a produção. Isso é perceptível tanto em Creta no momento do surgimento dos primeiros grandes centros, quanto no continente, não só pelo desenvolvimento dos centros administrativos, mas também pelo controle de alguns centros cretenses. A explicação para a formação de tais centros e a sua organização altamente centralizada e especializada em algumas esferas específicas da economia pode ser explicada pelo estímulo e pela necessidade de participar de um quadro comercial (mas também cultural) mais complexo que envolvia as sociedades do Mediterrâneo oriental, como postulado por Susan e Andrew Sherratt.

A abordagem metodológica desta pesquisa propôs analisar os vasos e estabelecer séries que poderiam ser alocadas em um mesmo grupo, tendo como critérios primeiro a inscrição, depois o contexto de achado, o local de produção e por fim pela decoração, visando, desta forma, identificar padrões de produção que indicassem que tipo de controle administrativo e em que esfera da economia os vasos estariam inseridos. Antes de mais nada, entretanto, acredito que a peça inicial e fundamental deste estudo foi partir da hipótese de que, ao contrário dos que muitos estudiosos afirmam, os vasos e suas inscrições tinham como destinatários os sítios continentais.

Quando iniciei o levantamento dos vasos, nos pareceu claro que Tebas, pela quantidade de exemplares e contexto de achado, era o centro que, de alguma forma, comandava a produção de óleo em Creta, e fiquei bastante surpresa em não encontrar respaldo dessa constatação inicial na literatura especializada. Como explicitamos no debate a respeito dos vasos, poucos são os autores que consideram os sítios do continente como o contexto primário de uso de tais recipientes. Em geral pensa-se que eles teriam uma função dentro da administração em Creta e um uso secundário (objetos de prestígio ou presentes) no continente. Tenho duas objeções claras a esse respeito. Uma delas tentei deixar explícita no texto: trata-se do contexto de achado dos vasos nos sítios de Tebas e Tirinto. Em primeiro lugar no que diz respeito a sua quantidade, pois não estamos tratando de pouco exemplares, mas dos dois maiores conjuntos de vasos do corpus documental. Em segundo lugar eles não foram encontrados dispersos pelos sítios (como é o caso dos vasos em Micenas, mas cuja maioria tem produção local), mas concentrados em locais específicos: o edifício central de Tebas e um edifício dentro da cidadela de Tirinto. A segunda objeção diz respeito às práticas administrativas micênicas. No meu entender não há necessidade de se pintar nos vasos a informação se ela será utilizada localmente. O estudo dos tabletes (e nódulos) demonstrou que havia recenseamento de informações de campo (tabletes em folha de palmeira), que eram coletadas (materialmente ou oralmente) e posteriormente levadas e recenseadas nos centros sendo transcritas em tabletes maiores (em forma de página). Tendo estabelecido que as inscrições dos vasos pertencem à mesma esfera administrativa, parece lógico que passariam pelo mesmo processo. Pintar as inscrições nos vasos só faz sentido porque essas informações precisam viajar com eles, e isso indicaria que o recipiente (do produto, mas também da informação) é aquele para quem os vasos foram encaminhados.

As séries e grupos constituídos a partir das análises revelaram pistas e informações relevantes. Em primeiro lugar a proeminência de Tebas nesse contexto, sítio com o maior número de exemplares e único a receber vasos do grupo de inscrições com três palavras que não sejam inscrições para o *wanax* e com exceção do vaso de Elêusis. Desta maneira, entendo que em Tebas os vasos estão fundamentalmente associados ao coletor, ainda que não se tenha ainda a clareza do papel dessa figura na administração micênica. O contexto de achado também é significativo, uma vez que os vasos estavam armazenados no principal edifício do sítio.

Em seguida temos a cidadela de Tirinto. Tebas e Tirinto, em geral, têm cada qual o seu grupo de inscrições, mas eles compartilham duas inscrições **a-nu-to** e **a-do-we**, o que talvez aponte para algum tipo de relação entre eles, que não foi possível determinar apenas a partir do estudo dos vasos e das inscrições. De qualquer forma, é possível aventar a hipótese que tais sítios micênicos não se constituam em unidades políticas independentes e autônomas, traduzidas na ideia de reinos, mas talvez o mais interessante seria pensar-se em unidades econômicas complementares.

Cidônia, enquanto centro produtor, apresenta uma gama maior de inscrições que compartilha com estes e outros sítios, o estado da documentação deste sítio, no entanto, é bastante fragmentário. Micenas possui um número considerável de vasos de produção local, e provavelmente estaria fora do eixo de consumo de óleo produzido no oeste de Creta (a menos que se considere que Tirinto seja seu porto comercial), mas possui um vaso cuja fabricação é atribuída ao oeste de Creta, mas cujo sinal não foi identificado. Neste caso talvez seja plausível considerar a reutilização dos vasos.

Os vasos em Mália apontam para o que poderia ser uma outra esfera de circulação de tais recipientes que não estaria relacionada diretamente a nenhum sítio de continente nem à grande produção de óleo, seus vasos associando-se apenas ao oeste de Creta e à região de Cnossos. A pequena quantidade de tais vasos no sítio de Cnossos poderia ser contestada em razão da complexidade da formação do registro arqueológico naquele sítio: há pelo menos uma grande destruição do edifício central por volta de 1450 a.C., com uma reocupação e reconstrução parcial, seguido de outra destruição em 1370 a.C., sem muita clareza se houve continuidade de algum tipo de atividade. Várias destruições também moldaram a história de Micenas. São pelo menos três ao longo do final do século XIII a.C., a primeira fora da cidadela, a segunda nos edifícios secundários dentro da cidadela e, por volta de 1200 a.C., todo o sítio, inclusive o edifício central. O contexto arqueológico

melhor preservado de Tebas se deve à existência de apenas um horizonte de destruição no Cadmeion, isso é fato. Mas temos o mesmo quadro em Pilos: uma única destruição que preservou a maior coleção de tabletes encontrados em um arquivo central, mas não há vasos com inscrição. Voltando ao caso de Cnossos, as duas destruições antecedem o período de circulação dos vasos com alça em estribo que portam inscrições, datados do HR IIIB, ou seja, de 1300 a 1200 a.C. A existência de três vasos que provém deste sítio e outros cuja argila pode ser atribuída à região de Cnossos, entretanto, podem apontar para uma continuidade de ocupação do sítio ainda que em escala reduzida. Para o período de produção e circulação dos vasos com inscrição, no entanto, o grande centro é Cidônia. Deste sítio vieram 105 dos 124 vasos e fragmentos cuja argila foi analisada, o equivalente a 84,67 %. É interessante notar que, no entanto, este sítio não possui um grande número de tabletes, apenas seis. Acredito que é possível afirmar com bastante segurança que, baseado no estudo dos vasos com inscrições, o centro administrativo que organizava e administrava a produção de óleo em Creta ocidental era Tebas – com algum tipo de envolvimento de Tirinto –, sendo Cidônia apenas o local de produção.

Desta maneira, podemos considerar que o estudo e análise das inscrições e dos vasos permite evidenciar um padrão de produção e consumo que relaciona Cidônia, no oeste de Creta, com Tebas, na Beócia e Tirinto na Argólida. Contudo esse não foi o único resultado obtido pela pesquisa. O estudo apontou outros usos e funções dos vasos e da escrita para além da esfera administrativa. Aqui se inclui o grupo de inscrições isoladas que ocorrem apenas uma vez em sítios fora do eixo Cidônia-Tebas/Tirinto. É o caso dos vasos da Caverna Mameluco, de Crêusis e de Orcômenos. Por não se relacionarem com nenhuma inscrição conhecida, é pouco provável que representem um uso secundário de uma inscrição cuja função primeira tenha sido o controle administrativo, principalmente tendo em vista a proximidade de tais sítios com os centros em que foram encontrados os vasos com inscrições. Determinar qual seria a função da escrita nesses vasos, no entanto é tarefa difícil, e é possível que cada caso tenha uma resposta específica. Os vasos encontrados em sepultura, um de Tirinto (**TI Z 9**) e nas necrópoles de Arméni e Prínias, cada qual com inscrições sem paralelos, também parecem evidenciar outros usos das inscrições. Este, também parece ser o caso do vaso de Elêusis, singular em tantos aspectos. Finalmente, as inscrições em outro tipo de vasos que não estão associados ao comércio ou ao transporte, alguns deles encontrados conjuntamente com material relacionado a um santuário, como é o caso dos vasos de Cidônia (**KH Z 23, 24 e 25**),

deixam claro uma outra esfera de uso da escrita. Desta maneira, até o presente momento, os vasos com inscrição em Linear B são os únicos documentos que apontam para um uso não administrativo da escrita no mundo micênico.

Em suma, o objetivo da pesquisa era identificar a natureza do controle micênico em Creta e acredito que a análise dos vasos e de suas inscrições contribuíram consideravelmente para esse entendimento. Ademais, trouxeram outros enfoques igualmente importantes para o conhecimento do mundo micênico, em particular dos usos da escrita. Tenho a firme convicção de que a pesquisa histórica e arqueológica não tem por finalidade única encontrar respostas, mas também de propor novos questionamentos. Ao tentar encaixar ou aproximar algumas poucas peças do quebra-cabeça, a imagem parcialmente formada nem sempre é aquilo que se havia antecipado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Obras de Referência

Companion I - SHELMERDINE, C. W. (Ed.) **The Cambridge Companion to the Aegean Bronze Age**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

Companion II - DUHOUX, Y.; MORPURGO-DAVIES, A. (Eds.) **A Companion to Linear B**. Mycenaean Greek Texts and their World. Volume I. Louvain-la-Neuve, 2008.

Companion III - DUHOUX, Y.; MORPURGO-DAVIES, A. (Eds.) **A Companion to Linear B**. Mycenaean Greek Texts and their World. Volume 3. Louvain-la-Neuve, 2014.

Documents - VENTRIS, M.; CHADWICK, J. **Documents in Mycenaean Greek**. Three Hundred Selected Tablets from Knossos, Pylos and Mycenae with Commentary and Vocabulary. Cambridge: Cambridge University Press, 1973.

Khania - HALLAGER, E.; HALLAGER, B. P. (Eds.), **The Greek-Swedish Excavations at Agia Aikaterini Square, Kastelli, Khania, 1970-1987 and 2001**. IV:1-2: The Late Minoan IIIA:2-IIIB:1 Settlement (IV:1: Text; IV:2: Plates). Stockholm: The Swedish Institute at Athens, 2011.

Mykenaïka - OLIVIER, J.-P. (Ed.) Mykenaïka. Actes du IXe Colloque international sur les textes mycéniens et égéens organisé par le Centre de l'Antiquité Grecque et Romaine de la Fondation Hellénique des Recherches Scientifiques et l'École française d'Athènes. **BCH**, suppl. XXV, 1992.

Abreviaturas

AJA - American Journal of Archaeology

BCH - Bulletin de Correspondance Hellénique

BICS - Bulletin of the Institute of Classical Studies

BSA - Annual of the British School at Athens

SIMA - Studies in Mediterranean Archaeology

SMEA - Studi Micenei ed Egeo-Anatolici

ADRI-MI-SISMANI, V.; GODART, L. Les inscriptions en Linéaire B de Dimini/Iolkos et leur contexte archéologique. **Annuario della Scuola Archeologica di Atene** 83, 2005, p. 57-70.

AVARANTINOS, V. The Inscribed Stirrup-Jar Fragment MY Z 7171. **Kadmos** 19, 1980, p. 83-85.

BEN-SHLOMO, D.; NODAROU, E.; RUTTER, J. Transport Stirrup Jars from the Southern Levant: New Light on Commodity Exchange in the Eastern Mediterranean. **AJA** 115, 2011, p. 329-353.

BENNET, J. “Collectors” or “Owners”? An Examination of their Possible Functions within the Palatial Economy of LM III Crete. **Mykenaika**, p. 65-101.

BENNET, J. Agency and Bureaucracy: Thoughts on the Nature and Extent of Administration in Bronze Age Pylos. In: VOUTSAKI, S.; KILLEN, J. (Eds.) **Economy and Politics in the Mycenaean Palatial States**. Cambridge: Cambridge Philological Society, 2001, p. 25-37.

BENNET, J. Now You See it; Now You Don't! The Disappearance of the Linear A Script on Crete. In: BAINES, J.; BENNET, J.; HOUSTON, S. (Eds.) **The Disappearance of Writing Systems**. Perspectives on Literacy and Communication. London: Equinox, 2008, p. 1-29.

BENNETT, E. L. The Olive Oil Tablets of Pylos. **Minos**, Suppl. 2, 1958, p. 40-41.

BENNETT, E. L. The Inscribed Stirrup Jar and Pinacology. **Φύλλα ἑπη εἰς Γεώργιον Ε. Μυλωνάν δια τα ἔτη του ανασκαφικοῦ του ἔργου**. Athens: Archaeological Society of Athens 1986, p. 136-143.

BENNETT, E. L.; OLIVIER, J.-P. The Pylos Tablets Transcribed. Part II: Hands, Concordances, Indices. **Incunabula Graeca** 59. Roma: Edizioni dell'Ateneo, 1976.

BETANCOURT, P. P. **The History of Minoan Pottery**. Princeton: Princeton University Press, 1985.

BLEGEN, C. W. A Chronological Problem. In: **Minoica**. Festschrift für Johannes Sundwall. Berlin, Deutsche Akademie der Wissenschaften zu Berlin, 1958, p. 61-66.

BLEGEN, C. **The Palace of Nestor at Pylos in Western Messenia**. Princeton: Princeton University Press, 1966.

BLEGEN, C. W.; HALEY, J. The coming of the Greeks. **AJA** 32, 1928, p. 141-154.

BLEGEN, C. W.; CASKEY, J. L.; RAWSON, M. **Troy III**. The Sixth Settlement. Princeton: Princeton University Press, 1953.

BUCHHOLZ, H. H. Zur Herkunft der kyprischen Silbenschrift. **Minos** 3, 1954, p. 133-51.

- CARLIER, P. Les collecteurs sont-ils des fermiers? In: **Mykenaïka**, p. 159-166.
- CARRATELLI, G. P. **Documenta Mycenaea**. Milano: Istituto Editoriale Cisalpino 1964.
- CATLING, H. W. **Sparta**. Menelaion at the Bronze Age. Volume 1: Text. Athens: The British School at Athens, 2009.
- CATLING, H. W.; MILLET, A. A Study of the Stirrup-Jars from Thebes. **Archaeometry** 8, 1965, p. 3-86.
- CATLING, H. W. et al. The Linear B Inscribed Stirrup Jars and West Crete. **BSA** 75, 1980, p. 49-113.
- CAVANAGH, W. Death and the Mycenaeans. In: **Companion I**, p. 327-341.
- CAVANAGH, W.; MEE, C. **A Private Place**. Death in Prehistoric Greece. **SIMA** 125. Jonsered: Paul Aström Förlag, 1998.
- CHADWICK, J. **The Decipherment of Linear B**. Cambridge: Cambridge University Press, 1958.
- CHADWICK, J. The Archive of the Room of the Chariot Tablets at Knossos. **BICS** 14, 1967, p. 103-104.
- CHADWICK, J. **The Mycenaean World**. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.
- CHADWICK, J. **Linear B and related scripts**. Reading the Past. London: British Museum Publications, 1987.
- CROWLEY, J. L. Mycenaean Art and Architecture. In: **Companion I**, p. 258-288.
- CUCUZZA, N. Minoan Nativity Scenes? The Ayia Triada Swing Model and the Three-Dimensional Representation of Minoan Divine Epiphany. **Annuario della Scuola Archeologica di Athene e delle Missioni Italiane in Oriente** XCI, 2013, p. 175-207.
- DAKOURI-HILD, A. The House of Kadmos in Mycenaean Thebes Reconsidered. Architecture, Chronology and Context. **BSA** 96, 2001, p. 81-122.
- DAUX, G. Chronique des fouilles et découvertes archéologiques en Grèce en 1966. **BCH** 91, 1967, p. 623-889.
- DEGER-JALKOTZY, S. Decline, Destruction, Aftermath. In: **Companion I**, p. 387-415.
- DEMAKOPOULOU, K. **The Mycenaean World**. Five Centuries of Early Greek Culture, 1600-1100 BC. Athens: Ministry of Culture, National Hellenic Committee (ICOM), 1988.
- DEMAKOPOULOU, K.; DIVARI-VALAKOU, N. New Finds with Linear B

inscriptions from Midea. **Minos** 29-30, 1994-5, p. 323-328.

DICKINSON, O. T. P. **The Origins of Mycenaean Civilization**. Göteborg: Paul Åströms Förlag, 1977.

DICKINSON, O. T. P. **The Aegean Bronze Age**. (Cambridge World Archaeology) Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

DRIESSEN, J. **An Early Destruction in the Mycenaean Palace at Knossos**. Leuven: Katholieke Universiteit Leuven, 1990.

DRIESSEN, J. "Collector's Items". Observations sur l'élite mycénienne de Cnossos. In: **Mykenaïka**, p. 197-214.

DRIESSEN, J. Architectural Context, Administration and Political Architecture in Mycenaean Greece. In: DE MIRO, E.; GODART, L.; SACONNI, A. (Eds.) **Atti e memoire del secondo Congresso internazionale di micenologia**. Roma: Gruppo Editoriale Internazionale, 1996, p. 113-134.

DRIESSEN, J. Le Palais de Cnossos au MR II-III: Combien de destructions? In: DRIESSEN, J. ; FARNOUX, A. (Eds.) *La Crète Mycénienne. Actes de la Table Ronde internationale organisée par l'École Française d'Athènes, 23-28 mars 1991*. **BCH**, suppl. 38, 1997, p. 113-134.

DRIESSEN, J. Chronology of the Linear B texts. In: **Companion II**, p. 69-79.

DRIESSEN, J.; FARNOUX, A. Inscriptions peintes en Linéaire B à Malia. **BCH** 115, 1991, p. 71-97.

DRIESSEN, J.; FARNOUX, A. Rapport sur les travaux de l'École Française d'Athènes en 1991: Malia. **BCH** 116, 1992, 733-753.

DRIESSEN, J.; FARNOUX, A.; LANGOHR, C. Two more Linear B Inscribed Stirrup jars from Malia. In: KAISER, I; KOUKA, O.; PANAGIOTOPOULOS, D. (Eds.) **Ein Minoer im Exil**. Festschrift zum 65 Geburtstag von Wolf-Dietrich Niemeier, Bonn, 2015, p. 25-40.

DUHOUX, Y. L'ordre des mots en mycénien. **Minos** 14, 1975, p. 123-163.

DUHOUX, Y. Mycenaean Anthology. In: **Companion II**, p. 243-393.

DUHOUX, Y. La fonction des vases à étrier inscrits en Linéaire B. **Kadmos** 49, 2011, p. 47-92.

EVANS, A. J. Knossos. Summary Report of the Excavations in 1900. **BSA** 6, 1899-1900, p. 3-70.

EVANS, A. J. The Palace of Knossos. **BSA** 7, 1901-2, p. 1-124.

EVANS, A. J. The Palace of Knossos: Provisional Report for the Year 1903. **BSA** 8,

1902-3, p. 1-153.

EVANS, A. J. **The Palace of Minos**. A Comparative Account of the Successive Stages of the Early Cretan Civilization as Illustrated by the Discoveries at Knossos. I - The Neolithic and Early and Middle Minoan Ages. London: Macmillan, 1921.

EVANS, A. J. **Scripta Minoa**. The Written Documents of Minoan Crete with special reference to the Archives of Knossos. Vol. 2 The Archives of Knossos: Clay Tablets inscribed in Linear Script B. Edited from notes and supplemented by John L. Myers. Oxford: Clarendon Press, 1952.

FRENCH, E. Pottery from Late Helladic IIIB1. Destruction Contexts at Mycenae. **BSA** 62, 1967, p. 149-193.

FURUMARK, A. **The Mycenaean Pottery**. Stockholm: Victor Petterson, 1941.

GEORGIEV, V. Une nouvelle inscription en linéaire B de Mycènes. **Kadmos** 15, 1976, p. 95-96.

GODART, L. Les collecteurs dans le monde égéen. In: **Mykenaïka**, p. 257-283.

GODART, L.; TZEDAKIS, Y. **Témoignages archéologiques et épigraphiques en Crète occidentale du Néolithique au Minoen Récent III B**. Roma: Gruppo Editoriale Internazionale, 1992.

GODART, L. ; SACCONI, A. **Supplemento al corpus delle iscrizioni vascolari in Lineare B**. Pisa/Roma: Frabrizio Serra Editore, 2017.

HALLAGER, B. P. The Late Minoan IIIB1 and IIIA2 Pottery. In: **Khania**, p. 273-380.

HALLAGER, E. **The Mycenaean Palace at Knossos**. Evidence for Final Destruction in the Late Minoan IIIB Period. Stockholm: Pontus Hellström, 1977.

HALLAGER, E. The Inscribed Stirrup Jars. Implications for Late Minoan IIIB Crete, **AJA** 91, 1987, p. 171-90.

HALLAGER, E. A note on a lost stirrup jar from Knossos. **BSA**, Studies 18 (Cretan Offerings: Studies in Honor of Peter Warren), 2010, p. 157-160.

HALLAGER, E. The Linear B inscriptions and potter's marks. In: **Khania**, p. 414-428.

HALLAGER, E.; HALLAGER, B. P. **The Greek-Swedish Excavations at the Agia Aikaterini Square, Kastelli, Khania, 1970-1987 e 2001**. Vol. III: The Late Minoan III B2 Settlement. Stockholm: Paul Aströms Förlag, 2003.

HALLAGER, E.; ANDREADAKI-VLASAKI, M.; HALLAGER, B.P. The first Linear B Tablet(s) from Khania. **Kadmos** 29, 1990, p. 24-34.

HALLAGER, E.; VLASAKIS, M.; HALLAGER, B.P. New Linear B Tablets from Khania. **Kadmos** 31, 1992, p.61-87.

HALLAGER, E.; TZEDAKIS, Y.; ANDREADAKI-VLAZAKI, M. The Greek-Swedish-

Danish excavations at Kastelli, Khania 2010. A preliminary report. **Proceedings of the Danish Institute at Athens** 7, 2014, p. 209-220.

HASKELL, H. W. Coarse-Ware Stirrup-Jars at Mycenae. **BSA** 76, 1981, 225-238.

HASKELL, H. W. From Palace to Town Administration: the Evidence of Coarse-Ware Stirrup Jars. In: KRZYSZKOWSKA, O.; NIXON, L. (Eds.) **Minoan Society**. Bristol Classical Press: Bristol, 1983, p. 121-128.

HASKELL, H. W. The Origin of the Aegean Stirrup Jar and Its Earliest Evolution and Distribution. (MB III - LBI). **AJA** 89, 1985, pp. 221-229.

HASKELL, H.W. et al. **Transport Stirrup Jars of the Bronze Age Aegean and East Mediterranean**. Prehistory Monographs 33. Philadelphia: INSTAP Academic Press, 2011.

HOUAISS, A.; VILLAR, M de D. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

IAKOVIDIS, S. E. Mycenae in the Light of Recent Discoveries. In: DE MIRO, E.; GODART, L.; SACONNI, A. (Eds.) **Atti e memoire del secondo Congresso internazionale di micenologia**. Roma: Grupo Editoriale Internazionale, 1996, p. 1039-1049.

IAKOVIDIS, S. E. Late Helladic Fortifications. In: LAFFINEUR, R. (Ed.) *Polemos. Le contexte guerrier en Egée à l'Âge du Bronze*. **Aegaeum** 19. Liège and Austin: Université de Liège and University of Texas at Austin 1999, p. 199–204.

IAKOVIDIS, S. E. **Gla and the Kopais in the 13th century B.C.** Athens: Library of the Archaeological Society at Athens, 2001.

IMMERWAHR, S. A. **The Athenian Agora**. Results of Excavations Conducted by the American School of Classical Studies at Athens XIII: The Neolithic and Bronze Ages. Princeton: American School of Classical Studies at Athens, 1971.

JUDSON, A. P. The Linear B Inscribed Stirrup Jars. **Kadmos** 52, 2013, p. 69-110.

KARAGEORGHIS, V. An Inscribed Late Minoan III Stirrup Jar from Sidon. In: DOUMETOSERHAL, C.; RABATE, A.; REZEK, A. (Eds.) **Networking Patterns of the Bronze Age Levant**. The Lebanon and its Mediterranean Connections, 2008, p. 32-33.

KILLEN, J. T. Some Further Thoughts on “Collectors”. In: LAFFINEUR, R.; NIEMEIER, W.-D. (Ed.) *Politeia. Society and state in the Aegean Bronze Age*. Proceedings of the 5th International Aegean Conference / 5e Rencontre égéenne internationale, University of Heidelberg, Archäologisches Institut, 10-13 April 1994 **Aegaeum** 12, 1995, p. 213-226.

KILLEN, J. T, Some Thoughts on ta-ra-si-ja. In: VOUTSAKI, S.; KILLEN, J. T. (Eds.) **Economy and Politics in the Mycenaean Palace States**. Proceedings of a Conference

held on 1-3 July 1999 in the Faculty of Classics. Cambridge: Cambridge Philological Society, 2011, p. 161-180.

KOBER, A. Inflection in Linear Class B: 1- Declension. **AJA** 50, 1946, p. 268-276.

KOUROUNIOTIS, K.; BLEGEN, C. W. Excavations at Pylos, 1939. **AJA** 43, 1939, p. 557-576.

KRAMER-HAJOS, M. Mourning on the Larnakes at Tanagra. Gender and Agency in Late Bronze Age Greece. **Hesperia** 84, 2015, p. 627-666.

LA ROSA, V. Haghia Triada in età micenea. In: **Mykenaiika**, p. 617-620.

LAMBRINOUDAKIS, V. K. Remains of the Mycenaean Period in the Sanctuary of Apollo Maleatas. In: HAGG, R.; MARINATOS, N. (Eds.) **Sanctuaries and Cults in the Aegean Bronze Age**. Acts of the Swedish Institute at Athens 4^o, XXVIII. Stockholm: Swedish Institute at Athens, 1981, 59-65.

LEONARD, A. et al. The Making of Aegean Stirrup Jars: Technique, Tradition, and Trade. **BSA** 88, 1993, pp. 105-123.

LIVERANI, M. **Antigo Oriente**. História, Sociedade e Economia. São Paulo: Edusp, 2016.

MANNING, S. W. et al. Chronology of Aegean Late Bronze Age 1700-1400 B.C. **Science** 312, 2006, p. 565-569.

MARAN, J. Late Minoan Coarse Ware Stirrup Jars on the Greek Mainland. A Postpalatial Perspective from the 12th Century BC Argolid. In: D'AGATA, A. L.; MOODY, J. (Eds.) **Ariadne's Threads**. Connections between Crete and the Greek Mainland in Late Minoan III (LM IIIA2 to LM IIIC). Proceedings of the International Workshop Held at Athens, 2003. Scuola Archeologica Italiana: Athens, 2005, p. 415-431.

MARAZZI, M. Il corpus delle iscrizioni in Lineare B oggi: organizzazione delle conoscenze e provenienze. **Pasiphae** 3, 2010.

MCDONALD, W. Excavations at Nichoria in Messenia: 1969-71. **Hesperia** 41, 1972, p. 218-273.

MCDONALD, W.; THOMAS, C. **Progress into the Past**. The Rediscovery of Mycenaean Civilization. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 1990.

MELENA, J. L. On the New Linear B Inscription from Mycenae. **Minos** 16, 1977, p. 17-18.

MELENA, J. L. The Reading of the Vase Inscription TI Z 30. **Kadmos** 21, 1982, p. 95-96.

MELENA, J. L. The Mycenaean Writing. In: **Companion III**, p. 1- 186.

MONZANI, J. **A transição da Idade do Bronze para a Idade do Ferro na Grécia: uma nova perspectiva de estudo.** Dissertação de Mestrado. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2001.

MONZANI, J. C. Análise Espacial de Arqueologia. Estudo de Caso: Hagia Triada, Creta. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.** Suplemento 8, 2009: 143-148.

MONZANI J. C. Nichoria: um exemplo de arqueologia espacial na Grécia. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia** 11, 2011, p. 63-69.

MOUNTJOY, P. A. **Mycenaean Decorated Pottery.** A Guide to Identification, Göteborg: Paul Åströms Förlag, 1986.

MYLONAS, G. E. An Inscribed Sherd from Mycenae. **Kadmos** 1, 1962, p. 95-97.

MYLONAS, G. G. The House of Columns. **Kadmos** 7, 1968, p. 65- 66.

OLIVIER, J-P. Les scribes de Cnossos. **Incunabula Graeca** 17, Roma: Ediz. Dell'Ateneo, 1967.

OLIVIER, J.-P. La série Dn de Cnossos reconsiderée. **Minos** 13, 1972, p. 23-28.

OLIVIER, J.-P. KN 115 KH 115. Un même scribe à Knossos et à La Canée au MR IIIB: du soupçon à la certitude. **BCH** 117, 1993, p. 19-33.

OLIVIER, J.-P. El comercio micénico desde la documentación epigráfica. **Minos** 31-32, 1996-7, p. 275-292.

PAKKANEN, J. A Reappraisal of the first publication of stirrup jar inscriptions from Tiryns by Johannes Sundwall: Photographs, lost sherds and the 'a-nu-to/no-di-zo' workshop. Arctos. **Acta Philologica Fennica.** Vol. XLVIII. Helsinki, 2014, p. 261-277.

PALAIMA, T. G. Inscribed Stirrup Jars and Regionalism in Linear B Crete. **SMEA** 25, 1984, p. 189-203.

PALAIMA, T. G. 'Archives' and 'Scribes' and Information Hierarchy in Mycenaean Greek Linear B Records. In: BROSSIUS, M. (Ed.) **Ancient Archives and Archival Traditions.** Oxford: Oxford University Press, 2003, p. 153-194.

PALMER, L. R.; BOARMAN, J. **On the Knossos Tablets.** Oxford: Clarendon Press, 1963.

PETRAKIS, V. Appendix I: The Inscribed Stirrup Jar (EL Z 1). In: COSMOPOULOS, M. B. **The Sanctuary of Demeter at Eleusis II: The Bronze Age.** Athens, 2014, p. 175-216.

PINI, I. **Die Tonplomben aus dem Nestorpalast von Pylos.** Mainz: Verlag Philipp von Zabern, 1997.

PITEROS, C. ; OLIVIER, J.-P. ; MELENA, J. L. Les Inscriptions en linéaire B des nodules de Thèbes (1982): La fouille, les documents, les possibilités d'interprétation, **BCH** 114, 1990, p. 103-181.

PLUTA, K. **Aegean Bronze Age Literacy and Its Consequences**. PhD thesis. University of Texas, 2011.

POPHAM, M. R. **The Minoan Unexplored Maison at Knossos**. British School at Athens: Thames and Hudson, 1984.

PRADO, A. L. do A. de A. Normas para a transliteração de termos e textos em grego antigo. **Clássica** 19, 2006, p. 298-299.

PRATT, C. E. The Rise and Fall of the Transport Stirrup Jar in the Late Bronze Age Aegean. **AJA** 120, 2016, pp. 27-66.

PRESTON, L. Late Minoan II to IIB Crete. In: **Companion I**, p. 310- 326.

PULLEN, D. The Early Bronze Age in Greece. In: **Companion I**, p. 19-46.

RAISON, J. Les vases à inscriptions peintes de l'âge mycénien et leur contexte archéologique. **Incunabula Graeca**, XIX, Istituto per gli Studi Micenei ed Egeo-Anatolici: Roma, 1968.

ROBERSON, D. B. **Changing Times and Domestic Goods: an Investigation into the Organization of Pottery Production in Lerna III and IV**. Thesis Submitted to the Faculty of the Department of Religious Studies and Classics at the University of Arizona, 2018.

SACCONI, A. Corpus delle Iscrizioni Vascolari in Lineare B. **Incunabula Graeca** LVII. Istituto per gli Studi Micenei ed Egeo-Anatolici: Roma, 1974.

SACCONI, A. Il supplemento al corpus delle iscrizioni vascolari in lineare B. In: CARLIER, P. et al. (Eds.), **Études mycéniennes 2010**. Actes du XIIIe colloque international sur les textes égéens. Sèvres, Paris, Nanterre, 2012, p. 20–23.

SHAW, J. Excavations at Kommos (Crete) during 1980. **Hesperia** 50, 1981, p. 211-251.

SHELMERDINE, C. Nichoria in Context. A Major Town in the Pylos Kingdom. **AJA** 85, 1981, p. 323-388.

SHELMERDINE, C. W. **The Perfume Industry of Mycenaean Pylos**. Göteborg: Paul Astroms Forlag, 1985.

SHELMERDINE, C. W. Mycenaean Palatial Administration. In: DEGER-JALKOTZKY, S.; LEMOS, I. (Eds) **Ancient Greece. From the Mycenaean Palaces to the Age of Homer**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006, p. 73-86.

SHELMERDINE, C. W. Background, Sources, and Methods. In: **Companion I**, p. 1-18.

- SHELMERDINE, C. W. Mycenaean Palatial Administration. In: **Companion I**, p. 73-86.
- SHERRATT, A.; SHERRATT, E. S. From Luxuries to Commodities: The Nature of Mediterranean Bronze Age Trading System. In: GALE, N. H. (Ed.) *Bronze Age Trade in Mediterranean*. **SIMA** 90. Jonsered: Paul Aströms Förlag, 1991, pp. 351-386.
- STUBBINGS, F. Mycenaean Pottery of Attica. **BSA** 42, 1947, p. 1-75.
- TZEDAKIS, J. Zeugnisse Der Linearschrift B aus Chania. **Kadmos** 6, 1967, p. 106-7.
- VALMIN, N. **The Swedish Messenia Expedition**. Lund: C. W. K. Gleerup, 1938.
- VAN ALFEN, P. G. The Linear B Inscribed Stirrup Jars as Links in an Administrative Chain. **Minos** 31, 1997, p. 251-274.
- VERDELIS, N. M. A Private House Discovered at Mycenae. **Archaeology** 14, 1961, p. 12-17.
- VERMEULE, E. D. T. **Greece in the Bronze Age**. Chicago: Chicago University Press, 1964.
- WACE, A. J. B. **Chamber Tombs at Mycenae**. (Archaeologia 82) Oxford: Society of Antiquities, 1932.
- WACE, A. J. B. **Mycenae**. An Archaeological History and Guide. Princeton University Press, 1949.
- WACE, A. J. B. Excavations at Mycenae 1952. **Proceedings of the American Philosophical Society** 97, 1952, p. 248-253.
- WACE, A. J. B. Reports on excavation of houses at Mycenae. **BSA** 48, 1953, p. 193.
- WACE, A. J. B. et al. Excavations at Mycenae 1939-1955. **BSA**, suppl. 12, 1980, p. 1-93.
- WRIGHT, J. C. Early Mycenaean Greece. In: **Companion I**, p. 230-257.
- ZURBACH, J. Les vases inscrits en linéaire B: tentative d'interprétation globale, **Mitteilungen des Deutschen Archäologischen Instituts. Athenische Abteilung** 121, 2006, p. 13-71.